

*Homero Dias
Bahia, 11, 7, 911*

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

*Voile, 11, 7, 911
nao te amei! p. 20*



*Francisco Manoel de Nascimento
nasc: em Lisboa a 23 de dezembro 1734.*

..... Si celeres quatit
Pennas, resigno quæ dedit, et mea
Virtute me involvo, probam que
Pauperiem sine dote quaero.

Horat. Lib. 3. Od. 29

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO,

Segunda edição, emendada, e accrescentada
com muitas Obras inéditas, e com o retrato
do Autor.

Tomo 1.º

Amador

LIVRARIA MAGALHÃES
CALLE
28 Rue de Valenciennes
PARIS,

Na officina de A. BOBÉE.

1817.

Falle *meu 10*

PROLOGO DO EDITOR.

VINHA eu, por pessoas eruditas e affeições, das aos versos de Filinto Elysio, avisado já desde Portugal, e por outras confirmado aqui em França, de reimprimir as táes Obras segundo a etiqueta. Sonetos enfiados como contas n'um rosario; Odes perfiladas como um batalhão; Epistolas, Madrigaes, Enigmas, Contos, Epigrammas, e outras métricas burundangas enfeixadas, e... Eis que o Autor começa a gritar; — Tal não consinto. Em miscellanea (1), em quanto eu viva, hão-de ir as minhas tróvas. Eu que nunca pude ler a fio quatro Odes das gabadinhas de Horacio, poderei capacitar-me, que haja ahí pacientissimo Leitor, que leia de cabo a rabo 300 ou 400 das minhas Odes

(1) Moxinifada lhe chamão alguns Autores; e sobre todos, o doutissimo, e latinissimo Antonio Duarte Ferrão, no seu Palito

engoiadas! Que haja ali tão sôfrego ledôr de sonetos que engula doze duzias d'uma assentada! Não senhor, meu caro amigo : Tâes como viêrão, no primeiro parto, a lume as minhas tróvas, tâes e que jandas sahirão neste segundo. Por contentar porêem gentes, que gostão de pautas, e listas de auto da fé, porei em cada volume por aranzel, e como por escaninhos, o conteúdo; e ficaremos todos de boa avença : eu terei moxinifada, e elles index.

Nesta segunda impressão dos Versos de Filinto Elysio, mais depurada de erratas que a primeira, houve intenção tambem de as depurar de versinhos de má morte, dando des-piedade córte em tudo o que elle mesmo chamava bugiarias; o que reduziria toda a Obra a um volume, e (a haver muita indulgencia c'os máis) quando muito a dous. Mas advertîmos depois, que todos os Leitores não são Garção, nem Diniz, e ao que estes darião de mão, contentaria a muita gente que não sobe tanto de ponto.

E outrosim como seião os Poétas cuzinheiros das almas, como diz certo Sermão impresso em Francez, devem com a variedade dos pratos saborear todos os paladares, no banquête poético, a que convidão os leitores. E tambem lembrados do que aconteceu ao

Autor com Miguel Lambert impressor dos primeiros caderninhos, que publicou, sobrestivemos em nosso presuppосто.

Foi o caso. Imprimia nesse tempo Michel Lambert o Mercurio de França (a onze mil exemplares) e constava o tal Mercurio, de versos de todo o calibre, até de epigrammas, de enigmas, de logogriphos e *Amphigouris*, *Charadas*, etc., etc., em prosa : e por fim noticias politicas, e ás vezes, dos Theatros.

« Como é possível (disse Filinto ao senhor Lambert) que a algumas Obras de valia de que se compõem o Mercurio, annexem tanta sensaboria, que nunca devêra ser impressa ! — Como é simples (lhe respondeo o senhor Lambert): dos onze mil assignantes, duzentos, (quando muito) lêem o essencial, os outros dez mil e outocentos lêem a frandulagem.

Deixêmos á Inveja o quinhão que lhe compéte (dizia Pascal) quando lhe insinuavão que emendasse alguns defeitinhos, que nas Cartas d'um Provinciano, lhe passárão pela malha.

. *Quas aut incuria fudit,*
Aut humana parum cavit natura.

HORAT. de Arte. Poet.

ODE

DE ALFENO CYNTHIO

A Filinto Elysio, no dia de seus annos.

Em 23 de Dezembro de 1777.

Com que posso brindar, Filhas de Jove,
Neste dia, a Filinto, vosso Alumno,
Se pérlas, ouro me negou o Fado,
E celestes saphyras?

Mas a sancta Amizade é quem nos une,
Não o vil interesse, as nossas almas.
Infame ganho co' a Virtude honrada
Jámais se compadece.

Dar-lhe-hei uma Civica Coroa,
De flores e Carvalho entretecida,
Para enlaçar co' a laurea, com que Phébo
Lhe ornou a douta frente.

Meu doce salvador, tu me arrancaste
Das mortíferas garras sanguinosas
Do avido Rigorismo, que intentava
Roubar-me á luz do dia.

Co' a tócha da Verdade deslumbraste
Os vésgos olhos da Tartárea Furia;
E mostráste-me as bórdas, que pizava,
Dó immenso precipicio.

Jaz arquejando o Monstro, debellado

Co' a lança da lucifera sapiencia ;
E das torcidas unhas me trasladas
 Aos teus robustos braços.
Como , Amigo , benéfico me ensinas
 A desandar as hórridas ambages
Do cégo labyrintho inextricavel ,
 Em que me poz o Monstro !
Dalli surjo ; — e no Templo da Memória
 As cadeias penduro vergonhosas.
Mas quero hoje que os séculos futuros
 Escrepto em baixo leião :
« Estes rotos grillhões do Rigorismo
 » Despedaçou Filinto ao triste Alfeno ;
 » Que em memoria do immenso beneficio
 » A' Gratidão os vóta. »



C A R T A

A O P Ó V O P O R T U G U E Z .

Meu Amigo e Senhor ,

Estimarei que estas limitadas regras , etc. etc.

COMO estou informado por gente muito dada ao bem-fazer , que nem todo o tempo se réza , nem todo o tempo se dorme ; e que é necessario ás pessoas bem-inclinadas um honésto passa-tempo , que dê com as portas no rosto á Ociosidade , que assim o cantou Phedro no livro 3º. fabula 4ª.

Ludus animo debet aliquando dari ,

Ad cogitandum melior ut redeat sibi.

aventurei - me a offerecer a V.m. esses canhênhos de certo ocioso , que empregou quasi a vida em fazer regrinhas curtas , e regrinhas compridas : creio que já é morto ; — ou péрто disso. Deos lhe ponha a sua alma em bom lugar ! tambem creio que V.m. alguma vez o vio , e lhe fallou. Era sujeito , que (salvo o vicio das tróvas) sempre me

pareceo muito de enchemão. Seu nome não o ponho aqui, porque me pedio segredo. E com isto não enfado mais a V.m., de quem sou.

Muito venerador e captivo

O COLLECTOR DAS TRÓVAS.

SENHOR FRANCISCO MANOEL.

~~~~~

O Club dos Negociantes Portuguezes em Londres, e alguns outros da nossa patria aqui residentes, fizeram reparo, e notarão com dôr que tinha vivido pouco favorecido da sua patria hum varão, que como V.m. tanto tem trabalhado para doutrina e gloria della. É certo que esta he huma grande falta, e peccado velho da nossa Nação viverem esquecidos e menoscabados os que maiores serviços lhe tem feito. Entre os muitos, a quem tem cabido tão mal merecida sorte, V.m. occupa o primeiro lugar, por que nenhum outro se pôde descobrir, nem mais benemerito da Patria, nem menos bem re-

compensado; por maneira que V.m. pôde com tanta razão, como Camões o faria, queixar-se magoado.

O favor com que mais se accende o engenho  
Não o dá a patria, não. . . —

Como Poeta V.m. tem adiantado a esphera dos engenhos Portuguezes, pois até V.m. se não havia ainda visto, como claro se mostra em seus escriptos, os arrebatados vôos de Pindaro, e Chiabrera, temperados com suave, e magestosa philosophia de Horacio, e todos os donaires e graças da lingoagem revestindo a nobre affoiteza das ideas; e desta verdade pôde dar hum claro testemunho qualquer das suas producções, mórmente as odes, em cuja composição V.m. reunio o merecimento dos dois modelos, que possuíamos, Elpino e Coridon. Falle por todas a Ode aos novos Gamas, em que V.m. sem despenho sobio mais alto do que os novos aereonautas. Ainda não he tado: V.m. em seus versos mistura a cada passo com a sublime poesia vivos dezejos e sentimentos de amor da sua patria, que não podem deixar encuberto o homem honrado, que a despeito de todos os trabalhos e perseguições, põem sempre a mira de seus dezejos no bem e na gloria da patria; fazendo quanto está em si pela dilatar; e esta virtude,

em V.m. tão eminente, ha peñhorado a affeição de todos os leaes e bons Portuguezes. — Nem poderão em tempo algum esquecer os assignalados serviços, que V.m. ha feito a Portugal, tolhendo que se abastardêe de todo a nobreza da nossa lingoagem, apurada em dias de gloria e de triunfos, e nascida para os cantar.

A maior parte das riquezas que nos vinhão das partes do Oriente passou a alheias mãos; e hoje estas minas são perdidas para nós, por terem passado aquellas terras a novos conquistadores. Assim tambem, a ignorancia presumpçosa de mãos escriptores nos queria deitar a perder as riquezas naturaes do nosso patrio idioma, mas V.m. poz-se em campo, escreveo, cubrio de vergonha, e poz em fugida os Vandalos modernos, os francêlhos innovadores.

Por este modo se não pudémos conservar pelas armas nossas conquistas, V.m. alcançon pela penna o conservarmos o nosso patrimonio. Os Portuguezes em Londres pesárão todos estes serviços, e considerando no grande proveito, que de mais viria á patria, se V.m. imprimisse mais algumas obras que V.m. tem manuscriptas; ( e as quaes talvez por desgosto deixaria de publicar ) ajuntárão-se em huma subscripção patriotica para concorrer

a hum tão louvavel fim, (cujos nomes daremos depois para que V.m. conheça os seus Amigos e admiradores) sendo parte do seu resultado a letra de fr. 1200 a pagar á vista, que a V.m. remetemos.

Este peqñeno cabedal não he destinado a pagar os versos de Filinto, que são de valor inestimavel; (quanto mais que nós suppomos em V.m. mais generosidade, do que em Pindaro, que abertamente dizia deverem as suas odes ser pagas a peso de oiro) a sua applicação será para se imprimirem aquellas das suas obras inéditas, que a discrição de V.m. escolher, no que virá muito proveito ás letras, e crescerá (se he possivel crescer mais) a fama e gloria com que V.m. as tem enriquecido. Esta lhe chegará á mão por via do nosso amigo sacador da letra dirigida á sua casa em Paris, e pela mesma lhe rogamos nos certifique estar entregue della. Tambem rogamos a V.m. nos tenha em conta de seus amigos e admiradores.

De V. m.

Muito amigo, venerador e servo,

MANOEL RIBEIRO GUIMARAENS,

Secret. do Club dos Neg. Portug.

## AVISO AO LEITOR.

Mais duraveis que o bronze, mais solidas que os triumphos bellicos, são as obras dos Classicos o titulo sem duvida o mais nobre da gloria das nações, a cuja força e poder sobrevivem os escriptos, quando até os mais sump-tuosos monumentos só offerecem ruinas. Diga-o a Grecia, diga-o Roma, e diga-o o nosso Portugal. Que nos resta da gloria antiga, das façanhas dos nossos heroes, das immensas e espantosas conquistas que na Asia e na Africa fizeram nossos maiores, cujo valor e constancia nunca forão excedidos e raras vezes igualados? Resta-nos Camões, Barros, Lucena etc : em quanto os escriptos d'estes e de outros illustres autores existirem, não perecerá a memoria dos nossos feitos heroicos; e em quanto houver Portuguezes que os leião e admirem, não será a gente Lusa riscada do numero das nações. A lingua salvára a gente, se a gente conservar, com o bello idioma herdado dos seus antepassados, a lembrança das suas virtudes, esforço, e patriotismo. Sempre com a perda da liberdade e da independencia, e com a ruina das instituições nacionaes esmoreceo a litteratura. Sempre o seculo das lettras precedeo ou acompanhou os triumphos e a gloria nacional.

E quem mais que Filinto em nossos dias adquirio direitos á gratidão eterna de seus compatriotas e dos vindouros? Amante dos seus, entusiasta da lingua que fallou Camões, e indignado da sua corrupção lutou, toda huma vida tão dilatada, contra os ignorantes presump-tuosos, desprezou criticas injustas, mofou de motejos, e satyras; e nem a injustiça atroz que o expellio da patria, e o privou dos bens, poude desarraigar do seu coração o amor aos seus conterraneos, nem afrouxar em Filinto o ardor de combater com o preceito e com o exemplo os inimigos da Lusa lingua, e da Lusitana gloria.

Tres qualidades distinguem os escriptos de Filinto Elysio; o ingenho e ostro que brilha nas suas composições poeticas; a dicção, tanto em verso como em prosa; e as suas opiniões sobre a lingua Portugueza. Nelle vemos o Poeta, o Escriptor, e o Litterato. Emulo em tudo de Horacio, e seu imitador não servil, como elle dá preceitos, dá exemplos, arrebatá nãs Odes, zurze os poetastros, e zomba dos tarêlos nas Satyras e Epistolas; e nas notas cheias de sal attaca em estylo jocoso e original o que já combatêra em versos picantes, inspirados pela indignação.

Como poeta lyrico a posteridade confirmará sem duvida o juizo de todos os seus admiradores, que lhe derão o primeiro lugar entre os poetas Lusitanos. Nem Garção nem Diniz subirão tão alto, ou adunárão tantas qualidades. O primeiro, mais correcto escriptor que grande poeta, apenas ousou affastar-se do modelo, e mais he traductor livre que imitador atrevido de Horacio. O segundo tem arrojos sublimes, e passaria por hum vate da primeira ordem, se a uniformidade das suas concepções não derramasse huma tão grande monotonia nas suas bellas Odes, as quaes se assemelhão em demasia. Filinto he atrevido, arroja-se impavido, e sabe sustentar o voo; he variado, e ora Pindaro, ora Anacreonte, e sempre com o fito no grande Horacio, sabe como este celebrar a amizade, cantar os heroes, fallar ás Damas, e briucar nos banquetes. Tem sobre o Venusino mesmo a gran ventagem, que nunca louvou tyrannos, nem prestou a sua lyra a adular validos, cortezãos, e hypocritas. Mais grato aos beneficios que sensivel ás injurias, todas as suas obras respirão a gratidão, mas nenhuma a lisonja e a adulação: se algumas vezes se queixa da perseguição e desterro, bem digno de desculpa he hum velho privado da patria, dos bens, dos amigos, victima da injustiça, e acoçado de desgostos, de

precisões, e de receios, ainda mais terríveis no fim da vida.

Não se distingue menos Filinto pela dicção, nem he o seu menor titulo de gloria o ter comprehendido melhor a lingua patria, que no principio da sua carreira litteraria achou tão decahida do antigo splendor. Não contente com as riquezas que ella ainda possuia, procurou enriquecê-la, e dar-lhe a força e valentia que tivera outrora. Garção, Diniz, Freire, Torres, Quita, e os mais dignos membros da Arcadia Lusitana tinhão já começado a guerra contra o mau gosto, e aos seus esforços, se tivessem durado, devêra hoje a nação o mesmo serviço que á França fizeram Corneille, Molière, Boileau etc., mas essa illustre sociedade de litteratos se dissipou como hum sopro, e teve por successores (com poucas excepções) hum enxame de ignorantes rimadores, e de traductores enfronhados em mau Francez, destituídos de gosto, e tão faltos de boa lição como de pensamentos elevados. Huns e outros, ignorando a riqueza do patrio idioma, desdenhando os nossos Classicos, e incapazes de recorrer aos Latinos, lançarão mão de quantas expressões e phrases Francezas encontráram, e á força de dons empobrecerão a lingua; não podendo de enxertia tão disparatada nascer bom fructo. De tal modo trastornarão a linguagem Lusa que apenas parecia ser a mesma que fallarão Camões, Barros, Souza, e em que Garção e Diniz acabavão de escrever. A prosa soffreo ainda mais d'esta invasão dos Barbaros na litteratura Portugueza: a poësia, ao menos, conservou na rima, e no mecanismo dos versos doçura, e harmonia, porém mais consistia de vozes que de ideias; e até homens dotados do estro o mais admiravel, cheios de erudição, e não faltos de gosto forão obrigados, para agradar ao publico, a sacrificar os pensamentos sublimes e os arrojos poeticos, á toadilha dos versos, accomodando os con-



ceitos e as expressões á capacidade, e ás poucas luzes dos ouvintes. Então se vio a litteratura Portugueza inundada de Sonetos, Decimas, Cantigas, e ensóssos Elogios, ou Satyras, tão cheias de fel, como faltas de pico, de razão, e de decencia. A' excepção das obras de Nicolao Tolentino, e de Domingos Maximiano Torres, poucas poésias se podem citar, nestes ultimos vinte annos, que sejam dignas de passar á posteridade. Foi tal o effeito do contagio, que o mesmo Bocage apenas obterá entre os vindouros o titulo de insigne versificador. Se exceptuarmos algumas traducções, poucas Epistolas, algumas Satyras, Idyllios, e outras composições de pouca extensão, quasi que só nos restão delle muitos e excellentes Sonetos, que nada lhe custarão a fazer, e de que elle mesmo fazia pouco apreço. Escassos titulos deixa de poeta hum homem que a Natureza parecia ter formado para ser o primeiro dos Vates Portuguezes! Só quem o conheceo e tratou, sabe o quanto Bocage era superior aos escriptos que delle nos ficarão.

Fugindo a patria para conservar a liberdade, levou consigo Filinto a viva lembrança da lotta dos nescios contra os sabios, e penetrado d'esta ideia não cessou de defender a lingua Portugueza contra os intrusos escriptores; e se bem que de longe, ignorado de huns, esquecido de outros, e invectivado por muitos, não deixarão as suas vozes de aproveitar a alguns autores, e principalmente aos poetas que se derão ao estudo das obras com que ha quarenta annos Filinto enriquece todos os dias a patria. N'estas classicas composições, originaes ou vertidas das mais linguas, bem tem o seu autor mostrado que a lingua Portugueza pode competir com qualquer dos mais ricos e energicos idiômas, todas as vezes que for manejada por quem saiba valer-se das riquezas proprias, e appropriar-se as da fonte Latina d'onde ella procede. Por isso não contente com apurar a linguagem dos

termos barbaros, nella recentemente introduzidos, e de restituir ao uso palavras de optimo cunho e de singular energia, enfeitadas pela ignorancia ou incuria dos escriptores, foi procurar á lingua Latina os vocabulos de que carece a nossa, ora mudando-lhe as desinencias, conforme o requer a analogia das duas linguas, ora formando palavras compostas, que evitando circumlocuções augmentão a energia da linguagem; a qual com este auxilio pode chegar-se á concisão do Latim.

Os ignorantes que appellidárão Filinto amigo de antigualhas, não advertirão que, se elle revendicou bom numero de optimos vocabulos e expressões dos elegantes Classicos da nossa idade de ouro, a muito maior numero de vozes de seu cunho deo Carta de naturalisação; e parece que antes o devêrão ter taxado de atrevido innovador que de excogitador de termos Affonsinos. Quem nunca tentou verter autores Latinos, e dos mais concisos e nervosos, nem imitar ou traduzir composições sublimes em verso ou prosa, das linguas estranhas, pode julgar sufficiente a lingua, tal qual se acha circumscripta e desfigurada por ineptos autores e ignorantes traductores; mas quem sabe elevar-se ao sublime não pode contentar-se de huma linguagem barbara, rasteira e ensôssa.

Conservêmos preciosamente a herança que os nossos Classicos nos deixárão, não nos descuidando de ampliar e enriquecer o nosso patrimonio á custa da Lingua Latina, assim como elles fizerão, e não indo mendigar o que nos falta naquellas que, tambem como a nossa della emanárão, e mais corruptas: não vamos pedir aos ramos o que nos offerce o tronco commum; e lembrêmo-nos que, não foi imitando a linguagem e estylo dos Hespanhoes, ou dos Italianos, que os fundadores illustres da lingua Franceza conseguirão desenvolver as bellezas, e mitigar as imperfeições de huma lingua que, de barbara e rude que fôra nos seculos anteriores, manejada e

polida por Pascal , Boileau , Bossuet , Racine , Fénelon , e tantos outros illustres autores , veio a ser a mais culta de toda a Europa. Foi sim nos Classicos Latinos e Gregos , que estes homens celebres collêrão as sementes que souberão tão bem cultivar no terreno patrio.

Taes são os preceitos , e tal o exemplo que Filinto , com incansavel perseverança inculca aos Portuguezes em todas as suas composições ; e se a lingua escapar da ruina que a ameaça , aos seus patrioticos e esclarecidos esforços deverá a posteridade a conservação da mais bella das filhas da Latina.

Talvez que a ausencia da patria , a falta de livros Portuguezes , o desuso de ouvir compatriotas , e o receio de desmentir na practica os proprios preceitos , misturando expressões estrangeiras nos seus escriptos , tenham algumas vezes feito recorrer Filinto a palavras Latinas simplez ou compostas , quando outras de bom cunho e sancionadas pelo uso dos bons escriptores farião taes emprestimos escusados. O nimio receio de se affastar da boa estrada talvez o tenha algumas vezes illudido , porém ao abuso elle mesmo indica o remedio , e só pertende que das palavras por elle cunhadas se conservem aquellas que se julgarem boas e necessarias , sacrificando de boa mente as que já tem Synonimos na lingua. Os que imitando o seu estylo o fizerem sem a devida attenção a este preccito , e que ás cegas quizerem seguir os seus atrevimentos , em assumptos que não permitem phrases altiloquas , nem carecem de expressões elevadas , terão de se queixar do seu pouco discernimento , e não lhes aproveitará para desculpa o exemplo de Filinto. E tambem se devem lembrar que , por isso mesmo que elle he o primeiro dos vates Lusitanos da nossa Era , com muito maior cuidado se devem evitar as imperfeições que se achão nas suas obras , e das quaes os maiores ingenhos não são izentos. Estas , qualquer as pode co-

nhecer para não cahir nellas, mas quem hobreará com o sublime vôo do Horacio Luso?

As volumosas obras de Filinto até aqui dispersas em folhetos, e tomos mal impressos, excessivamente incorrectas e de fórma desigual bem merecião ser colligidas em huma edição uniforme, nitida, expurgada, e mais correctá. O editor cedendo aos votos unanimes de todos os Portuguezes amantes da boa litteratura, e admiradores do illustre Poeta, e zeloso pela gloria nacional, determinou erigir-lhe este monumento, offerecendo ao publico huma edição completa das obras de Filinto Elysio, comprehendendo muitas ineditas, cuja collecção deve constar de 9 a 10 tomos em 8o.

O Editor, para maior correcção typographica me commetto a revisão das provas, e, de accôrdo com o autor, procurarei não só que a edição saia, quanto for possível, limpa de erros, mas igualmente me esmerarei em fazer desaparecer a maior parte das anomalias de orthographia que se achão nas obras do autor, impressas em diversos tempos, lugares e officinas, e muitas das quaes, assim como parte das incorrecções, se devem attribuir á penuria, á idade do autor, e á falta do soccorro de amigos conterraneos que o ajudassem nas suas fadigas litterarias.

Se ainda resta alguma differença no modo de escrever e accentuar as palavras, isso se deve imputar em grande parte á falta de hum systema universalmente reconhecido de Orthographia Portugueza, e de uma Prosodia da lingua: e por effeito da lastimosa negligencia da nossa Academia e dos nossos escriptores neste particular, tambem se deve attribuir a não ter o autor adoptado huma regra fixa e uniforme de Orthographia e de accentos.

Para que o publico possa julgar do calor da concepção e da energia das expressões de Filinto basta ler

a Ode (1) que em idade de 83 annos acaba de consagrar ao seu illustre , generoso , e constante patrono o Ex.<sup>mo</sup>. Conde da Barca , cuja carta a Filinto em resposta á Dedicatoria do Poêma dos Martyres transcrevemos , pois faz tanta honra ao protector como ao protegido.

*Pariz 3o de Março de 1817.*

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO ,  
M. D. revisor das Obras , e amigo de Filinto Elysio.

( Cópia ) Senhor FRANCISCO MANOEL do Nascimento.

« Meu illustre Poéta. Muito agradavel me foi o obsequio da offerta que Vm.<sup>co</sup>. acaba de fazer-me da sua  
« Traducção do Poêma dos Martyres , por vér que não  
« só Vm.<sup>co</sup>. conserva ainda a natural vivacidade do seu  
« talento , a pezar dos annos e contratemplos , mas que  
« tem fôrças para pôr em execucao o que elle concebe. Se  
« pela affeição que sempre lhe tive , eu folgo muito  
« com esta prova da sua boa disposicao , não estimo  
« menos o serviço que Vm.<sup>co</sup>. faz á Nação , enriquecendo-a com os seus escritos , e ampliando a nossa  
« linguagem com bellezas trasladadas de idiomas estrangeiros.

« Desêjo que Vm.<sup>co</sup>. continue a gozar de huma vigorosa saúde , com as venturas e socêgo de espirito que  
« a prosperão.

« Sou com muita veneração etc. »

Conde da Barca. .

*Rio de Janeiro 28 de Novembro de 1816.*

« Assim cheia do Deus a Pythia alheada  
« Pela bôcca exhalava o vapor santo ,  
« Que da Trípode ao peito lhe batia ,  
« E insano lhe lavrava nas entranhas. »

---

(1) Que se acha nas Obras ineditas , e principia — *No bullicio da vida.*

# VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

---

## SONETO

À SENHORA D. E. D. A. O. etc.

**A**SSIM cantava o saudoso Orphéo,  
Quando as duras entranhas derretia  
Da Rhodopéa rocha, ou quando a impia  
Mente da Dite a compaixão moveo.  
Tambem então allí se viu Prothéo  
Co' a limosa cabeça, que surgia  
Da lympha do Hébro regelada e fria,  
Quando em tal vaticinio a voz rompeo :  
« Venceste, Orphéo : mas quando Era futura  
» Ouvir de Erminia a voz, por Phébo dada,  
» Tens de ceder. --- Já d'essa formosura  
» Filinto affirmará, que é trasladada  
» Nella a voz de Calliope, e a doçura,  
» Com que enlevar a ouvio a azul morada ».

## O D E

A' SENHORA D. MARIA ANTOINETTE  
MATHEYON DE CURNIEU. (1)

Que tam queridos tinha e tam mimosos.

Canções. *Cant.* 3.

QUE vále á vida enthesourada cópia  
De cunhado metal! — Oh nóbre dextra,  
A que com sizo o esparge pelos sótiãos  
Da encolhida pobreza! (2)  
Compra a fama com dons, o que abre os cóffres  
Para ajudar talentos desvalidos  
A dar á luz os quadros da Virtude,  
Pela arte afformosados.  
Tu delicia do Esposo, de Irmãos glória,  
Do Páe retráto delicado e vivo,  
Aos filhos, que amas com carinho puro,  
Dá puro e grato ensino.  
Nesta Dama tens rasgos ingenhosos:  
Em ti os tens melhióres; e uma e outra  
C'o exemplo, co' a leitura sêde os Mestres

---

(1) Dedicando-lhe a tradução de *La Dot de Suzette*.

(2) L'or n'est utile et bon que dans les mains de la vertu,  
lorsqu'elle les étend pour soulager les malheureux.

*Lettre d'Eliza à Yorick.*

Dos mimosos Infantes.

Com teu auspicio accete em versão Lusa,  
A Dama *Senneterra* ir dar transumpto,  
Ir dar consolação a nóbres peitos,  
Da gratidão sacrarios.

---

## SONETO.

QUANDO foi pelos Turcos conquistada  
Cythéra, da alma Venus tão querida,  
Fugio a alada trópa, espavorida  
Dos bigódes (1) da barbara manada.  
Andou téqui pousando in-consolada,  
Por bósques, montes, êrmos foragida :  
Nem quiz de homens a rústica guarida,  
Nem de Damás a fé tão mal guardada.  
Mas apenas á luz do Céu gracioso  
Apontou Marcia, as Graças, e os Prazêres  
Nella achárão abrigo delectoso.  
« Se um fiél coração, Amor, preféres  
» A' grandeza dos Reis, ao fasto odioso,  
» Busca em meu peito o throno que mais quéres. »

---

(1) Ainda hoje estou a considerar como Damás tão dengues, tão perluxas beijavaõ caras sedeidas, nos tempos em que os barbeiros não rapavão ; e como hoje, que os barbeiros rapão, beijão ainda certos bódes de dous pés, que eu não nomeio.



---

# H Y M N O

## À NOITE.

---

— — — Sudden to heaven  
Thence weary vision turns ; where tending soft  
The silent hours , and from her genial rise  
When day-light sickens till it springs a fresh  
Unrivaled reigus, the fairest lamp of night.

Thompson's Summer.

~~~~~  
Volta subito aos Ceos a vista lassa,
Onde Venus com brando aceno guia
As mudas Horas , meigas a quem ama :
Des-que se ergue da Noite o almo Luzeiro .
Na pura sphéra sem rival domina ;
Brilha com garbo , apenas se desmaia
A luz do dia , e o novo sol não surge.

DEOSA , que espalhas pela ethérea zona
— No mudo carro de évano brunido
As sombras repousadas , os amores
De furtivo decóro ;
Tu , que acompanhas com fiel escolta
Ao prazo dado o amante impaciente ,
E c'ó piedoso manto encóhres roubos
De divinâes prazêres ;
Que as doces leis de Vénus , de Cupido
(Almo recóbro da vivaz Natura)
Benigna estendes nos callados tectos ,

Nos namorados bosques :

Que pédes ás estrellas máis propicias
Um frouxó raio (1) de modésto brilho,
Com que os rubis da hócça , com que os lyrios
Do peito entre-vêr deixas.

Por tanto ouves os gratos murmurios
Dos amantes ditosos , que redobráo
Em teu louvor , pelo macio amparo ,
Que em tua sombra encontrão.

Ouves o som do trépido (2) ribeiro ,
Que inflamado dos meigos áis visiuhos ,
Novo Alphéo , se appressura namorado ,
Apóz nova Arethusa.

São mais doces de noite , e mais mimósos
Os affagos de Amor. A luz patente
Do sol constringe o gôsto , e sôlta ao Pêjo
Mui reservadas rédeas.

E a Nympha , que ólha pelo Céu luzído
Aqui Léda , alli Io , além Calixto , (3)

(1) — — — A faint erroneous ray

Glanc'd from th' impertect surfaces of things

Flings half an image on the straining eye. — Thompson.

(2) *Lympha fugax trepidare rivo. Horat. Lib. 2. Od. 3.*

(3) Taxão-me alguns versos de mal-torneados e mal-polidos ;
e talvez este um delles seja. Coitados dos Autores ! e mais
coitados os Poétas. Que se lhes pôde applicar a parodia :

Infeliz condição ! mísera gente ,

Que um argél de Censores traz mordidos !

Ao revéz do que dos Vulcaneos dizia Camões. *Cant. 7.*

Ditosa condição ! ditosa gente ,

Que não são de Ciúmes offendidos !

Claro está , que os Ociosos , que táes repáros fazem nunca
aviarão tantos versos como eu. Ora é muito natural que a quem
tantos desbarata , pela málla lhe escapem muitos com seu senão.

E o cortejo de estrellas, com que as honra
 Não des-lembrado Jóve :

Amigos, e inimigos Censores, eu sou de boa avença, e com o coração nas mãos convenio dos meus erros. Ahí vai a verdade nua e crúa. Com tanto que os táes versinhos não saíão do ventre do ingenho tórtos, nem aleijados, lá os deixo ir a Deos e á Ventura. Alem de que, Meus amabilissimos Senhores, tentão a pachorra de se inteirar comigo, que desde a idade de 14 annos faço versos. — Não me torção o focinho á palavra *versos*, que eu lhos não inculco por *bons*: com tanto que valhão os do Macedo tórto, me contento. — Continuemos com o nosso arauzel. De 14 annos até 64 que hoje tenho (por grande mercê de Deos e dos amigos) vão 50. Houve dias em que fiz 200 versos, e mais, quando Apollo é as Musas estirávão mais longas as visitas; n'outros dias menos; e n'outros (por preguiça) nem um só: mettámos, alto e malo, a 40 por dia. Que menos se pôde fazer, quando a veia corre, que dous sonetos, e tres Cantigas! (ponhâmos de parte, e como de crescenças os *ai lélé* dos estribilhos) Monta cada anno a 148600 versos. Multiplicai-os por 50 (sem contar os dias de acrescimo nos Bissextos); somão 5366000 versos. *Apage!* Convenho que é mui sobejo versejar! Menos de metade bastava, se fossem bons. Mas em fim são obra feita, obra que está já na tabolêta, esperando pelos frequêzes. Contêmos agóra o que elles me rendêrão, e depois o que me pôdem render, se apparecerem curiosos. Do que ganhei por elles atéqui, com verdade vos affirmo, que me não vem cada verso a meio real. Dizei-me vós em consciência, meus criticos muito amados, qual seria o homem sizudo, que martellasse o seu juizo, para limar um verso por menos de meio real? Ah! que se eu mettesse em conta todos os ciúmes, odios, pragas, criticas, e ainda sátyras, que os táes versinhos me grangeáraõ, outros quinhentos serião! Em boa lealdade pois, e como ten-deiro honrado vos digo, que táes quâes são, não são tão mal-limados para o número, nem tão somênos para o preço. Se os que os criticão, expondo á vergonha do mundo os seus Poemas, abrissem lója, como eu abri, talvez que os não dêssem nem tão bons, nem tão baratos.

Que, como ella, nas selvas, (1) junto aos rios,
Outrora essas estrellas se humanarão, (2)
E os troncos, como a ellas, que a convidão
C'o sussurro das folhas;

Tóma a Léda, ou Calixto por traslado,
Cérta ao Recato a rabujenta bôcca
Co'a mesma mão, com que amcigára a face
Do porfiado amante.

Noite melhór que o dia, quem não te ama!
Quem não vive máis brando em teu regaço,
Despindo da alma, e dos cansados membros
O dia affadigado! (3)

Bem podéra eu (a querer seriamente responder-lhes) desculpar-me, allegando versos máis duros de Camões, Ferreira, etc. e ainda dos máis illustres modernos, que ninguem critica; que não sei eu que fado máo, fortuna escura faz, que sendo multos os culpados deste erro, só em mim venha a cahir o ráio. Creio que é porque me sentem máis bojo, e que as mais desatinadas críticas, as mais aguçadas sátyras não fazem móssa na gorda pachorra, amiga velha. Eia, rapazes, fartaí-vos de metter unha nos meus versos; velhos rançosos desembainhai as catânas académicas contra os meus atrevimentos: que daqui vos désafo, que um instante só me não dareis de enfado: salvo se para satyrisar-me não comprades os meus canhênhos.

(1) *Metamorph. passim.*

(2) *Car s'il vous en souvient, la plupart de vous, Signes,
N'a placé dans le ciel que pour avoir aimé.*

P. Ronsard, Liv. 2 des Amours, Sonet 24.

(3) Um Francez que tem lido com delicado critério os bons Poétas antigos e modernos, que por seu particular transumpto escolheo Horacio, a quem (quanto é hoje possível) imita em verso Latino, como eu mostrarei a quem o entenda; que estudou em Portugal com proveito a lingua Portugueza, tão imitadora da Latina; disse lendo esta phrase, que ella só bastava

Tu dás vida aos vergéis com teu suave
 Prolífico lentôr; a curva Rosa,
 O lyrio, a quem pêndeo (1) o sol ardente
 Se érguem, e se re-toução.

As Penas, e os Cuidados que os humanos
 Corações remordião, como abrólhos,
 As Ambições, os perennâes Procéssos,
 (Cruéis equuleos da alma!)

Ao vêr descer o Somno, que a teu lado
 Vem reclinado no tardio coche,
 E derramar nos ares o recreio
 Do plácido socêgo;

Affrouxando os cordéis, já manso e manso
 Descáhem mão dos infernáes supplicios,
 Que dão, antes da mórte, aos imprudentes,
 Que espancâ-los não ousão:

Que não sabendo pôr Honras, Riquêzas
 No merecido gráo, são desditosos,
 São baldões da Fortuna, são captivos
 Do insolente Orgulho.

Vem estender sobre o meu leito, oh Noite,
 Com mão amiga, o manto do Socêgo,
 Negado a câmas régias, e a douradas
 Cobértas oppressoras (2).

para dar crédito a uma Ode; e que a não desdenharia Horacio, se este escrevêra em Luso idioma. — *Nota do Editor.*

(1) Se for necessário para dar passaporte a este *pender* como a verbo activo, avisem-me os maisins da Litteratura, que lhes mandarei 3o exemplos de verbos neutros com significação activa em Portuguez.

(2) De um Vice-Rei contão Chronicas antigas, que as lembranças de suas tyrannias lhe davão tal affôgo no silencio da noite, que se lhe accendia fébre, e c'o barafustar na ardencia

Vem consolar do acinte dos Destinos,
Das invejas dos Máos, o assidue Vate,
Que traballhou por ser aos seus proficuo,
Enfeitando a Virtude.

Tu, em teu seio o tóma, e lhe refrésca
Com léve sópro a frente, e a fáce rôxa
Das châmmas, que no sangue lhe ateára
Apollo enfurecido.

Vem, Noite amena, vem; traze contigo
Os sonhos agradaveis, que o Céu brando
Por prémio guarda máis mimoso ás nóbres
Fadigas do Parnasso.

Vem spargir pelos ólhos, pelos membros
A's mãos cheias as lânguidas papoulas,
Que escolhêra Morphêo nas descuidadas
Ribanceiras do Lethes.

Que eu com grinaldas, com festões das flores,
Que ao teu surgir despontão do casulo, (1)
Sempre a Ti grato, em quanto alento (2) a vida,
Cobrirei teus altares.

della, deitava longe de si, as mais léves coberturas. Oh quantos destes não tem havido! — E não ha ainda!

(1) Todos conhecem os Suspiros roxos, e amaréllos, que não abrem senão ao pôr do sól; e tambem as Viuvras, e outras flores mais, que só de noite desabróchão do botão.

(2) Advirto aos que lêm á toa, que *alento* aqui é verbo.

CARTA

AO SENHOR F***. J**. M***. DE B**.

Paris 6 de Junho de 1790.

Obscurata diu populo bonus eruet , atque
Proferet in lucem speciosa vocabula rerum ,
Quae primis memorata Catonibus atque Cethegis ,
Nunc situs informis tegit et deserta vetustas ,
Adcisset nova.
Vehemens et liquidus puroque simillimus anni
Fundet opes , Latiumque beabit divite lingua.

HORAT. Lib. 2. Ep. 2.

LEMBRAS-ME , Amigo Brito quando a pluma
Para escrever magnanimo (1) mencio.
Ama o meu Brito a Lusitana lingua ,
Pura (como elle) enérgica , abastada ,
Estréme de bastardo francezismo
E que a joio não trave de enchacôco :
E quando lê , rejeita a phrase spuria
Que com senão mal-assombrado alfeia
Asseiada escriptura , e ideia nobre ,

(1) Com effeito muito animo cabe que tenha , quem se arroja
a escrever nesta éra tão minguada , em que mais se tópa com
malsins de palayras , que com avaliadores de pensamentos.

De legítimos Lusos termos digna;
 Mas discreto crítica; e faz justiça
 Sem torpe inveja, sem paixão obscura.

Que, Amigo, muitos mordem nos bons versos
 Do facundo Garção, Diniz prestante,
 Sem de Horacio ter lido um só conselho,
 Sem que acaso divino Enthusiasmo
 Nunca na alma encharcada lhes fervesse.

Muitos querem vaidosos dar pennada
 Na lingua Portugueza, (1) que as correntes
 Das cristallinas águas não gostarão
 Vertentes dos volumes caudalosos
 De Barros, Britto, Souza, e de Lucena
 De Ferreira, e Camões: fartura arrótão,
 De Portuguez, por que inda hoje remóem
 As mesquinhas migalhas, que das bôccas
 De Amas villãs, de brójeirás Lacaio
 Na recente memoria lhes cahirão. (2)

(1) Convienne la prima cosa, che uno scrittore innanzi di nulla avventurare in materia di lingua, sappia a fondo la lingua in cui scrive; ne conosca pienamente la portata e il valore; acciochè le novità che introdurvi volesse, non venissero più tosto a mostrar la propria sua ignoranza, che la povertà della lingua. E s'egli sarà di tale scienza fornito, e insieme di discrezione e di giudizio; potrà fare un suo doppio lavoro.

Tra lo stile de moderni, e il sermone prisco, porrà beare con la ricca sua vena la patria sua, formando di nuove parole, e rimettendone anche in luce alcune di quelle che scurate già fossero dalla lunghezza del tempo. E così con le une come con le altre verrà a dare al suo stile quello insolito e quel peregrino nel che consiste in gran parte il poetico linguaggio.

Algarotti. Saggio sopra Orazio.

(2) Vejo aqui em França que os honrados Pães de familia

Afeitos a tão mágra, ôcca pitança
 Se amúão contra as raras iguarías
 Com que os brindão os Clássicos bizarros
 Em suas mesas guápas e opulentas.

Oh Clássicos do nosso augusto séc'lo,
 Que sempre fostes o patente molde
 De elegante escriptura genuína,
 Oh quanto deveis hoje mais que nunca
 Ser o que são bandeiras nas batalhas!
 Quando vai rôto o exército, e esgarradas
 C'o mêdo e fuga as Marciães fileiras,
 Longe da róta o General previsto
 Manda cravar em sitio bem-disposto
 Os contos das bandeiras. — Trôão logo
 Os rufos do tambor eccho-batente;
 Vóltão a vista os vagos fugitivos,
 Aonde os rufos clamão; vêm nos ares
 Sôltas as côres dos pendões jurados,
 Córrem, vão-se apinhar em torno delles,
 E cobrando com vê-los nóvos brios,
 Rugem Leões, as brigas ja re-pédem,
 Cahem na hostíl cohórte, rompem, vencem.
 A vista das Bandeiras em triumpho

pagaõ Mestres que venhão ensinar grammatica franceza ás filhas,
 porque não lhes escapem barbarismos nem solecismos, quando
 fallem, ou escrevão; e lembra-me que em Portugal ninguem em
 tal cuida; lembra-me máis que vi lá *Compositores* de versos
 (e o que ainda máis adúba) vendedores de prosa gritada em
 gral, que nunca abrirão grammatica da sua lingua. Por isso
 fervem nelles os erros, como bichos brancos em cão sédiço;
 escorrem-lhe as unturas de estrangeirices, como as posturas da
 fidalga velha em dias de soão; a boa linguagem dá battecûs de
 raiva.

Lhes transmudou a fuga. — Nós desta arte
 Usar convêm, na fuga, e desbarato,
 Em que nos pôz o exercito confuso
 Da pujante Ignorancia, a qual cercou-nos,
 E de vencida nos levou, no tempo
 Do nosso mal-soffrido captiveiro. (1)
 Cumpre ao pé dos pendões enfileirar-nos;
 Entrar-mos na refréga c'os sédiços
 Pedantes, c'os Casquilhos da moderna,
 Que nos móiãõ, nos séguem, nos perséguem,
 Quacs bandos de pygmêos, e vcm armados
 Cada um como um Samsão, como um Alcides.
 Valentes como impávidos Quichottes,
 Os da Corja Académico-Tarouca
 Com bexigas, e estálos (2) farfalhudos;
 E os mais com pélas de Francez *conducta*,
 De *afféres*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,
Egidio, *populácea*, (3) e iguáes remendos
 De mal alinhavada Francezã.

(1) Em 60 annos que soffrêmos o jugo dos Castelhanos, que Vieyra compara, com bem razão, aos 60 annos do captiveiro dos Israelitas em Babilonia.

(2) *Amant inane studium dicendi, quod verbis barbaris, turgidis, sesquipedalibus conglomeratur, Walchii Hist. Crit. in Prefat.*

(3) Certo embaixador portuguez escrevia *populácea*. Houve quem lhe disse: *populácea* não é termo portuguez. Enrufa-se o espantallo diplomatico; estriba-se na autoridade de Grão-Cruz, e na da embaixada; e ei-lo que deita a baforada: se o não he, scê-lo-ha.

Assim fez a Mesa censoria: escreve no edital de 23 de fevereiro de 1769 *chefe d'obra* e dá-lhe autoridade embaixatriz, e de Grão-Cruz. E ei-lo o tal Tribunal que falla como um Tarêlo Gallicano; e ei-lo que lhe não cahem as faces de vergonha. E se eu me

Não que á lingua Franceza eu ódio tenha ;
 Que fôra absurdo em mim. Ninguém confessa ;
 Mais sincêro o valor de seus bons livros
 De todo o bom saber patentes cõffres,
 De polidez e de eloquencia ornados.
 Bastára em seu louvor , se o carecêra,
 Ser bem vista e prezada em toda a Europa,
 Das Côrtes, e dos Sabios no Univêrso.
 Conter em si , ou proprio, ou traduzido ,
 Quanto Minerva pôz no peito humano ,
 As fadigas das Artes , das Sciencias ,
 E os enfeites do flórido discurso.

Mas , como fôra escarnecido em França
 O que emprendesse himpar de phrases Lusas
 Um discurso Francez em prosa ou verso ;
 Assim péde entre nós ser apupado
 O taréco Doutor , que á pura força
 Quêr atochar de termos bordalengos (1)

divertisse em folhear todos os Editáes da tal Mesa, com que Sápos, com que Lagartos não acertaria ! E censura livros, quem não sabe escrever a sua lingua !

(1) De *Burdigalensis* fizêrão os nossos antigos *bordalengo* , nome com que motejavão dos termos estrangeiros , e de quem delles usava, *Cette langue* (dit Voltaire , Discours aux Welches) *embarrassée d'articles, dépourvue d'inversions, pauvre de termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles, etc. etc.*

Il faut dire hardiment que cette langue (la française) n'est pas poétique ; que la poésie n'est qu'une prose rimée ; qu'elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace ; qu'elle n'en aura jamais , puisqu'il est défendu de Penrichir , puisque sa marche , loin d'être libre et fière , est compassée , mesurée , rétrécie , soumise au compas. . . . Les versificateurs ne me pardon-

O nativo desdêm da nossa falla.

Se temos de pedir a alguma bolsa
Termos que nos falção, seja á bolsa
De nossa Mãe Latina (1), que já muito
Nos acudio em préssas mais urgentes,
Quando em bronca escassez já laborámos,
Ao sahir- mos das mãos da bruta (1) gente.

Uma lingua tão dura como as armas
Que em nósso pró terçavão nas pelepas,
Era a lingua dos Lusos valorosos,
Antes que os claros lumes do alto Pindo
Queimassem fézes Gôdas e Mouriscas
Da tosca algaravia, que em seu scio
Lavrou até ao século apurado
De João segundo, de Manoél ditoso.

Quem, vendo, em carcomidos pergaminhos,
Foraes de Gôda-Arabica escriptura,
Dirá que elles descendem da elegancia

neront pas; je parle néanmoins en leur faveur. . . . (Les Poètes n'entendront . . .) et qui, conformément à leur style rampant, rejettent la force et l'énergie, lorsque le Poète s'en sert pour peindre ses pensées avec les sons qui lui plaisent.

MÉRCLER. *Tableau de Paris.*

(1) Les mots latins paraîtraient les plus propres à être choisis. Les sons en sont doux; ils tiennent à d'autres mots qui ont déjà pris racine dans notre fonds. L'oreille y est déjà accoutumée. Ils n'ont qu'un pas à faire pour entrer chez nous. . . Quand on abandonne au hasard ou au vulgaire ignorant, ou à la mode des femmes, l'introduction des termes, il en vient plusieurs qui n'ont ni la clarté, ni la douceur qu'il faudrait désirer.

FÉNÉLON, *Lettre sur l'Éloquence.*

(1) Gôdos e Mouros que estiverão longo tempo de posse de Portugal.

Da lingua dos Romanos , que a foi nossa ,
Que a bem fallámos muitos centos de annos !(1)

Que foi , depois que as guérras e infortunios
Alagárão os prédios de Minerva , (2)
Derribárão columnas de seu Templo ,
Rodárão na torrente os móveis sacros ,
Deixando só ruínas mal-cobertas
De apodrecidos limos , e de abrólhos ?

Então quebrou o fio precioso
Do Collar de medalhas , guarnecido
C'os nomes de eruditos Portuguezes ; (3)
Que atou depois , com laço mal-seguro ,
O Freire , e inda algum máis , mas raro e fróxo ,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro Portuguez , que inda restava ;
E em lingua bruta , ôcco-rimbomba , ou freira , (4)

(1) Desde antes de Julio Cesar até á irrupção dos Gódos ,
Vandalos , etc.

(2) Os Jesuitas , e a perseguição que se intentou contra os
homeas instruidos , fôrão dous grandes infortunios para a liber-
dade das sciencias em Portugal. Viêrão depois os Castellianos
que acabárão a derróta.

(3) Esta ideia me pareceo accertada e nóva. Fazêmos colla-
res de medalhas de Imperadores , com quem não temos que ha-
ver , e muitos dos quaes , detestados no universo , merecem
mais o cordél de fôrca , que o fio do Collar : e não medalhamos
os nossos bons Escrittores , que tanto bem-merecêrão das nossas
Lettras , e da nossa Patria ! — *Nota do Editor.*

(4) *Lingua freira* ou *freiratica* , é uma certa lingua delambida ,
iniutelligível (por muito refinada) despida de todo o termo
epérgico , concitada de phrases de Conventual invenção , cujo
significado é só claro para os adéptos.

*Levibus enim atque inanibus sonis ludibria quædam excitando
effecistis ut corpus orationis enervaretur et caderet. PETRON.*

Nua de valentia , e de doçura ,
 Lardeada de ensossos , baixos termos
 Foi a clássica lingua convertida.

Tal éra a Gerigonça máis da móda ;
 (Quando eu nasci) nos Pulpitos gritada ,
 E cantada nas nobres Académias ;
 Quando Ingenhos máis altos , indignados
 Da fatal corrupção , a resurgirão
 Das campos do lethargo em que a pozérão
 Balófos Biltris , mazorraes Syndapsos. (1)

Assim já d'antes em igual desastre
 Amparados das azas do Monarcha (2)
 Sahio um Luso enxame cubigoso
 De conquistar pelos Lycços da Europa ,
 As Sciencias , da Patria foragidas :
 E quando a nós tornárão da colheita
 Os novos Tullios , (3) alta esp'rança Lusa ,
 Dando de mão ao Gódo-Arabe enleio ,
 Que desfeiera as Lusitanas fallas ,
 Co'ouro da Grega lingua , e da Latina
 Dérão brilho ao dizer. — Antes creárão
 Uma lingua máis nobre , máis mimosa ,
 Digna dos nobres Génios que luzirão

(1) *Quis potest capere , capiat.*

(2) D. João segundo , que mandou muitos moços de bom ingenho a Italia , Alemanha , etc. e que instituiu em Paris no Collegio de Santa Barbara 25 tenças (que aqui chamão bolsas) para 25 Portuguezes , que lá quizessem vir estudar. Durá aõ essas tenças , até que os Jesuitas as applicárão a si , a titulo de que em seus Collegios elles ensinavão em Portugal tudo o que se podia apprender em França.

(3) Marco Tullio Cicero sahio de Roma a apprender na Grecia.

Nessa Clássica idade; e que nos dêrão
 Os moldes da elegancia Portugueza :
 Elegancia, que herdada a nós viêra,
 A não ser salteada no caminho
 Por mãos facinorosas. — Quem nos véda
 Tomar a antiga senda, para herdá-la
 Nativa e pura , e digna, qual trilhárão
 Para creá-la, os nossos bons Maiores ?

Sáião dos muros da ferrenha (1) Patria
 Quantos desprezão os facundos sabios
 Que a lingua (2) lhes legárão generosos ;
 E verão povoados os Lycços
 Das estranhas Nações, na douta Europa,
 De illustres Bispos, (3) de anciões Consultos,
 De polida Nobreza ; e até das Damas,
 Que a Natureza fez tão ingenhosas,
 Tão validas das Musas, e de Venus;
 Todos pendentés das discrétas vózcs
 Com que um Lente mui primo (4) dá realce

(1) E bem ferrenha, que não deixa viandar pela Europa os seus desleixados filhos: é mais facil encontrar em París dez Turcos que um Portuguez. Passão de cem os Castelhanos que recebem mezada real, para apprenderem aqui sciencias, artes, e até officios.

(2) Portugueza, de bom cunho.

(3) Quando eu escrevi esta Carta ainda havia Bispos em França; e eu os via vir ao Collegio Real assistir a estas lições, por gosto de ouvir a Publico Virgilio Delille, como Voltaire lhe chamára. E com effeito era delicioso ouvi-lo explicar as bellezas dos Clássicos francezes; e as notas, que allí da Cadeira lhes ajuntava.

(4) Os Francezes lendo e explicando nas Anlas os seus Clássicos imitão os Latinos, que apprendião por Horacio, e por

A's bellezas dos Clássicos antigos,
 Aquí notando a concisão da phrase,
 Que o lúcido *Sublime* em breve engaste
 Cérra, e compõem; allí a formosura
 Da caudal eloquência, que transborda
 Por floridos jardins, verdes ribeiras.

Ah! se eu pudesse vér na Elysia minha,
 Sequiosa de saber, francos e abertos
 Tantos pórticos de Artes, de Sciencias,
 Como não levantára ella a aurea frente
 Entre tantas Nações, que a só conhecem
 Por ter dobrado o horrendo Promontorio,
 Por um antigo brado de Conquistas!

Fallão no bom Camões alguns Francezes,
 Que o lérão traduzido em prosa enssôssa;
 Mas rejeitão de o ler na Lusa lingua,
 Que apenas pága o custo de apprendê-la,
 Com lér um só Camões: tão pouco aprêço
 Lhe dão de si os nóvos Escriptores!
 Não fóra assim, se nós máis cuidadosos
 Déssemos mór valia á nossa lingua,
 Polindo-a, ennobrecendo-a, opulentando-a
 Com cabedães de Urania, Clio, e Erato.
 Que assim se fez no mundo conhecida
 A lingua Grega; e o Lacio (1) que pretende
 Emulá-la, seguio o mesmo trilho:

Virgilio (como o dá a entender Juvenal na satyra 7. vers 227)
 a fallar bem a sua lingua. Se outro tanto se fizesse nas nossas
 Classes a respeito de Camões, Barros, etc. não se atreverião
 quatro Badamécos a desacreditar os que imitão a phrase Clássica.

(1) Nec virtute foret, clarisve potentius armis
 Quam lingua, Latium. — HORAT. de Art.

Seguiu-o a Hespanha , a França , co'a Toscana ;
 E até as Boreaes Nações o séguem.
 Nós prezamos tão pouco a nossa lingua ,
 Que tão sómente as outras apprendemos ,
 Em desár da nativa ; e a ser-nos dado
 Na Franceza escrevéramos , falláramos ,
 Como já na Hespanhola , por lisonja
 E por louca vaidade compozémos !

Amor da Patria sópra em mim despeitos
 De a vêr por filhos seus pouco abonada.
 Ah ! Patria muito ingrata , e muito amada ;
 Ah ! que eu se em ti soubéra as boas letras
 Mais versadas , mais público o bom gosto ,
 Deste encargo de encommendar leitura
 Dos nossos bons Autores me esquivára ! (2)
 Desce Apollo aos Lycêos , com prazer summo
 A derramar clarões de arte divina
 Nos que ávidos anhelão ver ausentes
 As trévas da maléfica Ignorancia :
 Como na longa hyberna madrugada ,
 C'os olhos fitos no tardonho Oriente ,
 O medroso appressado peregrino
 Espéra Phébo , e os lúcidos Ethontes ,
 Que vem de longe c'o flammante carro

(2) Os Tarêlos , quando quérem Censurar as minhas trovas , dizem com certa Doutora (que compoz uma michórdia contra Filinto Elysio) que se quérem entender os meus versos necessi-
 tão folhear Dictionarios ; eu , se me tentasse o Diabo a ler os
 delles , por máis Dictionarios que revolveisse não atinaria co' as
 phrases relamborias de seu bordalengo bestunto. — On a déjà
 dit qu'il est ridicule de défendre sa prose et ses vers , quand ce
 ne sont que des vers et de la prose ; en fait d'ouvrages de goût
 il faut faire et se taire. *Honnêtetés littéraires.*

Disparar no horizonte as luzes, o ouro,
 E pôr em fuga a Noite, e seus sequazes,
 As trévas, os pavôres, e os flagícios.

Muitos d'estes Lycéos são chrysol puro
 Da liga da language: allí de Autores
 De grave fama anciãa bem-merecida
 As immortáes bellezas se alardêão,
 E o líquido ouro fino da palavra,
 Da phrase mui formosa allí se apura.
 Sólta o Critério a vóz, e o douto exame
 Cála pelos re-mémoros (1) ouvidos,
 Com agrado e proveito, até ás almas,
 Onde se imprime, e guarda longamente
 Sabor das eloquentes iguarías.

Um Francez, que ouve um Lente venerando
 Tratar com mão devota os sabios livros
 De *Fénélon*, *Racine*, quando explica
 Seus ornados conceitos, não desdenha,
 Não moteja do Autor, que lhe dá fama
 Nos arredados Climas, nem do Alumuo,
 Que caminhando ao Templo da Memoria

(1) Têmos o verbo *memorar*, temos *re-memorar*; porque não terêmos *remémoros ouvidos*, ouvidos que se lembrão, e toruão a lembrar? É caso mui digno de notar, que os meus Criticos de água doce não me accusem senão de palavras antigas, pela vélha alcunha que me pozêrão, de amator da antiguidade; e vai tão longe a má opinião, que a palavra *remémoros* que ninguem (que eu saiba) usou antes de mim, passaria por palavra de Fernão Lopes ou de Azurara, no bestanto dos Peralvilhos, se eu com esta nóta lhe não pozêra a calça de moderna. Ora esses que me arguem de antigualha, tómem o trabalho (n'um dia que se áchem de pachôrra) e contem as palavras antigas, e vão ao mêsmo tempo fazendo outro rôl das modernas, e feita a somma, verão

Léva por fóros, léva por serviços
 A nobre imitação de bons modelos,
 E na phrase imitada o cunho antigo.

Assim o Statuario cuidadoso,
 Se, encarregado da sublime face
 D'um Rei virtuoso, Deos de seu bom Póvo,
 Deseja entre os Myrons, e os Praxitéles
 Ter lugar na custósa eternidade,
 Dos Myrons, e dos Phidias tira os rasgos
 Das bizarras feições, das attitudes;
 Até das roupas imitando as prégas,
 Aqui descobre, allí apanha, ou sóta,
 E trasladando á pédra o concebido
 Typo de fórmãs conhecidas na arte,
 Compõe um todo, a si só comparavel,
 Gôsto de Mestres, e do Alumno gloria.

Táes erão approvadas, e bemquistas
 Por nóbre imitação de almos traslados
 Do Pindárico (1) Elpino as cultas Odes;
 E a facundia bebida nos antigos
 Que vertia o Garção (2) nos seus Poêmas,
 Quando na Arcadia outróra os escutava
 De atilados varões o estrême ouvido.

que por uma antiga, que a necessidade do assumpto, ou a redondez da phrase me inclinou a usar, encontrarão com vinte modernas, que talvez me graungearião a accusação de modernista.

(1) Pindarici fontis qui non expalluit haustus,

HORAT. *Lib. 1. Ep. 3.*

(2) — — Nec mi officit unquam

Ditior hic, aut est quia doctior: est locus uni-
 cuique suus.

HORAT. *Satyr. 9.*

No sacro templo (1) que á pureza e lustre
 Da linguagem Franceza ergueo eterno,
 Pelo Richelieu, Luiz o Magno,
 Ouvi eu (e inda a voz no ouvido tóa)
 Um sabio, (2) em toda a Europa acceito e lido,
 E inda mesmo entre nós não ignorado.
 N'uma lingua tão farta (como dizem)
 Dos cabedães de Autores tão egrégios,
 Que não soffreo desfalques, bastardias,
 Como a nóssa, nas éras derradairas :
 N'uma lingua, que engrossa, e se enriquece
 Cada dia c'os rios de eloquencia
 Que tão caudães de todo o monte manão,
 Este Sabio escassezas lhe achacava,
 Pedía atrevimentos generosos
 Nos que a colher os fructos se abalanção
 Nos vergéis das sciencias. Nóvas cousas
 Nóvos nomes requerem. Já Lucrecio
 Para a Lingua tão ricca dos Romanos
 Sollicito pedía larga vénia.
 Larga venia pedía para a sua
 Este Sabio tambem; e que se acceitem
 No bom stylo Francez termos Latinos :
 E dos antigos termos (3) saudoso

(1 A Academia da lingua Franceza.

(2 Marmontel.

(3 Vide Quintilian. lib. 1. cap. 6.

O mesmó já dizia Fenelon na Carta sobre a Eloquencia. —
 Oserai-je hasarder ici par un excès de zèle une proposition que
 je soumetts à une compagnie si éclairée ? Notre langue manque
 d'un grand nombre de mots et de phrases. Il me semble même
 qu'on l'a gênée et appauvrie depuis environ cent ans en voulant
 la purifier. Il est vrai qu'elle était encore un peu uniforme et
 trop verbense. Mais le vieux langage *se fait regretter*, quand nous

Desejava que á vida os revocassem
 Dando-lhe alma nos livros duradouros.
 Reparai bem, matúla afrancezada,
 No sabão que vos vai pelos bigódes :
 Vêde como árde na vermêlha face
 Sopápo que vos cálma a mão franceza !
 Céрто estou, que calando este discurso
 No attento ouvido dos francezes sabios,
 As palavras antigas forão nóvas
 Em prémio da razão, dos bons serviços ;
 Que honradas cãas c'õa honrado abrigo acolhem
 A quem as pôz no áuge da valia.

A tão séria oração, tão proveitosa
 Estimada da Patria, e dos de sizo,
 Não rãõ, como parvos, os francezes,
 Mas ririão (1) os Peralvilhos Lusos,
 Besuntados de pórcã modernice,
 Que não pôdem soffrer palavra ou phrase,
 Que não venha em Telémaco capado, (2).

le retrouvons dans Marot, dans Amiot, dans le Cardinal d'Ossat, dans les ouvrages les plus enjoués, dans les plus sérieux. Il avait je ne sais quoi de court, de naïf, de hardi, de vif et de passionné. On a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on n'en a introduit. D'ailleurs je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux, sans danger d'équivoque. — Parece que este parecer de Fenelon (excepto a phrase *à une compagnie, etc.*) foi talhado para o destempero, com que nos amesquinharão a lingua os Puristas das vélhas Academias, e outras gentes, que eu não nomeio.

(1) Tanta veneração tem os homens grandes como este (Camões) á antiquidade, de que agora se burlão alguns, que mostram que não são grandes em mais que em presumirem de o ser. Manoel de Faria. Comment. de Camões.

(2) Foi um certo Telémaco que o Sr. J. M. R. P. traduzio

Ou nóvos sermonarios francezistas :
 Que cuidão que encerrada nos mióllos
 Tem da lingua a abundancia , a força , o lustre,
 Com atar um suado cumprimento ,
 Fallar de cães , de modas , de cavalloos
 N'uma róda de Moças e Tarécos
 De elegante saber , igual ao delles.

Mas vamos acudir ao máis forçoso
 Argumento que põem estes Maricas ,
 Que estremecem de vózes que não lêrão ;
 Como de *Cousa má* , longa Aventesma ,
 Se arripião mulheres e meninos.

- » É grande affectação (assim me argüem)
- » Usar da antiga phrase , antigos termos , (1)
- » Que o Marquez de Pombal não usou nunca ;
- » Antes quasi os condemna em suas prosas :
- » Usar de termos que não usa o Pina ,
- » Nem os nossos garrêdos Prégadores :

ou (por melhor dizer) a quem deo terminação Portugueza , conservando a lingua Original do livro : mas do contexto cerceou por motivos , a elle só patentes , um bom terço ; cujo cerceio depois , melhor advertido , supprio com o cazamento do Heróe ; porque melhor arremedasse os nossos entremezões. Dirão que tomei para a minha alma essa ridicula tradução do Telémaco ; mas quem a ler , e conhecer a presumpção do Traductor , uão m'o levará muito a mal. Se soubérão o muito que lhe aturei , e a outros bichássos do mesmo lote , não me estranharião dar-lhes eu um piparote de passagem. — *Vexatus toties , etc. etc.*

(1) Inusitata sunt prisca fere ac vetusta , et ab usu quotidiani sermonis jam diu intermissa , quæ sunt poetarum licentia liberiora quam nostra ; sed tamen raro habet etiam in oratione poeticum aliquod verbum dignitatem : neque enim fugerim dice-

- » Co'esses termos que vógão , hem-fallamos ;
- » Co'elles verseja o Mattos , (1) canta o Caldas ,
- » E o Macêdo no outeiro se espaneja. (2)
- » A lingua é como a móda. A novidade
- » Lhe dá gála e primor. (3) Motiva riso
- » Campar-nos hoje com sédiças phrases
- » Do caduco Lucena , aguado Barros ,
- » Querendo-as pôr á móda no discurso ;
- » Como quem nos viesse delambido
- » Inculcar para adorno guapo e sécio
- » Enrocados mantéos , golpeadas calças. »

Cuido que o vejo erguer-se arreminado
 Lá da campa onde jaz sécco e moído ,
 O meu Garção , e azêdo e zombeteiro
 Responder-lhes assim : « Tendes sobejos

re , ut Cælius. — *Quà tempestate Pœnus in Italiam venit : — aut subolem , aut effari , aut nuncupari , aut ut tu soles , Cautule , non rebar , aut opinabar et alia multa , quibus loco positis , grandior et antiquior oratio sæpe videri salet. --- Cicer. de Oratore , lib. 3.*

(1) Stultissimum est , ad imitandum non optima quæque proponere. *Plin. lib. Epist. 5.*

(2) Estou certo que eu faria obras que agradassem muito aos Tarélos , e aos Rançosos , se as compozesse todas das unicas palavras , que elles sabem , o que se cifraria em quatro Cantigas anãa , como as do Poéta mascavado ; e quando quizesse subir de ponto , urdir alguma Ecloga , como as do Mattos , ou do Lasso. Mas para bem o conseguir duas cousas se requerem , ou que elles me mandem uma lista das que sabem , ou que eu as adivinhe. Ambas me parecem difficcis : a primeira porque me não confiarão o segredo da sua pobreza ; a segunda porque me falta a pachorra para ler seus versos , e pôr em canhenho a miseravel mesquinha das vozes de seu uso.

(3) Não tem desculpa estes meus senhores , vivendo em

- » Para o mal que falláes, e para as tróvas
 » Com que a Patria pejáes, (1) pejáes a lingua :
 » Melhor fôra, boçáes, nascesseis mudos.
 » Que enrocados mantéos, pintos calçados
 » Me allegáes por escarneo ! Quantas módas
 » Não vêdes vós sédiças, que resurgem,
 » Como o fétido Lazaro, e campeião
 » Mui galhardas por esse mundo louco,
 » Os mantéos enrocados ide vê-los

Portugal, rodeados de livros Clássicos, em quem pôdem aprender a bem-fallar, tendo entre si pessoas tão adiantadas no bom gosto da locução Portugueza, com quem pôdem, entre-tendo-se, instruir-se. Pobre de mim ! que ha mais de vinte annos que perdi o trato Lusitano, que apenas tenho quatro alfarabios Portuguezes, como a Novena de S. Gonçálo de Lagos, o Entremez dos Malaquécicos, e outros Clássicos dessa estôffa ; Perdão mereço, quando dou cincas na lingua que desaprendi com o desuso.

(1) Lembra-me ácerca destes dons *pejães* certa censura que alguns Criticos de má morte me fizêrão por terem embicado n'um verso de certa ode minha que me não lembra agora, o qual dizia assim :

— *Longes terras correo com longo curso.* —

taxando-lhe de affectado e rançoso stylo a repetição de *longo e longes*, sem attentarem que o que elles dizem *ranço* é formosura tão acceita em todo o tempo nas obras dos melhores Oradores e Poétas. Com quanta louçania brilhaem em Camões (por não fallar em antigos) os versos assim enfeitados ! mais de 30 lhes podêra aqui citar ; mas são elles tam obvios aos leitores que. . . Não quero mais infâmia a gente de tão máo gosto, e tão pouco sizo, que a ignorancia deste lindissimo verso de Virgilio. *ÆNEID.* 3, 283.

Longa procul longis via dividit in via terris

E inda outro. *ÆNEID.* 5, v. 118.

— *Ingentemque Gyan, ingenti mole Chymætam.*

- » Co'as calças golpeadas, na mais sécia
 » Côte da Europa, e mais lidada fórja
 » Das tremolantes e assopradas módas.
 » Vêde-me os Cem-Suissos gigantescos,
 » Cerrada guarda do Francez Sob'rano,
 » Como trajão nos dias máis garrîdos
 » Eurocados mantéos, golpeadas calças,
 » Que galas forão já de airoso adorno
 » Ao Quarto Henrique, ao fórte illustre Castro.
 » Lêde, basbaques, mancos de doutrina,
 » Que (de acêrto) até módas vem nos livros;
 » Como em Pegas achou, passados annos,
 » Certo Letrado os óculos perdidos.
- » Mas escuta, Garção; (cuido que os ouço)
 » Se o pensamento é bom, faz seu effeito,
 » Sem ser preciso revolver poéiras
 » De Latinos Camões, sédiços Barros;
 » Sem joeirar palavras fastiosas
 » De velhos alfarrabios com bafio.
- » Callai-vos, tolos (o Garção responde)
 » A elocução é tudo. (1) Uma sentença,

(1) Nam emendatè quidem et dilucidè dicentium tenuous præmium est; magisque vitiis carere, quam ut aliquam magnam virtutem adeptus esse videaris. . . . Nec fortibus inodè, sed etiam fulgentibus armis præliatus in causa est Cicero Cornelii. . . . Nec tam insolita laus esset prosecuta dicentem si usitata et cæteris similis fuisset oratio.

Quintilian. lib. 8. cap. 3

Que dans un discours les pensées soient claires et justes, ce n'est pas encore un mérite, ce n'est qu'un défaut évité ce n'est point là ce qui fait l'Orateur, c'est l'abondance et la richesse des pensées jointes à la force et à la grace des expressions. — *Principes de Littérature de l'Abbé Batteux, tome 4. chap. 10.*

- » Que tósca refugáes por desagrado ,
- » Se com phrase concísa , ornada e culta
- » Vem ferir na alma , o ouvido amaciando ,
- » Abalados ficáes , ficáes absórtos ,
- » Namorados da sua formosura.
- » Que assim a guápa sêda , a téla de ouro ,
- » Se mal talhada vem das mãos do Méstre ,
- » Pérdé a gála , por gêbba em seu feitô ,
- » Quando outra , menos ricca , mas airosa
- » Orna o Dono , e de applausos rouba a estrêa.
- » Dar com vózes valor ao pensamento ,
- » Dar-lhe côr , dar-lhe vida é o grande estudo ,
- » A grau venída de immortalées Autores. (1)
- » Que não basta dar pasto são á mente ,
- » Se não vem adubado de bom gosto :
- » E assim é que a Verdade cála na alma ,

Mais il n'y a que la poésie de style qui fasse la perfection des ouvrages en vers. . . Ces beautés de détail , ces expressions heureuses qui sont l'ame de la poésie et font le mérite des Homère , des Virgile , des Tasse , des Milton , des Corneille , des Racine , des Boileau , etc. etc. etc.

Voltaire , tome 3 des Mélanges de Littérature.

Il leur est démontré (je parle des Philosophes) que les préceptes embellis par l'imagination , la mesure et l'harmonie font effet sur tous les peuples ; ils se souviennent que Cassandre disait la vérité , mais qu'elle cessa de persuader , lorsqu'elle fut abandonnée d'Apollon. VOLT.

(1) Ut translatis (*metáphoras*) utamur frequenter , interdumque factis (*palavras novas*) , raro autem etiam pervetustis : in perpetua autem oratione cum et conjunctionis (*palavras compostas*) lenitatem et numerorum quam dixi rationem tenuerimus , tum est quasi *luminibus* distinguenda et *frequentanda* omnis Oratio *sententiarum* atque verborum.

Cicer. Lib. 3 de Orator.

- » Louçãa , c'os atavios da Eloquencia ;
- » E assim tambem resvala dos ouvidos ,
- » Se vem sêcca , ou ensôssa ou mal-trajada.
- » Uma palavra nóva , (1) ou renovada
- » Despérta o ouvido , é saudavel tóque.
- » Que inclinão á preguiça , ao desatento
- » Os animos de ouvintes distrahidos ,
- » Que a corda da attenção , por longo tempo
- » Não pódem ter tão rija que não bambe.
- » Para a atezar de novo o bom Poéta
- » Varia o tom do Canto com figuras ,
- » Com descripções ; ousado já apostrópha
- » Homens e Numes. . . (2) Quantas vezes , quantas
- » O intrépido poéta arrisca o enleado
- » Hyperbato , que embaça a intelligencia ,
- » A' p'rima vista , mas que apraz , namóra ,
- » Quando abre todo o senso ! Assim de Horacio (3)

(1) *Audendum tamen ; namque ut ait Cicero , etiam quæ primò duræ viscæ sunt usu molliuntur.* Quintilian. lib. cap. 1. 5. — Além de que é necessario despertar com estes beliscos a attenção do leitor que se enfastia e dorme , por mais bellas cousas que lhe digão a fãõ em lingua caseira e correntia , que nenhumaes cócegas lhe faz no ouvido : *Ut quotidiani et semper eodem modo formati sermonis fastidium levet , et nos à vulgari dicendi genere defendat.* Idem.

(2) Mais il y faut sur-tout un tour et des manières de parler relevées , hardies et métaphoriques ; et ces manières sont tellement propres à ce genre d'écrire que sans cela l'arrangement le plus exact des longues et des brèves fait beaucoup moins des vers que de la prose mesurée. — *Le Bossu , Traité du Poème épique , chap. 5.*

(3) Nunca nos versos latinos desmanchados , que nas escholas davão a arrumar ; vinhão tão deslocadas as palavras como nestes.

- » E dos Romanos Clássicos polidos
- » Apprazião transpostos os vocábulos ;
- » E fôra riso e escaerco dos ouvintes
- » Dar-lhe Odes de sentido corriqueiro ,
- » Fluente como o usado Padre Nosso. (1)
- » Tambem c'um termo só , quando o Poéta
- » Se aventura ao perigo , e vái buscá-lo
- » A longes sitios , (2) e atrevido o encosta
- » A nome , que se estranha de o vêr junto
- » De si , mas que o ennobrece , e allumia. . . .
- » Tambem digo que tóma alento a lassa
- » Attenção , agradece ao Vate o gosto
- » Que lhe dá co'a dicção , e louva a industria
- » Com que ornou c'uma flor de máis a lingua.
- » Canóros despertai co'a novidade ;
- » Beliscai meigamente o seio da alma ;
- » Inventai , renovai , usai translatos , (3)

— Me tabula sacer
Voriva paries indicat uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo. *Lib. 1. Od. 5.*

(1) Verdade é clara que para o Póvo uma tonadilha chã e corrente é mais agradavel que uma Aria de Jomelli. Que para o Póvo a Ecloga do Mattos , ou o zãozão do Caldas se lhe accomoda melhor com as orelhas , que uma Ode do Diniz. Mas tambem as gentes que não são Póvo , sentem com regalado prazer uma transição bem modulada na Aria ; ouvem com summo agrado metáphora atrevida , mas frizante ; e um certo escondrijo transparente no conceito e nas palavras os arrebatá ; e se contentão de que o Autor os não julgou tão nescios que necessitasse pôr-lhes nãas e como ás escaucaras as partes da Oração.

(2) Quæsiti decent cultus magis atque colores
Insoliti , nec erit tanto ars deprensa pudori.

(3) Sirva de exemplo esta descripção d'uma tempestade tão elogiada pelos Rhétóricos.

- » Convidai o appetite , dai-lhe forças ,
 » Envidai o saber , obtereis graças
 » De quem bem instruistes , deleitando-o.
 » Nunca espercis que um d'esses encolhidos ,
 » D'esses malsins de atrevimentos nóbres ,
 » Consiga um grito dar , com que a alma acórde.
 » Assim vîmos porque alto e bem dormião , (1)
 » Bem roncavão os hóspedes cansados ,
 » Que acalentava a Régia Academia
 » Com derreadas prosas soporíferas. (2) »

Estudamos com tanto apuramento
 Clássicos Gregos , Clássicos Latinos ;

— — — Inhorrescit mare

Tenebræ conduplicantur , noctis et nimbam occæcat nigror ,
 Flamina inter nubes coruscat , cœlum tonitru contremit ,
 Grando mista imbri largifluo subita præcipitem cadit :
 Undique omnes venti erumpunt , sævi existunt turbines ,
 Fervit æstus pelagus , etc. etc. — *Pacuv. Fragm.*

(1) *Altum dormiret.* — *Juven. Sat. 1.*

— — — Et vous manquez de goût ,

Dès lors que par l'effet d'un vers plein de génie ,
 Vous mettez en défiant la bonne compagnie ,
 Qui n'y comprend plus rien , et n'y sent plus le tour
 Des phrases à la glace en usage à la cour.

Prologue du Philinte de Molière.

(2) Le style ne peut être trop clair, quand on se propose d'instruire ; mais ne veut-on que plaire ? on peut alors procurer à l'esprit l'avantage flatteur d'exercer sa pénétration. L'idée qu'on lui présente, acquerra pour lui un nouveau mérite , si , semblable en quelque sorte à la Bergère de Virgile , elle se cache autant qu'il le faut , pour qu'on ait le plaisir de la trouver.

Théorie des Sentimens , page 23.

Hærent tamen illa in dicendo admiratio , ac summa laus

Linguas, em que a pezar de improbo estudo
 Seremos sempre broncos apprendizes ;
 Nem, quando bem queimadas as pestanas,
 Myrrhássemos em ler péccos Nolténios,
 Scholiastes decrepitos e escuros,
 Não nos cabe fallá-las co'a franqueza
 Dos antigos Romanos; quando muito
 Fallaremos latim, comp fallava
 Entre nós, certo Inglez, que muitos annos
 Em Lisboa, viveo e me dizia,
 Mui sério — *Mim quér vai a Rata* — Credo
 Que dava um puxo bom na lingua Lusa.

Nós, quando áforça de amplos Diccionarios,
 De Grammaticas, de áridos Commentos,
 Nóvos Manucios, Fabros, ou Resendes,
 Greguísimos Scaligeros da gêmma,
 Gaguejêmos latim a Plauto, a Horacio,
 E Grego a Homéro, a Pindaro — rirão
 Da nossa arrogantissima impotencia;
 E sem nos comp'render, nos deixarião
 Latinisar, e Greguejar a froxo,

umbram aliquam et recessum, quò magis id quod erit illuminatum, exstare atque eminere videatur.

Cicer. Lib. 3 de Orator.

Sed auditoribus etiam nonnullis grata hæc, quæ cum intellexerint, acumine suo delectantur, et gaudent non quasi audierint; sed quasi invenerint. -- *Quintilian. lib. 2. cap. 2.*

Est etiam in quibusdam turba inanum verborum; qui dum communem loquendi morem reformidant, ducti specie nitoris, circumeunt omnia copiosa loquacitate quæ dicere volunt: ipsam deinde illam seriem cum alia simili jungentes miscentesque, ultra quam ullus spiritus durare possit, extendant.

Idem. lib. 8. cap. 3.

Nas Theses, nos umbráteis Collegios.
 Como? Em cadóz de ingrato esquecimento
 Deixar-mos a linguagem, que nos sêrve
 Em tratar os negocios, as usanças,
 Desta vida Civil, razões de Estado
 C'os nossos Contrerraneos, c'os Amigos
 Em dar pasto, co'as Damas, ás máis puras,
 Máis brandas affeições do animo humano,
 Para dar todo o estudo a estranhas linguas!

Fallemos portuguez brando e sonoro
 A Portuguezes, que entender-nos sabe.
 E se espértos me arguem os Peraltas
 Que as riquezas vocáes, (1) que assim pretendo
 Introduzir, empécem á clareza
 Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes
 Não póde súbito abranger o senso
 Das vozes Clássicas, remótas do uso,
 Das nóvas, das Latinas, das compostas,
 Muí pachorrento, e concho lhes respondo,
 Que as que hoje estão em uso forão nóvas

(1) Une langue n'est riche qu'à deux égards; premièrement quand elle joint des mots et en forme des composés qui, faisant image, expriment des sentimens moraux, et peignent des actions qui seules peuvent nous émouvoir. Elle n'est riche en second lieu que par l'abondance des termes métaphoriques qui rappellent des sensations, offrent des idées composées, lesquelles rendent visibles les objets et leur connexion, et avec peu de mots réveillent plusieurs idées. Il résulte de là que les langues grecque et latine sont plus riches que les langues modernes, quoique toutes deux manquent d'un nombre infini de mots qui appartiennent aux inventions modernes, mais elles n'en seraient pas dépourvues si les mêmes objets avaient été connus alors.

Journal Littéraire de Berlin, tome 2.

Tão difficeis então, quanto estas hoje
De serem do vulgar bem-entendidas.

Quando o Pombal nas leis punha *Apanagio* (1)
Ninguém soube que enxalmo, ou que encomenda,
Que bicharôco era *Apanagio*: os mesmos
Letrados se tomávão da tarântula.

Apanagio passou. Hoje é corrente.

Qual foi o Sapateiro, ou Curraleira
Que pescou o sentido enrevezado .
Em *retractar*, *controverter*, em outras,
Da vez primeira que sahio da bôcca
Do freguêz que lh'a disse? Pouco a pouco
Explicada, prégada, conversada,
Conseguiu ser palavra corriqueira
Quem d'antes era enigma avêssô, abstruso.

Tal é o fado das primeirás vózes.
Estranhão — Vão entrando — tórnão pôsse —
Depois ficão de assento — e entre nós cázão —
Ei-las parentas já de toda a lingua.

Que assim é que um caminho de pé-posto,
Co' andar da gente, passa a ser estrada.

Como em limpida fonte; (2) em nossos Mestres

(1) Multa ex Græco formata, ac plurima a Sergio Flacco, quorum dura quædam admodum videntur, ut *Eus et Essentia*, quæ cur tantopere aspernentur nihil video, nisi quod iniqui iudices adversus nos sumus, ideoque paupertate sermonis laboramus. . . . Audendum itaque. Neque enim accedo Celso, qui ab Oratore verba fugi vetat. . . . Derivare, flectere, conjungere . . . quando desiet licere?

Quintil. lib. 8. cap. 3.

(2) Cum sint autem verba propria, ficta, translata proprii

Do século das lettras Lusitanas,
 E nas páginas ferteis dos Latinos
 Tómem linguagem pura os bons ingenhos,
 Que a colhêr palmas de eloquencia Lusa
 Inclinao seu propósito e porfia : (1)
 Ou já no Fóro , os animos Consultos
 Queirão mover a compaixão piedosa
 Do Réo mal-arguido , ou mal-defeso ;
 Ou , da Verdade na cadeira anceiem
 Soltar as pandas vélas da facundia
 Em assumptos moraes , ou já sagrados.

Os exemplares puros com nocturna ,
 Diurna mão por vós sejam versados ,
 Por vós , Poétas , que quereis no Pindo
 Conquistar os favores das Camenas.
 Se desprezáes dos Clássicos o estudo
 Sereis dos sabios Lusos desprezados.
 Oh ! que é desdouro , um Vate alçar as vozes
 Promettedoras de altaeiro assumpto
 Ante o Povo apinhado , (2) e ser mesquinho

dignitatem dat antiquitas. Namque et sanctiorem et magis admirabilem faciunt orationem , quibus non quilibet fuerat usus : eoque ornamento acerrimi iudicii P. Virgilius unicè est usus. *Olli enim et quanam et mis et pone* pellucet et aspergunt illam , quo etiam in picturis est gratissima , vetustatis inimitabilem arti auctoritatem. . . . Quaedam tamen adhuc vetera , vetustate ipsa gratius nitent , *quaedam etiam necessario inferim sumuntur.*

Quintilian. lib. 8. cap. 3.

(1) Verso de Camões. *Cant. 1.*

(2) *Densum humeris libit aure vulgus.*

HORAT, Lib. 2. Od. 13.

No arrojo, e na affluencia das pinturas,
 Com que anhêla estofar o seu discurso,
 Por falta de eloquentes vivas cores,
 Que só dão as palavras preciosas
 Cavadas nos bons Mestres, ou tiradas
 Do riquissimo erario dos Latinos.

Quando em público falla, quando escreve
 Obras dignas de sófrega leitura,
 Se inteira o bom Autor, cólhe de plano,
 (E com que dissabor!) o quanto ignora
 A lingua em que se deo por abastado,
 Vendo á bolsa, que creio pejada, e himpando
 De grosso cabedal de ricas phrases
 De termos nóbres, êrmo e exhausto o fundo. (1)

Nescio grulha, (2) que em sujo charco mólhas

(1) Apostêmos que os amabilissimos e pacientissimos Leitores comêção já a enfastiar-se da longura deste Carta, — Tambem eu. — Fação o que eu faço agora, que a estou escrevendo. — Deixem-na, como eu a deixo. — Adeos, Carta, até nova apojaduta.

Dêmos-lhe outra gaitada. — Creio que ainda no mundo ha boas almas, a quem agrada o serem prestadias. Se essas boas almas reparando os defeitos do meu desmazêlo, e do despêgo com que trato versos meus, tomassem a seu cuidado podarem este aranzel, seguro-lhe que por mais fundo que seja o córte, não terá de me doer. — Entre tantos curiosos que só folgão de lèr poêmas curtinhos dos nós, porque não haverá um que empeque-nite esta almanjarra Poética? Oh quanto eu lho agradecêra! — Dir-me hão — E porque o não fazes tu? — Porque? porque? — Porque quasi para tudo o que é trabalho me teve sempre as mãos atadas a Preguiça.

(2) Veggio che Idra rabbiosa
 Nemica del Parnaso arma furori;

A lingua com que os Clássicos motejas,
E a quem de suas messes faz ganancia,
Convém comigo, se és sincéro e franco,
Que nunca déste inteira á voz, e á penna,
(Qual te luzio na mente) a idéia tua,
Por charro, ou por mendigo de palavras,
Que dão côr, e dão alma ao pensamento. (1)

Olhá o Garção, quão ricco na pintura
Da infeliz Dido, (2) as côres assinalla,
Quando percedôra, entrégue a Clotho,
« Com a convulsa mão súbito arranca
» A lâmina fulgente da bainha,
» E sobre o duro ferro penetrante
» Arroja o tenro crystallino peúo:
» Em borbotões de escuma murmurando,
» O quente sangue da ferida salta:
» De roxas espadanas rociadas
» Trémem da salla as Dóricas columnas. »

Não ha termo, que não traslade ao vivo,
No sp'rito do Leitor o fiél quadro

Ella infettar vorrebbe edre ed allori,
Ma non può, ma non osa;
Stiasi negli antri inferni orridi ed attri.
La forsennata; ivi bestemmi e lapri.

Chiabrera.

(1) Et pourquoi tout cela? Pour complaire à des sots,
Dont la langue n'admet que deux ou trois cents mots,
Hors desquels ne sort pas leur hautaine ignorance.
Un mince cailletage est leur noble science.

Prologue du Philinte de Molière.

(2) Cantata de Dido, no Entremez da Assembléa.

Obras poeticas de P. A. Garção.

Que o Garção debuxou na clara ideia. (1)
Sim : que Estudo, e Razão lhe persuadirão
Que ao Vate acceito a Apollo, acceito ás Musas
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas (2)
Com valente pincél, accésas côres,
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras,
E ardente como esse Estro, que o inflamma.
Quão castoso lhe fôra ! — Quão negado
O arrôjo no desenho, o vivo em côres
Que os sentidos movendo cáilão na alma,
Se colhida nos campos da leitura
Tão copiosa seára não tivéra !

Inda te dou, que possas, como o Vulgo
Fallar correcto ás vezes. Não te basta (3)
Trivial locução, para subires
O primeiro degrão do Templo que honra
O Mérito eloquente. Evitar êrros
É erguer-se apenas do plebeio lãdo : (4)

(1) Eloqui enim hoc est, omnia quæ mente conceperis promere, atque ad audientes perferre, sine quo supervacua sunt priora, et similia gladio condito, atque intra vaginam suam hærenti. Hoc itaque maxime docetur : hoc nullus nisi arte assequi potest : huc studium adhibendum ; hoc exercitatio petit, hoc imitatio : hic omnis ætas consumitur : hoc maxime Orator Oratore præstantior ; hoc genera ipsa dicendi alia, aliis potiora. — *Quintilian lib. 8. in præmio.*

(2) Et vivas hinc ducere voces. — *HORAT. de Art.*

(3) ——— Vitavi denique culpam,
Non laudem merui. — *Id. ibid.*

(4) La Poésie n'est pas moins occupée de choisir ses expressions que ses pensées. Elle veut qu'outre la propriété et la

Longe estás de ganhar subido premio,
 Que pende para quem com louçania,
 C'o dom de aurea dicção dá garbo ás fallas,
 Variã, estrêma a phrase máis venusta, (1)
 Com que dóte de esplêndida riqueza
 De seu discurso a intrépida structura.
 Que é soberbo Palacio um bom Poema, (2)
 Cuja Fachada, Camarins, e Sallas
 Com regia pompa ser ornados pédem.
 O ouro e o matiz das sêdas e pinturas,
 Dos cõffres mais recônditos da lingua
 Os tira á luz o prôvido Poéta. (3)

justesse, qui sont plutôt un défaut évité qu'une beauté acquise, il y ait dans son discours un certain nombre de mots qui frappent et qui piquent l'attention de l'auditeur. Elle en emprunte des langues anciennes; elle en fait revivre de surannés, qu'on voit renaître avec plaisir en faveur de leur énergie; il y en a qu'elle transporte du genre à l'espèce; de l'espèce au genre; autrefois elle profite d'une ressemblance équivoque pour user ou même abuser d'un mot; elle préfère sur-tout les expressions pittoresques qui font image, et qui rendent l'expression sensible; elle multiplie les épithètes, et les assortit quelquefois d'une façon bizarre: en un mot elle s'attache à tout ce qui est extraordinaire, soit par la richesse, par la force, ou parce qu'il est nouveau.

Batteux, Cours de Belles-Lettres, tome 1.

(1) Par une image neuve, un mot audacieux

De la langue étonnée agrandir le génie,

Et peindre la Nature en vers majestueux.

LECOUVÉ.

(2) Pindar. *Olympic. 6.*

(3) Na segunda Epistola do segundo livro applica Horacio aos Romanos, o que, mudados os nomes, fóra bem que a si applicassem os nossos scriptores modernos; que se acharião bem com esses conselhos, e a lingua ainda melhor com a abastança, que, de os elles seguirem, lhe viéra.

Vocábulos, effigies dos objectos ,
 Que Camões, que Vieyra memorárão;
 Que infôrme pó cõbre hoje. Se erudita
 Mão lh'o saccõde, e as cãas remõça activo,
 Com lingua ricca additará á Elysia. (1)

Quando orphão de bons Clássicos o Idiõma
 Se vio ao desamparo, ao desalinho
 D'um tropél de ignorantes, todo o ricco
 Custoso cabedal, que tinha herdado,
 Da ancia, do estudo de escriptores sabios,
 Se esvaio pelas mãos de ruins Tutores.
 Um fastioso de *apoz*, desfez-se delle ;
 Este espancou *quicá*, ess'outro *asinha* ;
 E assim dos máis. Foi roupa de Francezes.
 Os termos máis enérgicos, mais curtos,
 Os máis sonóros, por melindre, ou birra,
 Fôrão longe da lingua degradados ;
 E outros fôrão perdidos, por desleixo.
 E nós de ávitos bens herdeiros lídimos,
 N'um patrimonio entrámos defraudado
 D'ouro, padrões, alfaias, nõ e crũ.
 Vistes vós n'uma Casa, onde morrerão
 Páe e Mãe, e mui ricos, mas sem dono,
 Ficão muitos filhinhos ? — Um comêça
 A descompôr gavêtas, a abrir cõffres,

(1) Tu vero, inquam, Varro, benemeriturus mihi videris de tuis Civibus, si eos non modo copiã rerum auxeris, ut effecisti, sed etiam verborum. Audebimus ergo, inquit, novis verbis uti, te auctore, si necesse erit.

D'um lenço de cambráia faz zorrágué ,
 Cavalga outro em bengala castão-de ouro ,
 Este um dedál de prata , aquelle um diche
 De subido valor , pela janélla ,
 Brincando , ou descuidado , dcita á rua ,
 Ródão broches e annéis pelo sobrado ,
 (Preço de muitas lidas !) — sóbem lógo
 Enxâmes de rapazes cou-vizinhos
 Barulheiros , daninhos , ou milhíafres ,
 Que bólem , québrão , vásão , pilhão , levão
 Ouro , diamantes , louça , doces , fructa ,
 E uma herança atéllí graúda e ricca
 Pára em mesquinha , mísera pobreza.
 Tal da lingua os thesouros se escoárão
 Em poder de criangas litterarias ,
 De personagens nescias , ou perluxas. (1)
 Vêde em tal desbarato , em tal desleixo ,
 Que valente Orador , Vate atrevido
 Póde fallar conciso , ser ornado ,
 Ser altiloquo , ou téрно , se lhe faltão
 Cabedáes com que abaste , com que enfeite ,
 D'onde tire a prazer , a expressão curta (2)
 Que encrava mais profunda na alma a ideia ;

(1) Estes dous versos tem variantes que se não imprimem , porque nem todas as verdades se dizem. — *Nota do Editor.*

(2) Est brevitare opus , ut currat sententia , neu se
 Impediat verbis lassas onerantibus aureis.

HORAT. *Lib. I. Satyr. 10.*

Deste preceito de Horacio não fizêrão caso algum , os que com-
 pozêrão grossissimos volumaços , com que gemêrão as prensas ,
 e ainda hoje gemem as estantes. A maior parte dos ajoujadores
 tomos de certas Academias são como os pannos de palha que
 com desmesurado ócca, recheio não tem succo , e apenas dão ás

E não meandros de torcidos trópos ,
 Que resvãlão do ouvido , e da memoria ,
 Antes que o fio da vindoura phrase
 Se áte c'o fio bambo da já-lida.

Remontar ao sublime ha sido sempre
 O perpétuo lidar , o fito nóbre
 Dos que as óbras meditão , que os vindouros
 Desempõem com fructo e com agrado :
 E o *sublime* quér grande e nova idéia ,
 Curta , e que muito senso apérte em summa. (1)
 Que se inépto , por falta de baixélla ,
 Lanças em vasto desbordado vaso
 A pura activa essencia concentrada ,
 O concebido spirito sublime
 Na vasteza chocalha , e se derrama ;
 Perde o cheiro , e mes-cabado
 Na turba das sufrápas se deshónra.
 Tu mórmente , oh Poéta , a quem no encaixe
 Do verso , (2) estreito emprego e estóffa cabe ;

bestas com que esgravatar os dentes. Entrarão em certas litterarias régias sociedades duas castas de homens, que ou não sabem, ou não cuidão em dar cousa util qu' se leia. Onde vistes vós Mochos , nem Ladrões gostarem da luz do dia?

(1) C'est à l'élégance et à la précision à mettre le *sublime* dans tout son jour. C'est même quelquefois la briéveté qui fait la plus grande force des traits qui passent pour merveilleux , et il ne faut au contraire qu'un mot superflu pour énerver la pensée la plus vive , et la dégrader du sublime.

La M. Houd. Discours sur la Poésie.

(2) La sentence (dit Montaigne) pressée aux pieds nombreux de la Poésie, élance mon ame de la plus vive secousse.

Se em palayras transbórdas , vás por fóra
 Da marca abalisada , e dás c'o verso ,
 Desatento , a travez : e desde o intróito
 Enójas , e os ouvintes adormentas.
 Sê mui parco na ensancha das palayras ;
 Se ousas toccar as raias do *sublime* ,
 E dos quvidos déspota , se quéres
 Tê-los captivos a teus dignos vérsos :
 Mas para parco ser thesouro ajunta ;
 Que sem muita lição serás verboso.
 Quanto mais ferramenta tem o Mestre
 Mais fáceis , mais subtís prefaz as óbras :
 Quanto mais panno tem , mais poupa o córte ,
 Menos monte alardeia de retalhos
 A afreguezada , espérta Costureira.
 Na Casa em que a despensa recheada
 Acóde á mesa com sobejo alarde ,
 Banquêtes , com que o Pobre se arruína ,
 O Ricco os dá frequente a pouco custo.

Se querêmos achar abértas veias
 Do custoso metal que as fallas doura ,
 Visitêmos as minas encetadas
 Pelos nossos antigos Escriptores ,
 No Lacio e Achaia , que inda nos convidão
 C'o largo abérto seio a ser riccassos.
 E se a ruin Preguiça vos atalha
 Mover o passo a longes territorios ,
 Tendes em Casa , e a vossas mãos disposto
 O producto das minas já cavado
 Limpo de fézes , chrysolado , e puro
 Nos Payvas , nos Lucenas , Brittos , Barros.
 Entre abóbadas longas intricadas ,

Labyrinthos reconcôvos , e escusos
De conceitos agudos predicaveis ,
De bastardo saber , de ingenho vêsgo ,
Ha por cantos escuros , por desvios
De sermões requintados do Vieyra
Desprezados terrões de ouro encobérto ,
Que enriquecer mil páginas poderão
Por artifices mãos melhor-lavrados.

Tem Lucena Capitulos (1) tão cheios
De Lusa preciosissima abastança ,
Em phrase e termos escolhida e nobre....

Em seu fluido stylo vái Bernardes
Serpeando manso e manso , até que mana
Dos ouvidos , nas íntimas entranhas ,
Qual vái claro ribeiro cristallino
Debruçando-se puro e saudoso (2)
Debaixo de inquietas avelleiras ,
Por entre hervosos valles sempre-verdes;
Té que ao largo se estendê em liza mesa (3)
Espêlho , e ás vezes banho das serranas.

(1) Vejão os Capitulos em que fallá do combate dos Achens , dos costumes dos Chins , da descripção das Ilhas Molucas , etc. etc.

(2) Talvez me criticarão tantos epithetos. Desgraçados tempos! Quanto mais ignorantes ha , mais lavrão as criticas. Sem me valer do *informe, ingens, etc.* de Virgilio, e outros muitos exemplos tirados dos Poetas , que eu bem podéra allegar , citarei sómente um prosador que aqui tenho máis á mão , e seja Fr. Luiz de Souza. — *Vierão á Villa uns estrangeiros; traziaõ consigo um Urso grande e corpulento, feio e feroz, mas tão domesticado, etc.* Vida de D. Fr. Barili. — Permittireis vós a um historiador mais opulencia de epithetos , do que a um Poéta? Como sois parvos!

(3) Chama Camões meças aos remansos de agua , que os ribei-

De Barros que direi ? que os Estrangeiros
 Não digão mais do que eu ? que delle fallão
 Com mór respeito, que fallar usamos
 Ferreirá , Britto , Souza , Arraes , e Pinto
 Só lhes faltou nascer em terra estranha
 Para altamente serem conhecidos ,
 E encommendada aos bons sua leitura.

Cartilha houvéra ser , Cartilha de ouro
 Para a pura dicção da lingua Lusa ,
 O mui-disérto Freire , ultima c'roa
 Das nossas litterarias conquistas ;
 Fiel historiador , sempre eloquente ,
 Sempre Plinio , (1) e mil vezes com ventagens.
 Quanto não ganharia a Patria honrada ,
 Não ganharia a lingua Portugueza ,
 E os egrégios Heroés , se cada Cesar ,
 Cada Fabricio , Régulo , ou Camillo ,
 Que deo a Lusa Terra , conseguisse
 Um Freire que lhe desse alto renome
 Por obras , por virtudes conquistado ?

Tem senões ! — E que Autor é delles limpo ?
 Não dormitou Homéro ? (2) O bom Virgilio
 Indignado das máculas da Eneida ,
 Não mandava de novo queimar Troya ? (3)

ros fazem quando se estendem sobre dilatados leitões, onde a
 água perdendo força de corrente parece alli parada, e de limpa
 e transparente assemelha uma mesa de cristal.

(1) Penegyric. Trajan.

(2) Tu nihil in magno doctus reprehendis Homero?

HORATI. Satyr. 10.

(3) . . . Ergo ibit in ignes,

Magnaque doctiloqui morietur musa Maronis?

Se ás Musas não vedára o pio Augusto
O eterno pranto , e a Apollo as saudades ?
Pollião não imputa á Maravilha (1)
Que ião , além de Roma , curiosas
As gentes vêr , defeito Patavino ? (2)
Mas muito ha que sobejo sério fallo ,
E o sério me não quadra , e quadra menos
Ao meu assumpto , e aos cáros meus Leitores.

Dêmos que ressuscite (o que hoje é facil) (3)
Vieyra , e onça fallar cértos Peraltas ,
Pregociros de affrançada lingua.
Parêce-me que o vejo franzir beijos ,
Encrespar o nariz , perguntar logo :

VIEYRA.

Quem vos torceo as fállas á franceza ,
Meus pardáes novos de amaréllo bico ?

PERALTA.

Lemos livros de fita , e é nesses livros
Que nós *puisamos* o fallar á móda ,
No máis *charmante* tom , máis *seduisante*.

VIEYRA.

E quem trouxe essa móda , meus meninos ?

(1) Tito Livio.

(2) Patavinitatem quamdam. — *Quintilian*.

(3) Já ha muito que Cagliostro dando a jantar aos grandes da Corte , segundo os convidados que elles lhe pedião , vinhão mortos , vinhão vivos sentarem-se com elles á mesa. Jantava Henrique IV com Voltaire , e com Ninon de l'Enclos , etc. etc. Hoje se repete n'ain dos passeios máis frequentados de Paris a mesma resurreição. Cada um que paga vê a cara , ou caras das pessoas que deseja ver.

P E R A L T A.

Elle é , pois que *exigís* , que com *justeza*
Rapporte o renomado Chefe , é esse o
 Traductor do Telémaco capado ,
 De sermões Viccutinos precedido ,
Avamcorrores desta nova schola.
 « Vou-me lá » (diz Vieyra) — Ei-lo que bate
 A' porta do Ribeiro , e péde novas
 Desta nova eloquencia Gallo-Lusa.

V I E Y R A.

Quem préga cá melhór ? quem faz bons versos ?

R I B E I R O.

Eloquencia , Monsieur , tem alto *rango* ;
 É o *affaire* do dia , os meus *Elèves*
Bellos espiritos , *chefes do bom gosto* ,
 Tem dado á linguagem tães *nuaças* ,
 Que nunca em *gólpe de ólho remarcárão*
 Os antigos na *affrós*a obscuridade.

V I E Y R A.

Páre , páre , senhor , c'o sarrabulho
 Dessa phrase frandúna. (1) Eu fui a França ,
 Nunca lá me atolei nesses lameiros ,
 Nunca eurupei a lingua Portugueza
 Com trapos multícores , gandáiados
 Nessa feira da Ladra. Os meus Latinos

(1) Quando por traição de alguns nóbres , e Jesuítica perfúdia
 usurpou o Reino o Demónio meridiano (Philippe II.) pas-
 sárão á guerra de Flandes Lusitanas tropas , e a mascarada falla
 que dos Paizes baixos tomárão , se nomeava então lingua
 frandúna.

Me dêrão sempre o precioso traje,
 Com que afformosentei a Lusa falla.
 Com Deos fique, senhor. Tal gíria esconça
 De ensosso mixtiforio bordalengo
 Só médra co' esses tôlos, que se enfronhão.
 Em lingua estranha, sem saber a sua.
 E dão co' essa mistura a vera effigie
 Do appupado ridiculo enxacóco.

Eis vejo ao longe as duas largas portas,
 Por onde a corrupção entrou lavrando
 No corpo da linguagem Portugueza,
 E lhe estragou a compleição sádía.
 Uma lh'a abriu Philippe de Castella,
 Hypócrita tyranno, e não prudente,
 Quando o Reino não-seu, quando as conquistas
 Com sangue Portuguez tão rubricadas, (1)
 Mais com ouro usurpou, que com trabúcos.
 Elle os peitos torceo télli altivos;
 E a Lisonja, que encósta brandamente
 A dextra á cerviz dura, a foi curvando,
 Té que inteira a abaixou ante o Tyranno.

Medrou lógo o desejo de agradar-lhe,
 Que fez beijar-lhe o sceptro, e a mão de ferro,
 Que mui pesadamente a carregava.

Nos ânimos soprou alento frouxo,
 Banhou os beijos (2) de fagueiras fallas

(1) Diz Barros (não posso apontar onde, porque não tenho livros) que apenas se achará por toda a cósta d'Africa que corrêmos, ponta, ou rochedo, que os Portuguezes não tingissem com o seu sangue.

(2) Sei eu bem, que delambidos ha hi prezados de bemfal-
 Tom. I. 5

E as pennas embebeo na Hispana tinta ,
 Tanto ao fundo, que as pennas esquêcerão
 Do seu idioma Luso a côr nativa ;

Para affagar com phrases mendigadas
 As orelhas (1) dos duros vencedores.

Que longe ão correndo do Ferreira
 (Bom Ferreira da nossa lingua amigo !)
 Esses filhos ingratos, que deixayão
 A mui-caroavel Mãe, que de seu leite
 Nunca lhes consentio têrem seccura ,
 Para ir buscar, em braços de Madrasta ,
 Sustento e affagos que élla dava esquivos !
 Fastiosos na opulencia requestavão
 Pão de esmóla a soberbos estrangeiros,
 Que escassos, com desdêm, ao chão lh'a deitão.

lantes, que me taxarão de grosseiro, e me dirão que *labios* é mais Académico. Outros me dirão, se eu pozesse *labios*, que *labios* são de feridas e de chagas. Quem se pôde entender com tâes freguezes? Dir-lhes-hei o que me vem agora ao pensamento. Quem tem dous pares de sapatos, calça hoje uns, amanhã outros: e quem não tem senão um que mêtta a cotio, cedo o estraga, e senão compra outro par, anda descalço. O modo mais guápo de empobrecer a lingua é espinicá-la muito. Vejam a fabula das duas femeas (uma vèlha e outra môça) que por assimilhar cada uma a si o amante nos cabellos, a vèlha lhe arrancava os pretos, e a môça os brancos, e por fim o deixarão calvo.

(1) Um Padre muito douto da Censoria riscou no manuscrito do Telêmaco traduzido por Manoel de Souza a palavra — *Orelhas* — como baixa e deshonorada: mas o Capitão que sabia mais Portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou: — Que é o que S. Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarração? — E o meu Censorio ficou como um patinho. A orelha (lhe retrucou o Souza) é membro e sóffre córte; e o ouvido é sentido, que não ha hi facalhão de frade que o decêpe.

Se era útil, se era grato o que escrevião,
 Quem os mal-conselhou que desherdassem
 Do rendoso aprazível patrimonio
 A patria natural, o meigo idioma
 Que abundante, e grandioso, e brando, e féro
 Entendidos Maiores lhe apprestarão?
 Que antemão obsequente, officioso
 Lhes moldára nos labios (1) infantis
 As primeiras palavras carinhosas,
 Com que, do bérço, os Maternaes semblantes
 Soubérão horrifar de almo sorriso;
 Por ir (oh ingratição! oh esquivança!) (2)
 Estragar, com mão pródiga, thesouros
 Em desdenhosas terras forasteiras.

Oh desdouros da Patria! oh inimigos
 Da lingua em que nascesteis, vos criasteis,
 Da lingua a quem deveis todos os lucros
 Do saber, do talento, e ingenho vosso!
 E esquécê-la podesteis? despezá-la?
 Negar-lhe o fóro dos caudáes estudos?
 Quem sabe se esse immérito descuido
 Dos bons, que afformosárão vosso idioma,
 Se esse cultivo de estrangeira phrasc
 Não foi a lança máis aguda e fórté
 Que lhe abrio as feridas mais profundas?

(1) Aqui vão *labios* como na outra forão *beijos*.

(2) Mas el que fuere planta noble, ave real, ingenio peregrino, no solo deve occuparse en illustrar con algunos escritos el habla natural, sino que le toca con todo rigor llenarla; y enriquezerla incessablemente de joyas, ornamentos, policias y elegancias, osando abrir a los que le succedieren los caminos mas difíciles. — D. Crisoyal Suares de Figueroa, nel Passagero.

Talvez, se não cessasseis de alinhá-la,
 De a alimentar com vosso estudo e lida,
 Seria inda hõje aquélla, que com tanto
 Brado se fez no mundo honrada e altiva (1).

Outro infortunio prolongou funésto
 Nas Lusitanas letras, o prolixo
 Marte, que supportámos corajosos
 Em nossos braços, por manter no augusto
 Solio o recém-subido Soberano
 Contra as rapaces mãos usurpadoras,
 Que, annos sessenta, nas espádoas curvas
 Do ferreo scéptro o conto nos calcárão.

O alvoroto, e o tumulto, que consigo
 Trazem bronzeos canhões, roucas bombardas
 Mal convêm c'o remanso de Minerva,
 Co'a amena calma das pousadas Musas.
 Os que Apóllo influio, por Marte o deixão,
 Depõem os livros, os broquéis embração;
 E em lugar dos accents numerosos,
 Com que inclytas ideias se revéstem,
 Só tem o agudo ouvir abérto *á l'arma*,
 Só tem do irado olhar cravado o lume
 Na ardente balla, ou carniceira brécha.

Quem não vê pois, que em quadras tão esquivas,
 A Lyra emmudecco, parou a pluma,

(1) Sinto a cada passo quanto este arrazoado é longo; mas desculpem-me, que foi tão violenta a destemperança metrificante, e tão aturada a cólica da imaginação, que não havia ali pannos quentes que a mitigassem.

Emnagreceo a lingua , que se nutre
 De Ocio de Vates , de Ocio de Oradores ,
 Que alti-loquos resoão ? No sanctuario
 Das Lettras puro , e até então guardado ,
 (Nessa hora de ataláias desprovido)
 Pelas portas lhe entrou mal-agourada
 A Ignorancia ladeada da catérva
 Dos erros , das malélicas doutrinas.
 As mãos se dérão sempre pelo mundo
 Esses dous feios brutos tragadores
 Do Ingenho , e do primor das boas Artes.

Vêde a Grecia , soberbo monumento
 Da arrojada solérte (1) humanidade ,
 Milagres da arte , a cada passo erguendo
 Ante os ólhos attentos do Universo ;
 Profundos meditando , disferindo
 Modélos do saber Sublime e nóbre ,
 Tão eloquente , quão limado e terso ;
 Hoje esquecida Grécia , hoje ignorante ,
 Hoje bruta , de bruto dono escrava.

Tu podéste , Ignorancia mal-querente ,
 De torpes Dogmas sempre bem provida ,
 Destruir as seáras das sciencias
 Com tal suor plantadas e floridas !

Assim foi descuidada , e embrutecida
 A nossa lingua illustre. Os Portuguezes
 Co' a pertinaz tormenta desgarrados
 Da bem-assinallada antiga esteira ,
 Perdêrão o bom tino ao saber puro ,

(1) *Solers nunc hominem ponere , nunc Deum.*

HORAT. Lib. 4 Od. 8.

Que em éras de Camões, éras de Barros
Grangeado tinham nos Lycêos da Europa. (1)

Nós hoje, se prezâmos levantar-nos
Ao gráo de gloria a que eramos subidos,
Trilhemos senda que ampla nos abrição.
Nossos Maióres no apurar do Ingenho.
Elles da Grêga lingua, e da Latina (2)
Tomarão cabedáes, com que adornarão
De garbo e de melindre a Lusa falla,
Lusa escripta. (Brazão d'essa éra augusta,
Que nos deo nome em toda a redoudeza,
E o brado inda resôa!) A Lusa falla,

(1) O modo de aperfeiçoar a lingua Materna é enxertando nella o precioso das outras. Temos o exemplo antigo da lingua Romana, que se fez abastada co' as riquezas que tirou da Grêga; e d'esta conta Xenophonte que d'entre os proveitos, e ventagens que da força maritima tiravão os Athenienses, era um, e grande, o de ouvirem fallar toda a casta de linguas, e tomarem d'esta uma phrase, d'aquella um termo enérgico, etc. etc. de sorte, que em quanto o restante dos Grêgos conservarão o seu peculiar idioma. . . . os Athenienses, do que mais apurado virão entre Grêgos e entre barbaros, compozérão uma lingua *farta e suave* pela acertada mistura. E ora se a lingua Grêga, a mais bella das linguas Européas, a mais louvada dos Romanos, senhores do mundo, se enriquecia com o trato e commercio de outras; quanta riqueza não requér que a lingua Lusa tire da Grêga e da Latina, e ainda de outras, assinalando-as com o seu cunho, e dando-lhes Carta e Provisão de naturalizadas!

(2) Sendo pois a lingua Portugueza, na origem Latina, reformada muitas vezes, e ampliada de vocabulos latinos de que careciamos, por a corrupção que os Gódos nella fizérão, sem nenhum pejo, e com muita honra nossa, nos devemos aproveitar d'ella, como filhos, que dos bens patérnos se ajudam. — Duarte Nunes de Leão, na sua Descripção de Portugal.

Que hoje é mófa e baldão de Peralvilhos,
 Que ensóssos paixão por estranhas linguas (1)
 Minguados na Matérna a quem desdenhão,
 Por que inda aptos não são para invejá-la.
 Ridiculos (2) que tentão pôr eschóla
 D'uma lingua meitada (3) de hervilhaca
 Mal collida em máo signo, chócha e mócha,
 Que tráva na garganta do Critério!
 Fogem da lingua sã, chamão-lhe antiga;
 (Antigo é o comer, e todos o usão!)
 E vão dar de malhão n'um neologismo
 Sem-sabor, mal fundado, e mal acceito. (4)

Protésto que, mal-grado, sou prolixo;
 Que me enfadão tão longos razoados
 Sobre assumpto tão fraco e tão miúdo:
 Mas a tanto chegou nossa pobreza,
 Pelo descuido de uns, bruteza de outros,
 Que não sentimos só mingua; — Penuria
 De Autores, que das Artes, das Sciencias
 Nos abrão o riquissimo sacrario;
 Se não que disputamos Escholares
 Sobre idades de vózes. Oh miséria
 Do ingenho! Oh torpe negligencia

(1) *Vid.* Prologo da Vida de D. João de Castro.

(2) — — — *Laqueo tenet ambitiosi
 Consuetudo mali, tenet insanabile multos
 Scribendi cacoethes, et ægro in corde senescit.*

JUVENAL. Satyr. 7.

(3) Camões. Carta I.

(4) *Dum vitant stulti vitia; in contracia currunt.*

HORAT. Lib. 1. Satyr. 2.

Dos homens, a quem cábe o alto dominio
 No reino das palavras eloquentes !
 Vates sublimes, nóbres Oradores,
 Dai rios perennáes de alta loquela ;
 Enlevai, persuadi, dai pasmo e assombro ;
 Trõem na altiva bôcca os sons ousados ; (1)
 Ou melliflua mane a melodia
 Do Canto, que enfeitça o entendimento ;
 Ponde sómente o fito na energia
 Das côres com que dáes luz ao conceito ;
 Que essas côres ja nóvas, ora antigas
 Abastarão a lingua. E esses que ouvem,
 Esses que têm o arrojo das palavras,
 Encantados do altivo das idéias,
 Dos accesos matizes da pintura,
 Não irão indagar se vem de Barros,
 Se de Horacio, de Cicero, ou Vieyra,
 A voz que lhes deo na alma o nóbre abalo.
 Perde-se a côr de Chumbo, a de Junquillo
 Quando o pincél as méscela na palhêta ;
 E só no quadro avulta a similhaça
 Que illude, e representa vivo o objecto,
 Que a Natureza amostra, e que a Arte esconde.

E vós ainda disputáes ferrenhos
 Se havemos de fallar como os Peraltas ;
 Se *affroso*, *rango*, *populácea*, *egidio*
 Dévem ter entre nós assento e posse,
 Ou se havemos de pôr em extermínio
Quiçá, *máo-grado*, *asinha*, *outróra*, *avante* !
 Eis-nos pois deparados neste ensejo,

(1) Arrebatão-me as elevadas expressões dos Canticos da

Como esses Aldeões, que ainda esquivos
 De possuir herdades, nem cóurélas,
 Que com Baccho, e com Céres lhes acudão,
 Altercassem vermelhos e afinados
 Sobre o gume de foices e podôas.
 Tanto devêmos a rançósos Bonzos,
 A Académicos Naires campanudos,
 A mulheres perluxas sabichonas,
 A besuntados fátuos francesiztas!

Loucos que o tempo espediçães sem fructo,
 Em descompor da lingua o mólde e a graça;
 Cançai-vos antes em lavrar os campos
 Da Clássica abastança, achareis barras
 De ouro máis puro e ricco, que esse cóbre
 Que baixos gandaiães em sujos regos.

Parvos! que enxovalhando com posturas (2)

O formoso carão da pátria lingua;

Biblia, que excédem quanta humana poesia hoje se admira. Que gosto fôra o meu, se os bons Poétas se lançassem a imitá-la? E que alterosa não blazonaria a lingua, que máis cabedal d'essas affoutas, e levantadas expressões enthesourasse!

Deixemos certas almas acanhadinhas estremunharem-se de ouvir dizer a um dos máis sublimes Vates que o Mundo vio:

« Em sangue embriagarei as minhas sétas;

« Carnes tem de tragar a minha espada.

Contentar-nos-hemos com lhes dizer que o Vate foi Moysés, e que foi Deos, quem na bôcca lhe inflamou as duas phrases; e que essa feliz affouteza é o que os Poétas de alto bôrdo chamão.

Stallar da pédra do sublime Ingenho

Versos FERINDO FOGO.

(2) Atque eò citius in Oratoris aut Poetæ concinnis ac fucò offenditur, quod sensus in nimia voluptate, natura, non mente

(Formoso, inda que antigo, qual a Venus
 De Médicis, antiga, e sempre bella)
 Cuidáes, que hão remoçá-la esses rebiques?
 Co'a demão que lhe dáes mui presumidos
 Lhe estragáes as feições; — Tiráes-lhe a grave
 Majestade, — e não sei que brando termo,
 Que inda em annos crescidos bem parece.
 De mim confesso, que em a vêr garrida
 C'os besuntos, co'as sôltas maravilhas,
 Com que dessimilháes seu nóbre vulto,
 De riso estouro (1), ou desadóro de ira.

Chasqueêmos um pouco, Amigo Brito,
 De cértos doutoraços puritanos,
 Que em versos de altas Odes, em Poemas
 Se enfastião de achar vozes compóstas,
 Abonadas por Tullio, (2) e por Horacio. (3)
 Não são dignos que os zombem, que os apupem?

Que enfeite e gála não recebe a liugua,
 Quando são por mão sábia collocadas
 Compóstas, que nos fórrão largas prosas! (4)
 E que dão novidade, e dão deleite

satiantur; in scriptis et in dictis, non aurium solum, sed animi
 judicio etiam magis infucata vitia noscuntur.

Cicer. 3. de Orator.

Sendo a nossa lingua de bom metal lhe mesclárão tanta liga,
 que perde muito de seus quilates.

Côrte na Aldéa. Dial. 9.

(1) Tunc veniant risus.

OVID.

(2) Cicer. de Orator.

(3) Horat. de Arte. Egrediè dixeris, etc. etc.

(4) Cette *composition* servait à abrèger et à faciliter la magni-
 ficence dans les vers.

FÉNÉLON, *Lettre sur l'Eloquence.*

A quem lhes sabe dar o preço e estima !
 Tão pécco é o Camões , quando descreve
 Do *stellifero pólo* os moradores ,
 E a *belligera* gente ? É despiciendo
 O Garção , o Diniz , quando com duas
 Já conhecidas vozes compõem uma ,
 Imitando o Camões , e antigos Vates ?
 Que bem pintou Alfeno , Alumno d'estes ,
 O carro , que briosos vão tirando
 Os *auri-verdes* , *bi-pedes* cavallos !

Lêde (1) (que é tempo !) os Clássicos honrados
 Herdai seus bens , herdai essas conquistas ,
 Que em Reinos dos Romanos , e dos Grêgos
 Com indefesso estudo conseguirão ;
 Vereis então que garbo , que facundia
 Orna o verso gentil , quando sem elles
 É delambido e pécco o póbree verso. (2)

Os scriptores , que dizem pouco em muito folgão de circum-
 locuções. Eu que sou preguiçoso de escrever , quizerá (se cou-
 bésse no meu fraco talento) que cada palavra encerrasse um
 periodo. Assim quanta mais escriptura forrar pôsso , máis mão
 lanço de termos comprehensivos de ampla significação ; mo-
 dernos , antigos , latinos , estrangeiros , tudo entra no sacco ,
 tudo me faz conta , lógo que sejam curtos , expressivos e sonóros.
 Os que não forem d'esse gosto , lá tem os gordos volumações de
 Damião Antonio , onde nadem em mares de palavrório , com
 vagas sesquipedaes.

(1) — — — Cui lecta potenter erit res
 Nec facundia deseret hunc , nec lucidus ordo.

HORAT. de Art.

(2) Similiter illa translucida et versicolor quorundam eloquutio

Lêde ; que é gran cegucira esse descuido ,
 (Antes bruteza !) Mal se ganha o premio
 Do alto saber , sem improba fadiga. (1)
 O meditado estudo áço é , que rijo
 Férc do nosso ingenho a aguda escarpa ; (2)
 E os pensamentos de subtil arrojô
 Faíscas são brilhantes , que resaltão
 Do batido fuzíl apporfiado.

Se ousamos escrever , d'estas centelhas
 Ordenadas com próvido artificio ,
 Se compõe formosissimo luzeiro ,
 Ou astro , que nos rudes ólhos fére
 Do vulgo , e que a prudentes muito agrada.

Como pois esperáes compôr luzeiros ,
 Se os bons não estudáes , se da memoria
 Os cóffres não proveis com abastadas
 Joias , que os livros bons doar sós pódem !

Elles dão , co'a louçãa valente phrase ,
 Preço á sentença abérta e pura ,
 E ao subtil quadro da ficção ditosa

res ipsas effeminat quæ eorum habitu vestiuntur. Caram ego
 verborum, rerum volo esse sollicitudinem.

QUINTILIAN. lib. 8. in præmio.

Nec magis curant, quid poscat oratio, ut naturali pulchritu-
 dine exurgat, castitate niteat, succi et sanguinis plena sit,
 habeatque vim et suavitatem specie nobilissimæ
 libertatis ad exemplum veterum corpus orationis accurate ador-
 nare, habituque eleganti convestire.

WALCHII, hist. critic. in præfat.

(1) — — — Nil sine magno
 Vita labore dedit mortalibus.

HORAT. Lib. Satyr. 9.

(2) Non enim solùm acuenda nobis, neque procudenda lingua

Dão a côr, dão a luz com que realça.

O verdadeiro tóque, que arduo abona
A força, a veia do Escriptor prestante
É quando entórna (como em prompto vaso,)
Com succo, e com calor, na alma do ouvinte
Inteiro o nectar das idéias suas,
Tão suave, e no gosto tão activo,
Como elle o preparou no alto conceito;
Tal, que ao Leitor colóre e embêba a mente;
Tão funda e viva qual no Autor nascêra.
Saber dar tal activo, dar tács côres
Fez claros os Virgílios; engeitá-lo,
Não poder concebê-lo faz raucosos,
Faz Pinas, faz Poétas deslavados (1).

Contigo mais que nunca fallo agora,
Alumno, (2) que pretendes scr das Musas
Estremado, e querido : o altivo assento
Pérto de Horacio, pérto de Virgilio

est, sed onerandum, complendumque pectus maximarum reram
et plurimarum suavitate, copiâ, varietate.

Cicer. 3. de Orator.

(1) Cela est clair, cela est bien rimé cela ne laisse
pas d'être le plus plat du monde. — Dizia Boileau a quem lhe
mostrava versinhos dextraxabidos e triviaes como versinhos de
N. de N. etc. etc. etc.

Mémoires d'Artigny, page 304.

Nul Poète ne doit prétendre à un rang brillant et solide sur
le Parnasse avec une poésie faible et traïnante, dépourvue
d'images et de coloris.

Siècle Littéraire.

(2) — — Feliciter aude

— — — Proxima Phœbi.

Versibus ille facit. — VIRGIL. *Eclog. 7.*

Só aguarda o Pintor (1) que em fiél quadro
Da Natureza as lidas affigura,
E as bellezas lhes pinta em vivo verso;
Ou que do homem moral (2) debuxa ardente
As luctantes Paixões, Virtudes, Vicios,
Assômos da alma em solidão, em turba.

Contempla, que nasceo o homem sujeito
A muitos éstos revoltosos, tórvos;

(1) Sicut pictura poesis.

(2) Lo stile ch'io chiamo *imaginoso* é quello, in cui la maggior parte delle parole depingono una qualche imagine alla mente del lettore. Virgilio più d'ogni altro Poeta possiede questo stile pittoresco. Riporterò dunque in maggior numero degli essempli tolti da lui.

— — Telamque imbellè sine ictu
Conjecit, rauco quod protinus ære repulsum
Extremo clypei nequicquam umbone pependit.
— — Validis ingentem viribus hastam

In latus inque feri curvam compagibus alvum
Contorsit. Stetit illa tremens, utroque recussæ
Insonuere cavæ, gemitumque dedere cavernæ.

— — Ponto nox incubat atra,
Intonuere poli, crebris micat ignibus æther.

Insequitur cumulo præruptus aquæ mons.

— — Furor impius intra
Scæva sedens super arma et centum vinctus ahœnis
Post tergum nodis fremit horridus ore cruento.

Ter sese attollens cubitoque adnixa levavit
Ter revoluta toro est, oculisque errantibus alto
Quæsiuit cœlo lucem, ingemuitque repertâ.

Que ora a Cubiça , outróra a Mágoa o vence ;
Que este confia , aquelle desespéra.
A Alegria ao mancebo instiga a dansas :
O deleite requébra o rosto ameno
De quem do amado Bem logrou o agrado.

Ecco degli esempi di questo estilo colorito presi da **Orazio**.

Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos equitumque vultus , etc. etc.

— — Hinc tibi copia
Manabit ad plenum benigno
Ruris honorum opulenta cornu,

Obliquo laborat
Lympha fugax trepidare rivo.

Scimus ut impios
Titanas , immanemque turbam
Fulmine sustulerit caduco , etc. etc. etc.

Eccone del Tasso.

Sebben Felmo percosso in tuon di squilla
Rimbomba orribilmente , arde e favilla.

In gran tempesta di pensieri ondeggia.

Treman le spaziose atre caverne ,
E l'aer cieco a quel rumor rimbomba.

E di Camões (si facciano justi Elogi a tutte le nazioni.)

Pelas lizas columnas lhe trepavão
Desejos que como héra se enrolavão.

Cheios de terra e crespos os cabellos ,
A bocca negra , os dentes amaréllos.

Qual vermelhas as armas faz de brancas ,

A triste dôr quebranta o vivo lume
No esmorecido olhar. Quando um prospêra,
Outro cáhe da róda derribado:
Um períga, quando outro em salva praia

Qual d'os pennachos do elmo açouta as ancas.
Os furiosos ventos repousavão
Pelos oucos sertões, ermas ruinas.

E per la tragedia eccone alcuni esempi di Seneca.

Mihi gelidus horror ac tremor somnum excutit.
Oculosque nunc huc pavida, nunc illuc ferens
Oblita nati, misera quæsi Hectorem;
Fallax per ipsos umbra complexus abit. . . .

En alta muri decora congesti jacent
Tectis adustis, regiam flammæ ambiunt;
Diripitur ardens Troja, nec Cœlum patet
Undante fumo: nube ceu densâ obsitus
Ater favillâ squallet Iliacâ dies.

Tanti esempi ho creduto dover transcrivere affinché più sensibile si renda questo imaginoso nell'espressione poetica, il quale dipinge narrando, e cagiona negli alunni delle Muse un infiammato desiderio d'imitazione. Questo stile presenta continuamente alla fantasia oggetti nuovi e pellegrine bellezze, e mette in bocca ai personaggi l'eloquenza propria all'esser loro, al loro carattere, alle loro passioni. — Senza questo stile, la tragedia, come ogni alto poema, riesce languida, e per così dire, dilavata: sia pure bien disegnata, tratteggiata, disposta; ella non apparisce che un puro disegno, che, per quanto eccellentemente, ed esattamente delineato sia, mancando dell'attrattiva del colorito, non produrrà mai l'ammirazione, il piacere, l'incanto d'un quadro di Tiziano, o di Paolo Veronese.

Córre affouto a abraçar-se co'a columna
 De Segurança, Almeno sente as púas
 Do rigor , do desdêm da sua Phyllis
 Espinhar-lhe as entranhas dolorosas ;
 Em quanto Elio assustado acanha os membros ,
 E todo se encolhêra n'uma cifra ,
 Por esconder-se ao malféitor phantasma ,
 Que elle a si proprio ergueo na civada mente.
 Jaz estirado em tormentoso equuleo ,
 Quebrado a tratos do Odio e da Vingança
 Esse altivo , que um gosto , uma palavra

I versi d'una tal tragedia , benchè eleganti e pensierosi , non saranno che una prosa consegnata in linee di undeci sillabe. Non potranno mai destare negli animi il trasporto, il rapimento che vi desta la colorita imaginosa Poesia : e la tragedia in prosa è un meschino ritrovato del nostro povero secolo.

Ranieri Calsabigi.

Faire passer ses idées ou ses sentimens dans l'ame de ceux qui nous entendent , tel est en deux mots le seul objet raisonnable que puisse se proposer un discours en vers aussi bien qu'en prose. Mais la marche de l'Orateur est plus uniforme et plus mesurée , parce qu'elle est plus communément dirigée vers l'esprit et le jugement. Celle du Poëte , presque toujours tournée du côté de l'imagination et du cœur , doit être plus franche et plus hardie , parce que ses mouvemens aussi momentanés que rapides ne sont susceptibles ni de se combiner ni de se soutenir comme les perceptions de l'esprit et les raisonnemens du jugement. Aussi lui est-il permis d'employer toute sorte de ressorts pour ébranler. — La Nature entière est sous ses mains pour fournir des secours ; et si la terre ne lui présente point des armes victorieuses , il faut qu'il enfante des prodiges et des miracles ; qu'il cherche et qu'il trouve au ciel ou dans les enfers tous les prestiges dont il a besoin pour éblouir , émouvoir , épouvanter , séduire. L'Ode surtout plus que tous les autres genres de Poésie noble se préparant une carrière plus courte , doit aussi la fournir avec plus

Mal-julgada accendeo em chammias de ira.

Cuidas que não tem sempre a Mente abertas
As pórtas ao tropél das infinitas
Variadas pinturas , ou chymeras
Que indefessa a Imaginação lhe arrója ?

O colorído da fileira immensa
De quadros que offerece nesses homens
O nascimento , a compleição , a plana ,
As compañías , hábitos , usanças ,
São exercicio , são libérta alçada
Do pincél dos Poétas , a quem coube
Abranger c'os seus braços alcutados
Quanta apparencia ostenta este Universo ,
E o que a noss' alma no seu peito encérra.

Vê se ha li lingua tão valente e ricca ,
Que acuda com palavras ajustadas
A' descripção , clareza , e louçania
De que um Vate carêcc , quando as pinta.
Sejão pois teus estudos e ousadias

de chaleur et de vitesse. Tous les poèmes héroïques doivent marcher à pas de géant ; il faut que l'Ode vole ; sa trace doit être insensible ; elle ne s'appuye que pour s'élancer ; c'est entre le ciel et la terre que sa route est marquée par les Muses. Toute chute est impardonnable ; et s'il ne lui est pas possible de se soutenir constamment à la même hauteur , il faut que sa descente soit pareille au vol d'un oiseau qui s'abaïsse un instant pour reprendre aussitôt un élan plus rapide et plus élevé.

Vauvilliers , *Essai sur Pindare*.

Le genre lyrique veut être grand , riche , sublime , hardi ; il demande des tours singuliers , des élans , des traits de feu , des écarts. Il ne veut point d'ordre sensible ; il évite les détails trop analysés , les généralités scientifiques , les subtilités ; il lui faut des objets qu'on voye , qu'on touche , qui se remuent.

— *Batteux, Princip. de Littérat. tome 3. page 293.*

Enriquecer a lingua , que te vália
 Quando avivas com rasgos eloquentes
 Quanto na alma arrojado debuxaste.
 Allí estanca a força , abarca os meios
 Da dar valia ás vis , ennobrecendo-as
 C'o lugar em que as pões : (lidado emprego !)
 Tecer , co' as de bom uso , na urdidura ,
 Reclamadas antigas ; com bons laços
 Duas encadear que uma componhão ;
 Forjar nóvas , enérgicas , sonóras ,
 Com que agrades , te louvem e te admirem :
 Sejas vergél , jardim , com fructos , flores ,
 Estas vistosas , succulentos êsses ,
 Com que brindes , contentes gôsto e vista
 Dos que cheguem a vêr o teu cultivo.

Lançado a pontapés sáia das faldas
 De bifido Parnasso o Vate aguádo
 A quem fastío dão caudáes correntes
 Do sublime discurso. Ande acanhado
 Esgravatando em bréjos de pedantes
 Os termos com que escreva , e com que enóje.

Quem ao douto Diniz , Méstre atilado
 No mistér de compor em prósa ou verso ,
 Vedou téqui (com visos de tyrauno)
 Empregar a seu gosto a phrase nóbre
 A enérgica palavra antiga , ou nóva ,
 Collida com sagaz utilidade
 No cgregio prosador , audaz Poéta ,
 Ou inventada com feliz estudo ?
 Quem lhe impedir de ser senhor da lingua
 De poder mencâ-la , como queira ,
 Póde ao Pintor tolhêr , que mescle as côres ,

Que no panno as estenda a seu arbitrio.
 Que homem tégóra ousou arguir Vicyra, (1)
 Luso Apélles, de ter ennobrecido
 D'um modérno painél a formosura
 Co'as ruínas d'um Templo, d'um Colosso,
 C'os derrocados arcos d'um Triumpho?

Que homem ha hi tão bronco em nossa historia,
 Que ignore pêrdas que custou á lingua
 O reinado da insipida Ignorancia!
 Esse stúpido Monstro as fuscas azas
 Despregou, e cobrio co'ellas o Reino!
 Tapou o sól, poz noite nos Ingenhos,
 Bafejou anagrammas, forçou glósas, (2)
 Inçou de oucos conceitos predicaveis
 Os púlpitos, e as aulas de sophismas;
 E degradou a lingua de nobreza,
 Despindo-a de affouteza, e bizarría.

Que carêce que emprendão esse que hoje
 Quizérem remontâ-la á antiga plana,
 Repô-la em seu solar autorisado,
 Restituir-lhe os bens, que lhe escorcharão?
 Se os Clássicos (da enleada algaravia
 Que ella era, antes da nossa éra de Augusto) (3)
 Com porfiado fito aparelharão

(1) Célebre Pintor Portuguez.

(2) A cuja vista as Musas espantadas,
 Largando os instrumentos se escondêrão
 Longo tempo nas grutas do Parnasso.

Hyssop. Cant. 1.

(3) Feliz reinado de D. Manoel.

Lingua para os Lusíadas, e Castro :
 Assim vós da mestiça gerigonça
 D'esses baforinheiros francezistas ,
 Assim vós , que punís pela pureza
 Do matérno vulgar , com grão disvello
 Qual trigo joeirai , o que inda resta
 De nativa e sîngela , e pura falla
 Do ataroucado joio campanudo
 De gente em solidéo ; de gente em côche.

Abra-se a antiga veneranda fonte
 Dos genuínos Clássicos , e soltem-se
 As correntes da antiga sã linguagem.
 Rompão-sc as minas Grêgas e Latinas ;
 (Não cêso de o dizer , porque é urgente)
 Cavêmos a facundia , que abasteça
 Nossa prósa eloquente , e culto verso.

Sacudâmos das fallas , dos escriptos
 Toda a phrase estrangcira , e frandulagem
 D'essa tinha , que comichôna affeia
 O gésto airoso do idioma Luso.

Quero dar , que em Francez hajão formosas
 Expressões , curtas phrases elegantes ;
 Mas índoles diff'rentes tem as linguas ;
 Nem toda a phrase em toda a lingua ajusta.
 Ponde um bello nariz , alvo de néve ,
 N'uma formosa cára trigueirinha ;
 (Trigueiras ha , que ás louras se ayantajão)
 O nariz alvo no morçno rosto ,
 Tanto não é belleza , que é defeito.

Nunca nariz Francez na Lusa cára ,
 Que é filha da Latina ; e só Latinas .

Feições lhe quádrão. São feições parentas. (1)
 Se nativo não é, não e singélo,
 Quanto pôes nesse rosto, esses besuntos,
 São mascárras, são lôdo immundo. Oh Vates,
 Não fique uma só nódoa em nosso idioma
 D'esse lôdo, que o enxovalhou tégora.

Ora pois que esses guápos modernistas
 Tudo achão no Francez; e quem tal crêra!
 Até a lingua Lusa em Francez achão;
 E riem c'um riso parvo dos que affaão
 Por beberem nos Clássicos a phrase
 Constante e pura; e revocarem
 As antigas palayras que nos faltão
 Para clareza, adorno, ou brevidade;
 E degradar da lingua essa matúla
 De termos franduleiros, que os patólas
 Querem nella metter á queima-roupã:
 E pois que esse Francez tanto nos gabão
 De ricco, e bello, e de apto para tudo,
 Quéro de Autor Francez (1) acreditado
 Por litterato Crítico profundo,
 Citar em termos *ibi* a mesma urgencia
 De restaurar á lingua antigas vózes
 E phrases obsolétas. — Tendo ditto
 Que a lingua é acanhada, porque a apurão,
 Ou cuidão apurá-la, cerceando-lhe

(1) Fallando um muito judicioso, e mui conhecido Autor Francez das linguas modernas da Europa, diz que a menos barbara dellas será sempre a que máis se apparentar com a Latina, adoçando-se e ennobrecendo-se com as vózes que tirar della. As provas são bem claras na lingua Italiana, Hespanhola e Portugueza.

(2) Dacier. *Préface de Plutarque.*

Energia de termos, que já fôrão

Caro grangeio de seus bons Maiores ;

Continúa dizendo : « Bem devêrão

» Revocar antes do desuso as vózes

» Que lá mandára insipido melindre ;

» Mórmente hoje que tanto tem medrado

» Em todo o estudo a seára das idéias.

» Que escassez deploravel (logo exclamá)

» Ver sempre a locução máis baixa e ténue

» Que o conceito , de que ella é o retrato !

» E a lingua , que é o buril do pensamento ,

» Ser frouxa , ou ser rebélde á mão do Mésire ,

» Que quer assinalar valentes rasgos ,

» E assemelhar a estampa co' a figura !

» Bem sérvê a lingua , a quem os hombros nêtte

» Contra os que se dão manha a empobrocê-la ,

» Lidando em empolgar certas mánciras

» De fallar naturács , de que os Antigos

» Usarão , (1) e só tem em seu desvío ,

» Um senão que lhe argüem , sem dar próvas. »

Que dizeis d'um Francez , meus francezistas ,

Que vos dá tal sopápo na bochécha !

Não ha que retrucar ; baixai a tromba :

Senão — cito (2) outros mil , dado que eu crêra

(1) E é tão cértó , que inda hoje que os Francezes tem a traducção de Plutarcho feita por este Dacier ; que modernamente tem outra do Abbade Ricard , lêem ainda os sabios com prazer a antiquíssima traducção de Jacques Amyot , que vivia na éra de Francisco I.º Rei de França. D'elle diz o egregio Racine , que a sua traducção em seu stylo antigo tem uma tal graça , que elle imagina , ser impossivel , que a iguaem na lingua Franceza , que agora se usa.

(2) Dans cette langue embarrassée d'articles, dépourvue d'in-

Que este só vos derruba , e tãpa a bôcca.

Se por força de fado , ou por penuria
 Forçados somos a exprimer dos livros
 Francezes o alimento das sciencias ;
 Se como na paléstra empoeirada
 Vamos lutar centra a Ignorancia brutã
 No gymnasio Francez , tomêmos o uso
 Dos antigos Athlétas , que ao sahirem
 Do pugilato , ou férvida carreira ,
 A poeira dos fatos sacudião ,
 E banhando-se em liquidas correntes
 Do Illisso (1) (que , allí péрто , com sereno
 Passeio alégra studiosas margens)
 Os córpos asseivãõ diligentes.

Assim vi sempre o litteratò Erilo ,
 Depois de revolver Francez volume ,
 Desempoar-se da estrangeira phrase
 Co' espanador de Barros , ou Vieyra.

Abérta a lice está , bons Oradores ,
 Franco o stadio — correi , sublimes Vates.
 Inventai , adoptai proprios , Látinos ;
 Ressuscitai enérgicas , sonóras ,
 As antigas palavras venerandas ,
 Que esvaneção toda essa bastardia

versions , pauvre en termes poétiques , stérile en tours hardis
 asservie à l'éternelle monotonie de la rime , et manquant pourtant
 de rimes dans les sujets nobles.

VOLTAIRE. *Discours aux Velches.*

(1) Rio que corria péрто do Gymnasio Atheniense.

De que nos inção frívolos tarécos.
 Tal, no côrro, se vê, quando cobérto
 C'um gafo borborialho de garôtos,
 Vem mui sizuda a Guarda, em duas filas;
 Encára co'a Real tribuna, e lógo
 Dobra á direita, á esquerda, pelos lados
 Vai varrendo a matúla, e rebauhada
 A impõe fóra dos festiváes palanques.

De termos já sabidos formai novos (1)
 (Força é que eu vo-lo diga, e que o re-diga)
 Juntando-os com primor em laço estreito,
 E sereis de bons Mestres approvados.
 Que tres (2) conheço eu, que estas véredas
 Por unicas apontão a quem busca
 No Circo da Eloquência esnobrecer-se,
 Ou com bons versos d'eleitar o ouvido
 De amadores de Horacio e de Virgilio.

Com vosco a máis me arrójo, ousados Vates,
 A quem máis francas pórtas abre Apollo; (3)

(1) *Reddiderit junctura novum*— HORAT. *de Art.*

(2) Cicer. Horat. Quintilian.

(3) *Faecunda licentia Vatum*.— OVID.

*Sed Vatem egregium, cui non sit publica vena,
 Qui nihil expositum soleat deducere, nec qui
 Communi feriat carmen triviale moneta.*

Juvenal. Satyr. 7.

Pódem-me accusar (e talvez com bem razão) de serem longas de sobejo, e de serem muito amontoadas as notas desta Carta. Mas peço-lhes que me perdõem: e certo estou que o farão, logo que considerem, que estou vélho e póbre, e por conseguinte solitario e triste; que não tenho amigos que me divirtão, nem posses para ir a theatros, ou jogar nas assembléas; que todo o tempo emprégo em ler quatro alfarrabios, que comprei

Vós, que a mais broncas pedregosas brenhas .
 Deveis subir; por mais emmaranhadas
 Sélvas deveis romper até ao cume .
 Do difficil Parnasso. A vós só cabe
 Penetrar nos reconditos archivos,
 Revolver, pôr de parte, e tirar fóra
 Com largo privilegio ousados termos
 A nenhuns Oradores outorgados,
 Termos, por temerarios, mais felizes. (1)

a vintem, e os mais caros a tostão; e se não leio, escrevo; e só d'esse modo me posso forrar de enojos e enfadamentos da solidão. Um Amigo unico que aqui tenho A. M. de Curnien ri ás vezes d'estes meus destemperos poéticos, e essa é a unica consolação da minha mesquinha vida. Se lá pela affortunada Elysia ha algum desconsolado como eu, talvez que me desculpe e diga consigo, *solatium est miseris*.

Far-vos-hia compaixão ver um véelho de 65 annos, que algum dia viveo abastado, e estimado de seus conterraneos (e conterraneas) desvalido e só, vivendo em Paris, como n'um descampado, embrulhado no manto da pobreza, e diante d'elle, e pelos lados os Cuidados da vida, o tráfego da casa, as lembranças do passado, e mais que tudo a sêcca Melancholia, estendend'o a cada instante os braços para o apertar nelles, e o levar de rastos, até aos umbráes do passamento. Então verieis se é pequena lida a minha a de lutar de continuo com tantos inimigos, sem me poder valer de outra arma, que da penna, para arredar de mim toda essa catêrva de enfadonhas harpias. Assim direi com Horacio, e com Cicero :

Prætulerim scriptor delirus inersque videri,
 Dum mea delectent mala me, vel denique fallant.

HORAT. Lib. 2. Epist. 2.

Etenim si delectamur cum scribimus, quis est tam invidus
 qui ab eo nos abducat!

Cicer. de finib Lib. 1º.

(1) E mui felizes! Que essa affouteza nas phrases é nas pala-

Que , quando exerce um Orador o ingenho
 Sobre a vida civil , e sobre assumptos
 A que ella já cunhou corrente nome ,
 Tu , Poéta sublime , a quem descobre
 Ampla Imaginação aventurada
 Nóvos mundos de objectos extra-alcance
 D'algum sentido humano o máis álerta ,
 Te arrójas (que é forçoso) (1) Adão moderno
 A dar , a nóvas cousas , nomes nóvos.
 E os que a atalhar se atrévem com barreiras
 Do teu ousar o arrebatado curso ,
 Não são Vates , nem Vates folheirão. (2)

Nóva contende ser no stylo e phrase
 A pompa das palavras e sentenças , (3)
 Se é novo quanto o Vate charo aos Numes
 Da mente divinal descarta aos homens.
 Nunca soube fallar , escrever nunca , (4)

vras (quando bem regrada por são entendimento) é quem dá
 todo o garbo , todo o brilho ao pensamento. Vede-o bem no
 elogio que Quintiliano faz ao Venusino : *Variisque verbis et
 figuris felicissime audax.*

(1) Si forte necesse est

Indiciis monstrare recentibus abdita rerum.

HORAT. *de Arte.*

(2) La Poésie est la musique des âmes nobles.

Pour aimer les beautés de l'imagination , il faut avoir de
 l'imagination : La Mothe , qui en avait peu , s'ennuyait à la lec-
 ture de l'Iliade ; et l'abbé Trublet , qui n'en avait point , ne
 pouvait lire deux Chants de suite de la Henriade. VOLT.

(3) Quid est enim tam furiosum , quam verborum vel opti-
 morum atque ornatissimorum sonitus inanis , nulla subjecta
 servientia nec scientia. --- *Cicer. 1 de Orator.*

(4) Que les images soient un agrément nécessaire dans un
 discours d'éloquence ou de poésie , cela est indubitable. Elles

Em nóbre phrase , nem co' a altiva idéia
 Descortinou paizes inda occultos ,
 Campos de esmalte , Torres , e Palacios
 De estranha relevada architectura ,
 Nóvos Heróes , ou uóvos Céos e Numes
 De máis alto poder , máis majestade ;
 De máis vivo fallar , que a ténue prósa ,
 Quem denéga ao Poéta affoutos , nóvos

nous mettent sous les yeux les objets dont on parle ; elles y arrêtent la vue de l'esprit ; elles soutiennent l'attention ; elles préviennent le dégoût , et ce n'est pas sans raison qu'on a dit que tout Auteur doit être peintre

. Voulez-vous donc faire des discours qui soient assurés de nous plaire ? Notre imagination est naturellement vaste ; présentez-lui de grandes images. Elle ne peut souffrir des portraits secs et durs ; présentez-lui des images gracieuses. Que du moins l'un ou l'autre paraisse toujours dans vos tableaux. Mais si vous trouviez le secret de les y rassembler quelquefois tous les deux , le grand dans le gracieux , et le gracieux dans le grand , voilà le beau complet des images.

Essai sur le Beau , chap. 3.

Maggiori (difficoltà) ancora sono quelle che s'incontrano nei versi. E ciò perchè ivi si ricercano modi di dire di somma gagliardia , o di somma delicatezza , e in ogni cosa il fiore ultimo della espressiõe , il che non si può ottenere , se non hai come schierata dinanzi alla mente la suppellettile tutta e il tesoro delle parole , delle locuzioni , delle metafore della lingua in cui tu scrivi. Anzi non basta quello che dagli altri fu detto : è necessario formarsi talvolta come una nova lingua ; perchè l'espressione penetrando addentro nell'animo , non sia come altri (*Essais de Montaigne*) disse , *superficiale* , perchè si dia sfoco a quel estro che ha invaso ed agita il Poéta.

Algarotti Saggio sopra la necessità di scrivere nella propria lingua.

Na novidade da phrase , e agradavel torneio que lhe dá Ho-

Termos, de alheia bócca nunca dictos (1).
 É bem certo, que ao descobrir co'a vista
 Altas montanhas, estendidos mares,
 (Pela primeira vez subido ao mundo)
 O Selvagem, nascido n'uma cóva,
 N'uma cóva até então afferrollado,
 Não sabe como os chame. — Tal se vira
 O Vate, que não ousa nóvos termos
 Impor a nóvos sóes, novo Universo,
 Que Estro omni-creator tira do Cháos,
 E na Imaginação lhe põe á vista,
 Se, em si fiado, não inventa o Vate,
 Ou se engeita colhêr na Ausonia, e Grecia
 Nomes, que a *túrba* imaginada indiquem;
 Ei-lo, como o Selvagem, na tortura
 De não saber contar o que descobre:
 Faltão-lhe sanctos, não lhes dá baptismo.

Já, quando a lingua, em que nasceo, mais ricca
 Do que em prata o Perù, em termos fosse,
 Sentiria penuria em pôr patentes
 As idéias, que um vivo, e claro lume

racio consiste pela maior parte a belleza e encanto de seu stylo
 poetico, que tanto valia com Augusto e com Mecenas, que
 tanto cansarão em imitá-lo todos os bons Poétas lyricos de todas
 as Nações cultas; e que inda hoje é, e será sempre o modelo
 mais perfeito da locução das Musas engraçadas e sublimes.
 Reparai bem que o conceito de Horacio, e de todos os bons
 Poétas sempre foi, que assim como para acarear a attenção é
 necessaria a novidade do pensamento, assim para acarear o
 deleite é necessaria a novidade da dicção.

Hoc opus, hoc studium parvi properemus et ampli.
 Si patriæ volunus, si nobis vivere cari.

(1) Insigne recens, adhuc

No ingenho lbe accendeo. Darei conselho
 A tantos apoucados zeladores
 Do avarento fallar, ensosso, impuro,
 Que se applichem a dar discretas artes
 De compôr Sarra báes, entrançar Lôas,
 Sem se enfronhar nos mélicos assumptos,
 A dar regras, a contrastar palavras. (1)
 Com frouxos sons não férve esse Estro ousado
 Que Apóllo sópra no Attico alaúde:
 Mágicas vózes rompem, com que impelle
 Os peitos dos Heróes; quebranta, anceia
 Roxos tyrannos no infiado trono,
 Com cantos entranhados de terrores.
 Estes só conta Clio entre os Alumnos,
 Que cingir dévem do Parnasso os louros;
 Não minguados versistas, que recûão,
 Quando a Musa affoutezas lles demanda.

Indictum ore alio. --- HORAT. *Lib. 3. Od. 25.*

Como, quando arrebatados pelo Estro os Vates á conversação com os Numes --- *referre sermones Deorum.* --- HORAT. *Lib. 3. Cd. 3* --- deixão a terra, desempeçando a alma as azas (de que é dotada) d'esse lódo corporeo, para voar ao Olympo. --- *Non usitata, nec tenui ferar penna biformis per liquidum æthera. Id Lib. 2. Od. 20.*

Metaphysica é esta que não a comprehendem os brutos mortáes, a quem a Divinda de negou lutzir-lhes na imaginação aquellas faiscas do fogo Celeste, que inflamma os Vates, quando vêm cousas que ninguem vio, e dizem palavras que ninguem disse. Ah! que se esses raptos, se essas chammas as comprehendesse o Vulgo, talvez se podésse esperar delle, que algum dia chegasse a penetrar até pela Theologiã.

(1) Nam si intra illos arctos certæ dimensionis fines non plus liceat (poetis) quam nobis in hac latitudine, obmutescant necesse erit. --- J. Ludovici Vives lib. de ratione dicendi.

Vêde-me um Pindaro altear o vôo
Enfiando a senda , do Estro arrebatado ,
Beber no Olympo a prática dos Numes ,
E vir , junto do Alphêo , soltá-la aos homens.
Palavras immortâes compunha affouto ,
Em que immortâes conceitos embebia :
E Vós , squazes do Thebano Cysne ,
Que vos prezâes de erguer o vôo ás nuvens ,
E vós acobardâes-vos ? Encolheis-vos (1)
Na derróta que deixa assinaláda ?
Ousai , ousai ; que está pendente a palma
Ao que ama a gloria , e se aventura ao premio. (2).

Quem vos tólhe avultar ouro sobre ouro ,
Com que a lingua se augmente , e se afidalgue ?
Por ventura é pavôr de ser mordidos
De inséctos litterarios terrulentos ! (3)

(1) Au sommet glacé du Rodhope
Qu'il soumit tant de fois à ses accords touchans ,
Par de timides sons , le fils de Calliope ,
Ne préludait point à ses chants.

Plein d'une audace pindarique ,
Il faut que , des hauteurs du sublime Hélicon ,
Le premier trait que lance un Poète lyrique
Soit une flèche d'Apollon. *Le Brun.*

(2) Le souffle du Génie et ses fécondes flammes
N'ont jamais descendu que dans de nobles ames.

VOLT. Epître à Mlle. Clairon.

(3) Je ris quand je vois tant d'Aristarques nains
Qui rendant contre nous leurs arrêts clandestins ,
Usurpent de censeurs le hardi privilège. *Vigée.*

De novas Philamintas (1) sabichônas ?
 De Bouzos ? de Raugosos, que hoje arrôtão
 Pôr banca de puristas e censores ?
 Um, porque máis não leo, em toda a vida,
 Que as gordas Odes do cerval Talaya,
Ou versinhos anões a anãs Nerinas (2)
 Do Cantarino Caldas, a quem parvos
 Põem alcunha de Anacreonte Luso,
 E a quem melhor de Anacreonte fulo
 Cabe o nome : pois tauto o fulo Caldas,
 Imita a Anacreonte em versos, quanto
 Negro-perú, na alvura, ao branco Cysne. (3)
 Outra, que só de Albano e Damiana
 Tomou de cór as modorraes outavas ;
 E inda outros, que no Chagas, na Henriquida, (4)
 Na Gazetta do alarve Castrioto,

(1) Voyez les Femmes Savantes de Molière.

(2) Les Auteurs médiocres, sans génie et sans ame, nous présentent les objets froids comme eux et inanimés, au lieu que les grands Ecrivains nous les transmettent, si j'ose ainsi le dire, avec toutes les images, et avec tous les mouvemens qu'ils en reçoivent eux-mêmes. Les uns ne font que les crayonner, les autres les peignent. Ceux-là ne savent tout au plus que les décrire; ceux-ci les gravent jusqu'au fond du cœur par le tour d'imagination et de sentiment dont ils les animent. Nous en sommes frappés comme d'un coup d'éclair qui nous surprend.

Essai sur le Beau, chap. 3.

(3) Sæpe enervatos versus scribit qui dat operam ut scribat delicatos. — *Vetus schol. in Horat. de Art. vers.* 26.

(4) Não sei que figadal reiró tomou o A. contrá este tão panegyricado Poéta. Eu de mim sei, que muitas obrigações me devo. Nas minhas maiores insomnias acudia ao Menezes, que sempre me acalentou de modo, que se fallia á primeira outava,

Ou nas infames traducções de Bonzos (1)
De lingua Portugueza se attestarão,
Quererem dar quinãos na phrase pura
É mais que ser Orate, é ser jumento.

~~E chamáes-los Puristas e Censores?~~

Tães patólas temeis? tães modernistas?
Vós émulos de Pindaro! Mal cábe
Cobardia em quem diz: « *Pindaro imito.* »
Quem nas bandeiras triumpháes milita
Do Marte máis intrépido dos Vates
Não tenha susto de rançosos gansos,
De Doutoras, de afrancezados Bonzos.
Pejo é ter pejo de relé tão civil!

Se dáes humilde ouvido a vózes néscias
De tanto scrupuloso, que não gósta
Dos Clássicos o grosso Chocolate,
De medo que o jejum lhes não quebrante
Da lingua quaresmal, que penitentes

mal que eu entrava pela segunda, vinha logo apontando o Somno,
e com seus surrasteiros dedos me ia grudando as pestanas.

Nota do Editor.



- (1) D'esta audacia, senhor, d'este descôco,
Que entre nós sem limite vai lavrando,
Quem mais sente as terríveis consequencias
É a nossa Portuguez, casta linguagem
Que em tantas traducções corre envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas)
Em mil termos e phrases Gallicanas.
Ah! se, as mannoreas campas levantando,
Saltissem dos sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antigos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou com a espada e lança a Patria ornarão,

Abraçãõ , na qual morrer persistem :
 Se recuáes ás mágras ameaças
 Com que do alcance o ardor cortar-vos lidão
 De nóvos termos de raiz Latina ,
 De antigos , (1) de inventados , de compostos ,
 Que a lingua adóção , enriquecem , ornão ,
 Vêr-vos-heis (qual nos vîmos) tão estreitos
 No acanhado repizo das palávras ,
 Que com mesquinha mão vos migalharem
 Os Fiéis mui perluxos do idioma ,
 Que não possáes , de apêrto , revolver-vos ,
 Na lazeira do stitico discurso (2).

Os novos idiotismos escutando ,
 A mesclada dicção , bastardos termos ,
 Com que enfeitar intentão seus escriptos ,
 Estes nóvos ridiculos autores : —
 Como se a bella , fertil lingua nossa ,
 Primogénita filha da Latina ,
 Precisasse de estranhos atavios ;
 Súbito , certamente , pensarião
 Que nos sertões estavão de Caconda ,
 Quilimane , Sofala , ou Moçambique ;
 Até que já por fim desenganados
 Que erão em Portugal , que os Portuguezes
 Erão tambem os que os costumes , lingua
 Por tão estranhos modos affrontavão
 Segunda vez de pejo morrerião.

Hyssope, Poema de A. D. da C.

- (1) *Quin et victa situ, si me penuria adaxit ,
 Verba licet renovare, licet tua, sancta Vetustas ,
 Vatibus endogredi sacraria. Sæpius olli
 AEtatis gaudent insignibus antiquae ,
 Et veterum ornatus induti ingrediere avorum.*

Vida in arte poetica. Lib. 3o.

- (2) *Non satis est illis utcumque claudere versum ,*

Não sei que Trásgo, (1) no sallão da tésta
 Me anda saltando ; e me revólve tudo ;
 Traquínas desarruma os trastes todos.... :
 Que espalhafato !... Lá no fundo me érgue
 Um theatro (dos muitos que armár vêdes,
 E que *Caseiros* chamão) e surriudo
 Me diz malino e concho : « Aqui te ingenho

Et res verborum propriâ vi reddere claras.
 Omnia sed numeris vocum concordibus aptant;
 Atque sono quæcumque canunt, imitantur, et apta
 Verborum facie et quæsito carminis ore.
 Nam diversa opus est veluti dare versibus ora
 Diversosque habitus: nec qualis primus et alter,
 Talis et inde alter utroque incedit eodem.
 Hic melior motuque pedum et pernicious alis
 Molle viam tacito lapsu per levia radit.
 Ille autem membris ac mole ignavius, ingens
 Incedit tardo molimine subsidendo.
 Ecce aliquis subit egregio pulcherrimus ore
 Cui lætuû membris Venus omnibus afflat honorem;
 Contra alius rudis informes ostendit et artus,
 Hirsutumque supercilium, et caudam sinuosam;
 Ingratus visu, sonitu illætabilis ipso:
 Nec vero hæc sine lege datæ, sine mente figuræ,
 Sed facies sua pro meritis, habitusque sonusque
 Cunctis quisque suis vocum discrimine certo, etc.

Idem. Ibid.

(1) Não se admirem d'esta extravagancia : que é a cabeça d'um solitario (e muito mais se elle é Poéta) como um remoinho de barafundas ; tudo é phantasma. Revolvem-se as idéias como feijões, que fervem na panella ; e quando menos se precata, se acha o póbvre Vate enfiado na veia arrebatada d'um rio de disparates, sem que ache modo de abordar á praia do bom senso.

Se eu tivésse á minha fiharga um amigo prudente que me dissesenão sigas essa idéia ; emenda aqui, aclara além, etc. etc.

» Uma comparação , para argümento
 » Do que intentas provar ». Ora Leitores
 Mui benévolos meus , fazei de conta
 Que vêdes d'entre carmezis cortinas
 Sahir muito arraiada uma Princeza ,
 De dous rivães Sob'ranos pretendida....
 Vai senão quando , trava-se uma guerra ;
 E do Amor , que é concórdia e paz , as armas
 Decidirão com sangue a gran conquista.
 O theatro é pequeno , e Actores poucos ,
 Máis pouca a gente que enchão tács comparsas (1)
 Para dar um combate bem reuhido
 De dous exércitos campaes , que em fórma
 Avancem , firão , mattem , morrão , fujão.
 Aqui é o grão busiris , que embetésga
 O mais agudo e perspicaz miôlo ;
 Mas do qual sáe campando o meu Duende.
 O Diréctor da scena manda astuto ,
 Que daqui sáião quatro , de lá quatro
 Soldados com broquéis , com capacêtes
 De grosso papelão , pintado á brócha :
 Logo uns contra outros , com motim sobejo
 Com catânas de páo , que dão pranchadas
 Nos broquéis , nas couraças que retinem ,
 Assomados , sauhudos acomettão ,
 Dêm talhos , dêm revezes , acutiêm ;
 Que entrem n'um bastidor , sáião por outro ;
 Sempre gritando , sempre acomettendo ,

talvez que não fossem tão despropositadas estas minhas bagatellas. Mas tudo me falta , porque me falta o dinheiro.

(1) Ordinariamente são as meninas da Casa , alguns vizinhos e dous ou tres amantes , que representão nas figuras principaes.

Se empurrem, se acalcanhem. — São sós outro ;
 Quatro de cada banda , ● sempre os mesmos
 Bonécos a girar em róda viva.

Atéqui do meu Trásgo a travessura ;
 Mas que igualmente me resurge a idéia
 Do que eu vi n'uma feira da Sorbonna , (1)
 Feira mui ricca em hólòs mascavados,
 Mui massísses, mui duros, mui grosseiros,
 Sem gosto algum, que toda a Guápa enfeira
 Para si, para a filha, e para o amante,
Pão de spécie se chama o ricco bôlo.
 Vi (digo) na tal feira, co' estes ólhos
 (Que a terra, ou mar tem de comer sem falta)
 Uma Camara óptica, com vistas
 Das grandes luminárias de Veneza,
 No dia, em que a Republica parira (2)
 Um Dóge de attuffada Carapuça : (3)
 Em róda harto plebeo embasbacado
 Na córada lanterná movediça,
 Zimborio luminoso da tal óptica ;
 Que volteando no rodizio unctuososo,
 Em véra effigie representa a entrada
 D'El Rei de França em Rheims, indo sagrar-se,
 Eis *Cavallos-Ligeiros*, eis *Gens-d'armas*,
 Ei-los *Guardas-do Corpo*, eis *Mosqueteiros*,
 Que correm, que galópão.... Que quantia,

(1) Em dia de sancta Ursula, se fazia antigamente na praça da Universidade uma feira, que valia bem cada tenda doze vintens de mercancia.

(2) São palavras formáes do homem que declarava a significação das vistas.

(3) Veja-se a pintura della nos livros que tratão do brazão.

De cavallos que passa ! — *Viva , viva.*
 Pois erão (que os vi bem) qu'ro bonécós,
 N'uma roda que audava em dirandina,
 D'uma véla de sêbo á luz pingósa.

Tal, Oradores , tem de acontecer-vos,
 E a vós peor , oh Vates , se deixardes
 Empobrecer a lingua a arbitrio , e ranço
 De Seiscentistas , Mandriões , Tarélos.
 Essas poucas palavras , que ficarem
 Pelas mãos dos grammatico-perluxos
 Minguadas , expremidas , escoimadas
 Nos versos , e na prósa , em remoinho (1)
 Contínuo correrão umas traz outras
 A appanhar-se , a esmurrar-se em *cabra-céga.*

Mas tratão-nos (dizeis) de Quinhentistas :
 Quinhentistas sejáes (2) Campai de o ser-des
 E que elles de o não serem se envergonhem.
 Que riso , ou que labéo vem d'esse apodo ?
 Beberes luz da idade de ouro augusta ,
 Que nas armas , nas lettras nos fez claros !
 Elles de que éra são ? — Dos Asneiristas !
 Que em toda éra houve , e agóra inda máis nésta,
 De Quinhentistas vos prezái , Alúmnos.

(1) Summa paupertas in eadem (verba) nos frequentissime
 revolvit. — *Quintilian. lib. 12. cap. 10.*

(2) Men' moveat cimex Pantilius ? aut cruciet quod
 Vellicet absentem Demetrius ? aut quod ineptus
 Fannius Hernogenis lædat conviva Tigelli ?
 Plotius et Varius , Mæcenas , Virgiliusque ,
 Valgius , et probet hæc Octavius optimus , atque
 Fuscus : et hæc utinam Viscorum laudet uterque.

Nesse bom seculo as lettras Portuguezas
 Tomarão praça entre as Nações mais cultas
 E hoje os que tomão tudo dos Francezes,
 Nem terão um só canto em que se mettão.
 Nessa éra a Castro muito antes luzia,
 Que Corneilles, Racines visse a França;
 Nessa o Camões Lusíadas compunha,
 Quando Henrique (1) inda ao longe não raíava,
 Nem suspeitado inda era o seu Homéro.
 Éra ditosa, que a atenúa o encómio. (2)
 Asia te louve, e as Cóstas Africanas,
 Povoadas de padrões da nossa gloria.
 O brado, que inda dura pela Italia,
 Por França, pelo Norte máis instruido,
 De alguns claros ingenhos Portuguezes,
 Nos consérva no crédito e conceito
 De estimaveis Nações. Esse bom nome
 No-lo querem delir quatro fedelhos,
 Motejando os antigos, e escrevendo
 N'uma giria franceza desgostosa,
 Que a si, que ao nosso seculo injuria.

Inda em bem, que o Diniz, e alguns de escólha
 Nos vingão dessa córja, e desaggravão: (3)
 Inda em bem que os estranhos dão estima

(1) La Henriade.

(2) Magna modis tenuare parvis.

HORAT. Lib. 3. Od. 3.

(3) Ce serait aux Auteurs à s'entendre, je crois,
 Pour renverser bientôt ces ridicules lois:
 S'étayant l'un par l'autre, ils n'auraient rien à craindre;
 Ils étendraient le cercle où l'on veut les restreindre,
 Et pourraient corriger cette erreur par le fait.

Prologue du Philinte de Molière.

A Barros , e a Camões , que ruíns insultão !
 Affortunada idade de Quinhentos ,
 Quando os teus te põem nódoa , alheios te honrão !

Correi-vos , Seiscentistas , ou Pacóvios ;
 Que néscios motejáes do que é de preço :
 Do que não entendeis , julgáes a ésmo.
 Tenzei , não cáia sobre vós o apodo ,
 Vosso motejo insulso , e parvo riso ,
 Quaes fléchas no ar viradas , que se encravão
 Em quem as disparou , e vão vingando
 Mal-nascidas , imméritas injúrias.

Apprendei , estudai ; e os bons Autores
 Sabereis ter em crédito e valia.

Elles a lingua , e seu primor creárão ,
 Elles no-la polítrão. — Que se os néscios
 De quadra posterior não esgarrassem
 Da estrada , que battida lhe elles tinhão ,
 Nunca por táes rodeios , táes ambages
 Intrincadas , se fôrão despenhando
 A si , e a vós , que ás cégas , os seguisteis.

E , pois que novo sól vos allumia ,
 E a dextra nóvos Guias vos estendem ,
 Para fóra surdir da negra furna ;
 Lançai a mão á côma fugitiva ,
 Com que a donósa Occasião vos brinda.
 Eis que , de seu regaço , os bons Autores
 Vos embórca a Impressão. Lede , e re-léde :
 Que os môldes engraçados da Facundia
 Asseáda , e nóbre , e ricca nelles jazem.
 De Quinhentistas vos honrai briosos ,
 Que é ser herdeiros dos caudães Latinos ,

De não-murcha eloquencia arvores férteis.
 Preczai esses que ousados os imitão, —
 Ou temeí-os, se não sabeis honrá-los :
 Que armas tem, e tão déstros as mencião — —
 Que (pela Styx (1) vos juro, e vos tres-juro)
 Se os assanháes com vossas parvoíces,
 E se os ólhos abaixão despeitosos
 A ler vosso ruiã verso, agnáda prósa,
 Ou de ouvir-vos fallar se não desdenhão,
 Que nem na vossa escripta nem nas fallas,
 Ha hi membro, que escape a seus revézes.

(1) Muito ouvi eu fallar neste juramento dos Deoses pela Styge, sem saber a razão porque elles temião tanto jurar falso. Ora o que me a mim aconteceu, póde muito bem succeder a muita gente que sabe muita cousa; mas não o castigo que se dava ao Nume que não cumpria o que jurava. O Padre Antonio Tavares com quem apprendi toda a arte de Manoel Alvares ajoujada de Chorros, Cartapacios, Promptuarios e mais mixórdia Syntaxistica, bem persuadido estou que tal não sabia; e se o soube foi tão maráo que o guardou para si, e nunca mo disse. Eu não quero ser assim. Direi o que (pelos meus ríccos seis vintens) me explicou uma sigana tirando-me *la buena dicha* e explicando-me tin tin por tin tin quantas macacões tinlião de me vir da mão de Deos, da mão dos Bonzos, e do Diabo.

Com *Deus super omnia* concluia o Sarrabal saloio o seu Reportorio.

Qualquer dos immortáes, que do nevoso
 Olympo a cima occupão, se de grado
 Estraga com perjúrio a fé jurada,
 Um anno inteiro o spr'ito se lhe embóta,
 Nem chega ao pasto de am'rosia ou nectar;
 Antes sem respirar, e mudo jaz,
 Mão lethargo em leito plano o cobre.
 Mas depois que um grande anno esteve enfermo,
 Males mil um traz outro supportando,

Musas , que sobre o delectoso Pindo ,
 No regaço de Apollo , estâes cantando
 Variadas Canções de agrado cheias ,
 Que com grande attenção estão ouvindo ,
 E em seus ânímos promptos recolhendo
 Subtís Horacios , Pindaros altivos ,
 Mandai uma de vós , a máis florente ,
 Que venha amenizar estes meus versos •
 Mui séccos , mui Grammatico-prolixos ;
 Que eu mesmo me enfastio de escrevê-los. —

Mas , nenhuma se móve : — Apollo apenas
 Um pouco o rosto vólve sobre a esquerda
 Com gésto desdenhoso , e me responde :
 « Tens máis que pSr-lhe fim ? Levanta a pluma
 » Do cansado papel : fórra o fastío
 » A mim , ás Musas , e ao Leitor coitado. »

Pégo-te , Amigo meu , pégo desculpa
 Do longo enfado , que escrevi sem tento ;
 Mas tão corrente o pensamento vinha ,
 Tanto em fervor na veia borbotavão
 As idéias , — que no papél rugia
 A penna , em despachar-se pressurosa.
 Máis curta fôra , a me acudir pachorra
 De ordená-la , limá-la , e reduzi-la.

Dão-lhe esilio novennio eternos Nunes :
 Sem que nêsses nove annos co'elle tratem
 Em conselho que rômem , nem banquete ;
 Porém no anno dezeno a tratar volta
 C'os handos immortâes , que nas Celestes
 Casas moradas tem .

HESIOD. *Theogen.*

Mas tu, que além do vulgo te remontas,
 Qual Contraste sizudo, pões a marca
 No precioso quilate da materia,
 Curando pouco do feitio tósco.

F I M.

P. S. Se alguma alma piedosa compadecida dos achá-ques desta prolongadissima escriptura, quizer empunhar um bem affiado podão; e aqui, allí tallhando sem misericordia repetiçõs, luxuriante viço, etc. etc. etc. a quizer tornar máis abbreviada, e por esse modo máis maneira, e tambem mais util e agradavel, o seu Autor lh'o agradecerá mui cordialmente; pelo muito confôrme que elle sempre esteve com esta máxima do inimitavel La Fontaine.

Les ouvrages les plus courts
 Sont toujours les meilleurs. En cela j'ai pour guides
 Tous les maîtres de l'art, et tiens qu'il faut laisser
 Dans les plus beaux sujets quelque chose à penser.

Bem podéra o Autor (dirão alguns perluxos) encurtar como lhe era permittido, a sáia desta estiradissima parlenda; sim, senhores; bem a encurtára, se me eu vira teso e créspe, nos meus 24 e um feirugento. Oh como eu empunhára a catãna da crítica; e talho daqui, revéz d'acolá, gilvaz um atraz de outro; não lhe ficava são o quarto da sua refastellada *prosopopéa*! Mas, misero de mim! que 82 annos me quebrarão os bríos, e tão desazado tenho o juizo, que pegar eu na penna, e sahir-me por ella um chorriho de destemperos, é tão corrente cousa como cheirar a alho quem de alho comeo assôrda; ou cambalear pela rua quem muito de mistélla se tomou.

Tómem-me esta desculpa, em lugar da requisita emenda, em quanto eu me consolo.. Oh quanto me consolaria agóra um bom prato de trouxas de óvos, ou de óvos molles!

D I O S

T E L A D E P A R E B U E N A .

Q U A N D O estava estremando de altas Odes
 Os titulos pompózos, *Excellencias*,
Reverencias, *Altezas*, *Senhorias*,
 Bem andava enleuada a mão na empreza;
 Mais enleiado o Sp'rito. — Poucas vezes
 Cursei do Paço as cortesãas mesuras,
 Nem fui do Méstre-salla Alumno espérto. —
 Nas préssas Deos acóde. — Eis que no quarto
 Entra mui têsá, mui refestellada
 Dona *Etiquetta*, de ademan sizudo;
 Tóma os papéis, vai dando precedencias,
 Ordena, arranja, métte na fileira
 Os pretendentes, que imprimir-se anhelão.
 Nunca vi prócissão tão bem compósta;
 Pendão, cruces, andor mais bem seguidos.
 Fiquei maravilhado e satisfeito:
 E tendo eu dado á Dona arrumadora
 Devidas graças, ella muito inteira
 Voltou de léve o rôsto, e despedio-se.
 Mas entra lógo a férvida Amizade
 Descompõe a Matrícula, entremcia
 Mecânicos mortács com semideoses,
 E Rascóas com Damas de donáire.

Vistes vós um rapaz , que arruma as Sótas ,
 Condes , A'zes , e Reis no seu barálho ,
 E o mais vulgo dos náipes , por seu turno , —
 Que se mira no quadro ? — Assim estava
 Eu , antes que a Amizade embrulhe tudo.

Neste ensejo (1) entra Amor , co' a Formosura ,
 Métté as mãos ambas nos papéis , revólve ,
 Embarálha , transtórna . . . ri , — e vai-se.

Eis-me em grande embeléco , em gran desórden.
Peiôr está que estava. (2) Triste , e mudo ,
 Perpléxo não atino c'o remedio
 De dar rumo a tauta Ode transmalihada.

Lembrou-me Deos em bem. — Ponho o capóte ;
 Lanço na ába o tropél das Poésias ,

(1) Ei-lo lá vem co'as drogas da antigualha. — Ouço eu já daqui dizer a alguns d'esses bonécos affrancczados. — *Esse ensejo* que elle metteo aqui á queima-roupa , pillou-o elle de Azurara , ou Castañeda. Quiz-nos campar de erudito encampando-nos palavras Affonsinbas. — Ao que respondo : Nunca eu quiz , meu bonéco , campar por palavras , nem ainda campar por sentenças. Diverti-me com escrever versos , e nunca cuidei na bazofia de campar por Poéta , e menos por Antiquario. Escrevo a palavra que melhor significa o que intento dizer , sem me apurar em modernices , nem antigualhas. Bem podéra eu , se quizésse dar razão do men ditto accarretar argumentos , e ainda autoridades , que não me faltarião : por agora , sómente , para tapar-te a bôcca te apponto esta unica que sei de cór , por que é a regra por onde me govérno , quando escrevo , e que te servirá de muito , se accaso entendes Latim ; *Si aut vetustum verbum sit , quod tamen consuetudo ferre possit ; aut factum vel conjunctione , vel novitate , in quo item auribus consuetudinique parcendum , aut translatum , quod maxime tanquam stellis quibusdam notat et illuminat orationem.* — C I C E R O . 3. de Oratore.

(2) Titulo d'uma Comedia Castellhana.

E còrro ás portas da piedosa Sórte.
Alli lastimo o meū fracasso, e péço
Atálho a tão sinistro desarranjo.

Olhou-me compassiva a Deosa; e lógo
Diz a Mercurio : « *Escreve-me esses nomes.* »
Ella depois co'as déstras mãos enróla
De papél os notados quadradinhos,
E bem vascolejados no galéro
Alado de Mercurio, m'os vai dando
Pela mesma ordem, que os vereis seguidos.



O D E.

Justam et tenacem propositi virum
Non civium ardor prava jubentium,
Non vultus instantis Tyrani
Mente quatit solida.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

QUEM, pôde aos pés lançar soberbas iras
Do Fado rigoroso ;
Quem, sem torcer a vista, olhou seguro
As duas mãos da Deosa
Que Antio governa, carregadas
De premios, de infortunios,
Nobre Varão, desprezador dos Fados,
Superior á Fortuna,
Verá sem medo encapellar-se as ondas
Por cima dos rochedos,
Fumegando de espuma, a Não aberta
Entregar o costado
A's pontas dos cachôpos naufragosos,
Sem perder no semblante
A côr tranquilla do esforçado peito.
Nem quando Jove attira
O trisulco farpão, estrago e morte
Das torres e sobreiros,
Baixa a vista, de susto estreita os hombros:
Antes constante espéra

A pé firme o naufragio , as varias sombras
Da carranca da Morte.

Que não cré tão injusta a mão suprema (1)
Que o raio vingativo

Sacuda ao coração , que ermo de culpa
Não teme , não deseja.

O que perde a constancia nas desgraças ,
Ao soldado assemelha ,

Que , no calor da briga , arrója o escudo ,
Para correr mais léve

A commetter descorçoado os pulsos
A's captivas correntes.

Eu vi , Meu charo Freire , com tranquillo
Desassombrado rosto (2)

O braço alçado , c'o punhal luzente ,
A coberta Calumnia

M'o apontar ao peito ; os grilhões promptos ,
As lóbregas masmorras

C'o seio aberto , accessa a infame teia ,
Sem demover os ólhos :

Vi ao longe a Pobreza , a aguda Fome .
Que os braços alargavão-me ;

(1) The Gods , in bounty , work up storms about us ,
That give mankind occasion to exert
Their hidden strength , and throw out into practice
Virtues which shun the day , and lie conceal'd
In the smooth seasons and the calms of life. — *Adisson's Cato.*

(2) *Eccc spectaculum dignum , ad quod respiciat , intentus
operi suo , Deus ! Ecce par Deo dignum , vir fortis cum mala
fortuna compositus ! Non video , inquam , quid habeat in terris
Jupiter pulchrius , si convertere animum velit , quam ut spectet
Catonem , jam partibus non semel fractis , nihilo minus inter
ruinas publicas erectum. — Senec. de Divin. Provid.*

A má Fama , o Viver desconhecido
 Que o manto espesso , escuro
 Abrião pelas pontas , e envolver-me
 Nas dóbras pretendião ;
 Os gemidos do póbre , da viúva
 Ouvi na despedida ,
 Os abraços da Patria , dos amigos ,
 Sem derramar um pranto ,
 Sem que o passo me atalhem resolutos ,
 Para o nobre degrêdo.
 Assim Coriolano perseguido
 Pelas iras da Inveja
 Animoso cruzava a praça , as portas
 Da ingrata Roma ; os prantos
 Da Mãe , da Espôsa , o esperançoso nome
 De si , dos nobres filhos ,
 Abafando no peito estimulado :
 E as portas êrmas , tristes
 Que outróra ovante o virão , carregado
 De louros , de victorias ,
 Seguido de despojos , de captivos ,
 Gemêrão , quando olhárão
 Entre raras amigos , baixos , mudos ,
 O illustre desterrado ,
 Levam a estranhos Lares as virtudes
 Saudosas a Roma.

DESPÊGO DO MUNDO.

NA Asia e na Europa se ateou a guerra
 Que na América e na África lavrara ;
 E a Morte já segou com foice avara
 Um Grão-Lâma , um Sultão , Deoses da Terra.

Ronceira veio a nóva
 A's plácidas campinas ,
 Onde só dos amores , das boninas
 Tratâmos , quando o campo se renóva ;
 E quando o hyverno inérte (1) o mundo enluta
 Com desabrido manto ,
 (Junto do accêso lar) cada um desfruta
 O prazer sábio e sancto ,
 De fallar da virtude , e praticá-la ,
 C'o sumo de Lyéo molhando a falla.

(1) *Bruma iners*. Certos malsins , com provisões falsas da Censoria , se intermettem a me qualificarem de contrabando algumas allegações latinas , com que escóro às vêzes esta ou aquella phrase menos usada. Como são pacóios ! D'onde , senão do Latim , nos veio o mais nítido phraseado de nossa lingua ? Quando Fr. Heitor Pinto escrevia *dar obry ao estudo* fallava elle Arabico , ou Hollandez ? E Arraes , e Vieyra etc. etc. não copiavão elles phrases latinas ? Sómente lhes faltou o pôrem , como eu , o latim á margem.

O D E

*Em 23 de Dezembro de 1790, dia dos meus
annos.*

----- Transfuga divitum
Partes linquere gestio
Contemptæ dominus splendidior rei.
HORAT. *Lib. 3. Od. 16.*

QUANTO acêrta o que orgulhos e etiquêttas,
Deixando a côrte, desaloja da alma;
E ás portas das cidades turbulentas
 Dêspe ambições e invejas!
Já livre do pesado encargo, os léves,
Ríndo, sacóde, restaurados membros, (1)

(1) Aos que estranharem este hyperbato, pedirei por mercê, que folhêem um pouco a Poética de Aristoteles, acharão no cap. 22., pouco mais ou menos, as palavras seguintes: — Zombou Arephrate dos Trágicos que se valem de palavras, e de construcções de que ninguém usa. . . . E não repara, por certo, que por isso mesmó é que tâes palavras e tâes construcções são o primor da arte, como não vindas do theor de fallar ordinario. Capacitem-se por uma vêz que o canto Divino da Lyra não é uma conversação comãdresca, e que se a linguagem do enthusiasmo fôra a linguagem do vulgo, adeos Poesia, adeos Poetas.

Odi profanum, etc. etc. etc.

Para encetar ; desassombrado , o trilho

Do campéstre tugúrio ,

Olhos fitos no plácido repouso ,

Que pôz seu throno em prados solitarios ;

Vê juncto delle o altar da Sapiencia ,

Que em puro fôgo brilha.

Lá não lhe nasce o dia turvo e feio ,

En-nublado c'os sustos dos acasos ;

Nem agourar-lhe vem a noite inquiéta

Mordazes nóvas perdas.

A Primavéra o vê sadão e lédo ;

Vem deleitá-lo o saboroso Outono ,

Que maduros , na cêpa que plantára ,

Louros cachos blazôna.

Em práctica suave , ao lar sentado

C'o amigo , que comprára com virtudes ,

Robusta enzinha , que voraz chammeja ,

Lhe arréda os alvos frios.

Sente rodar tranquillo , e sem mudança

A carroça do Tempo , e acérta apenas

Com raras cãas , que lhe hão semeado os annos ,

Na des-rugada fronte.

Quando vai longe o fio das bonanças ,

E os dias cheios , puros , empregados

No bem da humanidade , vê sem susto

Vir o sperado termo :

E estranha a Mórte o vulto do home' inteiro , (1)

Que encostado nos braços da Innocencia ,

Lhe entréga o sópro livre , e não-manchado

De incógnito remorso.

(1) *Integer vitæ* HORAT.

Tal espéro acabar mais claros dias
Despidos d'estes longos infortunios,
Que o coração com mágoas, estreitavão

De perenne tormento;

Apenas duas lúcidas Estréllas,
Que máis que Póllux e Castor, na Elysia,
Aos náufragos no Golphão da Desgraça,
As ondas abonanção,

E dous Icáes amigos, que estremados
Nóta em seu livro de ouro o honrado Brío,
Me alcancem visitar vedados Lares.

Do meu rústico alvergue.

Hoje, que, além de lustros onze, avauça
A carreira que abri para a Virtude,
Quando aos olhos me deo primeiro assalto

A estranha luz do dia:

Hoje com quatro taças (mais vertentes
De prazer que de Baccho) brindo aos Numes
Tutclares, que um Templo tem sagrado

No arcano de meu peito.

Pois que estes quatro Numes, como eu, prézas,
Gentil Delmira, a festejar me ajuda,
Com quatro taças mais; seu sancto Amparo,

E as áureas Esperanças.

Oh quem obtêr podéra que estes brindes
Cheguem férvidos (quács me saltão na alma)
Nas azas do Desejo agradecido

A's Córtes de Háya e Elysia!



S O N E T O

M O T T E.

Da voz o garbo, e do cantar a gala.

Glosa.

O R A lá vai a Deos, e á Ventura
Um soneto de arromba. *Estrepitosos*
Pregões da Fama, que aos Herões famosos
Móvem as cinzas na alta sepultura. . . .

Atéquì não vai máo. Se o Éstro atura,
Dou dous trincos c'os dèdos gloriosos
Para os rompantes oucos, ou rançósos
Da caterva outeiral, que mais se apura.

Continuêmos. *Quando a tuba excita,*
O Ar se atróa, o Pólo estremecendo,
C'o retumbante som, que a sphéra abala...

Ora esta não desdiz da acima-ditta.

E o Motte? . . . Vem d'encaixe : vem nascendo.

Da voz o garbo, e do cantar a gala.

Muitos Leitores tem reparado na super-exorbitante catérva de rivas que tem parido a minha cachimónia : eu mesmo me debautizo da paciência apporfiada de quem tal leo : Agóra lhes declaro o enigma. Quem vive pobre, não o causão visitas; quem se vê desprovido de visitas vive só; quem vive só, labora-lhe a imaginação no painel da sua desgraça, acóde-lhe obstinada tristeza, que traz consigo afferrada molestia, precursora de prematura morte. Que subterfugio? Passear. Mas só! — Cansa, e enoja. Lêr? Também causa o animo, e cansa a vista. Escrever? — O que? — Escrever de raiva, como eu fiz, sem tom nem som.

O D E

A' MINHA MORTE.

Nullum
Sæva caput Proserpina fugit.
HORAT. *Lib. 1. Od. 13.*

SEI, que um dia fatal me espéra , e talha
A' minha vida o estame :
Nem Prosérpina evita uma só frente.
Sei que vivi : mas quando
Tem de soltar-se , ignóro , o vivo laço ;
E se claros , ou turvos
Se hão- de erguer para mim os sócs vindouros. —
Pois , que ao sévo Destino
Me é vedado fugir , fugi ao longe
Roázes Amarguras ,
Que cstes per-meios annos minar vínheis.
Rir quero — e mui folgado ,
De vos vêr ir correndo , de encolhidas ,
Escondendo na fuga ,
As cáudas dos medônhos ameaços.
Quero , entre mil saúdes ,
De vermêlha , faustissima alegria
Ir passando em resenha ,

Taça apoz taça , a lista dos amigos ,
E o côro das formósas ,
Que a vida me entretêrão com agrado.
E reforçado e lésto
C'o néctar da videira , as mãos travando
Co' as engraçadas Musas ,
Em dança festival , com pé ligeiro ,
Na matizada rélva ,
Cansar de tanto júbilo o meu sp'rito ,
Que se vá (sem que o sinta)
Continuar o baile nos Elysios ,
Entre o Garção e Horacio.
De lá , em nóvas Odes , que mais válhão
Que quantas fiz tégora ,
(Pois que emendadas pelo douto Méstre)
Darei pasto á mania
De versejar , que me tomou bem tenro ,
Que zombou de remédios.
E de lá mandarei guápos modélos ,
Onde ávidos alumnos
Bebão largas lições ; — se achar Correio ;
Que delles se encarréque ,
E re-fretando a barca de Charonte ,
Cá llas recóve ao Mundo.



E N I G M A.

Nos campos de Mavorte
Quem ha que não conheça quanto eu valha?
Chamo os guerreiros ao perigo, á morte:
No rijo da batalha
Lhes dou alma, eu que sou inanimada.
Não tenho amor de glória,
Mas tróco as mãos (ás vêzes) á Victoria,
E ganho a palma á trópa derrotada.

E P I T A P H I O

D'UMA NA'DEGA EPISCOPAL.

Aqui jaz um tassalho do trazeiro
De certo Bispo. Aos seus Diocesanos
Summo prazer lhes déra (ha muitos annos)
Ver junto do tassalho, o Bispo inteiro.

F Á B U L A .

OS ÓCULOS E A TOUPEIRA.

1.

U_MA Toupeira , um dia
Sahio do seu buraco , a correr mundo ;
Mas logo pre-sentio quão pouco via
Para estudo tão largo e tão profundo.

2.

Acáso nésse prado
D'onde ella ia encetar a longa róta ,
Tinha os mimosos óculos deixado
Ao despedir do dia , uma Devóta.

3.

A Toupeira que vira
Como delles fizera util emprêgo
A sancta Vélha , traça o como adquire
Móvel tão apto a Bicho peti-cêgo.

4.

C'os óculos , anciosa ,
Vai tér co'a Mãe á tócca , e d'este achado

Cabar a serventia preciosa ,
Mui de gôsto ,— que a Mãe — tornou aguado ,

5.

Dizendo : » Oh párvua filha
» Tanto esse móvel foi para ti feito ,
» Quanto para um bezêro uma servilha ,
» E para um asno um livro vem a geito ».

SONHOS

DE ALGUMAS PESSOAS QUE EU CONHEÇO.

SONHA Brito diplomas e finuras
Da Officina Politica ; o Corrêa
Prazer de preguiceiro , e algum bom ditto ;
Manoel Pedro A máis B ; sua Lyra o Lima ;
Marialva sciencias , honra e brão ,
E máis céta cousinha , que eu não digo ;
Borgês apoquentados Diccionarios ,
Filinto Odes de Horacio e trouxas d'óvos.

O D E

A O É S T R O . .

Quindi s'io tempore le felici corde
L'anima scorre entro furor celeste
E a novi pensieri in cima siedi :
Per gli eterni sentieri ascendi e riedi
Colma sempre di voglie altere e grandi.

Alessandro Guidi.

Ode al Cardinal PANFILI.

1.

É S T R O filho de Apollo , quando desces
Do verde Pindo , sobre accesas nuvens ,
 Impetuoso assaltas
 Inopinado Ingenho ,
E chamma imperiosa , insana fúria
Levantas na alma digna de teu vôo.

2.

Tu á morada Olympia arrebataste
O Cantor Grêgo , Páe da heróica tuba ,
 Que a Achilles iracundo
 Trôa , quando affadiga
O anhelante Hector , longo dos muros
Da emmudecida Troya descórada.

3.

Tu lhe déste ousadia , com que olhasse

Fito a fito o tremendo Soberano
 Dos Deoses e dos Homens ,
 Que só c'um sobre-cenho
(Quando a chólera as faces lhe roxéa)
Abala os Céos e a Terra , empóla os máres.

4.

E lhe déste o pincél , com que arriscado
Pinta a Jove , e o trísculo raio iroso
 Que a mão de ardor lhe córa
 Ao remessá-lo ás gentes : —
E os fuzís vingativos da cadeia ,
Que suspende e castíga o error de Juno. (1)

5.

Ao Épico pregão do Anonio Pôvo ,
Da trompa argentea os áros (2) enrolaste ,
 Quando cantou sonóro
 Accollidos na Italia
Os Troyanos Penates foragidos ,
E da alta Roma os triumphantes muros.

6.

Piutaste-lhe o Furor impio , sentado
Sobre as armas cruéis , e atraz das cóstas
 Retorcidos os pulsos
 Com cem laços de bronze ,

(1) Iliad. 15.

(2) Não me lembra ter lido nos Crystaes d'alma, ou no The-
souro de Prudentes, se tinham um só áro, ou mais como os
nossos, *Corni da Caccia*, as trompas dos antigos.

No templo , afferrolhado , de Mavorte ,
Bramando horrendo co'a sanguínea bôcca.

7.

Abriste-lhe a Cavérna da Sibylla ,
E as prophéticas folhas do Futuro ,
Pejadas de succéssos ,
Que as entranhas dos Fados
Sem ordem , sem conselho des-compunhão ,
Ao capricho dos ventos revoando.

8.

Tu a Pindaro , a Alcêo , ao Venusino
Subiste em tuas azas inflammadas
Ao concêlho das Musas ,
Onde ávidos gostarão
O almo liquor da reservada veia ,
Que em Divino transmuda o canto humano.

9.

Franqueaste-lhe allí pródigas chaves
Dos thesouros que encérra a Natureza ;
E o fusco véo rasgando ,
Que lies cobria a mente ,
O trilho que conduz da Terra ao Olympo ,
Ao colloquio dos Numes , lhe apontaste.

10.

Assim Camões , por Ti enfurecido ,
Ao cume do Parnasso se avizinha ;
E os Delphicos loureiros ,
Quando elle sóbe , curvãõ

Ao novo Homéro os orgulhosos tópes ;
E arrédão larga estrada ao Vate egrégio.

11.

Calliope a mão lhe dá ; e ás doutas grutas ,
(Do rápido talento asylo) o guia ,
Oude a sublime trama
Da Iliada sonora ,
Palpando as chórdas da Épica harmonia ,
Cantára Apollo , e transcrevéra Homéro.

12.

Alli subio Camões ; alli a Musa
A bocca e vózes do immortal Alumno
Bauhou de Poesia ;
E co' as Irmãs que invóca ,
Co' as tres Graças , que tudo afformoseão
Enchem do Vate o peito , dadivosas.

13.

Eis chega ao sábio côro o Ausonio Cysne
Comedido , e das faces ressumbrando
Assômos de Celeste :
E tanto se affeiçoa
Do valido das Musas Tagitanas ,
Que por Alumno e confidente o aceita.

14.

Das reconditas minas da Memória ,
A seu pedido , ás ricas veias ábre ,
Que Camões enthesoura :
Tambem lhe réga o ingeuho

Co' Épico arcano , em limpidas correntes ,
Que manárão nos nóvos Argonautas.

15.

Entôa o forte Gama , avassallando
Os mares não-trilhados de outros lenhos ,
 Impávido affrontando
 O conflicto das ondas ,
Que o Thyoneo contra elle accappellava ,
Ajudado do impróvido Neptuno.

16.

Sobrevém Sapho , e canta de Inez liuda
A ternura fiél , trágico termo
 De viçosos Amores.
 Ambição crua e cega ,
Cubiça de mal-firme valimento
Tu lhe entérras no peito o frio ferro !

17.

Homéro inchando á tuba o bronzeo ventre
Mais alto resoava , e tinha em fôgo
 A vista rutilante
 Quando lançava as vózes
Do Adamastor membrudo , e arduas vinganças
Do quebrado segrédo de seus mares.

18.

Como sentiste do animo o alvoroço ,
Absórto Vate , quando o íntimo seio
 Os sons te revolvão
 D'aquella voz valente ,

Tonante voz , encêrro de prodigios ,
Voz de que assim se ufana a natureza !

19.

Como já n'alta mente as côres punha
Nos quadros dos Lusiadas illustres !

Aqui se atcia a briga

Dos doze de Inglaterra :

Alêm , da agua que sorve , engrossa a nuvem ,
E o pé que tem no mar , a si recólhe.

20.

Quanto se érgue entre stupidos humanos
Quem ao nascer sortio um peito altivo

Capaz de inclyta empreza ?

Máis que homem é um Nume.

Os parabens te dou , oh Lusa Patria :
Tambem os tómo , de dever-te o bêrço.

21.

Oh próle de Japêto , a tudo ousada ,
De ser do barro vosso me gratúlo ,

Quando contemplo a chamma

Que em vós prendeo celeste ,

Luzir no ingenho , disferir no esforço ,
Braço , e assombro das futuras éras !

22.

Lógo Tyrtéo , para as feróces guerras
O prendou c'ó clarim agudo e forte ,

Que a côr ao gésto muda ;

E nelle os tons lhe ensaia ,

Tom. I.

Com que recontе as ásperas batalhas
De Nuno féro, e do pugnaz Pacheco.

23.

Eis no carro, que as alvas pombas tirão
Lhe entréga agradecida a meiga Venus
(Do mimoso regaço)
Quadros de Jdália e Chypre,
As fontes, e arvorédos namorados,
Com que elle adorne a Ilha dos amores.

24.

Os ólhos para a sphéra erguei celéste :
Como raia vermélha no Oriente !
Do centro escapa um lume
Que de ouro reluzente
Vai as nuvens cubrindo... Um Deos radioso
Com plácido semblante á terra désce.

25.

Pelo cinto do lúcido horisonte
Melodías dolci-sonas se espalhão ;
Alados Hymnos vôão
Flammigeros em tórno
Da verde-laurea fronte ; as alvas azas
Dos Zéphyros, na lyra, férem vózes.

26.

Mas já o previdente Apollo abrindo
O fatidico scio do Futuro,
Movido do ardimento
Do generoso Vate,

Põe nelle os olhos de splendor trajados,
E estas aladas vózes lhe dirige :

27.

- » Feliz Mancêbo ; que a verêda pizas
- » Dos dous Cysnes , que além de todos prézo ,
 - » Não desmaies , ao vêres
 - » Os sustos , os despenhos
- » Que ameação na senda alcantilada
- » Do laurifero Piudo , temeroso.

Verses

28.

- » Com meu ráio facundo , e nunca-incerto .
- » Quéro teu guíta ser na Épica lida :
 - » E serás celebrado
 - » Na esteira perigosa
- » Que intrépido em rasgá-la aos teus aanhos
- » De não-murchandas flores a esmaltares.

29.

- » Mas Êstro adquire glória , e não thesouros .
- » Morrerás pôbre , tendo submctido
 - » Mais riscos , mais trabalhos
 - » Que o Gama , a quem dás nome.
- » Aos Vates , que só põem na Fama o fito
- » Serás pharol de náufrago penêdo.

30.

- » O mesmo Fado desastroso empunha
- » Irado ráio , em damno dos que vêmhã
 - » Por estas broncas frágas ,
 - » E absórtos na harmonia

- » Dos sonoros teus ousados vérsos ,
- » Tè imitação na lyra , e na desgraça .

31.

- » Coridon , Coridon , que improba estrélla
- » Te dá Nome immortal , fonte de invéjas ?
 - » Pelos sallões das honras
 - » Te arreméssa ás masmórras ,
- » Onde os annos consumes , que devêrão
- » Ser de ampla glória e louros assombrados .

32.

- » Lá vai , de atroz Calumnia perseguido
- » Correr mares , trilhar estranhas terras
 - » O cândido Filinto
 - » Que tanto tinha a peito
- » O seu Camões grandiloquo a quem lia
- » Com gôsto , com respeito ás Musas grato .

33.

- » Lá , contigo abraçado , em seu destérro ,
- » Em ti bébe a corrente nobre e pura ,
 - » Com que os seus vérsos banha .
 - » Ainda , ausente , brada
- » A's nóvas A'guias da sobérba Elysia ;
- » Que o teu canto e dicção tómem por Nórte .

34.

- » Mas , em quanto te estuda , e te defende ,
- » Layra contra elle sétta a Ignorancia ;
 - » E dos seus bens e fama
 - » Põe ópimo despôjo

- » Nos altares da Inveja, e da Calumnia.
» Iniquo galardão de haver-te amado! (1)
-

EPIGRAMMA.

~~~~~

**A**POLLO um dia, ao ler certa Ode minha :  
» Nunca inspirei ( me diz ) tão frouxa obrinha. »  
— Apollo ( eu lhe respondo muito inteiro )  
— Eu não armo, ao louvor, armo ao dinheiro.

---

(1) Não me faltarão accusações críticas de que quebrei o fio da Ode, e que a falta de nexos é mais um desvario meu, que um deparado delirio. Venthão accusações, affiem as criticas, que costumado estou a não reparar defeitos semelhantes; que se na verdade o são, quero antes errar com Pindaro, que ser methodico ao geito de taes Censores. Já que tenho emcima da mesa o des-methodico Pindaro, apontarei a esses mestraços a Ode 4<sup>a</sup> em que elle louva a Arcesiláo, vencedor na carreira Olympia, onde depois de se lançar a vôo solto na expedição dos Argonautas e conquista do Vellocino, que tão arredada parece do assumpto, se volta ao Vencedor, e diz : » *Agora, oh novo OEdipo, acerta com o enigma. Um antigo Carvalho, etc. etc.* para lhe fallar em Demophilo, e lhe pedir, que o recólha do desterro á Côte, etc. etc. Qual de nós se desvia máis?

## MADRIGAL.

Ao vér-te , oh minha Marcia , tão formosa ,  
Não estranho que os ólhos lhe vendasse  
Venus a Amor , com sustos de ciosa ,  
Que por Ti ( se Te visse ) a não trocasse.

---

## SONETO.

» TARDIO ás vezes , sempre merecido ,  
» Tem a Virtude o prémio apparelhado  
» Ao proficuo talento , ao peito honrado ,  
» Que do Devêr. o stadio tem corrido .  
» O Sabio , que dos louros esquécido ,  
» Só no obrar bem os ólhos tem cravado  
» Inópino tambem se acha c'roado  
» Por mãos sob'ranas c'o laurél devido .  
» Util á Patria seja , as paixões dóme ,  
» Seja piedoso , honésto , affavel , justo ;  
» Que no futuro o espéra ínclyto nome » .  
Assim fallou Minerva ao Côro augusto ,  
Pondo no Templo do immortal Renome ,  
De glória ornado , o teu prezado Busto .

---

## O D E

---

Frui paratis et valido mihi ,  
Latoë , dones , et precor integra  
Cum mente , nec turpem senectam  
Degere , nec Cythara carentem.

*Horat. L. I. od. 31.*

---

**Q**UE cuidas , meu Pilaer , que péde aos Fados  
O Poéta Filinto ?  
Quando vê , por detraz do pardo monte  
Erguer-se o Sól dourado ;  
Ou quando , já trilhado o ethéreo cinto ,  
Mólha o causado Côche  
No pégo Occidental do azul Neptuno ?  
Não pôc nas aras cégas  
Da soberba Fortuna offrendas , vótos  
De sóffrego interesse ;  
Nem péde , novo Midas , que entre os dêdos ,  
Em flayo ouro luzente  
Se lhe tórnem as pédras , as correntes ;  
Nem tósem seus pastíos  
Grossos rebanhos de nervudos touros ,  
Para lavrar activo  
Com vinte jugos dilatadas geiras.

Commêta ousado os sustos  
 Do assanhado Oceáno verde-negro  
     O mercador ganhoso,  
 Que a vida em menos preço tem que o lucro ; (1)  
     Ouça silvar os ventos  
 Pela gemida enxarcia enfurecidos ;  
     Accappelladas ondas  
 Na esmorecida prôa lhe rebentem ;  
     Rache o ruivo corisco  
 O grande masto em re-tisnada róca ;  
     Que elle só fita os olhos  
 Nas lóges do Brasil ; por entre os raios  
     Vê chegar o Mineiro ;  
 Ouve por entre os roncoss, e estampido  
     Dos trovões, tinnir dóbras  
 No mostrador avaro ; vê vendidos  
     Os enfardados pannos. —  
 Porque não justiçaou Jóve potente  
     Com despedido fôgo  
 O mortal, que arrancou com mão culpada  
     Das entranhas da Têrra  
 Esse ouro malfeitor, fonte de crimes,  
     Estrago da Innocencia !  
 Bem foi idade de ouro a feliz éra,  
     Que pallidas figuras  
 Não vio nos cuihos do ouro amoedado,  
     Para deshonra e morte ;  
 Que não vio a Ambição, a Tyrannia  
     Medrar, assoberbando  
 Com desiguáes riquezas os singélos

---

(1) E vil tesor piú que la vita há caro — Chiabrera, tom. I.

## Costumes da Virtude.

Eu sobranceiro ás vágas empoladas  
 Da turbulenta Côrte,  
 Verei correr ás Mitras, aos Governos  
 Imprudentes humanos,  
 Que o valor, não conhecem do Socêgo.  
 O Corno de Abundancia  
 Emborcando sonôro a um Thersites,  
 Louros dobrões a rôdo  
 Sóbrio o verei com olhos não-torcidos; (1)  
 Segûro de mim-mesmo.  
 Coberta a mesa de Faisões custosos,  
 Em dourada baixéla;  
 Dez Lacaios esbélto, ôlho á lértá,  
 Pelos crystaes derramem  
 De Constança e Tokai os raros vinhos;  
 Com descuido, e desprezo  
 Olho o luxo, a sobêrba dos manjares,  
 O desperdicio, o custo  
 Com máis justa partilha bem-logrados  
 Na Viúva, no Orphão rôto. —  
 Sem orgulhoso apprésto dá Natura  
 Saudavel sustento:  
 Saboroso legume, herdada fructa  
 Acçaréa appetite  
 Ao Sabio que ganhou com sóbrio emprêgo  
 Proveitoso cansaço. —  
 Para alojar o corpo d'um Magnata,  
 Talvez pygmêo e sécco,  
 Trinta sallões de vasta Architectura

---

(1) Oculo irretorto. — HORAT. *Lib. 2. Od. 2.*

Fazem gemer a terra  
 Com altos torrões, chumbados tectos ;  
 E o grande Cincinnato  
 N'uma bréve choupana vive ricco ,  
 Folgado , e farto de horas. —  
 Que não dão diamantes , nem Palacios  
 Descansada ventura ;  
 Nem vem o Somno , com as mansas plantas ,  
 Abrir cortinas de ouro ,  
 Para estender-se ao lado ambicioso  
 Do Cortezão inquieto.  
 Eu , que além piso a ráia a doze lustros ,  
 Que de altérna fortuna  
 Com sombra iguál provei pênas , favôres ,  
 Que bebi proveitoso  
 Sazonadas lições da Experiencia  
 Na carreira da vida :  
 Que c'o fanál da reflexão attenta  
 Vi no pégo do Nada  
 Cahir tantas cordas — subir tantas  
 Que improprias fronte curvão ;  
 Tanto desejo ardente não-cumprido ,  
 Ou môrto apenas-nado ;  
 Tantos riccos , illustres , poderosos ,  
 E tão poucos felices ,  
 Só peço aos Céos dourada Mediania  
 Em plácido remanso ,  
 Saúde alégre , e Lyra , com que cante  
 Louvores da Amizade.

---

## A MULHER E A VACCA.

**P**ERDEO Mulhér e Vacca , em outo dias  
O gordo Almeno : um , já lhe a Filha off'rece ,  
Outro a Sobrinha , a Irmãa : que se enfenece  
Cada um de impôr com Deos suas Marias.  
Almeno , que quer cousa que lhe renda ,  
Busca a rêz , e não tópa c'uma attáca ;  
Mas tópa com Mulhér , que lhe despenda :  
Que é máis fácil achar Mulhér , que Vacca.

---

## L Y R A S.

1.

**T**INHA de fachos mil a noite ornado  
A argentada Princeza :  
De amor , graça e belleza  
O campo ethéreo Venus povoado.

2.

**A**[Terra , com perfume precioso  
Em tórno recendia ;  
E plácido dormia  
Sobre a dourada areia o pégo undoso ;



3.

Quando veio roubar a formosura  
De tudo o que é criado,  
Marcia, fiel traslado  
Da belleza do Céu, sublime e pura.

4.

Com Lyrios, que estendeo, vestio ufana  
A fórma divinal;  
Em acceso coral  
Tingio, sorrindo, a bôcca soberana.

5.

As madeixas tomou das veias de ouro,  
Nos olhos pôz saphiras,  
Que das sétas, que atiras,  
São, féro Amor, o mais caudal thesouro

6.

Todos seus dons lhe pôz o Céu no peito;  
Como órna o Regio Spôso,  
C'o enfeite mais custoso,  
A Princeza, a quem rende a alma, sujeito.

7.

Eu vi affadigados os Amores,  
E as Graças, que cantavão  
Em quanto se moldavão  
Seus graciosos géstos vencedores. (1)

---

(1) Illam, quidquid agit, quoquo vestigia flectit,  
Componit furtim, subsequiturque decor.

Das Sereyas o canto deleitoso  
Lhe nasceo sem estudo ;  
E o dom de enlevar tudo  
Envólto veio em seu sorriso airoso.

---

## MADRIGAL.

PRÁZER ! Prazer ! oh falso , oh bandoleiro !  
» Que fugindo te ausentas  
» De nós , sem saudade , e tão ligeiro :  
» As penas nos augmentas ,  
» Se , mal que te accollhêmos , já nos deixas ».  
Eis que o lindo Prazer tão suspirado  
Me responde : — Que vãs são tuas queixas !  
— Aos Nomes graças rende , que hão creado  
— O Prazer bréve : que , a ser eu comprido ,  
— Me houvérão ( certo ) para si retido. —

---

# ODE

## TRADUZIDA.

1.

Tu, cujo ingenho ergueo para balisa  
A varonil Virtude,  
Que sem mais guãa, ao Templo seu te alçaste  
Por íngremes verédas,  
Charo \*\*\* , que atroz Des-asocêgo  
Pôz no teu peito o alvergue  
Do triste Enôjo, da pungente Mágoa?  
Verdugo de ti mesmo,  
Porque a dar armas, lúgubre porfias  
Ao teu mordaz Desastre?

2.

Affugenta esse Enôjo voluntario  
Que te captiva a idéia;  
Deixa ás almas vulgares, que se accurvem  
Com tão frouxos revézes,  
Affronta c'o infortunio, e crava os olhos  
No broquél da Esperança,  
Que contra o Fado e seus punhães te ampara.  
Se zune o vento, e se hoje  
Sobre ti ronca a tímida borrasca,  
Na barra á manhã surges.

## 3.

Nem sempre aceita o mar os rijos sôpros  
 Dos agastados Euros ;  
 Nem turvas precipitadas torrentes  
 Alagão sempre os campos.  
 Quando a nuve infeliz abafa o peito  
 Sem albor de refugio ,  
 É duríssimo o peso da Desdita :  
 Mas logo se aligeira ,  
 Dês-que aponta no rúbido horisonte  
 Esperançoso ráio.

## 4.

Mudado , um dia , em plácido Socêgo  
 O teu roaz Cuidado ,  
 Será qual sônho infausto , e pavoroso ,  
 Que ao despertar se esváe.  
 Chama o Valor , confia. — Se o Piloto  
 Sagaz téme a tormenta ,  
 Quando Neptuno aliza o equórcio plaino ,  
 Também , quando os negrumes  
 Os coraçõs dos Náutas amedrontão ,  
 Espéra por Bonauça.

## 5.

Sei , que ao Sabio , de penas combatido ,  
 Appetecer é dado  
 ( Quando ouvio prompto o brado da Virtude )  
 Da Fortuna os favores.  
 Mas a Virtude que não sóffre , e affãna ,  
 Que se céva em branduras ,  
 Muitas vêzes em vil frouxeza pára.  
 A Sequidão , o Orgulho ,

Com a Dureza da alma os lados cingem  
Dos deslumbrados ricos.

6.

Não que prósperos dias dormentassem  
Teus sizudos disvelllos;  
Nem que para accordá-los fallecessem  
Iníquos infortúnios.  
Nem que, pouco leál, tua Virtude  
Tomasse por modélo  
Esse soberbo, e tétrico insensato  
De inchada e vil soberba,  
Que a mór desgraça, que sentio na vida,  
Foi ser sempre ditoso.

7.

E quando o mal, quando a tristeza é ténue,  
Por nos sárar da Dita;  
E c'os bens opulentos não transpórmos  
Da Sapiencia as métas,  
Util é sempre o Mal que afformosêa  
A presente Ventura:  
Pósta á luz, c'os soffridos Pezadumes,  
Co' a sua ágra lembrança  
Alfia o paladar enfastiado  
De ditôso Socêgo.

8.

Tal áta o Sól dourado, e a fusca Noite  
A cadeia dos annos;  
E téce o Fado o circulo da vida  
Com gôstos, com tristezas.  
Com previsto saber o Céu prudente

Recíproca o proveito  
Das vêzes designaes do humano trato ;  
E a miúdo arranca ainda  
Divina mão, do scio do Infortunio ,  
O Bem máis precioso.

9.

Porque cansámos com perdidos rogos ,  
O renitente Olympo ?  
Dos desvairados lances da Fortuna  
Jaz este mundo escravo.  
Jóve, formando o homem, semelhou-o  
Aos Gémeos, que entre os Deoses  
Póz a Fábula. Deoses, que, por certo ,  
De estranha divindade ,  
Ora são Cidadãos do Avérno escuro ,  
Ora do Céu, preclaros.

10.

Assim por vís supplicios , por branduras  
A seu sabor nos róda :  
O Sabio só, de preparado peito ,  
Resiste a seus caprichos ,  
Que ólha com rosto iguál, em todo o tempo  
A Cortezã mudavel ,  
Que a fineza menor lhe désmerece ,  
Ou já que o false incáuta ,  
Ou já menos-lembrada, o leito antigo ,  
Por inconstancia busque.

---

## S O N E T O.

Co'a catâna debaixo do capóte  
Vinha de noite um bêbado Marujo  
Tomando a rua derrengado e sujo ,  
Té que na esquîna c'o nariz deo bóte.  
« A mim ! . . . a mim ! . . . Irra , c'o piparote !  
» Mêtta mão , se é capaz. — Que eu cá não fujo. »  
Trape , zápe. — É bem rijo o tal sabujo !  
« Não recûa ! . . . Traz máilha. — Traz pelóte. »  
A pedra dura , ás têzas cutiladas ,  
Ferida , faïscou ! . . . . Ficou patinho  
O Marujo ! . . . Fez pé atraz . . . e lógo  
Co' estas se desforrou , razões pausadas :  
« É valhaco ! é traidor ! . . Vou-me , e embaînhô.  
» Não brigo com quem traz armas de fôgo. »

---

## E P I G R A M M A.

Ouvio Francisca a um Prégador famoso  
Dizer , que no marido  
Recáhe todo o error peccaminoso  
Por mulher commettido ,  
Se elle o débito léva a alheio leito.

Francisca a bom recado  
Pôz do sermão o machacaz conceito.

« Farei tanto peccado  
» ( Disse zelosa ) e culpas tão immundas,  
» Que darei c'ò meu hóme' nas profundas. »

---

## ENIGMA.

**N**EGRA sou, se máis negra, mais formosa.  
Nenhum, se eu não o approvo é claro feito :  
De mim depende a fama gloriosa ;  
Dou a vivos e a mortos seu direito :  
Em mim pódes achar, ora encerrada  
Uma sentença, agora um desatino ;  
O Bem, e o Mal, sem dar palavra, ensino ;  
E ensino tudo, não sabendo eu nada.



---

# C A R T A

A O SENHOR

JOZÉ BONIFACIO DE ANDRADA. (1)

---

## DEFEITOS DA PHILOSOPHIA.

On a banni les démons et les fées ;  
Sous la raison les graces étouffées  
Livrent nos cœurs à l'insipidité. — *Cont. de V.*



So ben che sono molti come voi  
Che credono romansi e favolette  
Le cose delle fate : — e sono buoi.  
Ricciardetto. *Cant.* 20.

---

**E**M quanto nossos Páes , nossas Avós ,  
Encostados na fé do Padre Cura ,  
Crião Fadas , Duendes , crião Bruxas ,  
Quão felices que fôrão ! Que Socêgo  
Lhe adormentava então o entendimento ! —  
Não lhe davão tormento as barafundas  
D'esse fiscal Esp'rito , que aforôa ,

---

(1) Naturalista, enviado pela Rainha N. S<sup>ma</sup>. a França ,  
Allemanha etc. etc.

Que examina hoje tudo , e que amplos góstos  
De enfeitadas chyméras affugenta.

Junto do lar ardente , em curvo cerco ,  
Baixas as téstas , córpos bem cerrados ,  
Toda a familia nos serões de hynverno ,  
Embelésada néstas ventoïnhas  
Inquilinas do mundo imaginario ,  
Não sente o como ronca , esbravejando ,  
O vento , pelo trémulo arvorêdo ;  
Nem como , a télha-vãa reméche e grita  
Por saltante pedrisco fustigada.  
Apenas , quando vai o Conto em meio ,  
Arréda do Leitor , um tanto , os ólhos ,  
Para dar um meneio á frigideira ,  
Ou virar o bom lombo que re-pinga.

Um Cavalleiro , que a viseira cala ,  
Embraça o seu broquel de amante motte ,  
E vai correr o mundo , confiado  
Na aguda lança , e na talhante espada ;  
Que accommétte arriscadas aventuras  
Por livrar encantadas formosuras  
De mimosas Princesas ; de esquecidas  
Masmórras retirar ao claro dia  
Um Montesinos , guápo Cavalleiro ,  
( Saudades da misera Belérma ! ) ( 1 )  
Que para o conquistar , em campo affronta  
Gigantes , Malandrins , Dragos , Duendes ,  
E de toda a refréga sáhe com brio : —  
Descrever ( como digo ) essas proézas

---

( 1 ) Haja vista ao minuête de *Belerma misera* , que vem nas Óperas do Judeo. Creio qui é ( segundo minha lembrança ) na Ópera de D. Quixote.

Éra o talento d'uma *sábia pluma* ,  
Estimada na Córte , e na Cidade ;  
Farta leitura de villões e nóbres ,  
Que , enchendo-lhe a alma de gostoso enlêvo ,  
Criava nos guerreiros mais sabidos  
Campanudo voloz , cortez agrado .

De Carlos Magno o folheado livro ,  
C'os doze Pares de esforçado pulso  
Parão mais valentões (1) á nossa Elysia  
Que não darão ( nos séculos vindouros )  
Embrulhos para as tendas , as fidalgas  
Fôlhas d'um certo Autor lá dos Algarves  
Nos copiados (2) seus bastos volumes .

Em duros corações que térnos golpes ,  
Não dêrão sempre as lagrimas pudicas ,  
Os saxi-fragos rógos da formosa  
Lastimada Floripes ? Qual foi nunca  
A Dama bem-nascida , bem criada ,  
A douosa Donzella bem-fallante ,  
Que lendo na novélla os altos feitos ,  
Galhardias de justas , e torneios  
A's Bèllas dedicados , e vencidos ,  
Não bebêsse vãagloria , e bons desejos  
De correr semelhantes aventuras ,  
A desconto d'um susto em negro bósque ,  
D'um assalto de amor em leito de ouro ?  
Conversando , sonhando ( ao menos ) nellas ,  
Em quanto de as correr não chega o dia ,

---

(1) Vid. na Corte na Aldeia , discurso re. o soldado da India ,  
que ouvia nos quartéis ler livros de Cavallarias .

(2) É Autor a quem a composição d'um volume custa o  
esforçadissimo disvello de trasladar d'outro volume .

Quantas horas com gôsto se não pássão ?

Não assim esses livros engóitados,  
 Com que hoje enquíção guapas livrarias;  
 Cartapacios de linhas, de figuras  
 Nigromanticas, barbaras, insólitas,  
 De Algebrías, de Chymicas, de Phóosphoros,  
 De Syntheses, de Análises, *et reliqua*,  
 Com que tantos ingenhos parafúsão,  
 Com perda de papél, perda de tempo,  
 Sem deleite do Autor, nem dos Leitores.  
 Ah! quanto o bem-merecem ( muito fólgo ! )  
 Lhe vénhão na garúpa as escoimadas  
 Críticas finas, cáusticas Censuras,  
 Bichos desconhecidos nos bons tempos  
 Do bom sizo dos nossos bons Maiores.

Que cousa ha li nos mátos espinhosos  
 D'essa magra e subtil philosophia (1)

(1) La Poesia cava bien più partito da un' illusione interessante, che da una verità fredda. — Cesarotti.

Je respecte la vérité comme les Philosophes; mais je regrette que les hommes aient renoncé à ces préjugés aimables, à ces tendres illusions qui faisaient le charme de sa vie, en donnant un nouvel attrait au sentiment et à la morale. L'illusion embellit tout, même dans la nature; les arts s'étudient à nous tromper pour nous rendre heureux. Que de bonheur les erreurs enchanteuses répandaient sur les liens qui unissent les hommes; que de plaisirs, que de consolations l'imagination créait autour de nous! Mais l'ame s'est refroidie dans le creuset des sciences exactes: on a voulu tout analyser, on a déchiré le voile du cœur humain: on n'a pas voulu croire que le culte de la Félicité doit avoir ses mystères, comme celui des Dieux. Vous croyez, nous dit un Newtonien, que ces arbres sont verts? Mais cette verdure n'est qu'un jeu des rayons de la lumière. Un philosophe chagrin est venu nous dire qu'il n'existait point de véritable

Que emparelhar se atreva c'um bom **Conto**  
 De fadas, c'o condão d'uma varinha ?  
 N'uma vólta de mão, c'um léve tóque  
 D'essa bendita vára milagrosa  
 Vos fazião sahir lá das entranhas  
 Da terra obcdiente, altos Palacios  
 De abalastro, com seus capitéis de ouro  
 Engastados de fina pedraria,  
 Sumptuosos jardins, fontes, passeios

---

amitié, et que tous les sentimens avaiet leur source dans l'intérêt personnel. On a vu le monde tel qu'il est, et c'est un grand malheur; la fable la plus ingénieuse de l'antiquité, c'est celle de Psyché; elle voulut voir l'Amour qui la rendait heureuse; mais à peine a-t-elle porté sur ses traits la fatale lumière, que l'Amour n'est plus qu'un songe: la fable de Psyché est l'histoire du dix-huitième siècle.

Ce sont les femmes qui ont le plus perdu à ce nouvel état de choses; les femmes sont tout où règne l'illusion, elles ne sont rien dans un pays où le plaisir est soumis au calcul; elles ont voulu franchir la distance que le vide de l'imagination laissait entre nous; elles étaient négligées, elles se sont rapprochées; elles sont devenues plus faciles; le plaisir n'y a pas plus gagné que la morale, elles sont plus corrompues, mais il s'en faut bien qu'elles soient plus heureuses: on voit moins leurs charmes depuis qu'elles les montrent; elles ont oublié que l'Amour est aveugle, et qu'il ne voit rien des attraits qu'on étale en public. Imiter la rose qui a reçu de la nature des feuilles pour cacher son éclat, et des épines pour la défendre.

La beauté perd son empire à mesure que l'illusion perd le sien. Examinez les mœurs des Sauvages de la mer du Sud, les femmes s'y montrent telles que la nature les a formées; jamais le bonheur n'y est appelé par le désir. Aussi la beauté y languit dans la plus vile servitude. Je ne sais pas jusqu'à quel point nos beautés veulent nous rapprocher de cet état, mais il n'est que trop vrai que l'Amour a perdu ses charmes en perdant son

Que récheião , que sérvem , que affirmoção  
 Mil Pagens cortezaós , mil Nymphas bellas.  
 D'uma casca de nóz cahir a rôdo  
 As perlas , em chuveiro , as emeraldas ,  
 São prodigios que pásmão , que divêrtem  
 O mais triste fidalgo embezerrado  
 De não ter conseguido uma commenda  
 Por cansados serviços , por vinte annos  
 A fio ter cursado os venerandos (1)  
 Tijólos de palacio , e feito airozas  
 Nos beijamãos as sólitas mesuras.  
 Nem conto os mimos , músicas e amores  
 Surdindo da caverna , máis escara  
 Que as Princezas amantes , pensativas  
 Na solidão maviósa delectavão.

Oh ricco Ariosto ! Oh vate nóbre e farto  
 De brilhantes idéias variadas !  
 Um cento de Palacios de alabastro  
 Nunca te custou máis que quatro rasgos  
 Da riquissima pluma creadora.  
 Não sem razão a sapiente Crusca

bandeau; c'est une fleur dont la tige est desséchée, depuis qu'elle a été trop exposée au grand jour: si cela dure, bientôt on ne saura plus comment s'y prendre pour aimer et pour estimer les femmes. On va m'accuser d'être un misanthrope, ce sont des hommages et non des conseils qu'il faut adresser à la beauté.

Qui pourtant, plus que moi, rendit un culte fervent d'amour aux femmes, et leur érigea plus de temples dans son cœur? Je suis, hélas! *Paveugle inconsolable d'avoir cessé de l'être.*

LOVE-TRUE.

(1) Assim lhe chamou o Marquez de Valença n'um discurso que em nome da Academia Real da historia pronunciou diante de SS. Magdes. em dia de beijamão pelos annos de . . .

Te déra sobre o Tasso a primazia.  
Oh ricas Fadas, ricco encantamento,  
Elcicio dos sentidos agradavel,  
Com que saudade crua, e com que pena  
Vos choro de entre nós affugentadas,  
Por esses máos Philosophos, esquivos  
De todo o bom saber, toda a delicia  
De entretida licção, de util estudo!  
Assim, Amigo Andrada, a minha Musa  
Em seu ócio sagrado divertida,  
Com desenfado, um dia assim traçava  
Esse embrião de ensóssos destempéros,  
Acceitos com desdém ou com surriso,  
Segundo te áchem lépido, ou trombudo.

---

## EXAME DE CONSCIENCIA.

VIZINHO 1.º.

» VIZINHO onde é que vás?

VIZINHO 2.º.

» Vou-me a confêssão.

VIZINHO 1.º.

» Boa memória tens, faço os peccados;

» Mas mal que os faço, adeos; — lógo os esqueço

VIZINHO 2.º.

» Faze como eu. Dous murros bem succados

» Cálma em tua mulher; lógo ella azinha

» Te réza da que hás feito a ladainha.

» Corre co' a réza, e chimpa-lha no bico

» Ao mouco passa-culpas. Dominico ».

## SONETO.

**O**<sup>i</sup>**LHA**, Filena ; o Rio turvo, e feio  
Corria com as ondas encrespadas,  
Como ora embórca as aguas descansadas  
E mostra a areia trémula no scio.

O' lha o risonho dia que nos veio,  
Depois de tão medonhas trovoadas;  
O' lha as terras de flores esmaltadas,  
No travêssô matiz, da vista enleio.

Tal, mudavel Filena é a minha vida :  
Sou triste, ou sou alegre, como vejo  
Tua face irada, ou de rigor despida.

Se me affagas, sou prado que verdejo ;  
Se te esquivas, campina desabrida.  
Tanto dispõe de mim o meu desejo ! (1)

---

## A UM RETRATO

DE M. DE BUFFON.

**T**ALENTO perspicaz, saber profundo :  
Dai-lhe a matéria, dar-vos-há um Mundo.

---

(1) Parece-me que li este verso em Fernão Alvres de Oriente :  
se me engano, dou-o por não ditto.



---

## ODE.

---

Serves animæ dimidium meæ,  
*Horat. Lib. 1. Od. 3.*

---

**PÉDE**, péde (me disse Jové um dia,  
Quando teve acabado o seu despacho,  
E dado ordens ao mundo)  
Era dia de festa, e de alegria,  
Em que de Juno não soffreo o empacho, (1)  
Nem seus zelos sem fundo.  
— Péde riquezas, péde imperios, péde  
Sciencias, artes, honras, formosura;  
De tudo tenho a rôdo. —  
Senhor Jové, que em dons se assim des-méde,  
Grato a sua mercê: tanta ventura  
Não quadra cá a meu modo.  
Nasci sem ambição. A ter vinte annos,  
Pedira'amã *Muchacha* graciosa,  
Mansa como um borrêgo:  
Mas fiz sessenta e cinco; se entre humanos  
D'um amigo me deo jóia preciosa,  
Que m'a salve o encarrêgo.

---

(1) Fatigué sans cesse par les reproches, les emportemens de son épouse acariâtre. — L'Abbé Cornilliolle, préface de la traduction de Stace.

---

## CONTO.

ERA uma vez Bieito , e máis Briolanja  
Casados ha seis annos , sempre amigos ,  
Amigo o filho , o gato , o cão ; e amigos  
( Cousa pasmosa ! ) O harda (1) c'o canario.  
Nunca , ao salvar da pifia humanidade  
O diluviano resto , reinar vira  
Tão boa intelligencia  
Noé no encérro da arca.  
Vai senão quando , em festa domingueira ,  
Tão de bandas tomou a cabelleira  
Bieito , que azoadado , apenas entra ,  
Desanca sua mulher ;  
Esta para desabafar a raiva ,  
Põe em lençóes de vinho o pobre filho ;  
O filho dá no cão , o cão no gato ,  
E este arranha o harda em certa parte.  
Todo chólera o harda  
Férra ao canario os dentes no gasnête ,  
E põe-lhe a alma de avêssô.

---

### *Moralidade do Conto.*

Vêjão vossas mercês que desavenças  
Não procedem da culpa d'um marmanjo !

---

(1) Assim chama Vieyra o que os Francezes chamão — *Ecureuil*.

Toda a casa atélli tão mansa e quêda  
Desmanchou da harmoniã o tom pacato.

Assim vai n'um convento

Quando o Prior tres-louca , a bóla-vento  
Vai Lente , e Prégador , Leigo , e Donato.

---

## O D E

A H O R A C I O .

---

----- Usque ego postera  
Crescam laude recens. -----

*Horat. Lib. 3. Od. 3o.*

---

**Q**UAL vai lambendo activa labareda  
Crepitante espessura ,  
Ou qual Euro nas vagas Sicilianas  
Desmedido galópa ,  
O Feriño Africano rompe , arraza.  
Os reparos das Ítalas Cidades. . . . .

Emulândo os arrôjos desenvôltos  
Do Cysne de Dircéa ,  
O avistas lá nos Alpes ( despeitoso  
De atalhadas victorias )  
Esse asp'ro Hannibal , retorcendo a vista  
Contra Roma , que ao seu furor se esquiva.

Se as venustas Canções de Anacreonte  
Na Cythara renóvas  
Erato, a linda Venus, Baccho imbérrbe  
Te rodeião, te inspirão :  
Dádiva é sua, que te amostre o dèdo  
Cantor suave na Romana Lyra.

Chlôe, Glyceria, Lydia nomeadas  
Por todo o Lacio imperio,  
Aos Grêgos módos, já por Ti Latinos,  
Dévem rumor perenne.  
Vive nas tuas chordas, e flammeja  
Do teu ciúme a chólera difficil.

Era vosso, oh Camênas, quando affouto  
Dormia mui seguro  
No tópe do Vulturio descampado,  
Entre Ursos, entre Vîboras :  
Vós chamastes as Pombas, que tecêrão  
De murta e louro o milagroso abrigo.

Alli Clío, bebendo a voz de Phébo,  
Soprou na infante veia  
Os poeticos sons, que Elle na Lyra  
Mandou á Eternidade.  
Accêsa, alli fatidica revéla  
A's Irmãas a vindoura luz de Horacio.

» Qual, pela madrugada sóta a Abélha  
» O affadigado vôo,  
» Vai chupar nós casúlos orvalhados

- » O mellifluo perfume ,  
» E açodada c'ò doce pêsô acóde  
» A' colmêa a lavar os louros favos ;
- » Tal , nos Campos da Grecia irás colhendo ,  
» Flacco , o beijo das flores ,  
» E o mel tem de manar das tuas Odes  
» Com tal sabor , e arôma ,  
» Que crescendo em louvor , sempre recente ,  
» Éras , e éras verás inimitado .

---

## EMPRÊGO DAS NOVE MUSAS.

1.

Com ópa e manto azul , de aurcas estréllas  
Recamado , passcia majéstosa ,  
C'um compasso na mão a Musa Urania  
Dos Céos medindo a vasta redondeza.

2.

Embócca a tuba argentea a augusta Clio  
E faz soar n'um Pólo e n'outro a Fama  
Dos Reis e dos Heróes , que sobre-humânas  
Obras , em bem dos Póvos emprendêrão.

3.

Calliope , na Lyra , em sons medidos  
Conta as mesmas accções que Clio escreve ;

E os Deoses , para ouvî-la , se debrução  
Do Olympo , no seu Cântico enlevados.

4.

Melpomene , a purpúrea , roçagante  
Roupa arrastrando , c'o cothurno piza  
Sceptros , corôas , pelo chão calidas  
Das mãos dos crús , dos pallidos Tyrannos.

5.

E Thalia que ri , que sempre mófa ,  
Com mão malina , e folgazã lhe rasga  
Ao Vicio a máscara ; e subtis verdades  
Com risonho primor enfeita airósa.

6.

De murta se engrinalda a branda Erato ,  
Emprégua as mãos 'em coroar amantes  
Co'as rósas de Cythéra , e guíta as pennas  
De Horacio , Anacreonte , e de Petrarcha.

7.

Sobre alcatifas de viçosa rélva  
Sentada Eutérpe , adóça o canto á flauta ,  
Nas lições della attentos os Pastores ,  
A conquistar as Dríadas apprendem.

8.

Nóva fálta máis viva que as palavras  
Com que a alma exprima a força dos affectos

Nos géstos dá Polymnia ; as mãos , o rósto  
Dão mais que vózes , dão as côres da alma.

9.

Com déstras plantas , lévamente airosas ,  
Terpsíchore mil symbolos descréve ,  
Dá vida , alenta os animos que jázem ,  
C'o inérte peso do O'cio , quebrantados.

---

## E N I G M A .

SEM principio , sem fim symbolo claro  
Da duração etérna ,  
Nada sou , se não vem em meu amparo  
Uma de nóve Irmãs , próle patérna.  
Nome e figura  
Em vão repito  
Desajudada , e só : mas com mistura ,  
Com cortejo traz mim  
Tenho principio e fim — valho infinito.

---

---

## ODE A VIRTUDE.

---

Virtus recludens immeritis mori  
Cœlum, negata tentat iter via,  
Cœtusque vulgares et udam  
Spernit humum fugiente penna.

*Horat. Lib. 3. Od. 2.*

---

1.

FORAGIDA entre os homens, e medrosa  
Tu, Virtude, te escondes :  
Do seio do alto Deos, d'onde descendes,  
Rara as terras visitas.  
Que dellas te affugenta um vicio (1) infesto,  
Vil arremêdo, que te usurpa o nome.

2.

Mafômas falsos, Cromwéis tyrannos,  
Em teu manto embuçados,  
Vertendo sangue, atropellando sceptros  
Te fizêrão mal-quista,  
Em vivo fôgo, em lóbregas masmôrras  
Te dêrão não-devida sepultura.

---

(1) A Hypocrisia.



3.

Tu douras os Celestes apposentos  
Com tua luz sagrada :  
Tu és o sól , que nésta sombra espéssa  
Os Justos allumias ;  
A tua luz dá na alma , a aclára , a esfórça ,  
E põe no humano assômos de divino.

4.

Entre ródas , equúleos , e catástas  
O Varão virtuoso  
Mostra ao medonho algôz plácido o rôsto ;  
E envergonha o Tyranno :  
Abre , entre as sétas , abre entre as machadas  
No corpo retalhado uma alma inteira.

5.

Co'a vulnifica prôa o grande Castro  
Rompe os Indicos mares  
Alastrados de pérolas luzentes :  
Visorei parco e póbre ,  
A quem vislumbres dos rubis do Oriente  
Não desviarão do alvo da Virtude.

6.

Envôlto em negro fumo , em pó , em fôgo ,  
Entre estalladas pédras  
Da mina , e despedido baluarte ,  
O impávido Fernando  
Desfigurado , ardente ainda , ainda  
Na semi-viva mão apérta a espada :

7.

E c'os olhos nos Turcos assombrados  
Quer nesse arranço extrêmo  
Vingar a Fortaleza! — Oh Castro forte,  
Mandas tomar-lhe o pôsto  
O espêlho de teu animo, e virtude,  
O único esteio da prosápia illustre. (1)

8.

Que a tanto o guã aquelle raio puro  
Da Honra bem fundada ;  
Que por Deos , pelo Rei , e pela Patria ,  
Vê , sem torcer a vista ,  
Da Morte a fouce , os cõffres do Avento ;  
Sem susto a Morte ; e sem cubiça o ouro.

9.

Emmudecei , profanos ; afastai-vos ,  
Ministro do Deos summo ,  
Que os Céos , que as Terras c'um acêno rege ,  
Direi cousas mais altas  
Que descrida não pensa a Iniquidade ,  
Mas que da sãa Virtude fôrão dignas.

10.

Virtude , que és o prémio de tí mesma ,  
Tu zombas da Fortuna ,  
Ídolo vão dos homens imprudentes .  
A Tóga respeitada ,

---

(1) O seu filho máis vélho D. Alvaro de Castro.

O Bastão militar, o Sceptro de ouro  
Não dão honra sem ti, dão vituperio.

11.

Tu, quando cúbres e' o immortal escudo  
O peito a ti votado :  
Em vão lhe arrója lanças o Destino ;  
Despontadas, por terra  
Cáhem ; se atroz Inveja te mareia  
D'entre os aleives cândida re-brilhas.

12.

Tu vens nas almas , quando ao mundo brótão ;  
Qual o botão mimoso ,  
Que ajudado do sól , da mão cultôra ,  
Des-dóbra do casulo  
Os soberbos matizes , mil-córados ,  
Que bordou curiosa a Natureza.

13.

Tu, qual ardente luz , da rija pédra  
De entre trabalhos duros  
Exprimes teu valor , vibras luzeiros ;  
Se vem favonios sôpros ,  
Lógo se ateião altas labarédas ,  
E vás lavar por almas bem-nascidas.

14.

Eu te vejo, oh Virtude! Vens descendo  
Formosa em nuvens de ouro ;  
Pelas modéstas roupas te distingo ,  
Pelo screno lume ,

Que te reveste a alvura, e doura a fronte,  
De lidadas victorias coroada.

15.

Onde me elévas na veloz carreira?  
Os globos das estrellas  
Vejo rodar por esse vácuo immenso.  
Que nóvos sóes, que mundos!  
Que ordem! que justas leis entre si-guardão!  
Do Creador, girando, o aceno cumprem.

16.

E estes montes; e a fúlgida Cidade, (1)  
Com muralhas tão ricas;  
Que em dôze pórtas, dôze pérlas abre  
De bi-partida entrada!  
Calçadas, de ouro acrysolado, as ruas!  
Diamantes, da Salla o pavimento!

17.

Que cânticos! que música doçura!  
A, que o throno rodeia,  
Nuvem de ouro, se abala! . . . Uma voz rompe  
De majestade cheia: —  
« Aqui só tem entrada os que vencêrão  
» O difficil caminho da virtude.

---

(1) Os montes de Sião, e a Jerusalem celeste.

---

## FRUCTOS DA EXPERIENCIA.

Depois de sessenta annos que imagino  
Na causa, e nos effeitos, de quem come,  
Quanto eu bem profundei com sério tino,  
É dar-me um bom jantar cábo da fóme.

---

### IMITAÇÃO

D'UNS VERSOS DE GRESSET.

Do cáliz das violéttas  
Sahi, mimosas velludadas fôlhas;  
Estendei a fragrancia  
Pelas occultas, intrincadas sendas  
D'este ameno retiro,  
Que Flora coroou de alta verdura.  
A Musa embrandecida  
Des-cáhe em aprazível devaneio;  
E súbito entranhada  
De doce canto, e de éstro irresistível,  
Valles, sérros, florestas,  
Toda a scena das plácidas campinas  
A seus olhos se enfeitão,  
Cóbrão alma, se ayivão, se menêão.  
Se ante a vista de vulgo

São méra sólidão , são mórtas sombras ,  
Se é mudo claustro um bosque ,  
Se o ribeiro é um fio de agua mansa ,  
E os Zéphiros ruído ,  
Que acaso móve as fôlhas descuidadas  
De tecido arvorêdo ;  
Tudo reluz , e pensa , e vive , e córre  
Para os a que abriu Calliôpe  
Claridade de Délphico luzeiro.  
Essas aguas , queixosas  
Nymphas são , que de Jóve vão fugindo ,  
Para ir cahir nos braços  
Dos Zagães , que as vontades lhes prendêrão :  
Tem vida , tem alento  
Esses Fétos , que um sôpro abála e treme , (1)  
E as flôres que as esmaltão ,  
Já fôrão celebradas formosuras ,  
Mudadas em boninas.  
Esses , que agóra , alados Mariposas ,  
Com vôos , com requêbros  
As namôrão , outróra amores fôrão ,  
Que de pura fineza  
Por ellas , aqui vivem transformados.

---

(1) Ha exemplos de verbos neutros com significação activa e o verbo *tremar* é um d'esses.

## SONETO.

**U**NS lindos olhos , vivos , bem-rasgados ,  
Um garbo senhoril , nevada alvura ;  
Metal de voz que enleva de doçura ,  
Dentes de aljofar , em rubi cravados :  
Fios de ouro , que enredão meus cuidados ,  
Alvo peito , que cega de candura ;  
Mil prendas ; e ( o que é máis que formosura )  
Uma graça , que rouba mil agrados. —  
Mil extrêmos de preço mais subido  
Encerra a linda Marcia , a quem off'reço  
Um culto , que nem della inda é sabido :  
Tão pouco de mim julgo que a mereço ,  
Que enojá-la não quero de atrevido  
Co' as penas , que por ella em vão padêço.

---

## ENIGMA.

**S**ou Pintor e painél , que represento  
O que nenhum Pintor pintou tégora :  
Pinto os gestos , a côr , o movimento ,  
E o que eu pinto não péga , surge fóra.

---

## O D E.

---

Si la vertu se montrait aux mortels  
Ce ne serait ni par l'art des grimoires,  
Ni sous des traits farouches et cruels,  
Mais sous votre air, ou sous celui des Graces,  
Qu'elle viendrait mériter nos autels.

GRESSET.

---

QUEM me dirá que incógnito caminho,  
Dêve trilhar affouto,  
Quem salvar quer da venenosa vista  
Da disvellada Juvêja  
O thesouro opulento de virtudes,  
Que lhe reluz no peito?  
Houve mortal tão puro, a quem o dente,  
Maligno não mordêsse?  
E no candor da vida intemerada  
Lividez não marcasse?—  
Dos sãos costumes Sócrates modêlo,  
( Brazão da humana próle )  
Não a poude evitar; não o poude Tito,  
Delicias do universo.  
Sônho! . . . ou deliro! . . . Aligeirar-se o corpo  
E em pennas so-pesar-se  
Sinto estranhado! . . . Trava-me do braço,  
E me guía a Ulisséa  
Arrebatado Nume! . . . Entra na Córte,



- E as nuvens da Lisonja  
Afastando co'as azas estridentes,  
Me abriu o claro seio  
Da Verdade, mal-quista nos Palacios.  
« Aqui dentro reside  
» Quem soube unir com laço estreito e puro ,  
» A formosura , as Graças ,  
» Quem compôr das virtudes todas soube  
» » Uma única virtude.  
» Grata , affavel , activa se contenta  
» De affortunar os outros.  
» Méde as razões , o valimento , a força  
» Pelo interesse da alma :  
» Toda empenhada no favor alheio ,  
» Nada no proprio. Vale ,  
» Soccorre com prazer , sem pôr a vista  
» Na ingratiidão futura.  
» Com este esforço se grangeia a Estima ,  
» Sem despertar invejas.  
» Tem no peito bondade inexaurivel ,  
» Que pelo rôsto e olhos  
» Lhe véрте graciosa , e se derrama.  
» Tu vês , oh Vate ingenuo ,  
» Armania ; vês o trilho de seus passos  
» No incógnito caminho.  
» Vai publicar um verso generoso  
» As lições que apprendeste :  
» Convida esse universo a praticá-las.  
» Vejão com alto espanto ,  
» Quem pôz como ella á inveja duro freio  
» Quem collocou a Dita  
» Em bem-aventurar ( com mão que esconde )  
» Os animos que a buscão.

- » Buscão todos. — Que em seu olhar benigno  
» Todos o abrigo encontrão.  
» Ah não sáias ousado além da raia  
» Que austero te abaliso.  
» Louvar de seu ingenho os dótes raros  
» Escassamente póde  
» Quem tanto como Armania ingenho alcance.  
» Esse inda o creio longe  
» De hobrear com o assumpto, quando cante  
» O valor de seu peito.
- 

## EPIGRAMMA.

MANDOU-ME AMOR, que esta O'pera vertêsse;  
Ou sábio ou néscio a Amor tudo obedece.  
Censor, que lês a traducção do Drama;  
Os erros meus desculpa.  
Amor tem toda a culpa.  
Não vê erros um cégo; e é cégo o que ama. (1)

---

## SONETO.

MOTTE.

*Do duro Amor tomei o jugo brando*

Glosa.

Vi passar pela minha rua um dia

---

(1) Scilicet insano nemo in amore videt.

*Propert. Lib. 2. Eleg. 14.*

Duas compridas filas de amadores.  
 Móstra uma, alegre, os aurocos passadores  
 Com que Amor as entranhas lhe feria.

Outra com pranto a sua dôr carpia  
 Refrescando co' a mão sévos ardores,  
 Que, com facho infernal, Zelos traidores  
 No peito lhe atejavão á porfia.

Seguí a procissão dos penitentes,  
 Té onde um sacerdote nos umbráes  
 Do Templo, um jugo a todos ia dando :

Quando, ao passar a fila dos contentes,  
 O meu turno chegou, — fiz como os máis,  
 Do duro amor tomei o jugo brando.

## O D E.

Fervet, immensusque ruit profundo  
 Pindarus ore. HORAT. *Lib. 4, Od. 2.*

### STROPHE I.

VAGANDO entre o mâtiz, e ingenuas várzeas  
 Das Graças, (1) onde a côr ponho a meus Hymnos;  
 Pelas márgens Dircéas  
 Colhendo o esmalte, e beijo (2) das boninas,

(1) Imitação de Pindaro na 6. ode Pyth.

(2) Delicata florum oscula. Marull.

A' Thebana feição, com mão lidada,  
Esta tri-chórde c'roa  
Armo em círculo, e teço: co' ella enflóro  
A fronte radiante  
Do charo Pollião (1) dos Céos bem-quisto,  
Dos Céos; — d'onde comsigo  
Trouxe as Filhas, que á luz déra a Memória.

ANTISTROPHE I.

Mnemósyne (2) de Eleutheris (3) Rainha  
De ósculos nóve obtêve nóve (4) Filhas:  
Jóve (5) as prezou por suas.  
Mas quando a vaga Lua dôze vezes (6)

---

(1) Respeitos forçosos disfarção por agóra os nomes verdadeiros.

(2) Mnemósyne, ou a Deosa da memoria.

(3) Eleutheris, ou a Liberdade, sem a qual se não compõe versos sublimes.

(4) No prólogo do seu terceiro livro das fábulas diz Phædro:

*Tonanti sancta Mnemosync Jovi*

*Faecunda novies artium peperit chorum.*

Mas Hesíodo é quem inventou esta ficção de admiravel poesia, com que o Poéta denota bem, que a Memoria, fecundada pelo Éstro, que vem de Jupiter, dá á luz as Musas ( *scilicet* ) as Artes e as Sciencias que nas Musas são representadas. E posto que sejam em numero maior as Artes do que as Musas, escolheo o Poéta o numero nóve, que é symbolico, que é perfeito como composto de tres vézes tres, e que por tal segundo as idéias Egyptias, e Chaldaicas encerra todas as virtudes e perfeições, e servia tão bem por isso de base a todos os mysterios.

(5) Jupiter para as gerar se transformou em um Pastor, diz Ovid. metamorph. 6. e daqui vem, que ellas influirão tantas eclogas pastoris modernas.

(6) Hesíodo o diz assim; mas sem nos dar a razão. Se porém

Atou as curvas pontas luminosas,  
 C'os raios prateando  
 A parda face da selvosa Terra,  
 Mnemósyne cingida  
 De estreita dôr, clamando jaz, do Olympo  
 Nas fraldas: — Vem, Lucina.. —  
 E esta lógo a allumiou com filhas nóve.

## E P O D O I.

Com larga mão os Fados as dotarão  
 De suave-immortal-músico alento.  
 Nos inda tenros labios  
 Succo de Attico mél (1) brandos vertêrão;  
 A guarda lhes foi dada  
 Dos vérsos com que as almas se lisonjão; (2)  
 Com que as lidas dos homeus, e dos Numes,  
 Da voz medida (3) aos sons amenos, dórrem.

## S T R O P H E I I.

Lógo que a ténue infaucia (4), (atropellando,  
 Com os passos do Tempo desenvolto,

minhas conjecturas tem alguma préstimo neste silencio de Hesiodo, ahi lhe arrumo essas duas. Quem sabe se não era então mais longo o tempo da prenhez? E quem duvida que as Musas não tenham privilegio de ficarem mais tempo no ventre para virem mais teferas e mais mocetonas, que as outras Mulheres.

(1) *Attico rore.*

(2) *Camões.*

(3) *A toada dos versos, os quaes observão certas medidas.*

(4) *As nove infantas, então ténues pela frouxidão da idade.*

Da Primavera a quadra )  
 Toccou ligeira a séptima balisa ;  
 O sangue natural , que alívio ordena  
     Vêr os que , a vêr o dia ,  
 Amantes nos mandarão , se apodéra  
     Dos nóve tenros peitos ,  
 Que briósos c'os braços nóve e nóve  
     Da Mãe o cóllo enrédão ,  
 Por que á fáce do Páe queira guiá-las.

### ANTISTROPHE II,

Mnemósyne insoffrida ( 1 ) de contento ,  
 Desprendendo , e beijando , uma apoz outra ,  
     Mãozinhas torueadas ,  
 No seio as tóma em lágrimas ( 2 ) sorrindo ,  
 E sólta a voz , que sóbe da alma á lingua ,  
     Entallada ( 3 ) em suspiros.  
 ( Mas suspiros de gôsto ! ) . . . que a entranhava  
     Deleitosa ternura ,  
 Vendo a Dita cobrir com azas de ouro  
     Suas Filhas , no instante  
 De vêr o excelso Páe , que lhes deo vida.

### EPODO II.

Depois que entreteceo n'uma grinalda  
 Molles violéttas c'o matiz das flores ,  
     Os puros fios de ouro

( 1 ) Bene ferre magnam disce fortunam. Horat. Lib. 3 ,  
 od. 27.

( 2 ) Lágrimas e sorrisos que bem compétem ao mimoso  
 amor de Mãe.

( 3 ) Vocem suspiria premunt.

Lhes cõrdou , e as ópas nas cinturas ,  
 Lhes prendeo com alinho :  
 Ante a trópa gentil marchando airosa ,  
 Noite e dia o caminho acomettendo ,  
 Co'as nóve Musas piza a praia Ethiópia.

## STROPHE III.

As Donzellas viçosas , não confrontes  
 Inda c'o mal , co' as ímprobas (1) fadigas  
 Tremêrão , quando olhárão  
 Do mar sanhúdo a tórva catadura ,  
 E espavorída a juvenil coragem  
 Recuárão vergando ,  
 Qual molle o junco ; ao duro sópro do Euro ,  
 Na alagõa stremece.  
 A Mãe não-abalada lhes confórta  
 Os peitos palpitantes ,  
 E as consõla com este alado accento :

## ANTISTROPHE III.

« Cobrai ânimo , oh Filhas , Próle estrême  
 « Do Deos sob'rano , que na dextra iugente  
 » Sopésa o roxo raio ;  
 » Não vos dêm que temer as vágas oucas ,  
 » Que roucas re-volvendo re-murmurão.  
 » Já pértõ assõma o dia  
 » Que alto domínio vos trará sobre ellas ,  
 » C'os sons do encanto vósso. (2)

---

(1) Labor improbus. Virgil. Georg. 1, v. 145, 146.

(2) Que muito é que tenham os versos e a harmonia poderío

- » Rompei-me d'esse mar as longas rugas ;  
» Arremeteci affoitas ,  
» Que a Jóve ides saudar no húmido Reino. »

EPODO III.

E lógo ás vástas ondas se arremessa ,  
D'um salto : — como um Cysne , que mergulha ,  
Se A'guia pelo ar avista ;  
Ou qual , por listas do arco , baixa a prumo ,  
Iris , e na agua cála as coloradas plantas ,  
Quando Juno com pressuroso Divinal mandado ,  
( Mansageira fiél ) a envia a Thetis. (1)

STROPHE IV.

Ellas , o combro olhando , que o mergulho  
Da Mãe no mar erguêra , e o como rompe  
C'os braços destemido  
O grosso rôlo de agua , dão de gólpe  
( Baixa a cabeça , os ólhos apertando , )

---

sobre Neptuno e as suas Nymphas, quando tanto vencêrão a  
cruzeza do mal-encárado Plutão, das Furias e do Tri-fauce Cão  
de fila !

(1) Não sei porque Hygino chama a Téthis ama de Leite de  
Juno : *Juronis nutrici*; menos que não seja em razão de ser  
Juno figurada pelo elemento 'do' ar, que carece do humor das  
aguas para se sustentar; e então a allegoria é excellente, como  
o são todas as dos antigos, quando se lhes entra no âmago. Não  
são tão agradaveis, nem tão subtis muitas outras que hoje vógão  
muito ao largo, dado que sejam bem ensôssas, e corriqueiras !  
Tambem ( para tornarmos ao ponto ) quiz talvez o poéia indicar  
a opinião de Thales Milésio, que tinha a agua por productora de  
tudo o que é materia.



No chão do salso argento.  
O mar dellas ferido em cima salta, (1)  
Os ares borrifando ;  
Em mil debrúns de círculos lavrado, (2)  
Com vagas sobre vagas,  
Cóbrec a ( que as engolio ) fauce (3) profunda.

ANTISTROPHE IV.

Eis que abértas as mãos, joéllhos curvos,  
Os delicados braços revolvendo,  
Rasgavão por mil módos  
De Neptuno spumoso o azul imperio.  
Assim vergando vai chumbada córda,  
Pela onda verde ao fundo,  
Tirando a si da rêde os nós olhúdos.  
Já profundão com ancia,  
E ás priscas pórtas chegão já do Alcáçar  
Abobadado da agua,  
Onde o Oceão a Jéve banquetêa.

EPODO IV.

D'este alcacar eterno, alti-columnio  
De rios cem a borbulhões sahía  
A perennal corrente.  
Da aurea cimalha pende, entre as arcadas  
De verde esmalte insigne,

---

(1) *D'ancora o mar ferido em cima salta.* Camões

(2) *Expressor efficax styli et veritatis, imaginem pene in ob-  
tutus dedit lepore linguæ.* Avien. Nota do Editor.

(3) *Ter fluctus ibidem*

*Torquet agens circum, et rapidus vorat æquora vórtex.*

*Virg. AEn. 1.*

O vagabundo carro , que circunda  
Com despedido curso noite e dia  
Duas vezes do mundo a redondeza.

### STROPHE V.

Tem cerradas múltiplas sementes  
( Eternas Filhas da Agua , ) ( 1 ) a Natureza ,  
    Em ricas taças de ouro.  
Lá membrudos Tritões põem peito aos Rios ,  
Que entallados rebeatão das montanhas  
    A florear as veigas ; —  
E á volta em vastos lagos os recólhem ( 2 ).  
    Eis que entra o infantil bando ,  
Quando Pomóna , erguidos os manjares ,  
    Concertava nas mesas  
Os multi-côres fructos saborosos.

### ANTISTROPHE V.

Então Apollo c'o arco harmonioso  
Despósa a doce voz , que alegra a fronte  
    Dos recostados Numcs.  
Mas Júpiter c'os olhos cerca ( 1 ) a mesa ,  
E a penetrante vista longe-estende  
    Ao rutilante Chéro ,  
Que airosas tem no rosto a Graça , o Brio  
    De viva côr pintados ;

---

( 1 ) Segue o poeta ( como já apontei ) o systêma de Thales Milésio.

( 2 ) In quo desinimus , quo sacri carrimus omnes.

OVID. *Metam.*

( 3 ) *Cerca a mesa* , corre em ródá com os olhos a mesa. É phra-

E em divinos clarões bem denunciação  
A clara augusta fonte  
D'onde alta origem immortaes bebêrão.

EDODO V.

Logo des-curva o braço , e o corpo erguendo  
O acume fita dos avaros ólhos . . .  
Eis c'um abraço envolve ,  
E estreita a todas c'um milhão de affagos.  
Ama ver-lhes nos rostos  
Tanto mimo singélo , tanto aviso :  
E por dar a tal hóspede (1) contento ,  
Quer das Músicas nóve ouvir o canto.

STROPHE VI.

Ellas então a airosa bôcca abrindo ,  
Pleno cõffre de Arabico perfume. ,  
Com almo e douto sp'rito ,  
Dêrão vida a celestes cantilenas ,  
Da Lyra magoando as Délias córdas.  
De Minerva e Neptuno  
O antigo desafio discantárão :  
Como ella fez proficua  
Brotar da Terra a pallida Oliveira ,  
Elle o hinnidor ginêtte ,  
Vindouro annuncio das campâes batalhas.

ANTISTROPHE VI.

Depois com voz cantárão mãis robusta

---

se de que usa Barros na Chronica d'Elrei Clarimundo , *et alibi*

(1) Dizemos igualmente *hóspede* , o que *hospéda* , e o que  
é *hospedado*.

A férrea , precipitada bigorna ( 1 ).  
Que nóve e nóve dias ,  
A revoltões , médio os céos , e infernos ,  
Que bronzeo muro abrauge , e que allongando-se  
Todos em tôrno os cinge ;  
E a Noite com tres mantos lhes offusca  
As tríplexes muralhas.  
Lá , ( sem curvar ) ante as tremendas pórtas  
Sostêm nos hombros duros  
Athlante espadaúdo , o firmamento.

### E P O D O VI.

Lá , nesse abysmo omnipotente é que uiva  
A cohorte rebélde , que assaltára  
A Jóve gigantóphono : ( 2 )  
Ao lado os Arsenaes estão fornidos  
Das retortas centêllhas ,  
Que aos mãos o Deos arroja volteando :  
Qual , em torno da tística , brande o dardo  
Que atira ao inimigo o Mouro infrene.

### S T R O P H E VII.

No máis fundo da lóbrega voragem  
D'esse Orco profundissimo , as raízes

---

( 1 ) Júpiter quiz castigar os Titães no inferno , e este tão longe é da terra , quanto esta dista do Céu : para medir ao justo esta distancia , despedio Jóve do Céu uma bigorna de ferreiro , que rodou nóve dias e nóve noites , até topar com a terra ; d'esta outros nó e dias , e noites , até cahir no inferno.

( 2 ) *Gigantophonos*. — *Gigantum interfectior*. Mattador de Gigantes.

( 184 )

Prendem da Terra , e Mares ( 1 ) ;  
De estréllas recamada , alli a Noite ,  
Saída o Dia , ou já do Mundo vinda ,  
O encontre á larga bôcca  
Do golphão cavernoso ; ou quando sáhe  
A deitar trévas , e luto  
Pelas altas montanhas , fundes valles ,  
O vé tornar cansado  
De espalhar os luzeiros no Universo.

#### ANTISTROPHE VII.

O ferido Bordão ( 2 ) na lyra trôa ,  
Com riço som , que os astros estreméce :  
Lógo as Musas recitão  
O assalto dos Gigantes contra os Numes ;  
Como na encôsta do Othris ( 3 ) se enfileirão  
Os Titães , e contra elles  
No Olympto Deoses , annos déz , cerrarão  
Granizo de fréchadas.  
Em resposta das arrancadas róchas ,  
Que aos Céos lhes remetião  
Com braços , entonando frontes cento. ( 4 )

#### EPODO VII.

Com duvidosas azas a Fortuna

---

( 1 ) Necessario é que os Poétas vejam com outros olhos as cousas de que fallão. Eu por mim, não posso comprehender que feitiço teihão as raizes dos mares. Mas talvez isto proceda de que eu não faço versos.

*Nota do Editor.*

( 2 ) A chorda máis grossa da lyra.

( 3 ) Monte da Phóide perto do Parnasso.

( 4 ) Magnum illa terrorem intulerat Jovi

Ora estes , ora aquelles amparava.

Eis Jóve diz que sôe

Tuba divina a recolher os Numes ,

Espargindo repouso.

Manda verter de néctar cópia grande

Pelas taças ; — que bebão nóvos brios ,

E re-temem máis fortes a refréga.

### STROPHE VIII.

Do terrífico raio armando o braço ,

Que em relampagos vivos róxeava ,

Encréspa o largo peito

Co'a horrenda pélle (1) de ouriçada grenha.

Marte franzindo a fronte em negras iras ,

Movia a enorme adarga.

C'uma queixada o Lemnio (2) a mão garante

Callosa : em pó envolto ,

Em punho tem Apollo a bésta arcada (3) ,

E sua Irmã guerreira ,

D'outro lado , a Dictinna , (4) lhe faz muro.

### ANTISTROPHE VIII.

Cobrio Bellona a tésta c'o aço fino

---

Fidens , juvenus horrida , brachiis ,

Fratresque tendentes opaco

Pelion imposuisse Olympo.

HORAT. *Lib. 3. Od. 4.*

(1) A pélle da cabra Amalthea , que lhe deo de mamar , que depois lhe servio de couraça.

(2) Vulcano , que na Ilha de Lemnos tinha a sua officina.

(3) *Arcada* , formada em arco. — *Nota inutil.*

(4) Diana , assim chamada em Créta.

Onde Medusa flammæ vomitava  
 Da cholérica bôcca ;  
 E enxérta no cerrado punho , a hacha ,  
 Que os Reis agasta , quando allûe irosa  
 As venerandas tórres  
 Das Cidades. A Styge ( 1 ) os braços , côxas ,  
 E os peitos em-muralha  
 D'um cossolête negro ; e contra Gyges ,  
 E Bryarêo , e Cotys  
 Traz pela dextra a vencedora filha. ( 2 )

## E P O D O VIII.

Alumnos das batalhas Rhéco , e Mimas ,  
 Guerreiros duros , rompem as entranhas  
 Pedernâes dos rochedos ,  
 Para em cardumes arrojâr os tiros.  
 Léve , como uma lança ,  
 Typhêo brande esgalhado um grão Pinheiro ;  
 Jôga Encélado um monte , que ( não tarde ! )  
 Inteiro o accurve ( 3 ) cargo da Sicília. ( 4 )

( 1 ) *Styge*. O Poéta , tomando exemplo em Hesiodo , que muito antes o fizera , personalisa a Styge. *Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas*.

( 2 ) *Dicitur victoria Stygis filia bello Gigantum Jovi favisse*.  
 Servius in Virgil. *Æneid*. 6.

( 3 ) *Accurve* por *accurvará* — o subjunctivo pelo futuro. O Autor máis costumado a Horacio , e a Virgilio , que a Grammaticas perluxas imitava as licenças , que lja nos clássicos.

*Nota do Editor*.

( 4 ) Lógo que Júpiter venceu a batalha contra os Titães , para castigar Encélado , so-pesou lévemente esta montanha , que é hoje o Etna , e arrojando-a a Encélado , o derribou com ella

## STROPHE IX.

Trovão contra trovão abalroando ,  
 A que Azas deo sanhudas Euro , e Noto ,  
                   Rompem , retumbão , ronção ,  
 Taés na refréga embatem os dous campos ,  
 E do asp'ro encontro o Pólo ao longe tóa.  
                   Pulverulenta nuvem ,  
 Do robusto calcado róda aos astros ;  
                   O dia se ennegrece ,  
 O mar se empóla , os montes abalados  
                   Dão prolixo rugido ,  
 Rêbrama o Cêo , assustão-se os inférnos.

## ANTÍSTROPHE IX.

Eis Alcides magnânimo ameaça  
 C'o arco stridente a Rheco... Eis que recúa  
                   Ao golpe d'um penhasco ,  
 Que Mimas , que o lascou , dardou zunindo.  
 Co' a tri-farpada lança entra Neptuno ,  
                   Cérra c'o grão Typhéo ,  
 Que no ar rodêa a sibilante funda.  
                   Phébo a certaíra flécha

e mandou , que eternamente allí jazêsse. Quem estas batalhas vio não as escreveo , e quem as escreveo não as vio. Por herança nos viêrão com tudo cinco versos excellentes.

Fama est , Enceladi semustum fulgure corpus  
 Urgeri mole hac ; ingentemque insuper AEtnam  
 Impositam , raptis flammam expirare caminis :  
 Et , fessum quoties motat latys , intremere omnem  
 Murmure Trinacriam , et cœlum subtexere fumo.

*Æneid. 3. vers. 578.*



Despede a Encélado, que vérga ao tiro.

Mas já Porphyrio o pulso (1)

Lhe atordôa c'um canto. (2) E abate-lhe o arco.

### E P O D O IX.

O Padre omnipotente atéza o braço  
Nervudo, avermelhado do corisco ;  
O peito a meio curva ,  
E sacode o trovão flammí-spirante ,  
Que estálla serpeando ,  
( Qual cõbra , as rôscas destorcendo , silva )  
A ardente-aguda luz aponta horrenda  
A's sacrílegas ffontes gigantéas , (3)

### S T R O P H E X.

Queimados té á base, os dous pilares  
Do mundo , vérgão : o Ar , a Terra , as Ondas  
Crepitosas faiscão ,  
Apenas nos Titães , zumbindo , estoura  
O desenvolto , vingativo raio.  
Inda hoje exhala-o enxofre  
Que então os campos denegrio de Phlegra.  
Aqui dêrão repouso  
As Filhas da Memoria aos sons da lyra ,

---

(1) De Apollo.

(2) A pedra , o pao , o *canto* arremessando.

*Camões. Cant. 1.*

(3) A quem começar já a enfastiar-se da longura da Ode , aconselho , que beba um trago de bom vinho de Malvasia ; dê dous passeios ; converse com algum amigo ; e quando se achar mais espairecido , e fresco , continue a lê-la , que (á fé) lhe asseguro não lhe parecerá tão longa.

Fechando a canção nóbre  
Com este hymno suave de triumpho.

ANTISTROPHE X.

E Jóve , que os extáticos ouvidos  
Banhava em sem-igual contentamento ,  
A' voz tão sobre humana ,  
Que arremedava o seu furor profundo ;  
Encósta o corpo atraz , e ri de Marte ,  
Que sobre a lança dura  
Pousando a frente sóffrega de rixas ,  
Roncava a somno solto , ( 1 )  
Embebido em doçura. Eis manda ás Filhas ,  
Que entre ósculos abraça ,  
Péção sublime dom ; digno do Canto.

EPODO X.

Chega-se então a elle a Próle sua ;  
C'o a mão mimosa o joelho uma lhe affaga ,  
Outra lhe ameiga térra  
Da spéssa barba as ondas majestosas.  
A negra sobrancélha  
Longo tempo as assusta , as emmudece ,  
Té que assim desatou a voz melliflua ,  
Em nome das Irmãas , a só Calliope :

STROPHE XI.

« Outorga-nos , oh Páe , que o nosso Canto  
Em todo o tempo a todos dê agrado.

---

( 1 ) Pindar. Od.

Dos bosques e das grutas ,  
Dos montes , rios , veigas , e campinas  
Sejámos por Princezas respeitadas ;  
Que os dulcí-sonos versos  
Se estendão immortaes por sua face.  
Sejão partilha nossa  
Os sonorosos , divinães Cantôres ,  
Prophetas e Adivinhos ,  
Que o lume avistão do subtil futuro. ( 1 )

### ANTISTROPHE XI.

Sejão por nós oráculos cantados ,  
E os potentes Sinâes ( 2 ) mágicas Lettras ( 3 )  
De stupeudo prodígio.  
Caiba ás Musas reger com brando imperio  
As furias do Orco , ( 4 ) e do Olvído o somno ;  
Notar o curvo trilho

---

( 1 ) Creio que o poeta deo aqui o epitheto de subtil ao Futuro; não porque o Futuro o seja; mas por que bem subtil ha de ter a vista o Propheta que acertar com elle. Assim Horacio chama *ensanguentada* a Ira , od. 2. do 3 liv. , bem que a Ira não seja encarnada , nem amarella ; mas sim pelos effeitos. Os exemplos desta figura são tão frequentes que só pôdem nescios fazer reparo nella. Houve comtudo certo embaixador que lendo uma ode do Autor , embicou n'uma metáphora semelhante , e c'um risinho amarello e bêsta lhe disse : « Pois a Alegria é loura ! Tão alva e loura , como a Morte é pallida ; V. Ex. é que me parece loura no caso.

*Nota do Editor.*

( 2 ) Phenómenos , Meteoros ; tambem se podem entender destas palavras , os Sinâes hyeroglyphicos.

( 3 ) Amuletos , Talismães , e outras drógas , com que se arma á crença dos stupidos.

( 4 ) Despertando este , e amansando as outras.

Dos lumes (1) que no Céu vagos (2) se pésão ;  
E ser-mos poderosas  
De arrancar-mos ; do vil , corporeo lôdo , (3)  
As almas , para uní-las  
A' substancia immortal , que as procreára.

EPODO XI.

» Outorga , que os Heróes , que os Soberanos ,  
Que á nossa divindade dérem culto ,  
Nos Reinos seus , por divos (4)  
Os venérem ; que os Reis , por nós ornados  
Com dádivas de louro ,  
Sejão pasmo dos homens , quando entrarem  
Com cortejo , nas festiváes Metrópoles ,  
Ou dérem justas leis ás pias gentes. »

STROPHE XII.

Já curvando o joélho respeitoso (5)  
A pedida mercê punha assim termo.  
Eis que Jóve magnífico  
Largo lh'o outorga , os ólhos inclinando :

---

(1) Astronomia de que Urania tem cuidado.

(2) Se librão.

(3) Assim o canta a Igreja.

(4) Como foi o *Divus Achilles* , *Divus Augustus* etc.

(5) Um Poéta d'agua doce , ou bem grammático diria — curvando o joélho respeitosamente — Mas um Poéta que imita Camões , e os que elle d'antes imitou , dá ao joelho o epitheto que cabia á pessoa , e evita o prosáico adverbio em *mente* , tão desyalido em Poesia , e que mesmo alguns versos em Camões desfeia.

« Se todas as mortâes , que em braços tive

( Disse ) me concebessem

Tâes filhas , ah ! quão pouco me anciarão

E Juno , e seus enfados !

Corrido estou dos que ella deo ao Mundo ,

Já monstros aleijados , (1)

Já próle de execranda valentia , (2)

## ANTISTROPHE XII.

Como Marte. Mas Vós , caros penhores ,

Que máis , que o lume de meus ólhos prézo ,

De vossa Mãe no seio

Vos puz , para encantar homens , e Numes.

Voltái ao mundo , as ondas re-talhando ,

E com facunda lingua

Minha glória cantai , e o prémio vosso.

Vossa Arte as artes todas ,

Oh ! gentis Filhas , vencerá sob'rana

Se não raivar captiva

Nos grilhões de Artes , (3) ás Musas desairosos.

---

(1) Vulcano.

(2) Marte.

(3) Falla aquí Júpiter (que mui bent' o entende) nas artes poéticas modernas, compostas por não-poétas, que se inculcão aos ignorantes por grandes sabichões, quando médrão em regras postiças, inventadas por certas Academias ou conciliabulos de máo gosto, cujas regras, ou antes ferropéas atalhão o vôo do Éstro, e d'um Poéta elevado, fazem um . . . um. . . Não ponho os nomes, por não scandalisar; mas assaz acanhados registas mal abrem a bôcca, ou mal escrevem, são logo conhecidos pela pinta, como gallinhas pela calça.

EPODO XII.

Qual meneia o Piloto , em mar infido  
Do veli-vago lenho as déstras rédeas ,  
Rége o Orador os peitos ,  
E os Reis régem as ondas da peleja.  
Seja Arte , e experiencia  
Embóra a regra dos mortáes mistéres ;  
Que em vós só meu furor , do vosso canto  
Sacra fonte será , pharól , e adórno.

STROPHE XIII.

Qual chama Iman possante a si o férro ,  
E este a si prende um férro , que outro prende ,  
Assim de Apollo o esp'rito ,  
A mim subindo , subirá os vossos  
Ao conceito immortal , divina idéia.  
Vós alçando , e embebendo  
A mente dos fatídicos Alumnos ,  
Com seus canóros versos  
Enlevando as attónitas vontades ,  
Serão Iman violento ,  
Que os ânimos da gente ate , e subjugue. (1)

ANTISTROPHE XIII.

Por que em falso não creia esse orbe indouto  
Que da Arte , e do Éstro não , a Vós descende

---

(1) Parece que devia o Poéta dizer-*subjugue* , e *ate* por que primeiro déve subjugar, e depois atar. Mas elle seguiu o exemplo tão obvio nos clássicos, que usando por elegancia da figura *us-teron-posteron* pos-pûnhão o que devião antepôr e *vice versa*.

Vosso lavor sublime ,  
Vós , oh Destinos , expulsai-me ao louge  
Toda a arte , que se ufane de appossar-se  
Da primorosa tcla :  
Dai , ( 1 ) que este meu vigor se rasgue , e estrême  
( Sob vossa mão potente )  
Em Prophecia , ( 2 ) Amor , ( 3 ) Versos , ( 4 ) Mysterios , ( 5 )  
Quatro alternadas furias .  
Vosso ( 5 ) encanto , e deleite soberano .

E P O D O X I I I .

Não fôge tão veloz o raio accêso ,  
Que despêço da mão , qual vôa a humano  
Peito furor divino ;  
Se êrmo de vicios , ricco de virtudes  
Preparado ( 7 ) o recêbe.  
Que os Deoses , de mui bons , nunca malogrão  
Seus dons sagrados de valor subido  
Na alma que em lôdo se manchou de culpa .

S T R O P H E X I V .

Quando eu impetuoso , e furibundo  
Viér turbar-vos o estranhado peito ,  
Acolhei tanto abalo ;  
Deixai que a alma vos trêma á furia tôrva ,

---

( 1 ) Dai-por *concedei* ; *ordenai* .

( 2 ) Oráculos antigos , como Delphos , Dodóna etc .

( 3 ) Amor insano .

( 4 ) Furor Poético .

( 5 ) De Baccho , de Cybele , de EJeusis etc .

( 6 ) Das Musas .

( 7 ) *Horat. Lib. 2. Od. 10. Benè pręparatum pectus.*

Que vos sacóde ás íntimas entranhas.  
Consenti que ella impére  
No Temploda alma , de que a fiz senhora ,  
Que exhalando virtudes ,  
Vérta os arcanos meus no vosso ingenho ,  
E delles vos fecunde  
Sem estudo , sem arte , e sem fadiga. (1)

ANTISTROPHE XIV.

Mas antes que estas dádivas sagradas  
Nos vates derrameis; tratai que sejam  
Salvos de nódoa os peitos.  
Com sanctas aguas da Castalia pura ,  
Limpai o cóffre , que táes dons recólhe :  
Que é máis grádo , e máis nódio  
O trigo em terra estrême semeado. —  
Puro , e nítido o Ingenho  
Súbito sólta arrebatados vôos ;  
E vai seu furor délphico ,  
Pôr de assento no coração dos homens.

EPODO XIV.

E quem sem meu furor cantar se atreve  
Orphião de graça , e de altivez fallido  
Verá seu charro métro ;

---

(1) Não se deve entender tão litteralmente , em quanto aos Poétas modernos , o que aquí encomenda o senhor Júpiter; ao menos que não concedâmos a soberania de Poétas áquelles a quem hoje nem o título damos de versistas. Júpiter falla dos Poétas inspirados , a quem o Éstro dá maiores vôos , que nunca Artes , nem cansados estudos poderão dar.



Combalidos, e péccos os abôrtos  
Virão da veia sua,  
Forçados fructos de infeliz terrêno!  
Por que luz venha ás gentes, que a Poesia  
Não é podêr humano, é dom divino.

STROPHE XV.

« Os que eu, para Poétas invejados  
Escolhi, por arbitrio meu supremo,  
Intérpretes sincéros  
Das vontades dos Numes serão.dittos:  
*Bem que os apóde loucos, furiosos,*  
Mal-dizente vulgacho,  
Sempre avêzo a morder c'o injurio dente.  
Fâmulo, a cada Vate  
Doar-lhe quero, obediente, e préstes,  
Que os mandados lhe observe,  
Espirito sujeito aó Vate illustre.

ANTISTROPHE XV.

« Ide, que é tempo, os Campos espumosos  
Surcar, oh Filhas, doce glória minha,  
Meu braço máis facundo.  
Ide, minha Progenic máis amada,  
Bem que grão prazo não hajáes, no Mundo,  
De ter firme aposento.  
Que ha-de estreitar-vos a arripiar caminho ( 1 )

---

(1) Phrase é esta de que com muita elegancia usou o Padre Vieyra, que sabia bem joeirar os termos de que se valia com tanta felicidade, e que inda hoje o fazem ler, a pezar de tanto...

Póde bem succeder que o *arripiar caminho* não agrade hoje a certos arripiados. Paciencia!

Bruta Ignorancia ousada;  
Té que um Pharo de Luz Latina , e Grêga  
Vos guie ao chão deixado ,  
E a pedestre Ignorancia ponha em fuga. »

EPODO XV.

Nisto , Jóve as redondas faces enche ( 1 )  
De soberano espirito , que infunde  
Nas divinas Donzellas ; ( 2 )  
E de mimo lhe off'réce o alaúde ,  
Que armou Cyllenio alado.  
Já fendem , perfiladas , as planicies  
Do Occâno , e'os braços denodados ;  
E os mares rebattidos re-murmurão.

STROPHE XVI.

Salve , oh Próle divina , florescente ;  
Dai calor a meu animo , que enrame  
D'este hymno as verdes fôlhas ,  
E as engrinalde em círculo completo.  
Des-nevoai-me a mente , e arrojai longe  
O sob'rôssô do vicio.

---

(1) — — — Quin Jupiter ambas buccas *inflet* — Horat.

(2) Muito tempo cismei para atinar co' a razão de serem sempre donzellas as Musas. ( Provavelmente ficarão para Tias *in secula seculorum* ). Como Mõças tão galantes , tão preadadas , não houve noivo que as procurasse ; algumas como Calliope dêrão algum fracto de certos dares e tomares , que talvez as atallhou de achar maridos ; mas outras houve , que nunca a maledicencia abocanhou : por que não casarão essas ? Eis o motivo. Apollo , que nas entranhas da terra cria o ouro , não teve ainda o instincto de lhe amuar ao canto das gavêtas bons cartuxos que namorassem pertendentes.

Oh dai-me atalaiar com sempre-aguda  
Vista , dos Céos o arcano ,  
E os versos escolher , que máis contentem ;  
Com que Alumno das Graças  
Cante o meu Protector na Lyra vossa.

ANTISTROPHE XVI.

Vinhão talhando as ondas azuladas  
C'os peitos de alabastro , quães de Reinos  
Longinquos vem surgindo  
Sobre o horisonte , de nóve nuvenzinhas  
No prophtéico seio das Sibyllas ,  
*Que um Nume aquéce , e inflamma.*  
Lógo de aguda luz cravando a farpa ,  
A's gentes cubiçosas  
De ver , entre rebuços , seus desejos ,  
Dão nóvas do futuro :  
Enleio a lingua , escuridão as vózes. ( 1 )

EPODO XVI.

Já respostas prophéticas se alargão  
Por toda a redondeza ; e vão os Versos ,  
Dictados por Apollo  
Revestir os Oráculos antigos. ( 2 )  
Em verso as Leis se encerrão ;  
A Amizade dos Reis o Verso a alcança ;  
O Verso , para as inclytas emprêzas ,  
Arma , e robóra dos Heróes o brio.

---

( 1 ) Nunca as Sibyllas , nem os outros Oráculos fallarão sem escuridão , e enleio.

( 2 ) *Antigos* para nós ; modernos , e nóvos para os versos.

## STROPHE XVII.

Ao sancto brado seu lógo acordarão  
 Adivinhos, e Alumnos seus viêrão  
     Os Divinos Poétas.  
 Divinos ; que sem arte , e sem rebugo ,  
 A livre Natureza descrifravão.  
     Sem arte , mas com Éstro  
 Davão vida a singélas escripturas.  
     Muséo , e Orphéo viêrão  
 Eumolpo , Lino , e Ascréo ; ( 1 ) e esse Divino , ( 2 )  
     Com cujo Canto , a Grecia ,  
 Se ergueo sublime , perennal triumpho.

## ANTISTROPHE XVII.

Insanos , e co' a branda accêsa farpa ,  
 ( Das virgens ( 3 ) tiro ) , que arde na alma , e ferve ,  
     Os segredos dos Numes  
 Com coragem frenética ( 4 ) assoalhão.  
 Alta noite os Esp'ritos bons , e as Musas  
     Lhe apparecião , quando  
 Pastoravão seus bois no campo hervoso ; ( 5 )  
     E ao som de aguas saúdosas ,  
 Sacros Ministros de Orgâs , e Mystérios ( 6 )

( 1 ) Hesíodo.

( 2 ) Homéro.

( 3 ) Disparada pelas Musas que dizem virgens , ou ao menos não casadas. ( *innuptas* )

( 4 ) Muito conhecido é por frenezi o furor Poético.

( 5 ) Veção a estampa que vem no frontispício da nova traducção Franceza de Quinto de Smyrna.

( 6 ) Do Paganismo , que só aos Adéptos se descobrião.

Lédas os promovião ,  
Travando em cerco Bacchicas Choréas.

EPODO XVII.

Traz estes sacros Vates , grande turba  
De Poétas humanos , nóva messe  
( Somenos ( 1 ) dos primeiros )  
Chegou. E como derradeiros vindos ,  
Com arte entristecida ,  
Com estudo , trahirão , des-lustroso ,  
Os versos muito á quem dos de alta veia ,  
Frios do antigo ardor sagrado , e sancto.

STROPHE XVII.

Um da guerra , que o féro Adrasto a Thebas  
Conduzira , embocou a horrenda Tuba ;  
Da Noite os alves fachos  
Este ( 2 ) canta ; outro ( 3 ) lavra em verso a Terra.  
No discrimine da flauta a sette vózes ( 4 )  
Inventou a Sicilia ( 5 )  
Cantar rebanhos. Os Thésalos ( 6 ) vogavão  
Na Scythia , em sons máis nóbres.

---

( 1 ) Vid. Pausanias in Beoticis.

Não franzão o nariz á palavra *somenos* , que usou della  
Cantões n'um Poëma Épico , e não o degradou por ella , de  
sublime.

( 2 ) Arato.

( 3 ) *Opera et dies* de Hesiodo.

( 4 ) Septem discrimina vocum.

( 5 ) Theócrito Poëta Siciliano.

( 6 ) Poema épico dos Argonautas , composto par Apol-  
lonio.

Um de Cassandra a furia ( 1 ) ; outro sublima  
Aos Céos , Régios entrêchos ; ( 2 )  
Ou Facecias no humilde sócco moldão . ( 3 )

### ANTISTROPHE XVIII.

Longo tracto de tempo já corrido  
Traz os Vates humanos , bafejãõ  
Com sua graça as Musas  
Os ouvidos dos Quirinães prophetas . ( 4 )  
Nunca igual á priméva ( 5 ) nem segunda ,  
Com já cansado alento  
Como ultima chegada os commoviãõ.  
Mas na lyra rebelde  
Tanto os ávidos dêdos callejãõ ,  
Que seu gorgoio illustre  
Mais alto sôa , que do Imperio o grito . ( 6 )

### EPODO XVIII.

Populosas Provincias instigando

---

( 1 ) Lycophron.

( 2 ) Tragedias de Sóphocles e outros trágicos Grêgos.

( 3 ) Os Autores de Comedias.

( 4 ) Os Poétas Romanos.

( 5 ) A graça ultima com que as Musas inspirãõ os Romanos  
( segundo o parecer dos que melhor entendem a Poesia Gréga )  
não era nem tão singéla com nobreza , nem tão natural com  
elevação , como as Poesias de Homéro , Pindaro , etc . , etc .

( 6 ) El Rei de Prussia fallando de Virgilio ( Épitre à Jordan )  
diz assim :

Ce bel esprit qui , par ses vers divins ,  
Illustra plus l'empire des Romains ,  
Que les Césars n'ont pu , par la victoire ,  
En assurer la grandeur et la gloire .

Armava então a rústica Ignorancia , (1)  
 Contra as nove Camênas ,  
 A cegueira dos Princeses feroces.  
 Ante as de aço luzente  
 Cerradas hóstes , pávidas as Musas  
 Deixão a Terra ; o vôo aos Céos estendem ,  
 Onde entrão açodadas arquejando ;

S T R O P H E   X I X .

E do thrôno patérno vão em róda  
 Sentar-se ; e allí c'o Irmão (2) vidente (3) Apollo ,  
 Cantão o poder summo  
 De Jóve. Os Divos nunca sem as Musas  
 Algo emprendem , ou já sejam de vôdas  
 Em solemne Festejo ;  
 Ou já co'a alterna dança o Empyreo alégrem.  
 Mas já lá assóma o termo

(1) Irrupção dos Bárbaros Septemtrionaes , no Império Romano decadente.

Digão que amontão notas sobre notas. Eu digo que tem razão , e tambem digo , que eu a tenho : porquanto se todos os meus Leitores fossem como Antonio Diniz e N. e N. , e alguns outros que não nomeio , escusada era uma só nota. Mas ai ! do Poéta desgraçado que cábe em mãos de pedantes , ou rançosos , se não léva a espada desembainhada contra ensóssos reparos. Outra razão tenho. Pessoas ha curiosas de ler , que não tendo obrigação de saber de cór a fábula , nem a historia e mil outros requisitos , fólgão muito de acharem junto á difficuldade a nota comesinha , que lha esclarece. Para essas , e não para outras tómo o trabalho enfadosissimo de commentar versos , que me custarão menos a compôr , que a explicar em notas.

(2) Apollo , filho de Júpiter e Latona ; e as Musas filhas tambem de Júpiter , e Mnemósyne.

(3) Vidente , e Propheta são synonymos.

Que as ha-de appressurar a tomar no Orbe  
Nóva e longa pousada. —  
Eis , com seu passo eternamente firme ,

ANTISTROPHE XIX.

Júpiter do alto sólio se abalança ;  
Das Noctî-genas Parcas guia á salla  
A planta omnipotente. —  
Até côxas (1) lhes désce o traço curto ;  
Do tronco Dodonéo a espessa côma  
Lhes dá sombra ás melênas  
Cahidas , tristemente branquejando.  
Em tres coxins sentadas ,  
Cingidas junto ao peito , em roda fião ;  
Com sobreceño esquivo  
Da crêspa fronte a catadura affeição.

E P O D O XIX.

As maúças dos fusos se estrellavão  
Com ruivas sardas de áspera ferrugem :  
De aço duro coberta ,  
Nos quadrís se atravessa a fatal róca.  
N'um Cóffre , em meio d'ellas ,  
Cerra o Tempo as taréfas , cerra os fusos ;  
E os curtos , longos fios , lisos , broncos ,  
( Como o Fado assim quiz ) bem , mal , dobados.

STROPHE XX.

As tres Irmãs , á dura lida attentas ,  
Fadado carmen roucas murmuravão ,

---

(1) Imitação de Catullo nas Nupcias de Peléo e Thétis.



Fiando o estâme vivo  
Do charo Pollião vindoura fórma.  
Clóto, que o fio tórce, estes dous versos  
Nóve vezes re-canta :  
« Tórço a vida, qual nunca mais formosa  
Meus dêdos retorcêrão. »  
Mal que foi nú, da massaróca de ouro,  
O fuso, a tóma o Fado,  
E de Saturno, e Rhéa ao Filho, a entréga.

ANTISTROPHE XX.

Lógo Jóve, em presença dos máis Numes,  
Mólda de massa ethérea nm corpo humano,  
Com suas mãos Celestes :  
Faces lhe avulta, alisa a grave fronte,  
Afla-lhe o nariz, rasga-lhe os ólhos; (1)  
E com sôpro Divino  
O Sp'rito lhe infundio, que em mil virtudes  
Vinha todo banhado.  
A' perfeiçõ da illustre fórma assistem  
As nóve Filhas suas,  
Ao alto Padre attentas, que assim falla :

EPODO XII.

« Nada hajáes de temer : que um douto Guia  
N'este vos dou, quando outra vez ao Mundo

---

(1) Dirão, que ha nesta strophe varias phrases tiradas de Vicyra. Sim, senhores; e me honro muito de que assim m'o censurem. Façam o mesmo os que escrevem certa moxinifada de gallicismos, e acabar-se-ha entre nós o abuso de compôr livros bastardos, em lingua de Peralvilho.

Baixéis. Segui-o ousadas ;  
Que em seu saber seguro vos dou armas ,  
Que todo o susto espancão.  
Despojai-vos de pallidos receios ;  
Que o General intrépido , e prudente  
Derrotará as hóstes da Ignorância. »

STROPHE XIII.

Eis , co'ellas perfiladas , véрте o Guia  
A terra o vôo : as líquidas campinas (2)  
Talhão co'a affouta dextra ,  
Sobre aligeros ventos reclinadas.  
Tal vemos , entre as nuvens , ir voando  
De Grous , de brancos Cysnes  
Ordenado esquadrão , seguindo o rumo ,  
Que o Antesignano enfia.  
Co'a Terra investem. Logo no horisonte ,  
Que fuzilou da esquerda ,  
Claro signal se abriu , que são chegadas.

ANTI-STROPHE XXI.

Chara Musa , que Zéphyro , soprando  
Máis que riço , o baixel , em que eu surcava  
Com infunadas vélas ,  
Os molles combros de agua , assim arriba ,  
Torna á marcada (1) areia o teu Alumno ?

---

(1) *Per liquidum Æthera.*

*HORAT. Lib. 2. Od. ultima.*

(2) *Como por instincto, ou desejo de pôr pés em terra, não só o Patrão d'um barco, mas inda os Passageiros marcão de longe certo sitio na praia, onde levão designio de desembarcar.*

Não vês Varrão na praia ,  
Co'a vista , e meigo acêno convidar-te ?  
Não vês a Nympha sua ,  
Plautina , que te chama , á fóz do pôrto ,  
C'os lumes (1) da alva face ,  
Que de Estrélla polar te estão servindo ?

EPODO XXI.

Dá-te pressa a ferrar o sôlto panno ,  
Que a Canção vai prolixa. Téme , oh Musa ,  
De dar á Inveja assumpto ,  
Que sacrilega vibre a lingua , e trace  
De me affundar o nome  
Na agua do Olvído. — Ah ! quanto máis no fundo  
M'o calca , mais escôa , e vem boiando ,  
Qual vem léve cortiça á flor do pégo.

STROPHE XXII.

Não curves , nem aos ladros d'esse Monstro  
Espaduas fugitivas acobardes.  
Grão mal é a Desventura ;  
Mas é suprema gloria dar invejas.  
Anchorada no porto da Ventura  
Tua lida irá sentar-se  
Aos pés de immortal Numc ; e esses ; que a abôrto  
Fórça canina inveja  
( Que em se morder os membros gasta a raíva )

---

(1) Já muito ha que outros Poétas chamarão os ólhos Sóes ,  
estréllas , luzeiros do Céu do rôsto. Pela mesma razão , ou me-  
táphora chamavão os Persas o Sól ou Mythra , Ólho do Mundo.  
Fica uma metáphora por outra.

Versos , (1) dous Sóes não durão ,  
Sem perder a zombada , ignóbil vida.

### ANTISTROPHE XXII.

Branda Lyra , urde ainda um Canto ao Sabio  
Que te dá doce affan na Dória córda.  
Que a affouto Vate , nunca  
Tolheo torrente rouca , íngreme rócha  
De ir respirar suavíssimos perfumes  
Junto dos bons Esp'ritos ,  
Que dão alma ao saber , á Melodía.  
Quem , com braço vaidoso ,  
Poderá este Hymno aos Céos lançar , tão alto ,  
Quanto é virtuoso , e instruído  
O Varão , que é tão digno de meus versos !

### EPODO XXII.

Pregoando os seus dótes , e grandezas ;  
Por sette linguas (2) desta Lyra de ouro ,

(1) Os estudiosos , costumados a ler nos clássicos Latinos , e ainda nos Portuguezes , transposições de termos , que dão elegancia á phrase , não estranharão este hyperbato , sabendo que é uma figura que exprime antes a impetuosidade e tropel das idéias , que assaltão a imaginação , que a ordem grammática que a tranquillidade de espirito consente no discurso. Além de que , os melhores Poétas transpõem muitas vêzes os termos por lhes desmanchar o theor prosaico que tanto desmente do Éstro , o qual sempre se reputa levar de rôjo a imaginação do Vate. Se porém é necessário para os que não tem lição de Clássicos pôr em termos correntes , a phrase transposta , ella diz assim : E esses versos , que a Canina Inveja etc. força a abôrito , dous Sóes não durão , etc. etc.

(2) Imitando a Píndaro , chama o Poéta *linguas* as cordas da

Não quero entoar d'Elle  
Hypérboles, que Syndicos me estranhem.  
Amo cantar sincero,  
Que Elle orna a Terra, como a Pérla a C'roa:  
Que em Justiça, em Verdade, em Leões feitos  
Léva ás antigas éras gran ventagem.

STROPHE XXIII.

Desceo co'as Musas a adornar de novo  
O desalinho do Orbe. Elle a quem ornão  
Tantas prendas nativas,  
Com suas letras as alçou de estima:  
Seu nome egregio afformosando tudo;  
Ou já com pés medidos  
Assujeite a escriptura a rithmo estreito;  
Ora em números sôltos  
Outorgue passo franco á penna. Elle honra  
Quem as Castálias (1) ama;  
Guia-lhe o ingenho, e o bom lavor lhe agrada.

ANTISTROPHE XXIII.

Canção respeita o seu sublime esp'rito,  
Como vindo dos Céos, a espargir brando  
As nossas Leis severas  
Com mel suave de Atticas Abêlhas. (2)

---

sua Lyra, por quanto os instrumentos quando destra mão os  
ameiga, são então máis agradaveis, se máis imitão a voz hu-  
mana.

*Nota do Editor.*

(1) As Musas a quem dão diferentes nomes, de Aónias,  
Piérides, etc. etc.

(2) Allegoricamente falla do eloquente stylo, assazonado de  
doçura Grêga.

Elle á sacra Balança na alta dextra  
Tem o fiél seguro :  
E com agudos olhos indefessos,  
Nos bons , nos máos cravados ,  
Na esconsa estrada os véla , e inda na plana.

EPODO XXIII.

Ao ruído da minha Lyra , inquietos  
O'lhos derrama a Patria , e a tenta em tórno  
Onde encravar-se irá  
O farpão , que tão destramente vibro  
Ao fúlgido Alvo insigne.  
Virtudes , que pedís virtuoso encomio ,  
Trahir-vos fóra , não mandar , com claro  
Pregão , o vosso nome , a estranhos Climas.

STROPHE XXIV.

Um despende , em tal lida , ávido , os annos ,  
Quando outro a seu sabor vario os diverte :  
Tua alma , oh Pollião charo ,  
Só no que é hom se enléva , e no que é justo.  
Não sem causa Cesonia , alta Princeza ,  
Teu mérito atinando ,  
De tão boa , a Ti bom , a si attrahe.  
Bem que com dura lança  
Seu Páe domou alvorotadas iras  
Da Volânia ; (1) e com ouro (2)

---

(1) Todos os nomes proprios são fingidos , em razão ( como ao principio se disse ) de respeitoa particulares mui forçosos.

(2) Chama o Poéta allegoricamente *ouro* a riqueza das sciencias.  
Tom. I.

Grêgo e Latino re-dourou o Reino ;

ANTISTROPHE XXIV.

Jámais obrou acção de tal valia ,  
 Como o ter procreado a flor viçosa (1)  
     Desta immortal Bonina  
 De immortal graça , de immortal talento ;  
 Em que o Céu se revê , o Céu se enléva ,  
     E fito emprega a vista  
 Nos dons , com que lhe ornou o inclyto Esp'rito.  
     Com verso ousado , e nóbre  
 Já me cinjo a cantá-la , a meu contento ,  
     Apenas dê remate  
 Aos louvores do Tronco seu excelso.

EPODO XXIV.

Mas da Ode as leis me tîrão já do braço ,  
 É já me accusão de estender tão longe  
     As dóbras de meu Cauto.

cias ; e não impropriamente : porquanto são ellas máis uteis , e máis duraveis , e proprias , que se as dêsse invejado metal.

*Nota do Editor.*

(1) Foi licito a Horacio dizer : — as breves flores da amena rosa — *Lib. 2. Od. 3o* , Tambem creio me será permittido ( ainda que de muitas leguas longe de Horacio ) dizer — a flor viçosa da Bonina : tanto máis que tomamos a flor pelo máis mimoso e delicado de qualquer cousa ; como a *flor de farinha* ; dizemos a quem manosea uma fructa , que co'as mãos lhe tira a flor etc. , etc. Mil exemplos citar podéra. E que máis difficuldade ha hi para a intelligencia do conceito em dizer a flor viçosa da Bonina ; ou a Bonina flor viçosa?

Pois que a flux esta Flor (1) cantar me vedão ;

Estranho ardor me lavra

De ir meus gorgeios disferir canoro

No teu ouvido ; e o meu potente encanto

Entranhá-lo no seio negocioso. (2)

(1) Como o nome desta Princesa se parecia com o de uma flor mui conhecida, como a uma flor lhe falla o Poéta. Se me vira com appetite de citar, não me faltarião exemplos dos melhores em meu abono.

(2) Estava nesse tempo encarregado dos principaes negocios da Monarchia o Heróe a quem foi dedicado este Poéma.



Bem capacitados creio todos os que me conhecêrão, que nunca peguei na penna com intenção de que fossem impressos os meus escriptos. Fiz versos por desenfado, e para descarregar a mente das idéias, que se amotinavão de encerradas. — Aqui vinha a pedir de bocca a comparação com o alvoroto dos ventos na caverna de Eólo, e o citar — *illi indignantes magno cum murmure montis, circum claustra fremunt*; e depois, para a destemperada torrente, que de versos impetuosos se tem ha máis de quarenta annos despenhado por esse mundo de Christo, citar o — *Quá data porta ruunt!* — Mas, viva a Modestia! que desmente muito a basófia com a pobreza. Aos meus versos que andão impressos essa, e nunca ess'outra lhes deo Carta de alforria. Comecci por uma Ode á Rainha N. S., para lhe lembrár (no caso muito duvidoso, que lhe chegasse ás mãos), que um vassallo seu, victima de calumniosas inveja padecia em longo desterro, trabalhos, e penuria, de que não era merecedor; dos quaes S. Majestade podia por sua Justiça, e sua Benignidade libertá-lo. Este o motivo da primeira Ode impressa. O caminho uma vez aberto, e franqueado o primeiro passo, veio a Amizade requerer seus direitos, e sahi á luz em segundo folhétto; dahi em segundo, e máis terceiro *et reliqua*, continuando sempre na supposição, que não chegaria o cabedal de minhas folhas a avultar em livro:



por quanto nunca me conheci com juízo para tanto. Vai senão quando ; eis que folha sobre folha foi medrando o Volume ; e quando menos me precitava , achei-me Progenitor d'um tómo impresso com máis de trezentas paginas inchado. Já lhe não podia ir á mão. — *Nescit vox missa reverti.* — Esta Ode foi quem me abriu os olhos , nesta nóva impressão , á cerca do vulto que já fazião as miúdas burundangas poéticas. Em quanto fa folha a folha , nunca lhes sonnei a conta ; mas esta tal Ode-sinha desmedio-se tanto com a patarata de Epodos , e Antistrophes ; intumescio-se tanto d'os accréscimos das notas que ( descontórme do comedimento e humidade das outras ) deitou por esses trigos , deansiando-se em dôbro , e tres-dôbro das suas Camaradas ; como mulher de Mercador ricco , que vai á Igrêja com roupas de *afásta afásta* , e occupa com a refastellada redondeza o lugar de duas Damas , e uma Criada. — Acháes que passa de longa ? Também eu. Fazei á Ode , o que eu fazia aos escarramões , quando era estudante , partia-os pelo mcio , e comia a primeira amctade , e depois a segunda.

Se eu para desculpar a desmesurada gigantéz desta Ode , me quizesse escorar em algum exemplo , mui volumoso o tinha eu nas Odes do Senhor Bezerra , que como Professor da Universidade déve mui bem saber todas as bitólas d'uma Ode. Ora elle faz odes *sine fine dicentes*. Ergo Rosas.

Direi , par fim , como um amigo meu pôz por epigraphe nas suas Obras.



Se as Odes do Bezerra , e do Talaya ,  
Sem péjo , se imprimirão ;  
Quem tólhe á Minha Musa , que Ella saía  
Por onde essas sahirão ?



---

## DES VARIO.

---

——— Dien ne fit la sagesse  
Pour les cerveaux qui hantent les Neuf-Sœurs.

LA FONTAINE.

---

QUE deos ? Que homem ? Que musa ? ou que demonio  
Me aturdio a cabeça socgada ,  
Com revôltos poéticos vapôres ?  
Que tinha eu com Apollo , e co' as Piérias ?  
Com Pégasos , Parnassos , Hypocrênes ,  
E outros sonhos de Orates rematados ?  
Quem quizer perder tempo , perder sizo ,  
A saúde estragar , vasar a bôlsa ,  
Tóme dos versos a fatal mania :  
Que a Deosa dos Poétas logo ordena  
Que para bem cumprir c'os estatutos  
Da tres-loucada , póbre Confraria ,  
Em que o boçal versejador se alista ,  
Não cõma um só bocçado com socôgo ,  
Nem breve noite durma a somno sôlto : (1)

---

(1) Quæ poterunt unquam satis expurgare cicute  
Ni melius dormire putem quam scribere versus.

HORAT. Lib. 2. Epist. 2.

Mas da bôcca a comêda mal-mascada  
 Passe ao ventre voraz mal-engolida ,  
 Se êrga da mêsa , encaixe o consoante ,  
 Que escarnicando , e a accinte lhe fez fôscas ;  
 Que no rôto cnxergão pernêde insomne ,  
 E de Phebêos Duendes avexado  
 Tresvalê com oucas ventoînhas (2).

Quando a Mauhãa com dêdos côr de rosa ,  
 Vem as portas abrir ao sol que acôrda ;  
 Quando todo o mortal , esperguiçando ,  
 Estira os braços , pálpebras-desgruda ,  
 Põe o fito no almôço , ou no trabalho ,  
 O póbre Vate extremunhado busca  
 O fêcho atarracado d'uma glosa ,  
 Ou rôe e escarva nas peccantes unhas ,  
 Maldito encantoado consoante.

E o como arquêa na franzida têsta  
 Espantados , e fitos , grandes ôlhos ,  
 Quando revólve no azoadado ingênho  
 Pensamento subtil , valente phrase ,  
 Ou desvairadas furias de altas Odes !

Para bem conhecerdes estes loucos ;  
 Darei alguns signâes. Quando vós virdes  
 Um homem de convêrsa atrapalhada ,

---

(2) Che le Muse son peste dè cervelli :  
 E chi vuole far bene i fatti sù  
 Fugga Apollo più rato che non feo  
 La ritrosetta figlia di Peneo.

Mas da bôcca a comida mal-mascada  
 Passe ao ventre voraz mal-engolida ,  
 Se êrga da mêsa , encaixe o consoante ,  
 Que escarnicando , e a accinte lhe fez fôscas ;  
 Que no rôto enxergão pernêe insomne ,  
 E de Phebêos Duendes avexado  
 Tresvalie com oucas ventoînhas (2).

Quando a Mauhãa com dêdos côr de rosa ,  
 Vem as portas abrir ao sol que acôrda ;  
 Quando todo o mortal , esperguicando ,  
 Estira os braços , pâlpebras-desgruda ,  
 Põe o fito no almôço , ou no trabalho ,  
 O pôbre Vate extremunhado busca  
 O fêcho atarracado d'uma glosa ,  
 Ou rõe e escârva nas peccantes unhas ,  
 Maldito encantado consoante.

E o como arquêa na franzida tésta  
 Espantados , e fitos , grandes ôlhos ,  
 Quando revolve no azoadado ingênho  
 Pensamento subtil , valente phrase ,  
 Ou desvairadas furias de altas Odes !



Para bem conhecerdes estes loucos ;  
 Darei alguns signâes. Quando vós virdes  
 Um homem de convêrsa atrapalhada ,

---

(2) Che le Muse son peste dè cervelli :  
 E chi vuole far bene i fatti sui  
 Fugga Apollo più rato che non feo  
 La ritrosetta figlia di Peneo.

Estouvado no trato , em termo , em gésto ,  
 Que vai pelos passeios , pelas ruas  
 Ruminando chyméras todo absôrto ,  
 Aquí se enxurda , alli marra co' a gente ;  
 Passa , como um sandeu , d'um cabo ao outro ,  
 Sem caminho , ou carreira concertada ;  
 Em casa , e fóra , fóra de si mesmo ,  
 Embebido no espaço imaginario ;  
 Não cuidar nos seus bens , no seu alinhô ,  
 Nem cortejar a Deosa da Fortuna ,  
 Para alcançar , por graça , o metal louro ,  
 Que dá Vida agradável , Honra (1) , Amigos ;  
 Por Poéta , ou por doudo , que é o mesmo ,  
 Lógo m'o assinalai em bom canhêno.

Pois se como a possesso espiritado  
 O Demonio (2) o aguilhôa có' a venêta  
 De imprimir engrazados consoantes ,  
 Então lhe quero eu lágrimas e affanno. —  
 Em casa do Impressor lá estão á P'erta ,  
 Esperando o suado manuscripto ;  
 Consummições de cóbres , amarguras ,  
 Erratas de impressão , lógro de Obreiros ,  
 Gatunices do Próto , papéis faltos ,  
 As correcções sem cabo , e sem medida ,  
 Cheios de erros , e sem sentido os versos ;

---

(1) Dat fundus honores , amicitiam.

HORAT.

(2) Não reparem na letra grande , que ponho a este nome. Sujeito , de quem tanto se fallia , e que entre muita gente é máis nomeado que Cesar e Alexandre , bem pôde ter jus a uma letra grande.

Depois de trinta provas emmendadas.  
 Que loucura ! Que absurdo indesculpavel,  
 Perder tempo , e saúde , e paciencia  
 Perder as bellas louras reluzentes ,  
 Ganhadas com suor , — talvez sumidas  
 Aos olhos do appetite máis goloso ,  
 Por ir em negra estampa correr mundo,  
 Apoz um nome vão. Bem pêcco fructo  
 É o ser por bom Poéta decantado.

~~~~~

Ah ! se a Diva Razão , compadecida
 Da enfermidade que lhes lavra na alma ,
 Lhes corrêsse a cortina do Futuro ,
 E lhes mostrasse o mar calamitoso ,
 Créspe de escólhos , denso de naufragios ,
 Onde irão mil Poétas dar a pique ,
 E engrossar o cardume dos passados ;
 Talvez que o mêdo lhe encolhêsse as azas
 Da presumpção balófa de ser lidos (1).

Tomai exemplo em mim , Ingealhos cégos.
 Que ganhei eu c'um Cartapacio de Odes ,
 Com dez cansados lustros de Versista ?
 Risos , Invejas , Críticas , Calumnias
 Breve Fama , Destêrro , e desamparo (2).

(1) Nullam enim virtus aliam mercedem laborum, periculorumque desiderat, præter laudis et gloriæ : quâ quidem distractâ..... quid est quod in hoc tam exiguo vitæ curriculo et tam brevi, tantis nos in laboribus exerceamus.

CICERO pro *Lege Maniliâ*.

(2) C'est un métier trop dangereux, et la méprisable fumée de la réputation fait trop d'ennemis, et empoisonne trop la vie.

Lettre de M. D. V. à un membre de l'Académie.

O D E.

— Quem tu, Dea, tempore in omni
Omnibus ornatum voluisti excellere rebus.

LUCRET. *Lib. 1º. vers. 57.*

Não quero cantar Mòças, que estou vèlho,
 Ensòsso, e derrèngado :
Já pendurei de Venus nas parèdes
 Do namòro as insignias (1);
E a Lyra des-montei das meigas còrdas,
 Que discantarão Marcias,
Delmiras, Élias, mil formosas Nymphas
 Do saúdoso Téjo.
Hoje o meu Araújo só pertendo
 Entoar nos meus versos.
Elle os snáes accentsos de meu Canto
 Acceitará benigno.
Se as flôres me acceitou a Formosara,
 Còlha a Amizade os fructos ;
Máis sazoados são, se máis tardios
 Os tributos do Outono.
Dize, oh Musa, quem deo prendas tão amplas ;
 Quem de índole prestante....
Eis que rodear-me vejo as Musas todas,

(1) HORAT. *Lib. 2. Od. 26.*

Clamando de contentes?

- » Nós fomos quem no berço o embalámos
» Com Délias Cantilénas.
- » Nós o talento , nós a mente vasta
» Lhe povoámos lédas
- » De jucundo saber , de quantas artes
» Te enlevão , quando o escutas.
- » Mas nossa Mãe Mnemósyne , que olhava
» Tão donosa porfia ,
- » A qual primeira , com seus dons o ornasse ,
» Risonha nos reprende :
- Que podeis vós sem mim? O saber todo ,
—Que lhe verteis no ingenho ,
—Resvalará , se o cravo lhe não pondes
—Da ferrêha memoria.
- Essa seja o dom meu nativo (1) ,
—Com que me prendou Jóve. —
- » Lógo as Graças (das Musas Companheiras)
» E , por todas , Aglaura ,
- » Como quem de maior thesouro é ricca ,
Diz com despejo airoso :
- » E quando o vosso Alumno tenha todas
As artes , as sciencias ,
- » Bem encravadas co' a tenaz memoria ,
Qual é vóssa ufania !
- » Será sábio , e enfadoso como um livro ,
Se lhe fallêce o enfeite
- » Do mimóso primór , da gála nóbre ,

(1) Todos sabem que Mnemósyne é a Memoria. Todos o sabem , e eu só o ponho aqui , para que me não esqueça ; que ainda ha poucos dias não sube dizer o meu nome , nem de que côr erão os meus primeiros calções.

— Que tudo affermoséa ;
— Essa lhe damos nós ; essa é o enlévo
— Dos que melhor juizão. —

IMITATION

LIBRE ET BADINE, DIFFUSE, BABILLARDE.

Ridentem dicere verum
Quid vetat? HORAT. *Satyr.* 1.

~~~~~  
On pent en badinant dire la vérité.

---

**J**E ne chante plus les belles ;  
L'amour propre , ou le bon sens  
M'avertit depuis long-tems  
Que je suis trop vieux pour elles :  
Dans le temple de Vénus ,  
A côté de son image ,  
Déjà dorment suspendus  
Les frivoles attributs  
Des plaisirs de mon jeune âge.  
Sur les bords heureux du Tage ,  
Imitant le doux langage  
De Flaccus , d'Anacréon ,  
De Tibulle et de Nason ,  
Autrefois j'ai peint Delmire.  
Flore , Ima , Cloé , Thémire ;

Et mille autres de ma lyre  
 Ont aussi goûté le son :  
 Araùjo est le seul nom  
 Qu'aujourd'hui ma voix entonne ;  
 C'est à lui que je prétends  
 Consacrer mes derniers chants ,  
 Et tresser une couronne.

Si les jeux ont emporté  
 Mon printems et mon été,  
 Doucereuse ou folichonne,  
 Là ma Muse n'a chanté  
 Que l'Amour et la Beauté ;  
 L'Amitié me le pardonne ,  
 Et reçoit avec bonté  
 Les tributs de mon Automne :  
 Fructidor les a mûris ,  
 Et l'estime qui les donne  
 Est aussi de quelque prix.

Toi de qui le feu m'inspire ,  
 Et seconde mes transports ,  
 Viens , ô Muse , me redire  
 Quelles mains , dans un seul corps ,  
 Assemblèrent sans mesure  
 Tous les dons de la Nature ; ....  
 Qui versa tant de trésors  
 Dans cette ame noble et pure !...  
 A ces mots , soudain je vois  
 Les neuf doctes Immortelles  
 Accourir autour de moi : —  
 « C'est nous-mêmes , disent-elles ;  
 » Le fermer fut notre emploi.  
 » Dès l'instant de sa naissance

- » Nous soignâmes son enfance ;
- » Chaque jour à son berceau
- » Nous allions avec tendresse
- » Répéter quelque air nouveau
- » Des cantiques du Permesse.
- » C'est par nous qu'il fut instruit ;
- » Nos mains mêmes l'ont conduit
- » Par des routes lumineuses ,
- » Jusqu'aux sources généreuses
- » Du savoir et de l'esprit :
- » D'une culture divine
- » Ses talents sont l'heureux fruit ;
- » Reconnais leur origine :
- » Notre mère Maémosine
- » Contemplait d'un œil ravi
- » Ce disciple si chéri ;
- » Elle observe , elle examine
- » Comme chacune à l'envi
- » Le caresse et l'endoctrine :
- » Les enfans profitent bien ,
- » Quand les maîtres sont habiles ;
- » Mais leurs fibres sont débiles ,
- » Leurs cervelles trop mobiles ;
- » Et moi seule ai le moyen
- » De les rendre moins labiles :
- » Sans mémoire on ne sait rien ;
- » Tous vos dons les plus utiles
- » Ne sont que des dons stériles ,
- » Nous dit-elle , sans le mien ;
- » Du savoir , de l'éloquence ,
- » La mémoire est le soutien ,
- » Et c'est moi qui la dispense.
- » Puis d'un air doux et riant :

- » Ce trésor , ce don suprême  
 » Que me fit Jupiter même ,  
 » Je l'accorde à cet enfant.  
 » Le charmant trio des Grâces ,  
 » Qui des Muses suit les traces ,  
 » Vint aussi donner sa voix ;  
 » Aglaé , la plus capable ,  
 » S'exprima pour toutes trois  
 » Avec une aisance aimable :  
 » Souveraines des beaux arts ,  
 » Des esprits et des oreilles ,  
 » Vos leçons , vos doctes veilles ,  
 » Le pouvoir de vos regards  
 » Font sans doute des merveilles ;  
 » Mais pour votre nourrisson  
 » Je connais un autre don  
 » Nécessaire à votre gloire :  
 » Le trésor de la mémoire ,  
 » Enrichi d'un vaste amas  
 » De sublimes connaissances ,  
 » De mots , d'arts et des sciences ,  
 » Forme un grave savantas ;  
 » Que doit-il de-là s'ensuivre ?  
 » Vous aurez un froid pédant ,  
 » Un parleur sec et pesant ,  
 » Ennuyeux comme un gros livre.  
 » Être aimable est le grand point ;  
 » Un *bel art* c'est l'art de plaire ;  
 » Nul , sans nous , ne peut le faire ,  
 » Et sans grace on ne plaît point :  
 » Agrémens , goût , élégance ,  
 » Politesse , noble aisance ,  
 » Aux talents , à la science ,

- » Tout cela doit être joint :
- » Unissez à la sagesse
- » Cette grace enchanteresse
- » Par qui tout est embelli :
- » A ce jeune favori
- » Nous faisons cette largesse ;
- » Votre ouvrage est accompli.

ANT. MATHEVON DE CURNIEU.

---

## FÁBULA.

No crystal d'uma fonte clara e pura  
Uma Macaca estava contemplando  
A sua formosura :

Os mômos, e es pulinhos revezando ,  
Da sua presumpção indícios dava ,  
E de ser bella , com prazer , gozava.

Um Burro , que pastava  
Não longe do mostrengo presumpçoso  
Condoído as orêlhas sacudia.

E comsigo dizia :

« Se , ao menos , o meu pôrte grave , e airoso ,  
Se a minha voz tonante ella tivéra ,  
De ser vaídosa a permissão lhe eu déra. »

---

Quantos conheço ahi , que têmão azo  
De notar erros meus ; e estão no caso  
Do Burro , e da Macaca !

---

## ODE.

---

— Non Aquilo impotens  
Possit diruere, aut innumerabilis  
Annorum series, et fuga temporum.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3o.*

---

**P**ROMETHÊO, quando quiz, industrioso  
Dar alma á humana fórma, que plasmára,  
Roubou dos Céos a sempre-viva flamma,  
De Minerva amparado.

E disse ao Homem: » Tu darás ao Mundo  
Filhos de bem-diversa natureza:  
Táes tem de atravessar precedouros  
O quêdo stygio Lago;

Que deixarão de si curta lembrança;  
E quáes ruín; nenhuma, a maior parte.  
O Olvido, c'o seu negro mudo manto,  
Tem de os cobrir sem termo.

Mas os filhos do Ingenho, que derivão  
Dos Céos a altiva Origem, terão vida  
Tão longa como os Astros, que desdenhão  
Da barca de Charonte.

Similhantes a Pallas, quando rompe  
Do cérebro de Jóve, vem armados  
De arremessões fulmineos contra o Olvido,  
Contra a fouce da Morte.

## SONETO.

D'HA longos dias Venus reparava  
Que seu filho Cupido emmagrecia :  
A viva côr no rôsto emmortecia ;  
A rapidez nas azas affrouxava.  
Sollicita o Concelho convocava  
Das Nymphas, e remedio lhes pedia  
Para o filho doente, em quem bem via  
Quão mal do Imperio as rédeas meneava.  
Depois que sôbre o mal bem consultarão,  
A flux concluem todas, que era *Tédio*.  
Receitão perrexís espertadores.  
Mil drógas, não-acceitas, apontarão....  
— O Ciúme ( diz Venus ) é o remedio  
Provado contra o tédio dos Amores.

---

## SAÚDOSA INFANCIA.

DONÓSOS dias de feliz memoria,  
Quando em vós cuido, cuido ir remontando  
A contraveia o Rio de meus annos :  
As flóreas, frêscas ribas me delicitão ;  
Respiro o ar puro da manhã da vida.

---

## O D E.

COMMENTARIO sobre o-*Addis cornua pauperi*  
de Horacio Lib. 3. Od. 21. mal entendido  
atéqui pelos seus expositores.

---

— — Injurium est de Poeta malé sobrio  
Lectorem abstemium judicare.

AUSON.

---

**P**oétas por Poétas seãõ lidos :  
Seãõ só por Poétas explicadas  
Suas obras divinas : que não lavra  
No esquivo ingenho d'um Bentley Saturno ,  
D'um Minéllio , um Juvencio apoquentados  
A sacra chamma do Éstro desenvólto.  
Como póde colhêr um acanhado  
Sêcco commentador a idéia altiva  
D'um destemido Vate ali-potente ,  
Que d'um ao outro Pélo estende o vôo ,  
Quando elle (1) as azas tem agorentadas ?  
D'este erro vem , d'este fallaz desfôrço  
Tanta inepecia , e sentido extraviado !

---

(1) O Commentador.



Tão pesados juízos , tão perluxos ,  
 Recheados de tão frívola sabença ;  
 E os lugares difficeis que ellés saltão  
 Como faz por brazido qualquer gato.

Cada qual de sua arte falle e escreva :

Commente a Euclides Newton e Descartes ,  
 De Demósthene's Tullio nos dê conta ,  
 E a Píndaro intérprete e siga Flacco ,  
 E fallaremos todos com acêrto.

*Et addis cornua pauperi* tégóra

Absconso , escuro foi. Versão genuína  
 Não achei em Páe velho , (1) em Cartapacio ,  
 Nem sentido frizante lhe foi dado  
 Que me enchesse as medidas do desejo.  
 Inda os mais sabichões , que máis se gabão  
 De terem as entranhas do conceito  
 Esgravatado com prolixos ólhos ;  
 Nem mesmo ás cégas inda o apalpáão.  
 Que nenhum se lembrou , que o Venusino  
 Foi Poéta , e Propheta n' este texto :  
 Que o nome *Vate* , em Délphico sentido  
 Inclúe os dous potentes attributos.

Sim : que é Vidente um Vate ; que o Futuro  
 Rastrêa , e fére com a aguda vista ,  
 Como mimôso do Vidente Apollo , (2)

(1) *Páe velho* clamavão no meu tempo de estudante , uma  
 versão litteral , que se apprendia de cór , para fazer o exame ; e  
 que (segundo me'n parecer) era a respeito do exame de Latim ,  
 o que a respeito do exame de Moral , era o Larraga.

(2) *Videt omnia Phœbus ,  
 Certus enim promissit Apollo.*

E a quem franqueá o dom , com que entre os Divos ,  
Claro e sublime , a todos se aventaja.

Horacio tinha pois os ólhos fitos

( Como desta Ode , quem vê claro , cólhe )

Na célebre París. — Não qual ella era

Tugurio vil de póbres pescadores ;

Mas , na Mãe das Sciencias , e das Artes ,

No centro do bom gôsto , e aureo luxo.

Via virar desta Éra a ingente róda

Pejada de recônditos successos ;

Com ella voltear cabeça a baixo

Tôrpe Devassidão , insano Jôgo ,

Infame Embriaguez , que facilmente

É das más feias culpas a Princeza.

Via que assim correndo atropellava

Os breves annos , as fugaces Horas.

E via Baccho de luzente face ,

Que sobraçando a mosqueada pelle ,

C'o açoite , que assomado destorcia ,

Levava a tróte os bandos do vulgacho ;

E apontando-lhe o ramo embandeirado ,

Com as mãos estendidas abarcava

O couce das ranchadas ; pelas portas

Das *Guinguéttas* (1) os empurrava a frôxo.

————— Sacris se condidit antris

Incubuitque adyto , vates ibi factus Apollo.

LUCAN. *Lib.* 8.

At mihi Fatorum leges avi que futuri

Eventura Pater posse videre dedit.

TIBULL. *Lib.* 3. *AEleg.* 4.

(1) *Guinguéttas* ( fallo com que os não dérão por cá uma rabissaca ) são casas de Pasto nos suburbios de París ; as quaes são

Via por certo, e de bem-longe, Horacio,  
 Que *per fas, e per nefas*, nos Domingos  
 Por uso usado, e por peccado vélho  
 Toda a cabeça de artesão, e obreiro  
 De bandas tomar déve a cabelleira. (1)  
 O jornal da semana é cousa ténue:  
 Se co'a pádeira, se c'o taverneiro,  
 Co'a tenda o aranzél se ajusta, e paga,  
 Pouco, ou nenhum dinheiro nas mãos fica,  
 Com que uma cãa se tire na Guinguétta,  
 Entre o assado perum, e a larga pinga.  
 Que regresso? — Nenhum. — A sêde apérta:

tambem tavernas, e casas de baile. São tantas, e tão diversas, que seria dellas difficultosa a descripção. Algumas tem sallas e jardins tão vastos, que folgado dansarião nellas, quatro centas pessoas. Tempos houve (em 1760) em que os Princeses vinhão dansar nellas, acompanhando-se de varias Actrices, Dansarinas, e outras Cortezãas de bico revólto. A esta frequencia de toda a casta de Povo, e á celebridade de certas *Guinguéttas*, e de seu taverneiro allude Palissot no cantos 3o. da sua *Dunciada*, quando diz:

« Voyez la France accourir au tonneau  
 » Qui sert de trône à Monsieur Ramponeau. »

O commum é, que nos Domingos, e féstas, se enchem todas de immenso Povo de ambos os sexos, que sentados ás mesas, bem servidas por diligentes Criados de *Guinguétta* cômem fino, bebem largo, riem de escancara, dansão á fivellétta, e deitão uma cãa fóra todas as semanas. Findo o folguedo, abração com vigor nôvo, na segunda feira, o usado trabalho. — Não sei se estes régabofes tomarão pé em Portugal.

(1) E é tão certo o tal camarço, que eu mesumo vi na Praça da Estrapada um bebado estendido por terra, sem dar acôrdo de si, e a quem nem apupos de rapazes, nem latidos de cães, nem

Afferrado nas rôscas da guéla  
O vermelho appetite da canada  
Pica ; puxa , arrepella , affôga , esgana ,  
E Baccho o está de longe convidando.

M U L H E R .

Lá vái fulano para a Casa-branca (1)  
Braços dados co'a sua Maricota.  
Como vão guapos ! se e la fôra arisca.... »

M A R I D O .

—Elle é feliz , que tem mulher , que ajude  
A levar este carro de miserias. —

Sêde infame de vinho baptizado ,  
A quanto obrigas , quando o peito abrazas !  
O sófrego marido fêcha os ólhos  
A um meigo gésto , a um requebrado riso  
Com que a mulher engôda o dadivoso ;  
E affrouxa as rédeas do áspero Recato ,  
Deixando accrescentar máis uma ponta  
A' Vulcanca grinalda retorcida ,  
Com que á risca , e sem vêsgo Commentario ,  
Se cumpre no pobrête o puro texto  
*Et addis cornua pauperi* de Horacio.

---

mãocheias de poeira pela cara o tornavão a seu sentido , chegar a  
elle um Camarada , amaldiçoar o séstro do vinho , que tanto  
embrutêce os homens , e concluir dizendo : « Tal me tem de  
succeder Domingo. »

(1) *Guinguêta* muito affréguezada.

## FÁBULA.

### O RATO, E O VAGA-LUME.

RATO.

ESPERDIÇAS a luz.

VAGA-LUME.

Que te allumia

RATO.

Em bom lavor te emprégas?

VAGA-LUME.

Tu o destróes.

RATO.

Aturado me occupo.

VAGA-LUME.

Quando róes.

RATO.

És um ociôso.

VAGA-LUME.

Sou de noite guía

~~~~~

O Vaga-Lume é o Sabio, o Rato é o Critico.

O D E.

--- *Te peritus*
Discet Iber, Rhodanique potor.

S
LENDO os teus versos , numeroso Elmano (1) ,
E o não-vulgar conceito , e a feliz phrase ,
Disse entre mim : » Depõe , Filinto , a Lyra ,
 Já vèlha , já cansada :
Que este Mancêbo vem tomar-te os louros
 Ganhados com teu Canto na aurea quadra ,
 Em que ao bom Coridon , a Elpino , a Alfeno
 Applaudia Ulisséa. »
Rouca hoje , e sem alento a minha Clio
 Não trôa sons altivos , arrojados :
 Vai pedestre soltando em frouxo métro
 Desleixadas Cantigas.
Desceo Apollo , e o Còro das Donzellas
 A' morada de Elmano ; e esse , que outróra ,
 Canto nos dava nome , o pôz na bôcca
 Do novo amado Cysne.

(1) O Senhor Manoel Maria de Barboza du Bocage.

PROPHECIA (*).

QUE tristezas alegres (1) vão subindo !
E que alegrias tristes vão descendo !
Nascem nos troncos de folhuda rama
Elephantes , Onçãos , e Crocodilos.
Aqui pára o pincél , allí a pluma (2) :
Vivo traslado de não-visto cõrpo.
Em ródas de ouropél passa , e transpassa
O rotundo esquadrão dos infinitos.
O galludo pastél dos consoantes
Ao sôpro tremerá dá canna fistula ;
Sem descer dos Tyrinthios almagrados
Nota de despeitosas affluencias (3).
Virá tempo , em que a lingua Lusitana

(*) Alguns pontos desta prophécia me parecerão escuros : mas uso é das táes não se entenderem , senão no tempo prefixo , em que se cumprem. Além de que, Merlin, que no-la deixou, não a viu bem distincta e clara ; porque (como diz Boileau) *Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement.*

(1) É de crer , que Jorge Ferreira tinha noticia desta prophécia : porquanto na sua Comedia *Ulisippo* falla de *alegrias tristes , e tristezas contentes.*

(2) Foi opinião antiga que os homens nascêrão das árvores ; « *duro robore nati* » Que muito que dellas nascessem tambem os animaes.

(3) Faz allusão a outra prophécia mais antiga , que ainda até-góra se não entendeo , a pezar de outocentas explicações.

Seja nóva Babel de escuro enleio ;
 Avêssa , mixtiforme algaravía
 Gallo-Lusa invenção aperaltada.
 Virá um espantallo Legatorio (1)
 Enrufado perú , himpando alcunhas ,
 Dictar ufano bárbaras soalhas
 Que envôltas em dourada Hollandez folha ,
 Vão pela pósta desgostar a Europa.
 Que não verão os séculos vindouros !
 Verão aguas descerem por penêdos ,
 E penêdos descerem pelas aguas.
 Os cornîpedes Faunos , Egipanes ,
 Vestidos á Mourisca , os Campanarios
 Revolver com perluxa garridice ;
 Lindos Orang-otangs sorver a sphaera
 Diamantina da extática lembrança ,
 E avêssô co'a mestiça gerigonça
 Erguer o Téjo a encanecida frente ,
 E os ólhos verde-mares derramando
 Por todo o Cães da pédra , e Boa-vista ,
 Perguntar ás lindissimas Neréas ,
 Que bárbara Nação , sem que elle o saiba ,
 Conquistar veio a misera Ulisséa ,
 E dar-lhe a nova lingua enlabuzada ?
 Que ha muito sabe , os Vencedores darem

(1) Se abrisse a Natureza o grande repositório, e amostrasse a verdadeira árvore genealógica d'estes empanturrados; que galante Comedia para as gentes de juizo, que cóque da clava de Hércules para certas cabeças fôfas! Que Pães Lacaio, Mouros, Frades, Judêos etc. etc. não tem dado descendencias nunca-suspeitadas! Quando estou de pachôrra, mando representar entremezes desta laia no theatro da minha imaginação, para rir á custa d'essas bexigas inchadas de ar fedorento.

A sua lingua aos Póvos que hão vencido.
 O que porém lhe enche a alma de ancia , e pasmó
 É ter sido a conquistá tão callada ,
 Tão occulta , que andando noite e dia ,
 Rondando aquellas praias , não lhe veio
 Aos ouvidos ruído de tambôres ;
 Nem estrondo de grossa artilharia ,
 Como se usa no conquistar dos Reinos.
 Só conheceo que estavão conquistados
 Os Lusos , quando ouvió o nôvo enleio
 Da linguagem bastarda , tão diversa
 Da que o Camões cantava á sua beira ,
 E o fêz allí deter-se , e as suas Nymphas ,
 Enlevados no Canto , e na doçura
 Das phrases d'esse tempo , que as de agóra ,
 Ou já que eu de mui vélho , ou de mui surdo ,
 Não comprehenda cabal o que elles dizem ;
 A lingua , que elles fallão , tão avêssa
 Nada para elle tem que claro seja.
 » Páezinho (lhe responde bem-fallante
 Linda Tágide Ulina) não te admires.
 Nem tu mais surdo estás , nem velhentado ,
 Nem conquistado foi o Reino Luso :
 Mas tudo empeorou no triste idiôma (1) ,
 C'um andaço , uma lépra , que aquí lavra
 Pelas bôccas de certos Peralvilhos.
 Chamão-lhe gallicismo , os mais expértos ,

(1) Dirão que repizo muito no fallar afrancezado dos Tarêlos.
 Mas para que repizão elles em fallar mal a sua lingua ! Vejo que
 se não emendão , continô. Tanto dá a agua na pédra que etc.

Tanto dá c'o martello o Carpinteiro ,
 Que enterra o prégo n'alma do madeiro. *Anônimo.*

Que este ar todo empéstou. É gran desgraça
 Que a Real Académia não fabrique
 Para estes empéstados de ruin phrase
 Um Lazarétto , e boa quarentena ,
 Onde por doudas mãos curados seião
 Com xaropes de córda , ou de azorrague ,
 Como doudos de nova phrenesiã.
 Delles , Páezinho Téjo , vem a mácula.
 Nós mesmas , que corrémos estas praias
 Desejosas de ouvir nossos amantes
 E com elles ter prazo de recreio ;
 Apenas , longe em longe , a Elpino , a Alfeno ,
 Na phrase de Camões , teu tão valido
 Ouvimos Portugueza melodiã ,
 Imitada dos nossos bons Cantôres ,
 Das éras de ouro da grandeza Lusa.
 Com cappéllo farrusco se cobrião
 Longas orêlhas burricães , que agóra
 Abanão com descôco , e affouteza
 A' sombra de pedantes enruffados
 De engoiádo saber , que tem diante
 Por guias uns fulanos , que fartarão
 Ou quizerão furtar pela surrélla
 O Bastão commandante que empunhárão
 Camões , Barros , Ferreira , Arráes , Lucena.
 Mas detraz do Phantasma asn'-orelhudo ,
 C'o azorrague sonante , vem correndo ,
 Um filho teu , prezado amante nosso ,
 Que a um cinge o nariz , a outro a orêlha
 Com lívido vergão de longa dura.
 Já recuã. Já fógem trasmalhados
 Bem zurzidos da mão pesada , e irosa.
 Antes vereis , Catérva malandrina ,

Derretidos os Céos , o mar enchuto ,
 O Sarrabal saloio fallar certo ,
 O Piégas beber o sette estrêllo ,
 Em feição de Café ; ou Chocolate ;
 Que a vossa infame , idióta burundanga
 Mëtta pé no alto vão da Lusa falla.
 Desmammai-vos do aperaltado leite ,
 De que vossos escriptos se embostellão :
 Lêde os Clássicos , único remedio
 Contra o Francez ozagre , que vos gáffa.

S O N E T O .

QUE tôrpe Monstro , féro , truculento
 De descarnada ossada carcomida ,
 Co'a açacalada fouce no ar erguida ,
 Vejo entrar pelo pállido aposento ?
 Da myrrhada garganta o infecto alento
 Sópra no rôsto a Délia adormecida :
 Vejo-lhe a côr murchar-se , espavorida ,
 A alma deixá a morada , e esváe no vento.
 Mil Cupidos , sem arco , e passadores ,
 Vão chorando traz ella , assim cortada
 Na quadra dos affagos , dos amores.
 Quando eu ía sparzir , com mão magoada
 O lindo côrpo de saudosas flôres . . .
 Acordei — ao cantar de Délia amada.

O D E.

— — — Quod adest memento
Componere æquus.

HORAT. *Lib. 3. Od. 29.*

QUANDO o sôl, ja subindo do horisonte ,
Encéta ufano a rápida carreira
E Morphêo ás pestanas , que cerrára ,
Vai dando a despedida :
Comêção de tropél a vir subindo
Os Cuidados , que o sonino soppeára ,
D'entre elles rompe o Almôço inexorável ,
Pedindo precedencias.
Vem depois a máis turba , que afastada
Com poderosa mão se arruma aos lados
Respeitosa — por que entre as duas filas ,
Passe da trópa o Cabo ,
Que eu chamarei com nome conhecido
Desejo de Políticas noticias ,
D'este que augmenta , d'outro que fraquêa
A's forças do adversario.
Mas o Factor (1) esta ordem de nóve annos

(1) Desde que se fôrão remechendo os animos em 1789, e medrou o desbarato dos folhêttos pelas ruas de Paris, veio sempre a fio, e ás nóve horas da manhãa um distribuidor de

Com impia novidade desconcerta ;
Trazendo ás duas , a que vinha ás nove ,
Universal Gazetta.

Oh tu , potente Redactor , que as rédeas
Do governo das nóvas nos modéras ;
Restaura ao posto antigo a grande folha ,
Tão mal des-possuída.

EPIGRAMMA.

DEIXA'RA certo Bispo em testamento
Dez moédas , por legado
A quem compôña , e gráve em seu moimento
Epitaphio exalçado.

EPITAPHIO (1).

Foi Prelado mui sabio , mai virtuôso
Mui pagador , mui casto , mui formôso.
« Cessa , oh pluma , que em tal lonyvor , te enrédas
» Mentiste , máis que a flux , por déz moédas ».

Cartas e papéis pelas pórtas e moradas , que aqui chamão Fac-
tor , trazer-me o papel periódico de que eu era assignante. Está
Ode foi composta em razão da estranheza que me causou a
mudança da hora assignallada.

(1) Falla o Poéta.

NOTÍCIAS

ATRAZADAS.

D'ENTRE cruéis apêrtos ,
E enleios encobertos
Brotou a prósa , que util foi no mundo
A' esquiya humanidade ,
No preciso commercio das idéias ;
Qual bróta do fecundo
Seio da térra a loura saciedade ,
Que as cataduras feias
Da fome , e da magreza deita a longe. —
Dos Céos a Poesia
Desceo ladeada de ínclytas figuras ,
Com que a mente lisonje ,
De dôces fávos , mélica ambrosia ,
Que enlévão almas puras.
Almas communs , no pão tómcem sustento ;
Que spiritos sublimes
Só com Attico méi se saborêão.
Sem grande atrevimento
Não tómcão sobre si os fracos vimes
Carrêgos que os derreião.
Robustos freixos , válidos Carvalhos
Só púgnão c'os negrumes.
A quem Deos não prendou c'o sacro louro ,
Que corôa os trabalhos

De aos Póvos descifrar fallas dos Numes,
Vem com sequaz estouro
A vingança de Apollo, vem risadas
Das Musas, e do Pégaso pateadas.

CANÇÃO.

Ah! se in ciel, benigne stelle,
La pietà non é smarrita,
O toglietemi la vita,
O rendetemi il mio ben.

METASTAS.

Uma dôr próvo tal, um tal tormento,
Que muito vem a ser se não acabo.

CANÇÕES Son. v. 26.

1.

QUE mimoso prazer! Teu rôsto amado
Me raiou na alma! Oh astro meu luzentê!
Desfez-se em continente
O negrume cerrado,
Que me assombrava o coração afflicto,
Em saudades tristissimas sopito.

Tom. I.

2.

Bem , como quando aponta o sôl radiante
Pelos hervosos cumes dos outeiros ;
Fógem bruscos nevoceiros ,
Da rôxa luz brilhante ;
Assim , mal vi teu rôsto , assim fugião
As Mágoas , que de lutto a alma cobrião

3.

Quem sempre assim de amor nos brandos laços !
Dôces queixas de amor absôrto ouvira !
Da idade não sentirá
O vôo. — Entre os teus braços
Me córte o fio , com a fouce , a Morte ;
Que pérco a vida , sem sentir o córte !

4.

Se a meiga Venus , se o gentil Cupido
Céde a meus votos , céde á minha Amada :
Se esta união prezada
Não rompe um Nome infido....
Não dou por mais feliz o vil Miueiro
Sobre montes de sórdido dinheiro.

5.

Não dou por máis feliz o Rei no thrôno
Lisonjado de Cortesãos astutos.
Já meus ôlhos enchutos ,
Já alégres dão abôno
Do gôsto , em que se engólfa o peito , ao vár-te ,
Dos sustos , que se affastão , de perder-te.

6.

Amor quanto é maior , máis é medroso :
Descóra , que lhe fuja o bem ganhado. —

Quasi vejo roubado

O Bem mais precioso...

Das mãos m'ò arrancão !.. Marcia ! e tu — consentes ?

Ah ! Não digas , que me amas.. Marcia.. Ai.. Meutes.

7.

Quéro deixar-te. — — Antes que tu te enlaces
Nos braços d'esse , que de Ti me priva. — —

Resgato a alma captiva ,

Antes , que a elles passes. —

Não quéro vér , em teus grilhões atado ,

Lograr-se outrem d'um Bem , a mim roubado.

8.

Irei vertendo lágrimas iradas

Por éssas nûas práias arenosas :

A's Nayadas piedosas

Minhas queixas magoadas

Irei contar. — Irei cravar no peito

Um punhal , vingador de meu despeito. — —

9.

Não , linda glória d'esta vida tua ;

Déspe os temôres de eu querer deixar-te

Eu ! — — Que jurei amar-te ! — —

A sorte amarga e crua

Não fará que perjure a sãa vontade

De amar em Ti a minha Divindade.

10.

Não Inconstancia , não os Desfavôres
Menos puro farão meu culto amante. —

Que eu falte a ser constante
Aos olhos roubadores ,
A's faces de carmim , madeixas de ouro ,
Em quem Venus , e Amor põem seu thesouro ! —

11.

Vivas ausente , ou vivas sempre á vista ,
O teu Filinto ha-de adorar-te puro.
Tens meu peito seguro ,
Tens segura a conquista :
Nem d'outra sorte esses teus olhos rendem ,
Nem estes meus outra adorar pertendem.

12.

Jurei a Amor em teu altar sagrado
De agasalhar no seio a Lealdade.
Não temas falsidade
N'um coração honrado.
Não quebrarei o juramento amante ,
Que fiz ao Deos , que fiz ao teu semblante.



SONETO

TRADUZIDO.

DENTRO do peito, em parte a máis sensiva,
Nasce um querer, que apoz passa a Cuidado;
De esperanças se nutre, e inopinado
Tyranno a Liberdade nos captiva.
Sustos, Zêlos, Rancor, Peçonha activa
Traz por seus Cortezãos, e sempre, ao lado;
Deixa a Paz e o Descanso alvorotado,
E aos míseros mortaes morte motiva.
Quer, não-quer, eis cubiça, eis se desvía,
Com facho, ora com gélo o peito anceia:
Amigo, ora inimigo ama e desama.
Insano frenesl! Louca mania!
Se saber queres como se nomeia;
(O Céu d'elle te guarde!) Amor se chama.

METAMORPHOSE

DA BORBOLETA.

SAIO de vil casulo a insultar flôres,
Co' as que nos ares trajo, aladas côres.

ODE.

Il est certains esprits d'un naturel hargneux
Qui toujours ont besoin de guerre :
Ils aiment à piquer ; se plaisent à déplaire ,
Et montrent pour cela des talens merveilleux.
Quant à moi je les fuis sans cessé ,
Eussent-ils tous les dons et tous les attributs ;
J'y veux de l'indulgence , ou de la politesse.
C'est la parure des vertus.

FLORIAN.

Aos que prendarão com seus dons as Musas ,
Ou agrado (1) entre os grandes lhe obtivêrão ,
E alento nos amigos — ou nos doutos
Acolhimento e auxilio.
A minha estrêlla iniqua inimizou-me
Da Fortuna os mimózos ; pôz-me esquivos
Quantos com aura , quantos com doutrina
Podêrão dar-me a dextra.
Até dous bons Amigos , em quem toda
A esperança librei da aura , ou conselho ,
Trocárão o Favónio da Amizade
Em pechósa investida.
Mal haja o chárco immundo (2) , immundos áres

(1) Principibus placuisse viris. HORAT.

(2) Hollanda.

Que compleições tão boas achacarão !
Mal-haja a Turba (1), e enxôfre negro e duro

Que os ingenhos lhes tôlda !

Que Deos tão amoravel me seria
O que a mim , que os Amigos sarrazinas
Volvêsse ás terras , que bafeja Apollo

Com mais benigno raio !

Nascer-me-ião felizes os bons versos ,
Com desafôgo da alma ; e os meus Quintilios (2)

Cortando o viço , ou des-curvando o ramo

Dar-lhe-ião louçania (3).

(1) Fôgo , de terra em adôbes e de carvão de fôrja.

(2) Quintilio si quid recitares , corrige sodes ,

Hoc agebat et hoc. *Horat. de Art.*

(3) Un esprit bien fait , qui sait entendre raillerie , se lasse pourtant à la fin des plaisanteries perpétuelles ; il entre en défiance , il soupçonne qu'on veut le rendre ridicule. Cette idée le trouble , lui ravit son enjouement : ce n'est plus qu'en esquivant qu'il soutient encore la jouté ; sa défaite est assurée , pour peu que vous le pressiez , mais gardez-vous de le faire. Dans un combat d'esprit , surtout avec des amis , on doit craindre de remporter un avantage trop complet.

Théorie du sentiment.

Cum tua pervideas oculis male lippus inunctis

Cur in amicorum vitiis tam cernis acutum ,

Quàm aut aquila , aut serpens Epidaurius ?

HORAT. Satyr. 3. Lib. 1.

SONETO

AOS ANNOS DA SENHORA D. M. J. R. D.

JÓVE chamou os lívidos Pezares ,
As Invejas de face carcomida ,
As Iras, a Vingança , a Fé-mentida
As Traições , os impróvidos Azáres :
« Hoje ireis aos tristissimos lugares ,
» (Lhes disse o Deos) (1) á Styge denegrida ;
» A vassallagem a Plutão devida
» Lhe ide render nos lúgubres altarés ».
Já parte de tropel o bando immundo ,
Que o mal pelo Universo repartia ,
Tudo hoje nos será fausto e jucundo.
Foi obsequente o Dcos. Quiz que este dia ,
Em que , oh Nympha gentil , vieste ao mundo ,
Fôsse todo de festas e alegria.

(1) É pena , que *quisquis fuit ille decorum* nos não dê mais vézes d'esses dias. Eu creio que depois que morreo a tal Senhora D. M. J. R. D. o Senhor Jóve se embezerrou com nosco , e nunca mais mandou a tal córja des-comunhal render vassallagem a Plutão.

Nota do Editor.

ODE.

Nos bene concordés ter denis jungit ab annis
Nullo unquam spatio debilitatus amor :
Nomen amicitiae per te sublimius extat,
Per me clarescit nomen amicitiae.
Tu Pylades mihi; curarum tu dulce levamen,
Scriberis Vati fortis amansque tuo :
Perque ego mille vices, varia et discrimina rerum
Dicar Oresteà te coluisse fide.

A. M. DE CURNIEU.

Eis-nos, honrado Matheyon, na vida,
Inda uma vez, unidos
Ambos entre os abraços da Amizade (1),
Nesta Paris famosa
Por crimes execrandos, por virtudes
De heróicas idades.
Queirão as Parcas estender o fio
D'esta união sagrada,
Até quando, curvados da velhice,
Num báculo encostados,
Vamos ao só sentar-nos vagarosos,
No emparreirado abrigo

(1) Le nœud qui nous unit touche au sixième lustre;
La distance et le temps ne l'ont point affaibli.
Par toi de l'amitié le culte est rétabli;
Par moi ce nom sacré brille d'un nouveau lustre.

D'um rústico poiál , junto da porta
 Da modesta pousada ;
 E lá nos recrear-mos c'o gorgeio
 Da pintada avezinha ,
 Ou c'o marmurio das quebradas aguas
 D'um claro arroiozinho :
 Talvez c'o som monótono da nóra ,
 Que a fresquidão debruça
 Dos cinturados vasos , e ha-de na hórta
 Des-sedentar o seio
 Da tenra alface , da tronchuda couve ,
 Do córado morângão.
 Iuda talvez nos venha abrir o riso
 Os enrugados labios
 Com lembranças de apodos engraçados
 Que outróra bem frisárão
 Nas vãaglorias d'um fátuo , uos melindres
 De uma Hécuba dengósa.
 E o nosso Flacco , o nosso amado Méstre
 Na Amizade , e virtudes ,
 Com seus versos virá bem accollidos
 Deleitar-nos a falla.
 Quaes nos vio Portugal , nos veja a França
 Além dos sette lustros
 Constantes na virtude e na amizade ;
 De nós sáiba o segrêdo
 De renovar n'esta éra de Philáutes ,
 Em laço nunca-sólto
 Por discri mes de Ausencia , e de Infortunio ,
 Os Pylades e Orestes (1).

(1) De mes jours orageux tu charmeras le reste ;

SONETO (*).

A SOMBRA d'um verde Álamo frondoso
Beijava o peito a Chlori Thirso , um dia ,
Amor , c'uma aza o furto lhe encobria
Com outra a Chlori o rôsto vergonhoso.
Ella , ao Pastor amante e sequioso ,
De si , co'a mão sem fôrça despedia ;
Elle , c'o lindo côrpo o seu cingia ,
Tomando o gôsto ao pômo saboroso.
Ri-se Amor. Salta aos braços da Pastôra ;
Beija-lhes os ôlhos , que os mortács lhe rendem ;
E , (assim dizendo) applaca a frouxa briga :
« Consente o escasso alívio a quem te adora :
» Que a sêde que esses ôlhos na alma accendem
» Só no meu Templo , e áras se mitiga ».

Je chanterai partout et ton ame , et ton cœur ;
Et partout l'on dira : « Constans dans le malheur ,
» L'un des deux fut Pylade , et l'autre fut Oreste. »

A. M. DE C.

(*) O assumpto d'este Soneto despertaria o appetite na alma mais enfastiada. Ella era a máis formosa ; a máis accada aldeãa que meus ôlhos tem visto : elle um estudante tão gentil , que trajado de mulher , não tinha de que se envergonhar entre as mais bellas. Ambos sós detraz d'um espêssô vallado , não vistos (ao parecer) de ninguem : elle de dezoito annos e ella de quinze. Que idade ! Que illusã ! Que sôgo !

LYRAS.

I.

N'ESTES sagrados bósques , onde vivo
Retirada do mundo
Mal-assombrado e esquivo ,
Dou repouso profundo

2.

Aos que deixando as Córtes ambiciosas ,
Seu fausto e valimento,
Nestas ribas viçosas
Buscão plácido assento.

3.

Não venha aqui o Amor , que é captivoiro;
Que fôra injusto agravo
A um Nume livre e inteiro
Pôr-lhe ao lado um escravo.

4.

A' Amizade , que acóde c'o confôrto ,
A virtude offereço ;
Aos náufragos dou pôrto ;
Aos bons corôas têço.

Quem com a mediania se contenta .
Góza de prazer puro ;
Aura de vida o alenta ,
Dórme são e seguro.

O D E.

Vides ut alta stet nive candidum

----- geluque

Flamina constiterint acuto!

----- benignus

Deprome quadrimum.

HORAT. *Lib. 1. Od. 9.*

PASSÊMOS, Aguiar, em fésta, e riso,
Este dia, que o sól vio já sessenta
E dous hynvéros ir precipitar-se
No Gólphão das Idades.
Em quanto nos desvia a Mórte a fouce
Da sujcita cervíz, dêmos a Baccho
Os momentos da vida, sonegados
Ao teimoso Infortunio.
Venha a gôrda *Pollarda*, c'o a *Omelétta*
Regalar os golósos gorgomilos,
Que depois banharêmos c'o cheiroso
Dourado Carcavéllos.

Risquêmos este dia de contento
Desse aranzél de dias enfadonhos,
Perdidos entre a çáfia casmurrada

Da sepulchral Hollanda.

Olha como éssas ruas e telhados

Alvêjão c'os tapêtes de alta néve !

O sól encapotado !... O Céu tristonho !...

Fechêmos-lhe as janellas.

Insultêmos com luzes prematuras (1)

As tres horas da tarde em-noitecidas :

Dêmos-lhes váia ; que nos não desbótem.

(1) Tem-me censurado algumas phrases, que tem similhaça co' as Latinas. Nescios ! que não adverteem que os mais ricos flo-rões da lingua Portugueza são os termos e phrases que pedimos emprestadas aos Latinos ! Com que enriquecêmos, com que po-limos nós, nas éras de Camões e Barros, o nosso barbaro Vas-conço, senão com os empréstimos da lingua que fallarão os Ciceros e os Virgílios ! Oxalá que não fossem tão medrosos de censuras deslavadas, e que não se acanhassem tantos bons inge-nhos, que eu conheço, e que eu não conheço ; e que esses nos enfeitassem a lingua com atavios da Latina e Grêga, tapando a bôcca aos mesquiuhos censores, com lhes metter em casa riquezas, e formosura Com muito agradecimento e applauso da República Litteraria devem ser acolhidos em Portugal os Au-tores que accommôdão á Lingua Lusitana o theor da phrase Latina e Grêga (quanto cabe no possivel) betando nella as côres, e ainda as compêtentés liberdades dellas, que lhe não serão já tão estranhas, achando-se entre parentas, e amigas. Não é a nossa lingua tão incompativel com a transposição dos termos, que não imite a Latina nos hypêrbatos, estragando a ordem grammatical, para acudir á viveza e acção do pensamento, á vehemencia das paixões, transpondo, e transformando as phrases ; e este é o verdadeiro cunho d'um sublime e atrevido ingenho, que n'esta harmoniosa desordem debuxa o quadro da sua imaginação, e accostuma a lingua á valentia, e robustez das

C'o tórpe vulto a fésta.

Façamos còrro , na área das entranhas ,
Em que dånse o Prazer , dêem cavalhadas
Os Risos , os Remóques , e inda a Pulha
Salgada , mas decente :
E á mesa com Delmira , e c'o bom Monge
Empunhêmos rubis , louros topazios
A' saúde das duas , (1) cubiçosas
De ter quinhão no gáudio.

SONETO

MORTE DA SN^{RA}. D. J. MARG^{DA}. DE M. F. E S.

De lúgubres vestidos mal-trajada
Os tardos passos para mim movia
A pállida , a mortal Melancholia
De spectros furiães acompanhada.
Occou-me co'a mão fria e descarnada
O còrpo , que se géla , e se arrepia :
A alma tremeo — ao som , que assim rompia
Da bôcca sempre triste e desbotada :

...ras pittorescas , impetuosas , atrevidas , que dão todo o luzi-
...to ao discurso , e dão ao desenvolto Escriptor renome eterno.

(1) Madame Monge , e Madame Aguiar.

- « A condição humana o Fado ordena
» Que se tēja de gôsto , e de amargura
» Nem ha Bem puro , nem continua Pena.
» Mas , Junia mórtá , e co'ella a fé máis pura ,
» A que pênes comigo te condemna
» Até que vás morar na sepultura.
-

O D E.

Solventur risu tabulæ , tu missus abibis.

HORAT. de Art.

COBÉRTO o Campo está , coberta a altura
Do soberbo Palacio (1)
Com deslumbrante alvissimo regêlo :
Trémem com o Austro irado
De negros troncos desfolhados cumes.
O Pardal , sem abrigo
Na des-provida néve entra , e mergulha
O bico , que agra fôme
Aguçou na penuria, O Céu negrêja ,
E esquivava ao sôl passagem ,
Por entre espessos toldos. Mûda a Têrra ,
Mudos os ares , prende

(1) De Versalhes.

Nas engelhadadas gentes impio Tédio
 Que as idéias ensóssa (1).
 Fui-me ter com as Musas que acudissem
 A celebrar meus annos.
 Dei com ellas, e Apollo a fazer côrte
 A um rúbido brazido,
 Contando estalos do folgaz magusto.
 Horacio andava aos pulos
 Apanhando as castanhas bombardeiras:
 Catullo em calças largas
 Tirava da algibeira o seu cachimbo;
 Dava quatro fumaças,
 Com que o pardal de Lésbia sacudia
 O pipillante bico.
 Lésbia ralhava, Apollo ria, as Musas
 Castanhas esbrugadas
 Dávão na palma ao vélho Anacreonte,
 E as tigridas Bacchantes
 Nos taboleiros de xarão trazião
 Carcavéllos, Chamusca,
 Com que empurrar a entalladora buxa.
 Perdi o tempo, e o rôgo:
 E já, sem desmauchar o régabófe,
 Thalia, com descôco,
 Zombando do convite, me responde:
 « Não deixarêmos (certo!)
 » Tão ricco fôgo, e as estourács castanhas,
 » Por teus minguidos versos. »

(2) Assim como a Alegria anima, dá cor, dá brilho ás máis léves idéias; assim o Tédio as esmorece, as marcha; e as *ensóssa*, como diz o Autor.

SONETO.

ESTENDE o manto , estende , oh Noite escura ,
Enluta de horror feio o alégre prado ;
Molda-o bem c'ó pezar d'um desgraçado ,
A quem nem feições lembrão da Ventura.
Nubla as estréllas , Céu ; que esta amargura ,
Em que se agóra céva o meu cuidado ,
Gostará de ver tudo assim trajado
Da negra côr da minha Desventura,
Ronquem roucos trovões , rasguem-se os ares ,
Rebente o már em vão n'ôucos rochedos ,
Solte-se o Céu em grossas lanças de agua :
Consolar-me só pôdem já pezares ;
Quéro nutrir-me de arriscados mêdos ,
Quéro saciar de mágoa a minha mágoa.

O D E.

Vexet eques metuendus hastà (*)
Vitamque sub dño et trepidis agat
In rebus. —

HORAT. *Lib. 3. Od. 2.*

A os féros golpes da Fortuna iniqua
Mal resiste o cobarde, que em regalos
Da lauta mesa, da venal amiga.
 Passou sem gloria os dias.
O rouco tóque do tambor guerreiro
Como ouvirá constantè, e os estampidos
Da rôta bomba, da assoviante bálla
 Na travada peleja:
Como as brigas dos ventos descompostos
Na assanhada campina, e os mares verdès
Rebentando na pôppa, desornada
 Da bandeira e varandas,
Quem des-lembrado da Virtude, e nôme
Farto busca o jantar, sem somno o leito;
Quem streméce ao roucar do mar distante,
 Ao despir d'um estóque!

(*) Não me censurem de que uso de Epigraphe Latino a uma
Sm.^a. Saibão que ella o entendia talvez melhor, que alguns dos
que me censurarem. Se eu a nomeasse...

Esses Gamas e Castros, que investirão
Contra agouros do Adamastor sanhudo,
Que as traições, que os perigos arrostarão

Do mar, e gente, ignotos,

Não davão culto á Embriaguêz, ao Luxo
(Ídolos tórpes dos ruíns vindouros)

Nem pejávão as ruas, embalando-se

Em rodantes andôres.

Nem bella Daphne as Damas d'outro tempo

Escutárão vádiôs, caprichosos

De insulas módas, de ruíns costumes

Sem mérito, sem honra.

Vinhão d'África os seus Galans, honrados

Co'as airósas feridas (1) no semblante,

Tinctos em Mouro sangue, as mãos beijar-lhes,

As mãos tão merecidas.

(1) E ainda que as Donzellas nóbres, que no Paço andavão, tivessem alguma honesta affeição, não admittião algum, sem primeiramente em militar exercicio se mostrar forte, e animoso; porque n'este tempo a ambição andava degradada d'este Reino, e a simples modestia reinava nelle; e sobre tudo a Cavallaria e esforço se estimava, se procurava, e tinha em muito ».

MARIZ, dos Reis, pag. 510.

ODE.

AD ILL^{am}. ET EXC^{am}. D. D. J. I. F. etc. etc.

~~~~~

Q UOD genus, Clio facilis, modorum  
Quos tibi mittam potius ministret  
Quam quibus nomen meritum lucrata  
Lesbia Sappho ?

Illa vocali modulata Sistro  
Protulit dignè numeros perenni  
Laude, quæis vivit, celebrisque vivet  
Juncta Phaoni.

Tu sacras artes veterum diserta  
Suscitas Musà, facilemque præbet  
Se tibi Phœbus numeris canoris  
Verba liganti.

Docta sermones variæ loquelæ  
Scripta percurris studio perenni  
Quæ tulit curâ vigili legenda  
Quælibet ætas.

Nunc quidem Lusùm, superis benignis,  
Quomodo crevit bene res perampla,  
Et legis Reges, celebrata quorum  
Fama per orbem.

Cæteros inter meritâ notabis

Laude complures , genus unde ducis.  
Ipsa præclarum , reliquisque nullà  
    Parte secundum.  
Prole diceris meritò beata ,  
Moribus structa placidis , cuique  
Pallulat jam nunc Proavùm , Patrisque in  
    Pectore virtus.

---

## TRADUÇÃO

### DA ODE LATINA.

**C**om que métricos sons a affavel Clio  
Me acudirá melhor , para ofertar-te ,  
Que o métro que adquirio á Lesbia Sappho  
    Tão largo nôme no Orbe ?  
Ella no loquaz Sistro modulando ,  
Soltou cadencias tão suave e douta ,  
Que , juncta ao seu Phaon , inda hoje vive ,  
    E.vivirá famosa.  
Tu perita na bella antiguidade ,  
Seus sacros sons na Lyra ressuscitas ;  
Phébo a teu rôgo attende , quando entôas  
    Canoras Cantilenas.  
De diversas Nações Cidadãa sábia  
Descobres com lidado estudo quantos  
Arcanos qualquer Éra commettêra  
    Ao disvéllo incansado.

Agóra lês as ínclytas façanhas  
Com que Elysia medrou , do Céu bem vista ;  
Lês as acções dos Reis , cujo renôme  
Tem estendido a Fama.

Com devido louvor verás , entre elles ,  
Muitos de quem derivas a nobreza ,  
Em alto gráo preclaros , que não cédem  
Primazia aos máis-nóbres.

Tens próle bem-munida em sãos costumes ,  
Por quem te pregoarão ditosa as Éras :  
Já no seu peito abróllia , dos Maiores ,  
E do Páe a virtude.

F. M<sup>el.</sup> do Nascimento (1).

---

( 1 ) A familia dos *Nascimentos* é antiquíssima. Na sua carta genealógica se estende, como Chefe, Adão Seu filho Cain foi o primeiro em quem assentou o appellido de *Nascimento* : por quanto seu Páe não fôra nascido, mas *Creado* : D'este primogénito pois vem a fidalga linhagem dos *Nascimentos* que o Autor do Pentateuco traz muito ao longo individuada de Páe a filhos. As armas d'esta familia são — *Em campo de prata uma Mulher parindo* — (a qual é Eva). Job, que tambem era d'esta familia dos *Nascimentos*, e foi potentissimo Régulo nos desértos da Arabia, ajuntou ao escudo das antigas armas este lema em Latim — *Venhâes embóra, embóra venhâes* — David, Monarcha da victoriosissima Judéa, illustre vergonhea da árvore dos *Nascimentos* achando cabélllos brancos a este lemma fez outro máis comesinho, que diz assim — *Boa estréa te acompanhe*. — Ps. 28. Ha livros e máis livros, que contestão o fio nunca rôto desta prosapia até o traductor F. Manoel do Nascimento. A familia que contar Avós mais atrazados pôde-se gabar de antiga.

*Nota do Editor.*

---

## SONETO

ESTANDO AUSENTE

DA SNR<sup>a</sup>. D. M. J. R. D.

---

**T**odo o lembrar da tua formosura  
Já o peito a agudos tiros mal defende :  
Já do Ciúme o ardor , que assim me accende  
Me entréga a vida aos golpes da amargura.  
**Q**ue muro entre nós põe a Ausencia dura ?  
Quem com grilhões os pés aquí me prende ?  
Ah ! se esta acerba dôr o prazo estende ,  
Sem vêr-te , verei , Marcia a sepultura.  
**E** vós , oh Faunos , que me estáes ouvindo ,  
Devendo magoar-vos meus pezares ,  
Protérvos ! de meus prantos estáes rindo ?  
**O** Céu vos dê no Amor ruíns azares ;  
E às Nymphas , que buscáes , de vós fugindo ,  
Zombem dos áis , com que canseis os árcs.

---

---

## SONETO

A' CERCA DE CERTOS DA'RES E TOMA'RES

DA SNR<sup>a</sup>. D. FL. E. G. DE S.

---

QUÉBRO contigo o desleal contracto ;  
Que me desdenha , Amor , sem causa , Flóra.  
Pagou os mimos , com que esta alma a adora ,  
( Obras tuas ! ) c'um termo infiel e ingrato.  
Quando máis lhe encareço o desbarato  
Que me fez na alma . . . , A Pérfida , a Traidora  
C'um riso iniquo ( que inda assim namóra )  
Zomba do mal que fêz , do ímprobo tracto.  
Se o puro amar , se a fé tão pouco prézas  
De quem se deo por gôsto a ti rendido ,  
Que injusto que és , Amor , com táes cruezas !  
Não firas , com rigor tão desmedido ,  
Peitos em que se lavrão táes finezas ,  
Se o teu Reino não quéres destruído.

---

---

## O D E.

---

Gloire à Vénus dans la Cour éthérée ;  
Paix sur la terre aux fidèles amans.

MRS. de GNIÈRE.

---

AQUIAR, — quanto és contente !  
Tens á vista , e nos braços a Consorte ,  
    Ha tanto suspirada. —  
De cá , d'onde sózinho leio e escrevo ,  
    Te contemplo ditoso ,  
E contigo me alégro.... Mas que muito !  
    Se Venus , de benigna ,  
Lembrada de mil férvidas offrendas  
    Que lhe puz nos altares ,  
Rompendo a azul abóbada , a mim desce  
    E me érgue d'ante os olhos  
Certa cortina que estorvava a vista (1)  
    De Paris a Versalhes :  
E quiz que eu visse a tua Amada ; entrando  
    Anciosa no teu quarto.

---

(1) — — — Omnem , quæ nunc obducta tuenti  
Mortales hebetat visus , et humida circum  
Caligat , nubem eripiam. — — —



Pelos lados, diante, e detraz d'ella  
Os Amôres, e os Risos  
Abraçados com cêstos mil de Flôres,  
Que a frôxo derramavão ;  
Os Prazêres, com grandes açafates  
De abraços e de beijos ;  
E um que escondia um Coffre, em que fechados  
Vinhão uns dons precíôsos,  
Que entre os lençóes foi pôr mui recatado,  
Para depois o abrirem  
Entre os segrêdos da callada noite...  
Máis me disse ao ouvido  
Cértas cousinhas Venus, que ora callo ;  
Que é devído o segrêdo  
A's Damas, muito máis quando são Deosas.  
Em mim, com máis resêrva ;  
Que houve d'ella promessa de inda dar-me  
De amor um ramilhête,  
Antes que me armem de bordão os annos.

---

## SONETO

DEPOIS DE CERTA AUSENCIA

DA SNR<sup>a</sup>. D. M. J. R. D.

~~~~~

MARCIA ! Marcia ! Meu Bem ! Que grossa enchente
De prazêres pela alma se me espalha !
Oh , como ao ver-te , fôge , e se transmalha
Dos pezares o turvo bando ingente !

Não sou em mim. A alvorçada mente
Soltar-se emprende , e a ti voar trabalha.
Acóde o Amer : no coração entalha
Vindouros gôstos e' o farpão ardente.

Hei-de ser mais feliz. Sôpro divino
A idéia arrebatada me bafêja. . . .
Já ouço a voz do Oráculo benigno :

« Terás Marcia , a pesar do Ciúme e Invéja ;
» Gozarás de seu peito alabastrino.
» Tens Deos Amor nos Céos , que te protêja.

~~~~~

---

## O D E (\*).

---

— — — Nil sine magno  
Vita labore dedit mortalibus.

HORAT. *Satyr.* 9. *Lib.* 1.

---

**D**A' de mão á preguiça lisonjeira ,  
Lança-a ao longe de ti ; que não se alcanção  
Os segrêdos das Musas , sem fadigas ,  
Sem indeféso estudo.

O'lhá-as no cimo d'ingremes montanhas ,  
Applicadas ás Artes ingenhosas ;  
E em tórno em seus assentos merecidos  
Os cuidadosos Vates.

O'lhá a rama vivaz , que a frente cinge  
De Camões sublimado e sonorôso :  
Vê como Adamastor desmesurado ,  
Para elle se debruça ;

E ao largo da alta espádua lhe dá móstra  
Do honrado Cavalleiro , e gentil Dama ,  
Que vio morrer de fome os filhos caros ,  
Nas ardentes areias.

Lá , junto áquella fonte dos Amôres  
O'lhá as Nymphas do Munda ; inda orvalhadas  
As faces tem das lágrimas sentidas ,

---

(t) Ao Snr. Ag. Routiez, que traduzia Camões.

Que por Inez vertêrão.

Não o ouves tu, na Lyra resonante  
Cantar do Gama os ímprobos trabalhos,  
Que as portas da Asia, superando riscos,  
Se abriu ousado e forte ?

Lá vai surcando os mares do Oriente,  
No nadante baixél empavezado  
Tremóla as Quinas Lusas vencedoras  
Junto aos bêrços da Aurora.

Cheio o peito de incógnitos segredos,  
Eis solta as vélas, fita em Lysia os ólhos,  
Os ólhos satisfeitos, com que vira  
As Índicas Neréias.

Esperado da bella Protectôra,  
E das Nymphas, que Amor feridas tinha,  
Os Amôres lhe acênão; e os Prazêres  
Lhe estão abrindo os braços.

A virtude érgue o prémio refulgente  
Além de longas métas arriscadas;  
Péde affrontados médos, péde p'rigos,  
Aos que a arrancá-lo córrem.

Mas lógó que vencidas as fadigas  
Sobrepuja o valor, lá está assomada  
A Fama, que apregôa a merecida  
Bem conquistada glória.

Ouviste o Canto? — Eis co'a guerreira dextra  
A's escabrosas fragas te convida:  
Eis te aponta a veréda inda trilhada  
De seus pés resolutos.

- » Vem escutar-me, vem ( te diz benigno )
- » Se da Poesía os penetráes vedados
- » Quêres investigar no almo Congresso
- » Dos immortáes Cantôres.

- » Rompe com passo ardido a encosta dura
- » Esmága espinhos, desmaranha balsas :
- » Filinto , a quem fiz certo o meu designio
- » Te esforçará os passos.

---

## TRADUCTION DE L'ODE

DA' DE MÃO A' PREGUIÇA LISONJEIRA.

---

**R**epousse loin de toi la paresse flatteuse ;  
Les doctes secrets des Neuf-Sœurs  
Sont le pénible fruit des constantes sueurs  
D'une carrière studieuse.

Vois-les sur le sommet de la double colline  
Cultiver les arts libéraux ;  
Des Poètes , aux rangs marqués par leurs travaux ,  
Contemple la troupe divine.

Vois du grand Camoëns la glorieuse tête  
Ceinte de lauriers florissants ;  
L'énorme Adamastor fléchi par ses accents ,  
De son front calmer la tempête.

Dans les sables brûlants il lui fait voir les restes  
De ce couple d'infortunés  
Dont les fils , par la faim , sous leurs yeux consternés ,  
Ont fini leurs destins funestes.

Non loin de cette source aux amours consacrée  
 Vois les nymphes du Mondégo,  
 Mêlant encor des pleurs au cristal de son eau  
 Pour cette Inès tant adorée.

Eh ! ne l'entends-tu pas célébrer sur sa lyre  
 L'inébranlable fermeté  
 De ce hardi Gama qui , sur les mers porté ,  
 Conquit l'Asiatique empire ?

Le voilà d'Orient foulant les vastes ondes  
 Sur son vaisseau triomphateur :  
 Des lieux où naît le jour, son pavillon vainqueur  
 Fait trembler les plaines profondes.

Plein de vastes projets, aux campagnes liquides,  
 Des vents invoquant le pouvoir,  
 Content, il fuit nos bords de l'œil dont il va voir  
 Les indiennes Néréides.

Vénus, déjà Vénus, ses nymphes protectrices  
 Brûlent pour lui de vifs désirs :  
 Les Amours caressans, les folâtres Plaisirs  
 A ses vœux se montrent propices.

La Vertu montre au loin la brillante couronne  
 Par-de-là les monts sourcilleux ;  
 Elle veut des périls, des exploits merveilleux  
 De ceux à qui sa main la donne.

Mais dès que la valeur des mains de la victoire  
 Voit ceindre son front radieux  
 La renommée alors paraît planant aux cieux  
 Et proclame une juste gloire.

Sont chant t'a-t-il frappé ? — Vois, de sa main guerrière  
 Il te fait signe de gravir ;

Il te montre aux sentiers que tu dois parcourir  
Ses pas empreints sur la poussière.

« Viens m'entendre, dit-il, viens, si ton cœur désire

» Pénétrer l'art mystérieux

» Du langage divin qu'en cercle glorieux

» Parleat les maîtres de la lyre.

» Viens d'une main hardie écarter la barrière ;

» Viens fouler le sol épineux :

» De mon projet instruit, Filinte officieux

» Te soutiendra dans la carrière. »

---

## L Y R A S.

### 1.

FLORES, ás alcatifas de verdura,  
Quando o Orbe regenêta  
A alegre Primavéra,  
Vós dáes a ricca, a airosa bordadura.

### 2.

Com que deleite me encantáes a vista !  
Quanto me é grato agóra  
Soltar o extremo embóra  
Ao frio, á néve da estação mal-quista !

5.

Vós , Flores , descahís do mólle seio  
De Venus , quando passa  
C'os Amores , e enlaça  
Na danza as Graças , com festivo enleio.

4.

No matiz se apurou a Natureza ,  
Pondo as côres máis finas :  
Das térras peregrinas  
Vos colheo o perfume que máis préza.

5.

Os Zéphyros nas azas delicadas  
O bafêjo odoroso  
Por tributo donoso ,  
Lévão com gôsto ás Célicas pousadas.

---

## EPIGRAMMA.

CANH doente. — Eis vem Médico douto ,  
Que discorre tres horas muito affouto ,  
No nôme que á molestia Autores dão.  
« Curou-vos ? » ( perguntáes ) » Senhores, não. »

---



---

# ODE

A<sup>a</sup> ILL<sup>ma</sup>. E EXC<sup>ma</sup>. SNR<sup>a</sup>.

D. ANNA APOLLONIA DE VILHENA ABREU SOARES.

---

— — — D'alti pensieri e regi,  
D'alta beltà, ma sua beltà non cura,  
O tanto sol, quanto honestà se'n fregi.

Tasso *nella Jerusat. Cant. est. 54.*

---

NÃO te assombre de longe a mão da Idade,  
Que da viciosa face as rósas murche,  
Nem que o mimoso rutilante lume  
Dos olhos te amorteça.  
Sustos são, que prender em Ti lhes néga  
O respeitando acêno do alto Nume,  
Que nas azas do Tempo tem imperio.  
Zomba da sua fouce.  
Que assim zombou Ninon (1) sempre formosa  
Em quem quatorze lustros não poderão  
Marear a belleza; e que accitava

---

(1) Vid. Lettres de Ninon de l'Enclos au marq. de Sévigné.

Galans , rendidos vótos.

Quando foi que as Virtudes , os Talentos ,  
Que o Mimo , e a Graça não sobreviverão  
A' caduca illusão da formosura ,

Gábo de poucos dias (1) ?

Não são vélhas as Musas , nem descêrão ,  
Depois de tanto século , um só ponto  
De valia c'os sabios. O teu Nome

A' Eternidade o mando ;

Qual já mandei de Marcia , e de Delmira ,  
Ternissima saudade , amor sem mancha ,  
Gratidão da máis sólida amisade ,

Envóltas em meus versos.

Em quanto a lyra de Camões sublime

Soar pelo Universo , irão do Alumno (2)

Os números , seguindo-lhe os vestigios ,

A' sombra do seu Flacco.

(1) *Anceps*, forma, *bonum mortalibus exigui donum breve temporis*. *SENEC. Hyppolit. Act. 3.*

(2) Parecerá muita presumpção : mas entendamo-nos. Eu não me dou por igual a Camões (*Vade rétro vaidade!*) Digo sómente, que quem entender a lingua em que fallou Camões, quereá por curiosidade ver outros Poétas máis; verá Ferreira, verá Bernardes; verá tambem Elpino, Coridon, Alfeno, e talvez Filinto. E muito principalmente se lhe dissessem que Filinto foi o Alumno máis adorador que Camões teve n'estas éras.

---

## SONETO (1).

QUEM vio , do Têjo erguer-se um fumo brando  
Com visos de alva cassa transparente ;  
Córar-se ao Sól roxeando no Oriente ,  
Entre néve e carmim luzes cambiando :  
Quem vio este vapor ir-se moldando  
Em mil fórmas , de aspécto differente ;  
Qual , nas fórmas , crystal resplandecente  
Vai diversas effigies accitando :  
Se acaso vio fingir-se a névoa pura  
N'alvos membros de Dama delicada ,  
Talhadados pela mão da Formosura ,  
Vio em tôsco uma cópia debuxada  
D'aquella , em que empreguei toda a ternura ,  
Do meu Bem , minha Marcia tanto amada.

---

(1) Uma manhã de Julho, que me puz á janella, na Ribeira das Nãos, vinha-se erguendo o sól tão córado, e dava táes vislumbres aos novelinhos de névoa que se despegavão do Têjo, que se me affigou o que diz o Soneto.

~~~~~

SACRIFICIO

A BACCHO.

ALMO senhor das pampinosas vinhas ,
Baccho , Rei da Alegria galhofeira ,
Lá deixo aos pés da divinal parreira
Quebradas , as do Amor , fléchas daninhas.

 Escravo fugidão ,
 Seu jugo sacodi ,
 E me entreguei a Ti ,

Deos contente , vermélho e luzidão.

Por próva dé que venho bom vassallo
 Seguir teu estendarte ,

De Nisc os mimos , feitos com tanta arte
 Já me não dão abalo :

Honte' os escriptos da fiél Delmira

 Queimei em voraz fôgo ;
 E a Chloris mandei logo

Seu retrato , que finge que respira.

Só conservo um annel da loura Oláia

 Fino , — e de boa láia ;

Que á manhã , se risonho , oh Baccho , me ólhas
Vendo , por me prover d'um sacca-rólhas.

O D E.

Ætas parentum pejor avis, tulit
Nos nequiores, mox daturos
Progeniem vitiosiore.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

VAI o Mundo a peor, Amigo calvo ;
Tudo se abastardêa, e degenêra :
Miseros homens, vindos em má quadra,
Sômos os homens de hoje.
Os séc'los tão gabados de Innocencia,
De candura, e de amor, séculos de ouro
São para nós de bronze, e férro duro ;
De barro para muitos.
Ha trinta annos as Mòças c'os Rapazes
Brincávão sem malicia ; hoje as Crianças
Namórão já do berço, (1) e inda promettem
Máis protérva relé.
No tempo antigo as Damas das novéllas
Erão de ouro, de pérlas, de alabastro,
Todas rubis, e rósas, e açucenas ;
Hoje — são de ósso e carne.
Erão meigas, fiéis, erão cortêzes
A's prendas, ao valor, ao bom ensino :

----- Amores
De tenero meditatur ungui.

HORAT.

Hoje , ariscas a tudo , só se ameigão

Com redondos dobrões.

A valentia , a robustez , a força ,

Cáro presente de almas cabelludas , (1)

Pouco a pouco affrouxou ; perdeu-se a barba

C'o rapar dos barbeiros.

Roldão , que os Mandricardos , Rodomontes ,

Vestidos de armas finas alanhava ;

Que enfiava dez homens n'uma lança ;

Hoje — traria róca.

Dom Quichotte , que outróra , destemido

Investia descomunháes Gigantes ,

Malandrinos foliões , azenhas de agua ,

Hoje fôra um Maricas.

Ah tempo , tempo ! em que um Fidalgo nosso

C'um gólpe da catâna abria um Touro ,

E c'o resto do gólpe a sepultura !

Que o fizésse a'lguem hoje !

Erão hómens de barbas té á cinta ,

De retorcidos , ásperos bigódes ,

Não barbâcas de agóra , amoladinhos ,

Tres-calando pivêtes.

O Cónego Bernardes , que brincando ,

Fez duzentas outavas (2) de repente ,

A' Lua cheia ; não faria agóra

Uma tróva sequér.

O Capucho Macêdo , (3) insigne lauro

(1) Do Marquez de Pombal dizião os praguentos , que tinha cabéllos no corração.

(2) Tere elle a bondade de m'as lèr , e eu a de as ouvir.

(3) Leião o *Journal de Paris* de 20 de Outubro de 1783 , ou a Chroânica dos Capuchos da Soledade.

Frei
Fran

Do Dêlphico furor versi-potente ,
 Que da Poesia navegava o gôlphão
 Com infunadas vélas ,
 Abarrotando o mundo de Poémas ,
 As Odes , e Elegias desunhava ,
 Nadava em Epigrammas , e Epitaphios ; (1)
 Hoje daria em sêcco.

É o que eu digo. O sec'los empeiorão.
 Vai tudo a menos. Todo o bom se acaba.
 Formosura , valor , talentos férteis
 C'os bons vêlhos morrêrão.

E eu audo , Amigo , ha tempos esquecidos
 Forjando uns versos , que mandar-te pôssa
 Em trôco de Soneto das *Lampreias* ,
 E não me occôrre nada.

Ingenha idéia um verso. — Mêtto-o á fôrja :
 Ou lá rebenta , ou na bigórna estála :
 E se dalli sáhe são ; quando o mal-cuido ,
 Fálha ao correr-lhe a lima.

Mas quem vejo eu entrar com gran sotâna ,
 Barba espêssa , cortada á Fernandina ,
 Carregado de tómos , grandes , gróssos
 De léttra miúda e céga ?

Eu sou Tostado (2) (diz) venho animar-te.

(1) Fr. Francisco de Sto. Augustinho Macêdo , natural de Coimbra , que além das conclusões de *omni scibili* (coisa profundissimamente stupendissima) e mil differentes producções em prósa , que honrão a Seráphica , compoz 48 Poémas Épicas , 113 Elegias , 115 Epitaphios , 2600 Poémas heróicos , 110 Odes : 300 Epigrammas , 4 Comedias latinas , e máis de 1,500,000 versos a differentes assumptos. — *Journal de Paris*. (ibi).

(2) Della se disse.

- » Tens mêdo de escrever ? Põe cá os olhos.
- » Vês esta livraria ? É toda minha ;
 - » Anda toda em meu nome.
- » Sábés tu , que cstes grandes volumações
- » Fizêrão tanta bulha n'este mundo ,
- » Que de grande Escriptor o illustre nome
 - » Me assoalhou a Fama !
- » E como os compuz eu ? — Aprende , aprende.
- » Abrindo muito livro desleixado ,
- » Tirando d'um e d'outro ; e com caseiras
 - » Linhas sirzindo tudo.
- » Enche de citações os teus escriptos ,
- » Se escrever muito , a pouce custo , quêres :
- » Traslada d'um Autor láudas inteiras ,
 - » D'outro furta as idéias.
- » Inda agóra vóssês tem mais soccórros
- » Que eu tinha no meu tempo : tem Moréri ,
- » Tem Berlink (1), e mil outros Diccionarios ,
 - » Valhacontos de néscios.
- » Tambem , para o que digo , é são conselho
- » Torcer as guardas ao que bons dissêrão.
- » Ou já dizer bem d'um , já malhar n'outro : —
 - » Com razão. — ou sem ella.
- » Os hómens não são grandes , por ser grandes ;
- » Mas sim por que soubêrão bem fingi-lo.
- » Quantos jázem no pó , que sós merecem
 - » Os louros que outros roubão !
- » Tóma estes meus avisos ; serás grande :
- » Que eu fui-o assim tambem , e mil o fôrão

Hic stupor est mundi, qui scibile discutit omne.

(1) *Theatrum mundi.*

- » Que hoje estão em famósas companhias
- » Logrando honras de sabios.
- » Nem cuides em compor invenções novas :
- » Que *nil sub sole novum* (1) diz o adagio ;
- » E ao fogo , máis que á luz vão cértas obras
- » De odiosa novidade.

Assim disse com voz doutôra e cheia ;
Olhou-me c'um tregeito compassivo ;
E mal que os livros arrumou nos hombros ,
Traçou a lôba , e foi-se.
Elle bem me animou ; mas eu não pôsso
O alheio dar por meu. Não sou Tostado ;
Nem blazôno deixar para as estantes
Gigantes de ralhos.

(2) Muito tempo ha que ouço gritar Críticos (que não escrevem) que nada se diz hoje que novo seja, nem em prósa nem em verso : e esses Críticos são os principaes a quem essa desgraça acontece. Quantos Autores antigos estimados então e agóra , copiárão de outros o que hoje nelles lêmos ? Não é unico no seu género moderno La Fontaine , que em suas obras não pôz de sua casa máis que as linhas e o feítio ! Tão ténue glória lhe cabe ao escriptor contemporaneo nosso que dá novo traje elegante e airoso á idéia que lhe veio de outrem , talvez mal-amanhada ? E eu acho que val máis dizer com graça cousas já dittas , que dizer cousas novas com sem-saboria,

Qu'est ce qu'une pensée neuve , brillante , extraordinaire ? Ce n'est point , comme se le persuadent les ignorans , une pensée que personne n'a jamais eue , ni dû avoir ; c'est au contraire une pensée qui a dû venir à tout le monde , et que quelqu'un s'avise le premier d'exprimer. Un bon mot n'est bon mot qu'en ce qu'il dit une chose que chacun pensait , et qu'il l'a dit d'une manière vive , fine et nouvelle.

BOILEAU, dans la préface.

SONETO.

NOS ANNOS

DA SENHORA D. M. R. DE A. E S.

MOTTE

Causando ao Filho amor, á Mãe invéja.

G L O S A.

VENUS o livro abriu do Fado , um dia ,
Por ver se inda outro Anchises a esperava :
E ao collo o Filho pérfido (1) espreitava
Se inda em Jóve outra sétta empregaria.
Quando em meio o volume revolvia,
Com este acérbo oráculo acertava :
» Nas térras , nascerá , que o Téjo lava ,
» Nympha , que a Venus roube a Primazia :
» Que os altáres , em que hoje o mundo a adora ,
» Derribe , e aos pés rendido o Filho veja ,
» Algemado por mãos da Vencedora. . .
Cumprio-se o Fado. O mundo a mão vos beija.
No dia , em que nasceis , e estáes , Senhora ,
Causando ao Filho amor , á Mãe invéja.

(1) Perfidum ridens.

CONTTO.

Um sancto Cura, em mui solemne dia
Com voz clara o Te-deum garganteava
Repousado : outro verso lh'o alternava
Com pastrana, devôta gritaria
O rebanho, que a Igrêja e o adro enchia.
Por fado máo do Cura, um doudo estava
Junto d'elle ; e que muito a mal tomava
A chorûda algazarra estrepitosa.
Vai-se ao Cura, desanda a mão nervosa ;
E c'um bom bofetão lhe cõbre o rôsto ;
Dizendo zombeteiro e descomposto :
» Soube-te bem o coscorrão, meu ricco
» Aly'rotador do Povo ! léva a esmóla.
» Se tu não começáras a Charola,
» Toda esta Córja não abríra bico. »

ENIGMA.

Os hómens e animáes, valles e montes
Envólvo no meu manto, e não me sentem :
Por séculos perennes me consentem
Mui largo imperio n'esses horisontes.
Eu sou a Mãe da Noite atraçoada ;
E quér-me a Mórte companheira sua,

Como ella á formosura sou malvada,
E apágo quanto aclara o sól e a lua.
Se a lua tem do sól a luz devida,
Elle guerra comigo traz reahida:
E o sol que tudo vê não póde ver-me,
Que ante elle mesmo, eu sei delle esconder-me.

O D E.

Dans des tourmens cruels voir languir ce qu'on aime,
C'est sentir mille fois les coups affreux du sort :
Dieux, qui d'un œil serein voyez ma peine extrême,
Secourez mon Iris, ou donnez-moi la mort.

ROUJIEZ.

QUANDO a Fortuna, de inconstante aviso,
Encetou com desgraças
O varão que não veio humilde, abjecto
Adorar o seu Nume,
Na refalsada Côrte, ou ante os cóffres
Chapeados de Pluto;
Levando avante, o seu empenho, e acinte,
Maléfica lhe embórca
Sobre a cabeça a mágoas devotada,
Toda a Úrna infelice,
Que Jóve encheo cholérico co'as penas
De atormentado inférno.
Dos hombros do Varão constante e justo
Resvãão debruçadas

Pêrdas de bens, deshonras mal-soffridas
 A lhe afferrar o peito
 Co'as garras affaimadas da prebreza ; -
 Lógo os tristes Pezares
 Em tórno ao coração serpeião, mórden,
 Trajando a rôjo lutos.
 Vem a má nóva, de agouradas fallas,
 Que se compõe sequêcia
 De tibiezas, senões, des-confianças,
 Desamparo e amigos.
 A Doença, com mão finada abrauge
 Os fatigados membros,
 E no âmago do peito as amarguras
 Vão assentar morada.
 Com índice maligno a Providencia
 Lhe aponta no futuro,
 Em nebuloso quadro hórridas fórmias
 De sinistrós succéssos.
 Quem não quizera, com melhor semblante
 Despedir-se do dia,
 E fraudar, com as sombras do jazigo,
 Do Fado os ameaços ?
 Qual é a alma tão fórte, que resista
 Aos prantos d'uma Amante
 Ingénua, comedida, affável, térna,
 Que, nos braços da Angustia,
 Implóra com os olhos arrazados
 De lágrimas mímósas,
 Arredado soccórro, e este lí'o embarga
 A's despresadas pórtas
 O agudo rôsto da Miséria esquiiva!
 Amigos insensíveis
 Vêde, que é obra vóssa este rascunho

Das penas de Filinto :
O'bra vóssa , que o dáes ao desamparo
Com culpado descuido.

EPIGRAMMA.

Eu lia a um grão Doutor
De gôrda catadura
Do sublime Camões a rima pura
Do nunca assaz louvado Adamastor.
Quando máis enlevado
Em seu canto divino
Ameigo a voz , e em brando tom a affino
Para lhe lêr Inez , e seus amores,
E sua injusta mórte , injustas dores ;
Ouço o Doutor roncar alto e rasgado ;
Então o abalo , e grito-lhe enfadado :
» Doutor , Doutor , desperta
» Que Phébo quiz que o Vate
» Neste almo Canto ao Pindo se arrebate ,
» E de Hypocréne a fonte tenha aberta. »
• — Que inuteis , que perdidas
— (Diz-me o Doutor) comigo táes razões !
— Prefiro o meu Ulino ao teu Camões. —
Diz-me : e torna a roncar o novo Midas.

SAUDADE EXTREMA.

1.

GENTIL Rôla, que sobre o ramo sêcco,
D'esse viúvo freixo, brandas queixas
Espalhas toda a noite, e escutas o éccho
Repetir-te mavioso iguáes endêchas :

2.

Não chóres. Ouve o meu saudoso canto,
Que excéde quanta mágoa arrója a sorte :
Ninguem, como eu padece extrêmo tanto,
Que a ninguem roubou tanto a crua Mórte.

3.

Tu viste Marcia : a Marcia, oh Rôla, ouviste.
Quanta belleza, oh Céos ! quanta doçura !
Tem cotação de bronze quem resiste
A' dôr de a vêr no horror da sepultura.

4.

Tu pódes ter formósa companhia
Térna e fiél. Filinto desgraçado
Té perdeo a speranza lisonjeira
De achar Marcia em transumpto inanimado.

SONETO

TRADUZIDO.

QUANDO Adão vio chegar Eva formosa,
Para elle obrada pela mão divina,
Grande amor lhe tomou; e a tal Menina
Não lhe foi (inda bem) d'escarinhosa.
Adão, unico home' (a Dcos graças) góza
Mulhér que não dá zêlos, mulhér dina.
Como não fôra essa Eva amante e fina,
Se do homem só que havia ella era Espôsa!
Eu não sei se na conta vou errado.
Seja robusto Adão, de idade inteira,
Corpo gentil, juízo delicado : —
Que Eva o Diábo vio, e creio asneira,
Não lhe ouvir lérias, não o ter ao lado,
Ser mulhér, e não ser namoradeira.



O D E.

Chi sperar poteva il sole,
Quando l'alba procellosa
Questo giorno partori.

METASTAS.

O Lavrador que rasga á terra ingrata
As aváras entranhas ;
A quem fallaz seára mal-responde
Com mesquinha colheita,
(A'vida mira dos filhinhos rôtos ,
Da espôsa enfraquecida)
Não manda aos Céos máis graças , se co'a rélha
Quebrou a tálha de ouro ,
Por fugitivo Mouro (1) allí guardada ,
Do que eu vi a Alegria
Brotar do seio de tão feias nuvens ,
Que pesando no peito ,
De apêrto , aos ólhos , lágrimas forçávãõ.

(1) Crêrão nossas Avós que apressados os Mouros a sahir de Portugal, enterrãõ seus thesouros; hoje rondãõ seus mães, pelos jazigos d'aquellas talhas, em figura de vélhas, outras vêzes de douradas cóbras, que com assobios e gaifonas, engódãõ os intrépidos a certas condescendencias, preço do thesouro que promettem descobrir-lhe.

Embóra exúlte e cõrra
Beijar a terra o Nauta descórado ,
Que na brusca tormenta
Zunir os ventos , fuzilar os raios
Vio sôbre as ondas vêrdes ,
Que fendidas , o náufrago navio
Bateo co' a quilha a areia.
Eu , que outro Sól não véjo , outra bonança ,
Que do rôsto formôso
De Marcia me não venha , única Venus
Que as tormentas serêna
N'esta minha alma erguidas , por ausencias ,
Por ásperos ciûmes ,
Maiór prazer senti , que o Navegante.
Elle só perde a vida
E as perigosas , pállidas riquezas :
Mas que é o ouro , — e a vida
A quem pérdé um mimoso ollhar de Marcia ?
O Réo , que vem subindo
Trémulo a escada , a ouvir lèr a sentença ,
E em vêz da mórte infame
Se lhe intíma o perdão , com a soltura ;
Ou quem anciado arquêja
C'o a afflicta carga d'un funesto sônho ,
Por baudoleiros duros
Sente romper o peito espavorido ,
Entrar a fria adaga ,
As desmaiadas carnes descozendo-lhe , —
Que a espôsa condoida
Accórda ; elle descansa acariciado
Nos braços da Consorte ,
Entre beijos de amor com laço estreito :
Não se dêm por felizes

Se ousão comigo pleitear ventura.
Foi mais vivo o meu júbilo
Que vi a Marcia , longo tempo ausente ,
E a vi , quando perdida
Tinha esperança de tornar a vê-la.
Tive em meus braços Marcia ,
Quando ia só verter saudoso pranto
Ao tristissimo sitio ,
Que vio nossa penosa despedida.
Os áres , que enlutados
Amçaçãvãvõ lùgubres chuvciros ,
De novo o azul vestirão
C'um gracioso olhar (1) da alégre Marcia.
Os campos se toucárãvõ
De nóvas flores , e de gósto rirão :
O sól , que se ãa pondo ,
Nunca de nós se foi com máis saudade.
Marcia , querida Marcia
Que prazer que gozámos ! que ternuras !
Depois de tantas mágoas ! —
Ditoso padecer ! mágoas ditósas ,
Que táes góstos rendêrãvõ !

(1) Vultu, quo Cœlum tempestatesque serenat. VIRG.

SONETO.

- « **E**SCRÉVE. (Amor me diz com tom severo.)
- » Filinto , escreve os versos magoados ,
 - » Com que ao som de teus férros namorados
 - » Teu canto me insultou de ímprobo e féro.
 - » São arrôjos d'um ânimo sincéro
 - » Teus insultos , em tanta dôr gerados.
 - » Dos cordões d'uma aljava pendurados ,
 - » Por monumento no meu Templo os quéro.
 - » Conta as minhas façanhas sangüinosas ,
 - » Meu facho invicto , e as de encantado gume
 - » Certeiras fléchas , de ferir sequiosas.
 - » Leião *Feréza* , *Ingratidão* , *Ciúme*
 - » Meus escravos , nas folhas lastimosas ;
 - » Adórem , têmão mea tremendo Nume. »
-

ORIGEM

DA

MALVASIA.

D'um bacéllo , que fructo inda não dava
 Fazia Baccho , um dia , alta resenha :
 Aquí contava os gômimos abrolhados ,
 Allí expunha a vara ao sól benigno ,

Torcia a parra a dar geitosa sombra
 Ao pimpólho abrazado... Em tães disvelllos,
 Eis d'um basto rosal emmaranhado,
 No alcance d'uma Nympha, sáe Cupido;
 E vê Baccho, no ardor de seus amanhos;
 Diz entre si, sorrindo: « Triste Nume,
 » Que a divindade estragas em tães lidas;
 » Esta sétta a gozar do Ócio te ensine. »
 Junta os córnos crucis da eburnea lûa,
 Despêde a fárpa (á Nympha antes dispôsta)
 E no âmago do peito a Baccho a embébe.

Baccho, que não temêra o bando inteiro
 Dos Gigantes, (1) trepando monte a monte,
 Antes duro, co'as unhas, co'a queixada
 Do leão ruivo, derribára a Rhéco...
 Baccho tremeo c'ò desalmado gólpe,
 Perdeo inteiro a vista; o immenso còrpo
 Vergou, cahio, medio o chão c'os membros.
 Co'a rija quéda, da ferida crua
 Gólfa a espadana do Celeste sangue,
 Que as cépas réga em cáldo ribeiro.—
 Baccho de dor, de pêjo se lastima,
 E enche os áres de prantos despeitosos.
 « Érgue-te, (Amor lhe diz, sorrindo iniquo)
 » Domador de Leões, de irósos Tigres;
 » Deos invencível, triumphador das Indias.
 » Deos generoso, que trouxéste aos homens

(1) Tu, cum parentis regna per arduum
 Cohors gigantum scanderet impia,
 Rhecum retorsisti leonis
 Unguibus, horribili que mala.

» O segrêdo do néctar , dado aos Numes
» Érgue-te ; e vem prestar a vassallagem
» A Amor , que te venceo. Largo e profundo
» O farpão te fará de mim lembrado. »
E nisto vòa , e fende o Céu abérto
Com descuidadas azas , logrativo.
As cêpas que bebêrão do divino
Sangue de Baccho , súbito perdêrão
Quanto acérbo nas veias lhe corria ,
De tão mellifluo humor alimentadas.
Dos gômmos de tal vinha á Grécia vindos
Nasceo a Malvasia ; que graciosa
Não desdênhou as terras da Madeira ;
E inda cedeo doçuras de seus fructos
A' feliz Carcavéllos , e Setúbal ,
Que o Celeste sabor inda conservão
Do sangue divinal que em si tomáráo.

MADRIGAL.

O Deos Amor , por se vingar um dia
D'uns açoites que a Mãe lhe deo , raivosos
Na mente revolvía
Projectos acintosos.
» Buscar-lhe-hei novo Adonis ? .. novo Anchises ? ..
» (Diz consigo) Não cáio n'essa chança.
» Finura é de aprendizes
» Dar-lhe , por me vingar , nóva folgança.
» Melhor ! ... Melhor ! ... Com réde

» Nónva , em braços de Marte , o Olympo inteiro....

» Mas Venus , n'um terreiro ,

» Cónra ella máis se a vêm , — se a vêm na alcóva! »

Depois de ter projectos mil traçado ,

Desfechou em lhe dar ciúme activo.

Formou Marcia máis bella ; e nella ao vivo

Debuxou das tres Graças o traslado.

O D E.

*Em 23 de Dezembro de 1760 , dia dos
meus annos.*

O rus , quando ego te aspiciam ! quandoque licebit
Nunc veterum libris , nunc somno et inertibus horis
Ducere sollicitæ jucunda oblivia vitæ.

HORAT. *Lib. 2. Sat. 6.*

Hoc erat in votis.

1.

Céos , que tirastes do encobérto Nada

O fio de que a vida me tecéste ,

Bordada longe em longe

De murchas alegrías ;

Mas o razo tingido de desgóstos

Na verdenebra escuma do Odio e Invéja,

2.

Sem vós pedir a luz do ignóto dia , (1)
Que mal commetter pude não-nascido ,
Para atizar os fâchos
De precóce vingança ;
E na carreira da immatura Idade ,
O meu castigo anteceder a culpa !

3.

Se a mim , que não a vós , coubéra em sorte
Traçar da minha vida o cheio quadro ;
Qual serpeia o regato
Com socegada veia ,
Entre esmaltados prados saúdosos ,
Brandos , contentes annos deslízara.

4.

Longe dos montes da Ambição altiva ,
N'um abátido valle , a humilde chóça
Poría , em salvo ampáro
Das víboras da Invéja ,
Abrigo do Prazer , do Riso honésto ,
Da virtude , e das Graças innocentes.

5.

C'uma lyra nas mãos , ás Músas cáro ,
Na beira d'uma fonte crystallina ,
Que salpicca de aljófar
O serpão , o tomilho ,
A' sombra d'um verde álamo frondoso

(1) *Feliciorem.... judicavi qui nondum natus est, nec vidit
mala quæ sub sole fiunt. Ecclesiastæ. Cap. 4.*

Saudaria a nova Primavera.

6.

A singella Canção enfeitaria

Co' as flores do saber , que em annos teozos

Me espalhou pelo seio

A cãndida Natura ,

De Minerva os preceitos espinhosos

Ameigando com plácido carinho.

7.

Sem cuidar d'onde os mármoreos me venhão

Para invejandos pórticos , nem Cédros

De etérna constructura ,

Me darei por contente

Com chôpos , que sustentem póbre colmo

Domicilio de mim perecedouro.

8.

D'onde , sem atezar cordél tedioso (1)

Porei a meu prazer de estrême fructa

Os saborózos troncos :

E os seus córadós pésos ,

Dos ólhos alegria , e não-custoso

Regalo meu , dos hóspedes regalo.

(1) Où tout s'aligne au cordeau

De la froide symétrie

Ou de l'ennuyeux niveau.

GRÉCOURT.

Grove nods a grove, each alley as a brother.

POPE.

9.

Plantando outróra co' a contente dextra ,
Loura vinha , á visita inopinada ,
Ao festival encontro
Do suspirado Amigo ;
Ora um rosal , votado ao riso meigo
Do applicado ciúme de Marfisa.

10.

Alli alto Pinheiro , pouso de A'guias ,
Sagrado ás nótas da vivaz Lembrança
Do quebrado Infortunio :
Lá tremedoras Fáias
(De Tytiro feliz Augusta sombra) (1)
Devida offrenda ás Campesinas Musas. —

11.

Crião Augustos immortáes Virgílios ,
Ingenhos claros de óptimos Horácios
Com meigo olhar favónio
De sábia Majestade ;
E os que ignótos sorvéra a Styge escura
Nóbres , e longe d'ella , ao Céu remontão.

12.

Filinto os bens perdeo. Filinto triste ,
Que não achou Mecénas , que de Augusto

(1) Tityre , tu patulae recubans sub tegmine fagi.

O ouvido lhe inclinasse !
Triste, infeliz Filinto
Tórna a teu sônhô , tórna a teu desejo ,
E em sônhô espéra só de ser ditoso.

13.

Hespérido vergel de pômos de ouro ,
Reluzindo entre vérdes lizas folhas ,
Déra cheiroso circo
A' Státua da Amizade ,
Tão formosa , tão rara , tão ingénua ,
Como em meu peito , seu sacrario , assiste.

14.

De Carvalhos civis uma laméda
Cortaria alterósa a ampla Campina
Em desaparzidas álas :
Eterno monumento
Do salvo Cidadão ; e honrados Nômes ,
Que um bósque historiado compozessem.

15.

Onde eu , quando máis alto o ardor da sésta
Encálma os gados , e emmudéce os campos ,
Explicasse os segrêdos
D'aquelles caros nômes
Conversando co'as vérdes Hamadrias ,
Depositarias de íntimos successos.

16.

Alli fôra meu gôsto recostar-me
Ao som de buliçósas avelleiras ,

Mollemente pousando
Na esquêrda a face , e ir lendo
Vêrdes padrões de máis alêgres dias ,
Póstos por minhas mãos , por mim gravados.

17.

Sobre tapêtes de macia grâma
Que Philósopho (1) Plátano ensombrasse ,
Com folhage hospedeira
Os ramos entrançando
C'o vizinho Pereiro , que defronte
Lida por descansar sobre elle os fructos ;

18.

Quando , por entre os dous amigos troncos
Passeia , costeando-lhe as raízes
O chocalheiro arroio ,
Que das musgosas róchas
A espadana orvalhósa desentála ,
Argentada de bôlhas correntias.

19.

Saúdosa Campina , qual na mente
Agora te debuxo , tu só fôras
Alvo de invéjas minhas ;
Aos troncos teus atada
Me tens a ambição da alma ; a minha vista
Fêz ponte , em ti cravada , a meus desejos.

(1) Cicero. Lib. 1. de Oratore, sub initium.

20.

Se qual te sônhô , com clareza eu visse
Nas ennucladas folhas do Futuro
 Augusta Divindade
 Des-ferrolhando as portas
Do desabrido cárcere , onde jazem
Castigados meus bens tão innocentes ! —

21.

Deliro ? .. Ou lá co'a dextra um Deos me aponta ,
Rôto o seio dos escondidos Fados ? , ,
 Os súplices joêlhos
 Dobrando respeitoso
Homem humano ao Throno envia rógos
A' Clemente Rainha Lusitana ! ..

22.

Já piza aos pés o côllo da Calúmnia :
Diz aos meus bens : « Surgi. » — Eis surgem fóra. —
 Já rasgos de ventura
 Vão lavrando na téa
Dos annos de Filinto agradecido
Vivo matiz de generosas flôres.

23.

Se os dôze lustros meus erguer-se pôdem
D'este cargo de mágoas . de pobreza ;
 E as correntes quebradas
 Dos pulsos sacudindo ,
Pôdem ver de Alegria a loura face. . . .
Vivirei longos annos n'um só dia.

24.

Na Lyra affeita a prantos e pezares
De amargo lutto ha muito remontada ;
E que os festivos métrós
Desaprendeo gemente ,
Despirei a voz triste ; e em córdas de ouro ,
A vir de novo , chamarei os Hymnos.

25.

Da Augusta mão , do mavioso peito
Um bálsamo virá , com que eu ainda ,
N'essas inértes horas
De recobrado somno
Cobrirei de jucundo esquécimento
As cicatrices dos rasgados gólpes.

26.

Ah ! quão tardio ! — Que a rugósa dextra
Da pesada Velhice já na fronte
Me gravou scus ferrétes ,
E com pungentes dôres
A Gôtta me agrilhôa , e me atravéssa
Os pés que anhelão por corrêr á Pátria.

27.

Como súbito accende árduo Desejo
O spr'ito alvoroçado de speranças !
Já ponho á-quem os máres :
Saúdo a foz do rio ,
Que ora alégre , quão triste á despedida ,
Chama as Nymphas , e os braços me offerece.

28.

Verei os meus Penates tão queridos ,
 A areia beijarei do Têjo ovante ,
 E saudando as Musas ,
 Que infante me embalarão ,
 Com divinas Canções , no chão nativo
 Contento e parco , viverei ditoso.

29.

Com pouco é ricco o Sábio : — e estende ainda
 Co'as sóbras do seu pouco a mão piedosa
 A' Viuva affligida ,
 Ao desvalido honrado.
 Mais se alégra c'os bens , quando soccórre
 Que Avaros , com montões do ouro , que amúão.

30.

Alli virá o Amigo sem dobrêza (1) ,
 Que em amizade envelheceo comigo ,
 Entrelaçar-me o braço ,
 Para entreter saudoso ,
 Ao abrigo do sol , junto á Choupana ,
 Dôces lembranças engastadas na alma.

(1) A. M. de Carnicu. — L'esprit ne se délasse jamais si agréablement que dans l'entretien d'un fidèle ami. Il n'y a point de bonheur dans la vie qui approche de la jouissance d'un ami vertueux et discret. Sa conversation éclaire et soulage l'esprit, fait naître de nouvelles pensées, anime à la vertu, excite à former de bons desseins, calme les passions, et met à profit les momens de la vie, où l'on trouve plus de plaisir.

E co'a quebrada voz , mas inda grata ,
 Repetiremos as Canções , que outróra
 Enlevados ouvimos
 Nos bósques de loureiros ,
 Domicilios de Píndaro , e de Horacio ,
 Sem que esquêção os sons de Anacreonte.

EPIGRAMMA.

UM póbree esfarrapado , — quasi nũ
 Mostrava o peito , e o ventre nũ e crũ.
 Ferrolhado em gaióla
 Por ter scandalizado
 Boas almas , a quem pedira esmóla ;
 Citão-lhe as testemunhas ,
 Que elle tinha citado :
 Vem mulhéres : — que em suas caramunhas
 Assevêrão jurando
 Bem terem visto o rôto póbree , quando
 Ante ellas esmolára ;
 Mas nenhuma na cara lhe encarára.

SONETO.

MOTTE.

Já descer vêjo a frêscã madrugada.

G L O S A.

JA' a Noite vai colhendo o manto escuro
Recamado de estréllas radiosas :
Do Tempo as gentís Filhas graciosas
Lávão Pyróes e Ethonte em néctar puro.
Já *Lúcifer* com passo mui seguro
Piza do Oriente as plagas luminosas ;
E as sombras vão fugindo de medrosas ,
A amparar-se do Sól c'o Stygio muro.
Tingem-se as nuvens já no-Céu luzente
Da lindíssima côr apavonada ,
E a Terra enfeitã a torreadã frente ;
E já a Aurora co'a dextra alva e rosada
Abre as portas ao dia ; e do Nascente
Já descer vêjo a frêscã madrugada.

ODE

A CUPIDO,

TENDO uma bolsa nas mãos, e aos pés o
o facho, a aljava, o arco, as flechas.

— — — Fore enim tutum iter cū patens
Converso in pretium deo.

HORAT. *Lib. 3. Od. 16.*

~~~~~  
Car de trouver une rebelle,  
Ce n'est la mode à gens de qui la main  
Par les présens s'applanit tout chemin.

LA FONTAINE. *Conte du Magnifique.*

---

TENS bem razão, Amor : largáste o facho,  
Largáste aljava e flechas,  
Que hoje força não tem, nem prendem lume  
Nos corações de gelo.  
Nem com Lyra nas mãos fôras seguro  
Fundar império na alma :  
Que não vêjo por cá tão brando ouvido  
Que te franquêe accêso.  
Mas se quêres ( tal foi teu pensamento )  
Abrir as bipatentes  
Do peito feminil guardadas pórtas,

Tóma as aladas plantas,  
O Cyllenio Galéro, e vai correndo  
Com bolsa preñhe d'ouro,  
Que cu , coração não aches te prométto,  
Que a fléchas táes resista (1).

---

## EPITAPHIO.

1.

**A**QUI jaz um Gatinho mui querido ,  
Beijado , annedeado e tanto e tanto...  
Quanto a Delmira é lástimas e pranto  
Hoje , que a Mórte o deo ao duro Olvido.

2.

Ei-lo vai por caminho longo e escuro (1)  
Buscar o Reino vão (2) de Proserpina ,

---

(1) La clef du coffre fort et des cœurs , c'est la même ;  
Que si ce n'est celle des cœurs ,  
C'est du moins celle des faveurs.

LA FONTAINE.

At tibi , qui Venerem docuisti vendere primus ,  
Quisquis es , infelix , urgeat ossa lapis.

TIBULL. Lib. 1. Eleg. 4.

(1) Qui nunc it per iter tenebricosum  
Illuc unde negant redire quemquam. CATULL.

(2) Domus exilis Plutonia.

( 310 )

Saúdoso de sua Ama , e da benina  
Mão que o manjar lhe dava eleito e puro.

3

Sêja-te a t'erra leve : e se no prado  
Elysio , póstos ha de mór aprêço  
Para ti a Plutão com vérsos péço (1)  
De Gato Abbade , o pôsto regalado.

---

## R E V E L A Ç Ã O .

A CHAVA-ME DO monte do Martyrio (2)  
Do Senhor São Diniz , alta montanha  
Mui famosa , e a París mui sobranceira ,  
Quando vêjo passar tres muito louros ,  
Mui gordinhos meninos , mui formósoz ,  
Que vão rindo , brincando e caminhando .  
Quiz vêr , de curioso , os tres Anjinhos  
E saber onde os passos os levávão .  
Responde-me cortéz o mais-idôso  
( Que podia bem ter nóve a dez annos )  
Veador de Venus sou , este é Mórdomo ,  
E Camarcero mór esse pequeno .  
Vamos á Capital da Elysia terra

---

(1) *Carmine Di superi placantur, carmine Manes.*

*HOR. L. 2. E. 3.*

(2) *Montmartre*, montanha de París tão alta, como o Castello de Lisboa.

Se queres , vem comnosco. Dou ao passo ,(1)  
E brinco ( bem que velho ) c'os que brincão!  
Nós que chegamos á ditósa Elysia ,  
E os mancebinhos que entrão pelas lóges ,  
E que enfeirando vão a todo o custo  
Os livros Portuguezes. — Allí pásmo ,  
E pergunto ; « Pois Venus que é tão bella  
» Que tem outros cuidados , pérde o tempo  
» Em lêr livros ? Belleza poupa estudos.  
» Bella Dama que lê téme a velhice.  
» Venus é immortal , e sempre bella  
» ( Me responde o Amorzinho mais travêssô )  
» Mas Venus que amou tanto a Lusitana  
» Gente , que amou a Lusitana lingua ;  
» Que o seu altar vio sempre cumulado  
» De víctimas , de vótos off'recidos  
» Pelo genio amador dos Portuguezes :  
» E o Romano fallar tão adoptado  
» Do Povo imitador das claras obras  
» Dos Camillos , dos Régulos , dos Décios ,  
» Se provê , cada século , dos livros  
» Que os amores contem , ou altôs feitos  
» Dos Portuguezes seus , tão estimados.  
» Vem comnosco , e verás. » — Eis-nos chegados.  
Que quem vai com Amores , vai depréssa.  
Nos palacios de Idalia tinha armada  
De Romanos e Lusos Escriptores  
Deleitosa escolhida Livraria.  
Allí a vêjo entrar. — Mal que deo vista

*Loges?*

---

(1) Apósto eu , que não deo tino de mim a Inquisição. Como , se nos ella visse , calmava comigo e c'os tres amorinhos nas mas-mórras!

Da nova provisão de livros Lusos ;  
Aqui abre , e revolve ; allí folheia  
Elpino e Coridon -- máis um ou outro :  
Pouco vê que lhe agrade , pouco estrêma ;  
Os máis com esquivança ; e com cnôjo  
Deita por terra , ou da janella arrója ;  
E aos Amores das compras incumbidos ,  
Assim reprende : « Não conheço n'esses  
» A lingua de Camões , nem de Ferreira ,  
» Que tanto me agradou , que a tinha ao lado  
» Do Romano fallar , do meu Tibullo ,  
» Do que soube avivar o amor de Didó ,  
» E d'esse que cantou Lydia e Glicera.  
» Esses livros de novo mixtiforio  
» Que trazeis , são da lingua contrabando ,  
» E são forjados por boças pedantes  
» Na schóla do Telémaco capado. »

---

## EPIGRAMMA.

Prégava o Padre André (1) , com máis que humano  
Esp'rito e zêlo , o Amor Celeste e puro :  
« Tende embóra ( dizia mui-seguro )  
» O péjo virginal d'um Franciscano :  
» Tende inda , o que máis é , essa elegante  
» Capucha subtileza :

---

(1) Foi mui conhecido em França no século passado um Graciano , pelo nome do *Petit Père André*. Delle falla S. Francisco de Sales n'uma Carta em que refere uma passagem do sermão que lhe ouvira , e que na verdade é donosa e célebre.

- » D'um Carmelita  
» A angelica pureza :  
» Do Jesuita  
» O peito humilde , e da pobreza amante :  
» Se não tendes Amor sincéro e fórte  
» Despedi-vos do Céu , n'horã da mórte. »
- 

## SONETO.

AQUI , oh Musas do sádio Pindo ;  
Acodi , acodi em continente.  
Trazei com vôsco Apollo omni-sciente  
E esse Nepenthe de préstimo (1) infindo.  
Quéro mandá-lo á Haya rebolindo ;  
E a poder do benigno ingrediente  
Pôr , como um pêro , são , certo doente  
Que amor da *du C\*\*\** vai consumindo  
Eilas que chegão ! — Phébo escafedendo (2)  
Vai-se a Mercurio ! pede-lhe que parta  
C'uma Carta da amante. Eilo correndo  
Chêga ao leito ; as cortinas prompto aparta ;  
E B\*\*\* , que saudoso está morrendo ,  
Se érgue em pé , rijo e são , com lér a Carta.

---

(1) As virtudes da herva Nepenthe , segundo Homéro , são maravilhosas : os Commentadores enchem láudas e láudas de seus louvores ; que a serem verdadeiras , a tal herviuba desbancaria o Contracto do Tabaco.

(2) Não achou J. F. Barretto tão vil o verbo *escafedendo* , que o não pozesse no livro 4º. da versão da Encida.

---

# ODE

## A' ESPERANÇA.

---

Sperat infestis , metuit secundis  
Alteram sortem bene preparatum  
Pectus. — — — —

HORAT. *Lib. 2. Od. 10.*

---

1.

VEM, vem, doce Esperança, único alívio  
D'esta alma lastimada;  
Móstra, na c'roa, a flor da Amendoeira,  
Que ao Lavrador previsto,  
Da Primavera próxima dá novas.

2.

Vem, vem, doce Eperança, tu que anímas  
Na escravidão pesada  
O afflicto prisioneiro : por ti canta,  
Condemnado ao trabalho,  
Ao som da braga, que nos pés lhe sóa (1).

---

(1) Spes etiam valida solatur compede vinctum



3.

Por ti velêja o panno na tormenta  
O mareante affouto :  
No mar lárgo , ao saudoso passageiro ,  
( Da spôsa e dos filhinhos )  
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

4.

Tu consolas no leito o lasso enférmo ,  
C'os áres da melhóra ,  
Tu dás vivos clarões ao moribundo ,  
Nos já vidrados ólhos ,  
Dos horisontes da Celéste Pátria.

5.

Eu já fui de teus dons também mimoso ;  
A vida largos annos  
Rebatida entre acérbos infortunios  
A sustentei robusta  
Com os pômos de teus vergéis viçosos.

6.

Mas agóra , que Marcia vive ausente ;  
Que não me alenta esquiua  
C'o brando mimo d'um de seus agrados ,  
Que farei infelice ,  
Se tu , meiga Esperança , não me acódes ?

---

Crura sonant ferro, sed canit inter opus.

TIBULLI. Lib. 1. Eleg. 4.

7.

Ai ! que um de seus agrados é mais dôce ,  
Que o néctar saboroso ;  
É mais dôce que os beijos requintados  
Da namorada Venus ,  
A que o Grêgo (1) põe preço tão subido.

8.

Vem , vem , dôce Esperança , que eu prometto  
Ornar os teus altares  
Co'a viçosa verbêna , que te agrada ,  
Co'a linda flor , que agora ,  
Enfeita os troncos , que te são sagrados.

---

## SONETO.

**D'**ALVAS cãas o semblante povoado,  
Vélho de ólhos previstos , cautelosos ,  
Calva a cabeça , os membros animosos ,  
Pardo , comprido manto sobraçava :  
Na dextra curvo háculo arvorava ,  
Com que regia os passos vigorosos ;  
Dava brados aos Mòços mal-cuidosos ,  
Que Amor em suas rêdes emmalhava.  
Corri traz elle a vêr que nos queria.

---

(1) Anacreonte.

( Elle era o Desengano mal-acceito. )

- « Deixa Mõço enganado ( me dizia )  
» De arrastar vis grillhões sérvio , e sujeito  
» A' Traição , ao Desdêm , á Tyrannia ,  
» Que Nize esconde em refalsado peito. »

---

## C O N T O .

- « **O** pão furtado aguça o appetite :  
» Negáça e perrexil é a lei , que tólhe.  
» Ir e vir , tomar este ou 'stoutro atalho ,  
» Não tem pico nenhum , se é permittido.  
» Dá-lhe o sáinête , de que a lei t'ó véde ,  
» Vem-te agua á bôcca , o coração te pula.  
» Nós somos filhos de Eva , cubiçosa ;  
» Inda em nós lavra de Eva peccadora  
» A nódoa original. Mas péde escusa.  
» Bem que outros que obrarião peor que Eva ,  
» No lance em que Eva obrou , inda hoje a accusem. »  
Assim fallava certo spôso um dia  
A' Consórte que de ira esbravejava  
Contra Eva , que o gatásio nos pregou ,  
D'onde a flux todo o nósso mal surdio.  
« Despenhar n'um abysmo de miserias  
» Sen spôso , e toda a sua descendencia !...  
» ( Dizia ) E por que lucro , ou que regalo ?  
» Por ensôssa maçãa ! Nôssa Mãe Eva  
» Tinha bem fraco gôsto. — Ou fraco ou fôrte ,  
» ( Lhe retruca o Marido ) Quem foi causa ,  
» Quem tudo nos danou , não foi o fructo ,

- » Mas sim a Lei que ao gòsto pôz travézes :
- » Do vedado lhe veio o sabor summo.
- » Mas seja , ou não assim ; apòsto , e digo ,
- » Que quem tè ora vedasse qualquer cousa ,
- » Da qual bem pouco , ou nada se te dèsse ,
- » ( Digo mais ) cousa mesmo a ti nociva ,
- » Que almejáras por ella , se a não tinhas.
- » Eu , almejar ? ... ( Diz ella ) — Sim , te juro.
- » ( Tórna o Marido ) e que o farás sem falta.
- » Desde já , se máis teimas , faço a apòsta.
- » Olá , se teimo ( lhe responde ) e a acceito. »
- Sobre palavra entre ambos se stipùla ,  
( Segundo ouvi dizer ) gróssa quantia.
- « Não quero ( diz o mui pacáto spòso )
- » Pôr-te empecílho em cousa que te custe.
- » Fica-te um Charco á esquêrda no caminho
- » Que guia ao banho : — Vá no Charco a apòsta.
- » Se a fío , um mez inteiro , em indo ou vindo ,
- » Reprézas a vontade que não mólhes
- » Na bórda do tal Charco ambos os pés ,
- » Ganhas a apòsta , e dou-me por vencido.
- » Mas se ao passar te encravas no recife ,
- » Sem remissão perdêste o teu dinheiro. »
- Ora o tal Charco , em termos bem frizantes ,  
Era um lameiro , um cano de infundices ,  
Digno ( pelo não vêr ) d'um bom rodeio.  
Fêz dar muita risada o desafio ,  
A' Dama , que festeja o bom mercado  
De óvo por um réal , e o tem tão cèrto  
Da apòsta o ganho , como china em burra :  
E já cuida no emprégo que ha-de dar-lhe ,  
Que traste comprará , que novo diche ,  
Ou qual do toucador novo taréco. —

Roupas mórmente , e bem da móda , a enlévão.

Pártem , como era de uso , para o banho

( Não , sem dar surrateira vista ao Charco. )

Para a primeira vèz , não é já pouco !

Nem d'esta feita foi mais largo o arrôjo.

Com ir , e vir azinha se avezárão

Ao verdoengo , á babuje , e lôdo da agua ;

Que a tudo habituar-nos sabe o Tempo !

Fêz mais o Tempo ! Fêz , que o Charco agrade.

O ingenho humano é trêfego , e exquisito !

Quando lhe chamo humano , inclúo nelle ,

Por tres quartos e máis , o ingenho fêmeo

( Em lances de appetite ! ) O que mui claro

C'o seguinte succêso vo-lo próvo.

Eis que entra a conceber ( nos diz a historia )

Velleidade a tal senhora minha

De chafurdar n'essa agua suja e negra.

( Que já vai nella obrando effeito a apósta ! )

E ao vêr o charco , já lhe dava enôjo

Da agua do banho a limpa e clara veia.

Aqui entrou com seu bedélho o Démo !

Fosse o que fosse : a Dama de sizuda

Nem nisso boquejou a Joanninha ,

Sua Aia , que com ella vinha ao banho ;

Ladína , e mui perfeita em seu emprêgo ,

E era máis que Aia ; que era a dos segrêdos ,

E por acênos a Ama adivinhava ;

E tinha a alma ( não minto ) tão maneira ,

Que em cem annos , e máis , que allí servisse

Nunca daria um não ao querer da Ama.

Mas palrámos já muito da Criada ,

Que é máis que tempo de voltar á Dona ,

Que em si com muito custo se refreia.

*Fem*

Medrava o Charco em convidoso engôdo ,  
 Dobrado esforço em resistir-lhe incumbe.  
 Pértó. — E máis pértó os pés se lhe avizinhão ;  
 Por gostinho de exótico tempêro ,  
 Já não se vai ao banho , vai-se ao Charco.  
 Já c'o dédo se apontão a Joauna  
 Os marrécos , que dentro patinhavão ,!  
 E que invejosa a Mocetona os via !  
 E com elles trocára boamente !  
 Que ancias lhe vinhão lá do âmago da alma  
 De ser páta ( sequér ) por dous minutos.  
 A miúdo , além do ponto nos arrastra  
 A próxima Occasião , que empuxa e tenta.  
 Parando a Dama á bórda apaúlada ,  
 N'um súbito violento accêso , um dia ,  
 Tira um pé curioso da chinélla ,  
 Tócca ao de léve a ouréla verde e suja ,  
 E desta vêz não vai máis longe a Dama  
 Que o scrúpulo a atalhou , pondo-se em meio.  
 Bons combates no peito se renhião ;  
 Mas bem quadra a virtude em qualquer lance.  
 Ora o Marido que da frésta espreita  
 O entrêcho da tramoia , muito sonso  
 Rindo estava , e contava pelos dédos  
 Que a seu salvo não léva o mez ao cabo.  
 Bem contava ( ao que a Chrónica nos réza )  
 Que gualdidós do mez quasi os dous têrços ,  
 Chêga o crítico dia finalmente:  
 E o spôso astuto que tecia o lôgro ,  
 Do agaçado capricho vendo a altura ;  
 Diz-lhe que vai pôr ólhos na vindima ,  
 Dar uma vólta , e vir , lá pela frésca.  
 Mas sáe ao Campo , e recolhendo as rédeas ,

Vem descahir em casa da Abegôa ,  
Onde occulto os redóres ataláia.  
Partir vê lógo para o banho espértas  
Ama e Aia — no Charco demorar-se , —  
Contemplá-lo , — deixá-lo a muito custo :  
Como quem com pezar de clara fonte  
Saúdosa se arrancasse suspirando. —  
Minava-a lá no banho incendio occulto ,  
Que inquiéta , e triste , e pensatiya a lança  
Fóra da agua , mais cedo que á hora do uso.  
Dá-se a pérros , comsigo regateia ,  
Põe-lhe a espóra a paixão , o animo vérga ,  
E no alcance a virtude lhe coxeia.

- « Passa já de aturar ( diz a Ama á Mõça ,  
» Apontando a ferida ) Não. — É muito.  
» Não há apósta que valha o que eu padeço ,  
» Nem se me dá da apósta um léve adarme ;  
» Que alto o declaro , e fixo o determino ;  
» Eu hei-de ir ás do fim : — ou Charco , ou nada.  
» Que o saíbão , que o não saíbão : — stou ninando.  
» Nem o caso é de morte : — e quando o fôra ,  
» Tem de ir , desd'ora , avante o meu desejo. —  
» Bem mórte de homem que é , Minha Ama , o caso ,  
» Para táes escarcéos: ( Disse a Joanninha )  
» Cá tinha n'heus barruntos. — Inquietar-se  
» Por tão pouco ; cismar ! — Como é Menina !  
» Faz gôsto disso ? — Cumpra-o , e dê dous trincos.  
» Quanto máis que o senhor anda por fóra.  
» Quem é que a vê ? — Ninguem ; a bom segaro.  
» E se a vêm ? — Grande Perda ! — Perdê a apósta.  
» Deos nos válha ? — Virá a morrer de fôme  
» Por isso ? — Um gôsto val mais que ouro , e pérlas.--  
» Além de que , tal maóca lhe urdiremos

Que o gôsto , e que o proveito entre n'um sacco.

» Váles pesada a ouro ( a Ama lhe tórna ) :

» Hôje seja a função , que não mais tarde. »

E nisto , já se amanhãõ para a fôlga :

Chinellinhas na mão , os pés nûzinhos ,

Caminhão aguçõsas para o Charco.

Vai diaute a senhora , de lampeira ,

E lôgo vem de retaguarda a Môça ,

Deitando de caminho em rôda o lúzio ,

Se ha espia , ou malsim que sonso espreite.

Cómem-lhe de ancia os pés. No Charco arrisça

Primeiro um pé , com que o terrêno sonda ,

Logo o arréda , mas outro tóma o posto ,

Que tambem logo encólhe mui ligeira. —

Em conclusão : depois de muitos mômos ,

Lá vão os dous pés juntos de mergulho ,

Até o lôdo , onde as rãas são inquilinas.

Chafurdar , péguinhar allî folgada

Superlativo gôsto lhe dá na alma ;

Nunca no banho achou ignal deleite.

Em tanto o spôso ( Perdoai ) vigia

Muito a seu grado quanto allî se passa ;

Dentro em seu coração folgando muito

De não ter posto a próva mais forçõsa

Tão noviça virtude , e tão vidrenta.

Só de cuidar no impróvido infortunio ,

De susto estremecia. D'este aviso

Vendo o caso avançado e bem maduro

Vem , chasqueando , apparecer á Dama.

Não dá mais susto uma alma do outro mundo !

« Léva , léva ; — abalar daqui — Corrámos »

Mas quem córre descalsa , córre pouco.

Entrão na salla ; e co' ellas entra o spôso.



Que lhe diz logo : » E bem ! teve máo gosto  
Nossa Mãe Eva em pôr ( que tal é a surra ! )  
Nessa maçãa fatal seu appetite ?

---

## S O N E T O

A O S A N N O S

DE SENHORA D. F. X. A. DE S.

VENUS hõje descia , dos Amores  
E das venustas Graças rodada ;  
Cruzava em dança o vôo a turba alada ,  
Fréchando á terra ardentes passadores :  
Vi pousar os travêssos voadores :  
Venus o teu coração quiz por morada ;  
As Graças na garganta torneada ,  
E nos peitos morárão mattadores.  
Dous Cupidos tomárão aposento  
Nos ólhos petulantes : dous ufanos  
Nas faces de carmim buscão assento.  
A mais trópa accolher-se , nos arcâuos  
Thrónos do almo prazer , vai n'um momento.  
Que donosa visita em dia de annos !

---

---

## O D E.

---

— Non gemnis, neque purpurâ venale, nec auro. —

HORAT. *Lib. 2. Od. 16.*

---

QUANDO sinto subir-me á memoria  
As imagens dos annos saborózos ;  
Quando a Infancia com brincos donózos  
Me ensinou a alegrar ;  
Bem quizera despir-me das honras ,  
Crês tyrannos dos meigos prazêres ,  
Dar de mão ao renôme , aos havêres ,  
E á puericia tornar.  
Se não dão nôme illustre e riquezas  
Desatado theor de alegria ,  
Máis valor me merece um só dia  
Que essa Infancia alegrou ,  
Que trinta annos de insípido fausto  
De lisonja mal-dada , mal-vista ,  
De cansada etiquêta , mal-quista  
C'um tafal como eu sou.

## ENIGMA.

QUANDO um varão , que illustra a Pátria , o Mundo  
Vos sáe á luz do dia ,  
Com elle unido , alto poder me envia.  
Quando sábio e profundo  
Abre as pórtas á lúcida verdade  
Eu as chaves nessa hora  
Lhe dou ;  
E eu sou  
O que lhe aponto a Aurora  
Rasgando a escuridade  
Das nuvens que Ignorancia lhe atropella.  
Com elle ufano brilho ;  
E com elle me humilho ,  
Quando contra elle inflúc hórrida strêlla :  
Com elle tenho vida  
E em sua morte a minha é comprehendida.

---

## MORALIDADE.

CUPIDO me levou dos ólhos Marcia ,  
Cupido m'a trará :  
Mas os annos , que o Tempo me ha roubado ,  
Quem m'os restituirá ?

---

## BILHETE (1).

Não sei que Fado máo , Fortuna escura  
Influo contra mim , do Ceo patente  
Passos baldados , e furtiva ausencia.  
Não cuido ter da sorte merecido  
Tão agras , e tão longas esquivaças.  
Quizéra deparar c'um Bruxo espérto ,  
Sagaz em descobrir esconderêlos ,  
E saber delle a causa desabrida  
D'oude o meu venha contumaz queixumê.  
Quizéra ir ter c'o Fado , e folhear-lhe  
O grosso bacamarte , em que anda escrito  
Quanto é , quanto ha-de ser , quanto ha passado :  
E nas láudas pintadas de succéssos ,  
Quizéra vêr a mão desamorosa ,  
Que amigos tão leães de mim arréda. —  
Como , agastado , allí lhe perguntára :  
« Dize , enojoso Deos , que error tão grande ,  
» Qué crime commetti desventuroso ?  
» Eu as mãos não manchei no Pátrio sangue ,  
» Nem sacrilego entrei nos sacros templos  
» A revolver arcânos prohibidos ,  
» De myrrhados Heróes divinos óssos.

---

(1) Este bilhete m'o dictou de improviso o despeito de me desencontrar nas lhoras com uns amigos, e lh'o deixei escripto sobre a mesa; e depois no dia seguinte, com elles passei o dia inteiro.

» Os tremendos mysterios de Eleusina  
» Não profanei com desmandada lingua.  
» Que fiz eu pois , que me grangie a mágoa  
» De nunca achar em tres profixos dias  
» Os mui dignos objectos , mui prezados  
» Da maior amizade , e mór estíma ? »  
Embócca, oh Fama , a altisona trombêta ,  
E dá-me a ouvir no meu retiro escuro ,  
Quem separa de mim tão caras fronteas.  
Ser-me-ha consolação neste desvío  
Lançar mil maldições , raios , coriscos ,  
Contra quem me desquita de seu lado ;  
Lastimar-me do Fado , e quantos Deos.  
E Jóve rebanha na malhada Olympia.  
Que se com rógos demover os Numes  
Não pude , hei-de abalar esse Acheronte ,  
Chamar as Furias , e infernaes flagéllos ,  
O Cérbero trifauce , o Orco horrendo ,  
Com ródas , com penédos , com os prégnos  
Que a Promethéu cravárão diamantinos  
No Cáucaso ( Tartárea ferramenta ! )  
Para affligir o indigno que me rouba  
Tão cara , tão gostosa Companhia. (1)

---

(1) Dição que é muito espalhato, para um simples des-  
contro. E eu direi, que se conhecessem as virtudes, e os talen-  
tos, e a amizade das pessoas que eu buscava, acharião diminuto  
o meu desfôgo.

---

## ODE.

---

Quas Hector sensurus erat , poscente Magistro ,  
Verberibus jussas , præbuit ille manus.

OVID. *de Art. amandi. Lib. 1.*

---

CANTEI essa Ode (1) , Mathevon difficil ,  
Pelos módos de Horacio :  
Mas tão mal me affinei ; que esse arremédo  
Mal semélha o modélo.  
Tentei-o , ao menos : e o tentá-lo é nóbre.  
Tu vê , tu nóta e risca.  
Tu não poupes a lima ; não perdôes  
A ambicioso vício ,  
Nem á pêcca , insofrida , ensôssa prósa. (2)

---

(1) Não confia o Campião , que affronta as lanças etc. etc.

(2) Cuidáes vós que a Poesia (e principalmente a Lyrica) se não atreva em phrases, e em palavras? E que com tanto que no fim da linha sêe o cascavel do consoante, baste o compôr, em prósa chilre, alguns môlhos de palavras, com alcunha de Strophes, para as bautizar por Odes? Cuidáes vós, que o grande e perênne louvor, que em todos os séculos merecco Horacio; que as honras, e amizade que elle grangeou de Augusto, Mecênas, etc. etc., lhe não procédem da maneira atrevida, e ao mesmo tempo elegante, com que ornou seus pensamentos, que com trajo menos affouto passarião por triviães, e não darião na alma aquelle beliseo, que acorda a attenção, e que na estranheza da

Tôma a Censoria vára.

Não quero os filhos meus tratar com mimo,  
Como os filhos mórçádos.

phrasc, ou da palavra, requer a admiração, e ao mesmo passo o louvor de tão arrojado Ingenho, que desprezando Criticas engoiadas, busca os perigos, para delles sahir com glória? Sim: perigoso e resvaladão é o caminho da novidade na phrasc, e no conceito. Experimentai-o, e sereis do meu parecer. Se ficáes aquém do acêrto, sois deslavado, e mesquinho; se temerario, passáes as barreiras, marráes do destempêro, e do ridiculo.

Vós, que talvez me censuráes alguns atrevimentos, não ousaríeis escrever o que eu escrevo: e vós consólaes-me. Imagináes subir um degrão ou dous acima de mim engatinhados na Critica, e desceis quatro na opinião dos que accostumados a Horacio, põem o feliz atrevimento entre os dótes e formosura da Ode. Os *auritos Carvalhos* parecerão atrevidos ao véltio Scholiastes, e todos que o bem entendem, e que por isso o admirão, desejarão tê-lo ditto. Quando Horacio diz: — *Apinhad# de hombros bébe com máis silencio o Póvo, pelo ouvido, as batallas, e o desbarato dos Tyrannos.* — Não se pôde conter o Commentador, que não clame « *Pulcherrima enargia!* »

Um Poéta, e não dos peiores se contentaria com dizer, — *Co' a chegada da primavera tremêrão, e sussurrarão as movediças folhas.* Mas Horacio, que queria levar a palma Lyrica, punha a mira no delicado, no exquisito defeite que pula no coração do ouvinte, ao súbito encontro d'uma nóbre, elegante, arrojada, escolhida phrasc, que com sabor estranho, o assombra deliciosamente; e dizia assim: — *Nas movediças folhas tremeo e sussurrou a vinda Primavera.* — Assim tôma vulto, se móve e nos apparece a imagem, que o Poéta levantou na mente. Assim falla a poesia sempre pintando com valentia. Desmanchai, e destroncai os membros d'estes tres versos, que nunca acbarcis prósa; mas sim os desparzidos membros d'um Poéta. — *discerpti membra Poetæ como dos de Ennio, — Postquam Discordia tetra belli ferratos postes, portasque refregit,* — dizia o entendedor Horacio.

Qual Téthis entregou a Chiron duro  
 O pouco vividouro  
 Filho. E máis o Centauro, nas tenrinhas  
 Cóstas vergões lhe erguia,

Ha hi atrevimento, que iguale ao — *vultus nimium lubricus aspici!* — Não creio que em Virgílio, Ovidio etc. etc. se encontre semelhante. Assim se não encontra, mesmo entre os Romanos, e muito menos depois entre os Lyricos das Nações modernas um Poéta que ignale Horacio; pois que ainda nas melhores Éras de Rôma, acha Quintiliano que só elle de todos os lyricos merecia que o lêssem « *Fere solus legi dignus* ».

Nenhum dos Poétas Latinos (que eu saiba) se atrevo a tomar « *medius* » por igualmente idóneo; e Horacio para estranhar com gôsto, e pasmo os seus ouvintes, ou leitores, arrojouse a despegar de mui longe um termo atrevidissimo. Inteirado da fúndole aventureira d'uma Ode, insoffrido de acanhamentos, concebeo a idéia d'um Heróe, que pôsto entre os perigos, e stratagemas da guerra, e os cuidados, e artes que pede o governo em tempo de paz (sirva de exemplo Bonaparte) concebeo, como digo um Heróe no meio de duas figuras, uma dellas a Guerra, e a outra a Paz, e disse: « *Idem pacis eras mediusque belli.* » Atrevo-se; e fez bem: por isso o louvão, por isso diz delle o citado Quintiliano, bom juiz neste caso: « *et in verbis felicissime audax* » e Petronio: *Horatiusque curiosa felicitas.* »

Bem dezejárão muitos bons Ingenhos imitá-lo; mas talvez que acanhados e temerózos das Censuras, não ousárão: outros faltos da Divina mente e voz que grandemente sôe, não poderão levantar o vôo « *Serpit humi* » D'onde vem, convirem todos os Amadores da Lyra, que o assento, que no Parnasso Romano deixou Horacio vago, ninguém depois delle o occupou; e ficará assim, até que venha quem com ignacs dótes que elle, como elle se aventure em despeito dos malsins do pensamento atrevido e valente.

É para crer que no decurso de 18 séculos surgirão Ingenhos, com tanta ou máis erudição que Horacio, com imaginação fértil, e agradavel stylo; que á imitação delle poetárão. Não lhes faltou



Quando Achilles lhe errava. (1) Assim eu quero

Co' estes meus versos uses.

Bem que hajão como Achilles durar pouco ,

E esse pouco entre invejas :

E que algum Bonzo , alguma mulherinha

Pedante os aboccanhe.

o Saber , não o Ingenho , não a Elegancia. Que lhes faltou pois para ser Horacios? Faltou-lhes o atrevimento , e o curioso affortunado estudo de dizer com novidade valente , e nóbre o que elles dissérão tímidos com stylo que lhes ficou áquém da viveza imaginosa , e pittoresca.

E os meus Censores gostarião elles d'estes atrojós? Góstem , ou não góstem ; o meu fito é emprendê-los. Flacco , Flacco , acóde , aos meus bons desejos. Se te não sigo máis desenvólto a trilhada veréda , não é falta de ventade , mas de posses.

Atrevei-vos , Poétas Lyricos ; ou não fazei Odes : fazei Cantiguinhas com seus — Ai lé , lé.

Daí-nos , oh Musas , Horacios Portuguezes atrevidos , arrojados : e os Criticos que ládrem muito embóra. Os bons Poétas vivem além da morte , vão mais velozes que Icaro Dedáleo dar vista ás Costas do Bósphoro gemidor. Aves canoras transpõem Gétulas Syrtes , e Hyperbóreas Campinas. O Colcho , o Dace , que disfarça o medo de Marso batalhão , os últimos Gelões os tem de conhecer. O perito Ibero , e máis o que do Rhódão bebe , tem de nelles doutrinar-se.

HORAT. Lib. 2. Od. 20.

(1) Metuens virgæ jam grandis Achilles.

JUVENAL. Satyr. 7.

## AMPHIGURÌ (1).

~~~~~

DA' cá o prezunto ,
Rapaz enfeitado :
Quem cóme um bocado
Não mórre de fome.
Morreo Lobisóme
Em câmas de néve ,
Co' a penna que escreve
Decretos do Amor.
Que quiz com primor
Em ricco tapête
Depôr o sainête
Da concha Cyprina.
Eu vi a Menina ,
Que vence as formosas ,
C'os lyrios , e rósas ,
Fallar de sob-capa
A bichos do Papa.
Foi muito daninho
A's cêpas do Miinho
O sól d'este hynverno :

(1) O único Poêma Amphigûrico , que vi em Portugal , composto debaixo dos preceitos rigorosos do genuino Amphiguri , foi o ingenhosissimo , e engraçadissimo Poêma Anônimo » *Duzentos gallêgos não fazem um homem , por que quando cômem ,*

Quem pôz o governo
 Nas mãos da criança
 Não canta nem dança ;
 Mas põe gerigonça
 Nos pápos da Onça.
 Garrido estribilho,
 Com palha de milho
 Vai mui penitente
 Nas pélas da gente
 Sorver a mostarda,
 Que trouxe a Bastarda
 Nas garras do Lobo.
 O magro Farrôbo
 Nas altas ameias,
 Sem ligas, sem meias
 Gritou tartamudo :
 « Trazei-me vellúdo
 » De pêlo encarnado

meu dinheiro teu dinheiro etc. etc. etc. O Autor é incérto, mas não incérta a fama, que de tão abalisada poesia resulta aos Portuguezes. A obra é unica neste género (entre nós); mas única como é, bastaria a acreditar-nos entre os Francezes mesmos, se elles entendessem a nossa lingua, ou se nós menos descuidados da nossa propria glória, o houvéssemos traduzido em Francez, com a gala e bizarría que elle tem no original.

Quanto á invenção, e antiquidade desta requintada Poesia, provavel é que ella nos vem dos Grêgos, e o mesmo nome de *Amphiguri* o inculca. Digna éra dos Grêgos, inventores de todas as sciencias, e de todas as Artes a invenção do *Amphiguri*. Dos Escriptores da antiga Grécia, só nos hymnos de Orphêo etc. etc. apparecem alguns visos do *Amphiguri*. Hesiodo e Homéro lá tem seus laivos, que os Scholiastes negão, mas que M. de la Motte Houdart sagazmente (como em tudo) descobrio. Em Pindaro não fallêmos; que segundo o ditto

» Que dê máo olhado
 » A tres feiticeiros. »
 Os vèlhos gaiteiros
 Rebutão de riso
 Co'as tróvas de guizo
 Na vã carapuça.
 Bem vai quem se aguça
 Por vêr o xavêlho
 Do bom scaravelho
 Pintado de azul ;
 E a penca ao Taful
 Da párdá caraça ,
 Que bem se abmofaga
 C'o texto da Glossa.
 E viva essa Moça ,
 Que compra o rebique ,
 F diz no repique :
 « São bons carapáos. »
 A'zados maráos
 Com pansa balófa
 Refrescão a fôfa
 Nas cóstas do Alfeito.
 Mas foi mui bem feito

La Motte todas as suas odes são um perénne Amphiguri. A
 Pindaro, em pontos de Amphiguris só podemos comparar entre
 os modernos Portuguezes o Poema Monómetro do Sr. Dr. Felíz
 Jozé da Costa, de que só me lembra a invocação, que canta assim :

Donde começarei? Briaréo eburno
 Com cem braços de pléctros, d'um Custodio
 Vis-rei té dóto; abre em Dório turno
 As pestanas, vê o sól d'este episódio.
 Vossa Excellencia é o sol; pelo cothurno
 O abração tantos braços; e en n'este odio,

Trazerem castanhas
De avulsas maravilhas
Do monte Pegú.
O Cucurucú
Despindo as baêtas
Mostrou carapêtas
Nos Alpes golósos.
Viêrão gostósos
Os nabos Turquinos
Trazer aos meninos
As tôres da Sé.
Não ouve , não vê
Cruel rapaziã
Dragão que assobía
Deserto e Filhóta.
O Céu se encapóta
Com manto de sarro
E chóve catharro
Por gôrdas goteiras.
Sacode as peneiras
Brincão Demonico ;
Lá léva no bico
Barbado alguidar.
Mandei bugiar

Rasgo para Cantar ; e as córdas plenas
Dizendo vão Menezes e Mecénas.

Lembrão-me ainda mais dous Amphiguris do mesmo Poëma ,
que merecem ficar em memoria :

1º. Toccão co'as negras mãos de pêlos fulos ,
E dão c'os pés , qual péla , ao pólo os pulos.

2º. Dos jogadores perguntai ás trópas :

Não cazão quatro páos com sette cópas?

Des muitos autores vivos, que em prósa , e em verso tem ornado

O homem de ferro ,
 Que vai como um pérrô
 Capar os picanços.
 Passeião mui mansos
 Sublís Jesuitas
 Varrendo as Mesquitas
 De são Sarabande,
 Aqui vão quebrando
 Os éechos das bombas ,
 Que estourão nas trombas
 Dos Rhinocerontes.
 Com seis Phaetontes
 Nas prégas da cánda
 Compunha uma láuda
 De vãos palavrões
 Para as Conclusões
 O grande Eaxobrégas ,
 Que estanca as bodégas
 Da esconsa Prosódia.
 Gentil palinódia
 Discanta o Sultão
 No grão Casarão
 Que Merlin lhe acabou.
 Aqui me mandou

a nossa língua com semelhantes Amphíguris, callo por ora os
 nómes, por que a sua modestia se enfadaria dos meus louvores.
 Mas sem grande offensa, posso inculcar aos nossos aprendizes
 de finuras de eloquencia, *cértas obras em que encontrarão com*
muites d'estes pináculos de ingenho, mórmente em freiraticas
correspondencias.

Os ingenhosos Francezes pozérão o peito á barra para levarem
 a palna n'este stupendo exercicio: e com effeito alguns Amphí-
 guris sahirão á luz nos seus Almanachs, que lévão as lampas

O seu mensageiro
 O mui marralheiro
 Autor da matraca ;
 Que intrépido attáca
 Com seus consoantes
 Os versos tunantes
 Sem táes maravilhas ;
 E afia as navalhas
 Trombudo Censor ,
 Sem pêjo , sem dor.
 Eu neste entrementes
 Vos lanço a seus dentes
 Versinhos louquinhos (1).

em delicadeza, e pico. Eu os tenho pelos modêlos máis acabados, que n'este género conheço. Os nossos Clássicos Portuguezes, Camões mesmo, e o eruditissimo Ferreira não nos deixarão um único escasso Amphiguri. Talvez que os assustasse o íngreme da empreza. Alguns Amphiguris, se derramarão pelas doutisimas obras Académicas, mas seus nóbres, e religiosos compositores se descuidarão de enfeitar, com tão formoso titulo, as suas reconditas producções; que não desmerecem a louçania d'esse braço.

Eu (não sei, se por máis ignorante, ou máis affouto) sigo os vestigios do incomparavel Poéta que nos deo os « *Duzentos Gallégos não fazem um homem* » etc.; e ao menos se não fui o inventor da obra, quero conseguir o gaudio de ser um dos que promovêrão este *non plus ultra* do ingenho humano. E se a móda péga ! (pegará que vem de França) tempo virá que o meu nôme voará diante dos olhos de todo o mundo ! *volitabo per ora omnium à ilharga dos ufanos Amphiguris.*

(1) O sentido d'este Amphiguri é tão árduo de colhêr, como o das tróvas do Bandarra; o Autor me tinha promettido de m'o explicar, mas creio que lhe esqueço.

Nota do Editor.

SONETO.

SE o meu Bem creio em braços de outro amante
Lavra em meu peito férvido Ciúme ;
Arde-me o coração em vivo lume ,
Chamméjá a labaréda no semblante :
A voz rouca , o juízo delirante
Embrusca-me a alma rábido negrume ;
Megéra afia o atraçoado gume ,
E m'o ensópa na mente a cada instante.
Nem das Matérnas furias agitado
Sentio Orestes infernáes horrores ,
Quaes no ânimo revólvo lacerado.
Os látegos de Alécto vingadores
Tanto não dóem , nem sente um condemnado ,
No Avérno , ao menos , zêlos mordedores.

EPIGRAMMA.

ENTENDER de Commercio é gran vendita
Para dourar com cabedáes a vida :
Val máis que tenças , máis que bons mórgádos.
Sáibão que Fillis d'alugar seu leito ,
Que apenas lhe custou vinte cruzados ,
Tira déz mil , cada anno , de proveito.

USOS

D'ESTE MUNDO.

Nas praças uns perguntão novidades ;
Outros dão vólta ás ruas , ao namóro ;
Este usuras cobrar , esse as demandas
Lembrar córre ao Juiz que se divérte.
Ir de Jano aprender a ser bifronte ,
De Mercurio , no trato , a ser bilingue ,
Franco no prometter , no dar escasso.
C'os ólhos fitos no ávido interesse
Ser consigo leal , com todos falso
É ser homem capaz , home' entendido.
Assim , que vêmos nós por este esconso
Mundo ? Vêmos logrões , vêmos logrados ;
Ninguem vês ir com cândido desejo
Aos Sénecas , aos Sócrates de agóra
Perguntar as lições tão necessarias
De ser honrado , ser com todos justo.
Tão sobéjos se crêm de honra e virtude ,
Que cuida cada um podêr de sóbra
Mostrar na Occasião virtude a rôdo ,
E chega a Occasião , falha a virtude.

O D E.

----- Te doctus prisca loquentem
Te matura senex audiat. --- CLAUDIAN.

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueseza língua. ---

FERREIRA. *Carta a Pero Caminha.*

IRRITADO da dôr, de vêr zombada ,
 Por insulsos pichótes ,
A lingua de Camões sonóra e pura ,
 Que nos deo tanto nôme ;
A phrase nôbre e tέρsa , com que a Castro
 Derramava seu pranto ; —
Chorando o fado dos alados Cysnes ;
 Que do Parnasso as sendas
Nos calcárão com tão gentil despêjo ,
 E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizêrão
 Herdeiros sumptuosos ,
Fui sentar-me cuidadoso , magoado
 Nas ribeiras do Téjo :
E, a mão na face , descalhada a frente ,
 Lançava ao longe a vista
Pelas aguas do rio caudaloso ,
 Outróra tão cantadas.

Tão famosas na Europa , e no Oriente.

« Quem vos vio n'outras éras

» Tágides nóbres , célebres nos hymnos ;

» Levantar triumphantes

» Nas claras ondas o sobérbo rôsto ;

» Entre as do Alphéo , do Mincio ,

» Na Italia e Grécia tão gabadas Nymphas !

» Hôje , de deslembradas ,

» Não atreveis erguer-vos , pôr os olhos

» Nos Cantores de Elysia. . . »

Nisto. . . Sinto um rumor. . . Turbão-se as ondas ;

Borbúlhão , fórmão círcos ,

Que vão , uns apoz outros , estendendo-se ,

E entre a miúda espuma ,

Que alvéja pelas lizas verdes tranças ,

Diviso o lindo Côro

Das graciosas Nymphas , escoltadas

De Tritões escamosos ,

Com a forcada cauda o mar varrendo.

No meio um soberano

Ancião de branca barba ondeada e longa ,

Que branda lhe descia

Pela cerúlea tóga aurê-brilhante.

De Neréa em Neréa

Os verde-mares olhos perpassando ,

Curva Real acêno

A' máis bella das Nymphas , que responda

A meus vivos queixumes,

Callou-se o vento , e as ondas alizárão-se. —

Como em luzente espêlho

Tritões espadaúdos retratárão ,

E o Téjo , e suas Nymphas.

Então em mim fitando a clara Déa

O angélico semblante :

- « Filinto , com razão , muí justas queixas
- » Apaixonado espalhas
- » Pelas nossas ribeiras saudosas ,
- » Depois que a Mórte crua
- » Segou , com fouce avára , aquelles grandes
- » Esp'ritos excellentes
- » Camões sublime , altíloquo Ferreira ,
- » E quantos a éra augusta
- » Criou com leite são , clara doutrina ,
- » Que a Pátria acreditarão :
- » E Nume tutelar , benigno Phébo ,
- » De accender não cessava
- » Divino fôgo nos ingenhos Lusos ,
- » Mostrando-lhes c'roado
- » De illustres ramas o desêjo de honra ,
- » Ganhada por bons versos.
- » Estê ar , troando ainda c'os furores
- » Da bellicosa tuba
- » Que immortal aquécia o Vate ousado
- » Quando lançava o brado ,
- » Que por esse Universo se estendia ,
- » Mostrando os mares da Asia
- » Trilhados das affoutas prôas Lusas ,
- » E os feitos memorandos ,
- » Que inda éccho fazem nos auritos montes (1),

(1) *Sicut pictura poesis.* Car telle doit être la langue de celui qui aspire à faire partager à son lecteur les émotions fortes ou tendres qu'excite en lui le spectacle des beautés de la Nature. Des touches froides, une manière méthodique ne sauraient rendre des tableaux touchans ou sublimes; mais si l'écrivain doué d'un goût chaste et pur, décrit de grands objets avec l'en-

- » Despertão insofridos
- » Ardentes peitos de Renóme eterno
- » A treparem com ancia
- » Pela scabrosa encosta do alto Pindo ,
- » E nelle cortar louros.
- » Inda ha pouco Garção , Elpino , Alfêno
- » Por Apollo animados ,
- » E nos nóssos regaços instruídos ,
- » As lyras recebêrão
- » Dos Cantores máis altos do Parnasso ,
- » E sôbre as doutas córdas ,
- » Já renovárão as Canções Dircéas ;
- » E as Musas , que corridas
- » Da rançosa Académica (1) cohórte ,
- » Fugirão enojadas ,
- » Que , de mil semi-vates aprosados
- » Escuros , e espinhosos
- » Desdenhárão influir os Anagrammas ,
- » Acrósticos , e Enigmas ,
- » Ou Góthicos , freiráticos conceitos ,
- » Já canoras do Pindo
- » Vinhão descendo a bafejar os Hymnos
- » Dos viçosos Alumnos ,
- » Nos Grêgos prados , nas Latinas veigas ,
- » Medrados co'a cultura
- » Do apurado saber , ferrenho estudo. . . .

thousiasme du Peintre et l'abandon du Poète , alors l'illusion naît ; ses images rappellent les modèles , et le sentiment qui l'anime se communique à ses lecteurs.

Variétés littéraires. Tom. 1.

(1) Fallo da antiga.

Nota do Editor.

- » Eis que de negros Córvos (1)
- » Um bando iniquo em tórno delles grásna
 - » Invejoso , molésto ,
- » Motêja a lingua de áspera , e de antiga ;
 - » De sentido enleado ;
- » Acha bronco o Camões , charro o Ferreira ;
 - » Camões ! a nossa glória !
- » Por quem sômos só lidas e estudadas
 - » Nas térras mais remotas !
- » Érguem no pôvo rudo alto ruído
 - » Contra os nóvos Orphêos (2) .
- » E assim como as Bistónides raivosas
 - » O canto lhe affogárão
- » Quando no Hébro a dulcisona cabêça
 - » Arrojárão dementes ;
- » Tács contra os meus Alumnos , essas Gralhas
 - » Os gritos desentôão.
- » Dellas te queixa , nellas céva as iras ;
 - » Que as flechas do ridículo ,
- » Horacio e Juvenal te afião promptas :
 - » Que não temos as Nymphas
- » Máis armas que as do verso acicalado ,
 - » Que rásga o âmago da alma.
- » Não sômos Jóve atirador de raios
 - » Nem Phébo arcí-tenente ,
- » Que contra esses , que a pura veia turvão
 - » Da Pegásea Agannippe ,
- » E ás estradas do Pindo o passo impédem

(1) Adivinhem — Le chagrin de votre indigence est le motif qui vous fait décrier le luxe des enfans du génie.

(2) Ne pouvant entrer dans le sanctuaire des lettres , ils vomissent des blasphêmes contre les Pontifes.

- » Aos mímósos das Musas ,
 - » Disparêmos bombardas. Mas tu pódés
 - » Novo Boileau sevéro
 - » Cortar por Scuderís , Cottins , La Serres ,
 - » Descoser seus escriptos ,
 - » Ou novo Lôbo , de engraçado pico
 - » Pô-los tão despreziveis ,
 - » Que nem os olhos levantar se atêvão
 - » Para os que os sons mellifluos
 - » Anciosos bebem na agua do Parnasso ,
 - » Alta esperança Lusa ! »
-

S O N E T O .

- » **N**AVÉGAS entre Cabos tormentosos ,
 - » Açoutada de ventos inclementes ;
 - » Rompendo sérras de ondas combatentes ,
 - » Vás naufragar em baixos temerosos.
 - » Por que deixas os pórtos bonançosos ,
 - » Onde abrem claros sócs dias contentes ?
 - » Onde gorgeião gárrulas correntes ,
 - » Entre bastos rosáes , mirtos verdosos ? »
- Assim á Nize bella , Amor (que a via
Entre as vagas de turvas tempestades
De zêlos de Filinto) lhe dizia.
- Té que , abalada das fies verdades ,
Beijou na face ao Deos , que a persuadia ;
E os Ciúmes trocou em saudades.

MADRIGAL.

MARIPOSA inconstante ,
Que namóras a Rosa , a Violétta ,
E com vontade inquiéta
A toda a flor te off'reces fino amante ,
Vai , léva essa meiguice
Longe d'estas Campinas lealdosas ,
Que póde vir Almeno ; e se te visse
Render tantas offrendas enganosas ,
Te imitaria a errática ternura ,
Des-leal a Delmira , á fé máis pura.

EPIGRAMMA.

ESTE , aqui , tenda ; aquelle assenta banca :
Um ganha com pandeiro (1) , outro com tranca (2).
Cada um labóra neste escasso mundo ,
Com mistér , com officio , ou beneficio.
Chlori acertou , que com saber profundo ,
Na alcóva a lóge abrio , do seu officio.

(1) Os prêtos do Rosario.

(2) Os mariólas de pão e córda.

ORIGEM

DO AMOR (1).

No almo dia em que Venus veio ao mundo ,
 Celebrarão com esplendido convite
 Seu nascimento os Deoses : até Pluto
 C'os máis tomou assento. A' pórtia olhava
 (Quanto a mesa durou) prompta a Pobreza
 A pôr a mão nas sóbras dos manjares.
 Pluto , c'o Néctar , que bebeo sobêjo
 (Que inda ao mundo não era o vinho dado)
 De Jóve nos jardins se deita , e dorme.
 D'ha muito que a Pobreza appetecia
 Lanço abérto de ter d'um Deos progénie.
 Assim , chega-se a Pluto , affavel , meiga ,
 E a si , com táes caricias o affeiçôa ,
 Que Amor dalli nasceo : e de nascido
 Com Venus n'um só dia , vem , que na alma
 Lhe agrada a formosura , e sempre a ségue.

(1) Tive o descuido de pôr á margem das traducções , que
 emprendi por desenfado , os nômes dos Autores originaes : essa
 a razão , por que agóra , que os quizera pôr (afim de que me não
 tenham por plagiario) me não lembrão ; e muito principalmente
 os d'estes pequenos poémas. Seja-me exemplo este , de que
 sómente me lembro , que vem de Grêgo : mas de que Grêgo ?
 Ah! tórce a pórcia o rabo. Quem se pôde lembrar de que Autor
 são versos ha máis de 40 annos traduzidos ?

O D E.

— Sed Cynaræ breves
Annos fata dedere. —

HORAT. *Lib. 4. Od. 18.*

As breves Horas , co' as fugazes plantas
Lévão de rôjo , a grão tropél , os annos ,
Que na bôcca voraz a Eternidade
 Acceita de continuo.
Debalde , oh douto Sáles , sôbre os livros
Fatigas a saúde , e os piscos ólhos :
Debalde apûras a lidada idéia
 Em busca da Ventura ;
Que mal vio a bocêta de Pandóra
Abérta em nosso damno irreparavel ,
Abrio as pennas , e se ergueo do mundo
 Corrupto e tenebroso.
Lógo , apoz della , os Deoses desgostados
O vôo lhe alcançárão , e nas limpas
Moradas venturosas se esquecêrão
 Dos incántos humanos.
Os Desastres em álas investirão
Co'a inérme próle do mal-sêcco lôdo ,
Sem perdoar ás fôrças , á belleza
 A's graças , aos talentos.
Deo córte á Argiva Helêna , a Achilles féro

Da esquiua Mórte o inevitavel gume ;
E os que affouto levou Typhis a Chólchos ,

Vivêrão scassa idade.

Tu não encétes longas esperanças ,
Nem confies nos braços alentados
C'o espérto succo dos viçosos annos ,

Nem no córado rôsto :

Quando Marcia , que assemelhava os Numes ,
E que dias sem termo merecia ,
Quasi avista os umbráes da Lybitina ,
C'os encovados ólhos.

SONETO

TRADUZIDO.

QUANTO é singéla a vossa vida , e pura !
Pastores , quanto é brando o vósso estado !
Longe da Invéja , longe do Cuidado ,
Zombáes da lingua , que em nientir se apura.
A' sombra dos docéis , que ergue a verdura ,
Vai para vós rompendo o alegre prado
O ribeiro das róchas desatado ,
Que entre as quebradas plácido murmura.
Ditosos ! Desfructáes a Natureza
Entre o gado innocente , entre as boninas ,
Entre peitos de amavel singeleza.
Nós , entre dólos , ambições , ruínas ,
Mal vêmos o Prazer ; que se despreza
De trajar o ouro das culpadas minas.

DESAFÔGO.

ONDE estás , oh Philótopho indeféso ,
 Pio sequaz da rígida Virtude ,
 Tão térna a alheios , quanto a si sévêra ?
 Com que mágoa , com que ira olháras hôje
 Desprezada dos homens , e esquecida
 Aquella ancia , que em nós pousou Natura
 No âmago do peito , — de acudir-mos
 Co'as forças , c'o talento , co'as riquezas
 A' pena , ao desamparo do homem justo !
 Que (baldão da Fortuna iniqua) os Deoses
 Pozérão para symbolo do esforço ,
 Luttando a braços c'o áspero infortunio ?
 Pédra de tóque em que luzisse o ouro
 De sua alma viril , onde encravassem
 Seus farpões máis agudos as Desgracas ,
 E os peitos de virtude generósa
 Disferissem podêres de árduo auxilio ? —
 Que nunca os homens são máis sobre-humanos
 Máis comparados c'os sublimes Numes ,
 Que quando acódem com soccôrro activo ,
 Não manchado de sórdido interesse ,
 Nem do fumo de frívola ufanía ;
 Ou cheios de valor e de constância
 Arróstão co'a medonha catadura
 Da Desgraça , que apura iradas magoas
 Na casa nua do varão honesto.

Mas Grécia e Roma ha muito que acabárão ;
E as cinzas dos Heróes fórtes e humanos ;
Que as cívicas corôas preferiãõ
Ao louro triumphal , tincto de sangue ,
Hôje as piza , hôje espalha desdenhoso
O vulgo cégo dos Philautes duros ,
Surdo á voz que o reprehende vingadora.
Que os homens , de imprudentes , não alcanção ,
Que o perênne prazer único e puro ,
Que o Céu outórga neste esquivo exilio ,
É o que se esparge pelos seios da alma ,
E que a transpassa de immortal deleite ,
Quando partimos , com bizarra dextra ,
Os bens , que liberal nos deo a sôrte ,
E vêmos transluzir radiósa e viva
A Alegria no rôsto do affligido ,
A Dissabor moléstõ condemnado.

MORALIDADE.

É **nosso coração vorage immensa ,**
Em que Honras , Cargos , lúbrica Ventura
São dos Desêjos vagos a mantença ,
Que , gozados , os manda á sepultura ,
Para abrir nova bôcca á turba densa
De prazêres de nova formosura
Quaes das talhas das Bélides impias ,
Se esvaêcem as aguas fugidiãs.

ODE.

As invejas da illustre alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados;
Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio o esperta e excita.

Camões. Cant. 5. est. 92.

1.

ROMPEN curvadas quilhas atrevidas ,
Por climas não-usados ,
De Neptuno as espáduas insofridas :
Por sêrros não-trilhados ,
Por férvidas areias , crêspos gélos
Devássa o affouto pé do Orbe os cancellos.

2.

C'ò a mão segura ás roupas da Virtude
Não téme o Varão forte
Do Leão , ou da Ursa a garra rude :
Calca o semblante á Mórte ,
Ou na férrea peléja , ou na tormenta
As lanças québra , os Euros amedrenta.

3.

Com alto brio , e poucas trópas duras ,
Alexandre em Arbéllas

Juncou o campo d'aureas armaduras.

As frentes amarellas

A tres Pretôres fez voltar , ousado

Viriato de esfôrço e ardis armado.

4.

Estremecem ç'o insólito rebate ,

Quando o ardido Soáres

De Mécca ás pórtas co'as trombêtas bate.

Tremólão pelos áres

Nos nadantes baixéis farpadas Quinas ,

Quando avista o Cabral Brasil e Minas.

5.

Mas que furor se ateia no meu peito !

Novo fogo me accende ,

Um Deos me peja o coração estreito.

Minha alma se desprende ,

E os ares vai talhaudo a vôo sôlto ;

A azul morada pizo desenvólto.

6.

Que Templo é este que á direita vejo ?

Que altar de verde-antigo

Teu sancto simuláchro humilde beijo.

Salve , oh Numen amigo.

Este é da Glória o Templo. Aquí são Numea

Os Varões de honradissimos costumes.

7.

Alli vejo Nunaly'res !.. Sim : na lança

Que foi da Pátria amparo ,

O grave côrpo impávido descansa.

Alli sublime e claro

Está Manoel , está João segundo ,
Que ensinou a ser Reis os Reis do **Mundo**.

8.

Ouço Attaide , e Constantin valente ,
Castro , Cunha e Sampayo
Memorando as façanhas do Oriente :
Do Achem e do Malayo
Contando árduas batalhas que ganhárão ,
Gólpes que dérão , Reis que avassallárão.

9.

Dom João da Sylva , para o baixo **Mundo**
Descendo o olhar pausado ,
Tinge o semblante de prazer jucundo.
C'o braço recostado
Na órla do escudo , o corpo sobranceiro ,
Assim te falla , oh novo Cavalleiro.

10.

- « Tu , que affouto trilhar do valor quéres
- » As difficeis estradas ,
- » Desvíã o fito de brazões , de havêres ,
- » Para as accções honradas
- » Dos que accêso no brio alto e prestante
- » À Fama , por fanáes , te pôz diante.

11.

- » Na A'sia Albuquerque , na A'frica Menezes
- » Valentes retalhárão

(*) Ouyi dizer em França , que Luiz XIV mandára traduzir a
chrónica de El Rei D. João segundo , e que como a seu mestre •
consultava.

- » Indianos broquéis , Mouros arnézes.
- » Os Phócas se assustarão
- » Das Lusitanas Náos empavezadas
- » Sulcar do Eôo as húmidas estradas.

12.

- » Érgue os ólhos á Salla grave e dina. —
- » Aquî os vês honrados
- » Os Capitães , que em térra peregrina ,
- » Ou nos Láres amados ,
- » A rôxa Cruz de módo ennobrecêrão ,
- » Que entre illustres Heróes lugar se dérão.

13.

- » Cavalleiros da rôxa Cruz de Christo
- » Vencêrão denodados ,
- » Com valor , nunca n'outra gente visto ,
- » Tãtos Póvos armados ,
- » Tãtos Reinos no Antípoda Hemispherio ,
- » Que dérão novo Imperio ao Luso Imperio.

14.

- » Por feitos de valor , duras fadigas
- » Se ganha a Fama honrada ,
- » Não por branduras vís do ócio amigas
- » Zonas fria e queimada
- » Virão do Cancro , á Ursa de Calixto
- » Cavalleiros da rôxa Cruz de Christo.

Zonas fria

15.

- » Eu , já a Fé , e os teus Reis , e a Pátria amada ,
- » Na guérria , te ensinei

- » A defender , com a tingida espada :
- » Co' a Mórte me affrontei
- » Pela fé , pelos Reis e Pátria. A vida
- » Se assim se pérde — a vida é bem-perdida.

16.

- » Já com esta (e arrancou a espada inteira)
- » Ao Reino vindiquei
- » A C'róa que usurpou mão estrangeira.
- » Fiz ser Rei o meu Rei
- » Com acções de valor , feitos preclaros
- » Nas Linhas d'Elvas , e nos Montes-claros.

17.

- » Se de imitar meu nome te glorieias ,
- » As façanhas me imita ,
- » Ou na Pátria Nação , ou nas alheias.
- » O meu valor te incita ;
- » Ségue os meus passos , ségue o meu exemplo ,
- » Se morar quéres neste honrado Templo. »

SONETO.

Do peito as pórtas , me assaltáes , guardadas ,
Oh Zélos , que os buídos passadores ,
Tôrvos na vista , respirando horrores ,
Vibráes em vão nas mãos ensanguentadas.
Em vão co' as linguas , em rancor cevadas
Anciáes pôr nódoa em cândidos favores ;

E, aos visos da Suspeita de mil côres ,
Dáes fáce a culpas , na alma nem pensadas :
Vindes de armas , sem força , appercebidos.
Vêde os Amores postos em defeza ;
Vossos tiros das azas sacudidos.
Nize apurou do Amor toda a fineza
N'um favor , que enlevando-me os sentidos
Não deixa onde empregueis vossa cruêza.

O D E.

— — — Operosa parvus
Carmina fingo.

HORAT. *Lib. 4. Od. 2.*

I.

LYRA , ha tempos altiva , temeraria ;
Que outsavas (mas de longe)
Seguir o trilho do divino Horacio ;
Que , escutando-lhe os sons , a voz moldavas
Em seu méτρο ditoso ,
Da Grécia herdado , e que legado a Roma ,
Se malogrou em Vates apoucados.

2.

Lyra cansada , lembrem-te as fadigas ,
Que por seguir teu Mestre

Desvalidas nos ares te largarão
A' Icaria sorte , sem deixar teu nome
A celebrados mares ;
Lá perdeste a conquista aventureira ,
E a fama lá trocaste por desdouros.

3.

Lembrem-te ultrajes da ruin Doença ,
Que as reliquias do Éstro
Me definhou co' a macilenta dextra ,
Quando a arquejar o anhérito entalado
Me assoberbou no peito
O ancioso coração , e que autc os ólhios
Vidrados quasi , a Mórte , e seus Sequazes ,

4.

Com feia , ameaçadora catadura
As luzidias fouces
Medónhos mencavão , e do avaro
Jazigo a campa aberta me apontavão.
E in-la teus ancia , oh Lyra ,
Que te te fira as desafinadas córdas
Com desteixado plectro ? És louca ; és louca.

5.

És confiada : que estás chamando os Numes
Ao meu estreito alvergue.
Já a Gratidão fizeste vir do Olympo ,
Me acenas que a corteje. — Eis-me no euleio.
Faze pois com que Apollo
Co' as Musas desça , — já que és Lyra sua ,
Que os sons desçam de Pindaro , e de Flacco.

6.

Como prodigio tal podéste , oh Lyra ,
A favor d'Araújo ?
Eis vem co' as Musas Phébo ! Vêjo os altos
Soberanos da Lyrica harmonia !
Já meu curioso ouvido
Bébe a inspirada voz , que léva aos Pólos
O mérito do Heróe de fama digno.

7.

Quando , por sustentar recém-remida
A Lusa Liberdade
Do tyrânnico jugo dos Philippes ,
O acclamado João ia amostrar-se
Ao desejoso exército ,
E na dianteira General suprêmo
Guiá-lo pelo trilho da Victoria ;

8.

Deo a guardar a vida mal-segura
Das Hispanas ciladas
A Araújo fiel (1) : e allí o Nume
Tutelar da liberta Lusitania ,
Que , envólto em rara nuvem ,
Sempre a assistio com disvellado amparo ,
Do Rei novo , assim falla , ao Regio Guarda :

(1) Para guarda da sua Real Pessoa uma Companhia de Arca-
buzeiros veteranos , de que era Capitão Luiz da Lomba de
Araújo. Vida de D. João IV.

9.

« Tens a teu cargo a glória Portugueza ;
Em ti depositada
Tem toda a confiança o Povo Luso.
Sê disvélllos , sê ólhos sempre-abertos ;
Com teu cuidado cérca
Esta nossa esperança , dos Céos vinda ,
Resgate do comprido Captiveiro.

10.

Nos ânímos dos Lusos libertados
Se anda tecendo o premio
Agradecido , e em quanto tu vigias ,
Inda outro premio máis subido e raro
Te apresta o Rei guardado ;
E o Prophético Nume quér brindar-te
Co' a avára vista d'um arcâno occulto.

11.

A mim m'ô descerrou ; por que eu com elle
Te gratifique o zêlo ;
A mim que affecta sou com maior ancia
Em honrar-te a velada fiél guarda.
Gostoso e attento me ouve ;
E no âmago do peito forte imprime
As vozes de ouro , que revêla o Fado.

12.

Um Néto , que virá , passada esta Era ,
Coberto de teu nòme ,
Bafejado dos Céos , caro ás Aónias ,

ANTONIO de ARAUJO, has de ser astro ,
Que a toda a tua stirpe
Dê luz com seu Ingenho agudo e raro ,
Com Pátrio zêlo , e sociâes virtudes.

13.

Do Empyreo ; onde te põe teu zêlo activo ,
Verás como elle doura
Os cargos , de que o Rei , e a Pátria o incumbem ;
Como luz c'os talentos , já nas Côrtes ,
Já nos doutos Congressos ;
E te darás , por séculos , premiado
No brilho de teu Nêto generoso.

O D E

DE ARROMBA

A UMA MORTE (1) MUI SENTIDA.

Ah que não sei de nojo como o conte!

CANÇÕES.

FÓGE , profano vulgo , que aborreço :
Cégo , que nunca viste
As columnas , os pórticos sagrados
Que a morada tornêão

(1) Esta Ode requeria ser gravada sobre o mármore do Mausó-

Da facunda immortal Sabedoria ,
Sobre asp'ro cume de érmas róchas brancas.

Caro ás Aónias , destemido Vate
Pela mão de Thalia
As escabrosas retorcidas frágas
Do fatigoso monte
Vou subindo , tardio , mas cravados
Os animosos ólhos no alto tecto.

No largo umbral de jaspe o douto Apollo
Rodeado das Musas
Co' a lyra altí-sonante me convida :
—Por onde os pés aponto
Curvão-se os louros , abrem-se os silvados
E perfume divino em mim recende.

O sacro horror que me occupava o peito
Se convérte em corage :
Da luz que pelas pórtas rompe e brilha
Sinto ferida a mente.
Desfaz-se a névoa do Erro ; estálão , québrão ,
Os oucos sons da tímida Ignorancia.

Com sábia mão a Divindade augusta
Que aquí pousou seu Templo ,
Me déspe os ólhos da embotada vista ,

Iéo, a ter eu tanto juízo e tanto dinheiro como a Duqueza de Châtillon; que na sua quinta de Ablons junto a Paris, mandou levantar um muito custoso, a um caso, quasi semelhante, e nellé abrir a inscripção, compôsta por um Académico.

Céga herança do vulgo.
Com raio perspicaz de agudo lume
Me brinda , e me esclarece generosa.

Desde a Aurora serei até o Occaso
Solemne Vate ouvido.
Enchutas Ursas (1) e Mouriscas praias
Estudarão meas vérsos.
E a Fama , as azas longas alargando ,
Meu nômc estenderá d'um Pólo ao outro.

Eu já a vejo aos montes sobranceira
Com cem bôccas , cem olhos
Que vêm tudo , e máis contão que não virão.
Infatigavel Nume ,
C'o pé ligeiro , em quanto a terra méde ,
Na abóbada do Céu co' a frente róça.

A gente (2) , que de nóvas se sustenta
Em tropél se lhe apinha (3).
A voz despréga. — Chego cubiçoso ,

(1) Todos sabem que Juno pediu ao Oceano que não deixasse banhar-se em suas aguas Calixto nem seu filho , que a tal Deosa , por ciúme converteo em Ursas , e que Júpiter por conhecimento de amôricos antigos pôz no Céu , para lhe servirem de nôrte , e chamarem a si a agulha de marear. A esta vingança de Juno allude o nosso Camões , quando diz no Cant. 5 :

Vimos as Ursas a pezar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

(2) A gente de Côrte , os Ociosos , os Peraltas , os Basbaques , que não tendo estudo , ou negocio seu em que se empreguem , méxem nos alheios , por consumir o tempo.

(3) Deixâ-los apinhar , que lindas cousas tem que ouvir.

Que assim me avisa e manda
A voz da Sapiencia , máis segura
Que o crido som dos Dodonêos (1) carvalhos.

E diz : Que todo o Olympto está de nôjo ;
Venus , Pallas e Juno
Vão nêgras longas caudas arrastando ;
Júpiter , Marte e Apollo
Pozérão choradeiras nas casácas (2)
Pela mórte do Gato de Marfisa.

SONETO

De romper outeiro de Abbadessado.

MOTTE

É TEMPO , OH MUSAS , ROMPA O DOCE CANTO.

G L O S A .

TEM Virtudes estrellado assento
Na aula sublime do Factor do mundo ;
C'os pés estão trilhando o collo immundo

(1) Nos bósques de Dodona fallavão os Carvalhos consagrados a Júpiter, e aos oráculos que delles vinhão se dava muito crédito. Antigamente tudo fallava, hoje ninguem diz cousa que boa seja.

(2) Os Romanos e os Grêgos trajárão Júpiter e os mais Deoses á sua feição ; e eu trajo-os á minha ; tanta autoridade tñhã

Do Vicio torpe, do Ócio macilento.

Mas, ah! que vejo? Do aureo Firmamento
Desce um luzeiro rápido-rotundo,
D'onde, com rôsto plácido e jucundo
Salta uma Nympha ao térreo pavimento.

Serena Religião, sei que procuras
De Tircéa o composto illustre e sancto,
Pasma das nóssas éras e futuras.

Quéro-a louvar; mas não me atrevo a tanto.

Vinde: acudi do Pindo, oh Nymphas puras
Étempo, oh Musas rompa o doce canto (1).

MADRIGAL.

DIZEM que Ausencia

Quebranta Amor:

Mas quem o diz, não tem de amar sciencia:

Que, ausente, eu sinto na alma ancia maior;

elles, como eu, para dar roupa a quem a não precisa. *Mas dar Casacas a Deoses sérios (me dirão os perluxos) não é trajo decente.* — Veste casaca o Papa que não é bôbo, nem volantim, vêstem casaca os Reis e Embaixadores que não são gente escangalhada de riso: e vestirão as freiras de Sancta Anna o menino Jesus de Cadete de verde (que eu o vi) na procissão das Carraleiras; e os Archeiros lhe envergirão a sua farda na grande procissão de Corpo de Deos, de que eu faço relação n'uma carta ao Marechal de C. que aquí irá impressa.

(1) Os gouteiros de Abbadessado são as fôrças da máis impudente lisonja: por acêrto, e sem ânimo de tal, se diz nelles a verdade. Assim sabem já todos o que é um soneto a uma Abba-

Arrebatado ,
Desejo forte
Lávro em meu peito de colhêr agrado
Da linda bôcca de Elia , que impia sôrte
Longe de mim
Apparta assim.
Ausencia a Amor é como ao fogo o vento ;
Ao fraco apága , ao forte dôbra o alento.

ODE

A' ILL^{MA}. E EX^{MA}. SENHORA

D. MARIANNA JOAQUINA DE VILHENA , COUTINHO.

Io temo si de begli occhi l'assalto
Ne quali l'amore e la mia morte alberga
Che fuggo lor , come fanciul la verga.

PETRARCA.

EM vão , Cupido , sétta sobre sétta
Encravas nesta chaga de meu peito.
Ouves-me um só suspiro , um ai amante ,

dessa , que de ordinario não são meninas nem môças. Eu por mim o digo , por máis que lhes queria dar um rebôcco prazenteiro , sempre a Imaginação me pintava uma Abbadessa com óculos no nariz ; e um diurno entabacado nas mãos.

Da alma arrojado á bôcca ?

Já côrre a mim com passo atropellado

O nono lustro da cadente idade :

Farpões estragas n'um calloso peito .

Que é todo brécha e ruínas.

Quêres , que entre destêrros e amarguras ,

Perda de bens , da fama , dos amigos ,

Êrga inda os ólhos para a bréve face

Do Prazer , que me fôge ?

Cégo ! que os tiros empregar não sabes !

Despeja a aljava no formoso seio

Da lindissima Armania, alvo que pôssa

Ennobrecer-te os tiros.

Ella que de hecatombes te enche o Templo ,

E que onde quér que vólve a térna vista ,

Férc , e derruba as almas orgulhosas ,

Que o Nume teu desdênhão :

Ella merece que uma alada canna ,

De teu arco sonante despedida ,

No izento coração , c'o gume de ouro

Rasgue amante ferida.

Sinta o teu braço quem te traz temido :

Saiba como arde no anhelante peito

Pudibundo suspiro , que receia

Tremer (1) no ouvido amado.

Ufano então da triumphal conquista

Te esquecerás de esperdiçar as sêttas

Com mão iniqua a fio malogradas

No peito de Filinto.

(1) Esta expressão é muito delicada ; pelo gôsto que lendo-a , senti , julgarei dos outros leitores , segundo que a approvarem , comprehenderem , ou criticarem.

Da alma arrojado á bôcca ?
Já córre a mim com passo atropellado
O nono lustro da cadente idade :
Farpões estragas n'um calloso peito .

Que é todo brécha e ruínas.

Quéres , que entre destêrros e amarguras ,
Perda de bens , da fama , dos amigos ,
Êrga inda os ólhos para a bréve face

Do Prazer , que me fôge ?

Cégo ! que os tiros empregar não sabes !
Despeja a aljava no formoso seio
Da lindissima Armania , alvo que possa

Ennobrecer-te os tiros.

Ella que de hecatombes te enche o Templo ,
E que onde quer que vólve a térna vista ,
Fére , e derruba as almas orgulhosas ,

Que o Nume teu desdênhão :

Ella merece que uma alada canna ,
De teu arco sonante despedida ,
No izento coração , c'o gume de ouro

Rasgue amante ferida.

Sinta o teu braço quem te traz temido :
Saiba como arde no anhelante peito
Pudibundo suspiro , que receia

Tremer (1) no ouvido amado.

Ufano então da triumphal conquista
Te esqueccrás de esperdiçar as sétas
Com mão iniqua a fio malogradas

No peito de Filinto.

(1) Esta expressão é muito delicada ; pelo gôsto que lendo-a , senti, julgarei dos outros leitores , segundo que a approvarem , comprehenderem , ou criticarem.

EPIGRAMMA.

DIA'LOGO

ENTRE O ABBADE E FR. AMBRÓSIO.

UM Abba de d'um rígido mosteiro
Comia sanctamente um bom robálo :
Eis aquí Frei Ambrósio, mui lampeiro
Do gôsto do jantar vem estorvá-lo.

FREI AMBRÓSIO.

E diz : » Não coma Vossa Reverencia
» N'um dia de jejum , de penitencia
» Iguaria guisada com toucinho.
» Hôje , que é dia da Paixão sagrada ,
» O Cusineiro punha esfatiada
» Métade d'um prezunto em branco vinho ,
» Para tempêro d'esse peixe grosso ,
» Que é Páe e Avô do miuçalho ensosso ,
» Que ao refeitorio vem dizer a culpa
» De não ousar subir á vossa mesa. »

ABBADE.

*Padre , é bem taralhão. Sua affouteza
De ir a ólha espreitar , não tem desculpa.
Quem lhe ensinou a ruin descortezia
De escoimar os boccados a quem come ?
Para o futuro , em penitencia tome ,
Ser cégo e mudo em semelhante dia.*

GENIAL EX ABRUPTO,

OU

ODE A BACCHO.

*No dia 23 de Dezembro dia dos meus
annos, em 1783, estando á mesa, com
dous Portuguezes.*

Fas perversas, est mihi Thyadas,
Vinique tontem, lactis et uberes
Cantare rivos. — — —

HORAT. *Lib. 2. Od. 19.*

EMPUNHÊMOS, (1) Amigos
As insignias sagradas do grão Bromio ;
Altos os côpos, largas as saúdes,
Brindêmos, festejêmos.

(1) La Poésie chargée dans les festins de tracer l'éloge du vin avec les couleurs les plus vives, peignit en même temps cette confusion d'idées, ces mouvemens tumultueux, qu'on éprouve avec ses amis, à l'aspect de la liqueur qui pétille dans les coupes. *Voyage du jeune Anach, tom. 2.*

As Anfrisas , as Délias , as Delmiras ,
Mysticas Nymphas de engraçadas Orgias.

Perdêmos o passado ;

Não vêmos o futuro , só é nosso

O momento da vida que deleita.

Brindêmos , festejêmos

O barbê-louro Deos sempre mancêbo ,

Doador da Alegria , e dos Prazêres ,

Que em rôxo , em aureo suno

Se embebeo precavido , e generoso

Para aditar os Sábios , (1) os Prudentes ;

Os que põem na vanguarda

Do exército , que alinhão contra a Pena ,

Cópos do Douro , frascos da Chamusca.

Brindêmos , festejêmos

O risonho Sileno , affavel Aio

Do sempre-invicto Domador das Indias :

Que melhor que o Pythágoras ,

E outros tács bebedores de agua pura ,

Com máximas mais sãas lhe deu ensino ;

Lhe deo palmas , triumphos ,

Lá onde a loura Aurora o Céu nos abre ;

E entre os homens e os Numes lhe deo brado.

Evohé , grão Sileno.

Amigos , evohé ! Olhai sizudos ,

Como rôxo , e pausudo se escarrancha

Sobre o tonnêl festivo ;

De hera trémulã , e louros enramado ,

Os pendentos corymbos lhe aderção

(1) Siccis omnia nam dura Deus proposuit.

A nunca-triste fronte.

Alli tem thrôno , alli convoca os Faunos
Os corníferos Sátyros felpudos

Com a rasa-espumante ,
Nectarea taça aos dentes encostada ,
Mergulha , ensópa os rúbidos bigodes ;

E os beiços espremendo ,
Para absorver o cheiro , o pico , o succo
Do vermelho regato , que desliza

Pela esconça garganta ,
Arrebatado , extatico , divino
Docemente surri , e os ólhos cerra.

Molhêmos , ensopêmos
As sequiosas fauces nesta ambrosia
Que Lyéo nos plantou , Deos favoravel.

Aqui garrafas , cópos
Esgotêmos a pino , generosos ,
A Sileno que o mauda , e dá o exemplo.

Lá no bôjo do peito
Façâmos este louro sacrificio
Ao Deos não-avarento de deleites.

A mim depréssa a Urna
Do aureo Champanha , que trasborda e espuma
Pela órla aurí-brilhante de topazios.

Alli dentro se esconde
(Se eu atino) a lépida Alegria ,
Que salta , que borbulha , estoura , e brilha.

Não me engano. Lá a véjo
No fundo d'este vaso reluziudo
Co' a vigosa Esperança ; e têm nos braços

A rosada Ventura ,
Que c'os ólhos me diz : *Quéro agasalho*
Com todos os meus mimos no teu seio.

Amigos , eu aqueço
C'o vigoroso néctar , que se enfia ,
E corre atropellado pellas veias.
Eu canto , eu sou Poéta ; (1)
E entro já pelas fôscas espessuras
Do laurífero Ménalo sonante.
Bassarides , traçados
No hombro esquerdo os Nébridos (2) despójos ,
Descomposto o cabéllo , a voz em grita ,
Eivados , (3) nús os peitos ,
O'lhos fogósos , espumosa a bôcca
Rompem os bósques , trépão nos rochêdos ;
E c'os uivos medônhos ,
C'os redôbros dos rîspidos adufes ,
Os échhos vão troando re-estrugidos.
Térção nas mãos protervas
Trémulos thyrsos !. . Eis que batem fôgo ,
As resinosas pinhas sacudindo.
Baccho , indómito Baccho ,
Tu me levas contigo a mente a rôjo
Por sobresaltos de escarpadas penhas.
Já dóbro o agudo pico
Da montanha que abriu ditosa lapa ,
Onde as Nymphas te crião desveladas
Na mui-ditosa Nysa.

(1) *Fecundi calices quem non fecere disertum ?*

HORAT. Epist. 5. lib. 1.

(2) *Pélles de côrços , bravôs capros , com que cobrião as Ménades as espaduas.*

Vid. STAT. in Sylv. SENEC. in Trag. HERC. fur.

(3) *Lymphata pectora. HORAT. OVID.*

Que verdejante encosta se debruça,
Pelo revéz do endeosado monte!

Que gárrulos ribeiros
De liquor Nyctiléo córtão os prados,
Embebidos de Arábicos perfumes!

Lá abaixo crésce um gôlfão
Pacífico, contente, onde almos Génios
Coroados de parras buliçosas

Affógão de mergulho
Hirtas fórmãs de lúgubres Espectros
De amarélos semblantes definhados.

T O D O S.

Quem são, que são os vultos?

P O É T A.

São Cuidados, pungentes Amarguras,
Que gástão, que consumem as entranhas.

T O D O S.

Morrei, morrei, tyrannos:
No pégo da Alegria, e da Saúde
Dai os fináes arrancos despeitosos.

P O É T A.

Alviçaras, Amigos;
Enchei de novo os cópos... rasos, rasos;
E em parabens de gôsto os despejêmos.

Outro vinho, outros cópos —
Mais bojudos — mais cheios — trasbordando...
Abraçai-vos, Amigos. — Lá morrêrão;

Lá vão ao fundo as Mágoas:
C'o folheado thyrsos ponti-agudo
As atravessa, as cráva no profundo.

T O D O S.

Quem ?

P O É T A.

E o perguntáes !

Quem se não Baccho ? O Deos , que amado impéra
No contente dominio ! O Deos Benigno ,

Que aviva , que remóça.

O Deos que inventou bailes e theatros (1)
No douto chão da regalada Grécia

O Deos , que planta e encurva
Por cima das cabéças dos sabidos
Verdes caramanchões , frêscas parreiras ;

E téce opacas sombras

Que afferrênhão os éllos retorcidos ,
Contra a calma , e seus raios importunos.

Eia ; vamos : Amigos ,

Beijar devotos o altar perénne
Do nosso tutelar Lyêo brilhante :

De offrendas mil , e votos
Carreguêmos as mãos agradecidas ,
Que com solemne rógo acompanhêmos.

Mas , onde iremos ? Onde ?

Se aqui presente Baccho pôz seu thrôno ,
Da mesa fez altar , da salla templo ?

As vîctimas , os vasos

Diante nós estão , Nymphas , Ministros ,
Ao Deos acceitos. — Começai comigo.

(1) *Carminè qui tragico vilem certavit ob hircum.*

HORAT. de *Art.*

Non hircum animal , sed utrem hirci musto refertum. Cruq.

T O D O S .

Evohé , evohé .

Com teu imberbe rôsto , excelso Brómio ,
Glória de Nysa , domador do Oriente ,

Espanca , arréda as nuvens
Apertadas dos Sustos , das Tristezas ,
Que forcêjão subir pelo horisonte :

Embóta o gume á foice
Do med' nho esqueleto , que do Avérno
Aponta a nós os macilentos passos .

Evohé , evohé .

Com pipas , com tonéis alçái trincheiras
Que a sêcca perna aquí lançar lhe tôlhão ,

Nos umbráes d'este asylo ,
Onde fâção perpétuos sacrificios
Em tôrno d'este altar os teus devotos .

Assim vejas , Oh Baccho ,
Trocar-se em templos teus todas as fôrjas
Da aguda , mal-fazeja Rabulice ,

E os arsenáes medônhos
Da armada Tyrannia ; e seus sequazes
Convertidos em mui-leaes amantes

De teu gostoso sumo ,
Virem vermélhos protestar brandura
Nas tuas lizas aras sempre francas (1) .

(1) A muitos parecerá longo este poêma; mórmente se se considêra, que o fiz á mesa: e assim me parece a mim tambem. E esta será uma daquellas raras vêzes, em que o reparo do Critico acêrta com o pensamento do Autor. A elle respondo com a minha costumada sinceridade, izenta de todo o desvanccimento. 1º. Que versos de frandulage custão pouco a fazer a quem anda com as

O VERDADEIRO AMOR.

CONTO.

NUNCA ouvi de mulher contar extremo,
 Que hobrear possa c'ò este peregrino
 De Amor máis puro sem igual realce,
 Que em brève phrase aponto a meus Leitores.
 Navegavão com próspera viagem
 A decantada Mécca dous amantes;
 Que os Pães d'votos concertado tinham
 Ajuar em legítimo consorcio,

mãos quasi sempre na mesa: pela razão, que vivendo retirado e só, occupo o meu ócio (que é largo) em versejar. 2º. Que estava á mesa com Portuguezes que estimo, e cujo idioma gosto de fallar em terra estranha; além do que, já tinha vindo o assado; tínhamos bebido dous côpos, e como nada ha que tanto devasse a lingua, começou a Alcega a car á taramela; e em lugar de murmurar da vizinhança, ou fallar de fadiga, a minha lingua se desatou em Poesia. 3º. Que com effeito, quando o fiz não era tão comprido, mas quando o tive do borrador, fôrão-se-lhe alargando as enanchas. 4º. Que quanto máis envelhêgo máis longas se me estendem as idéas Poeticas e nunca me capacito que disse tudo o que tinha que dizer: e todos sabem que desde Homéro para cá todos os Poetas velhos fallão muito. 5º. Pela costumada preguiça de encerrar o que já fiz: que máis me custa ás vezes a euecnda (e ainda a cóia) que o feitiço. 6º. Por que estou em terra, onde tão tenho Quintilios Portuguezes que me digão: » *Corrige, sodes hoc... et hoc delere jubebat.*

HORAT. de arte Post.

Depois de saúdarem do Prophéta
A sepultura, e de Jacob o pôço.

Ibrahim e Fatima suspiravão
Pelo ditoso dia promettido :

Mas com ver-se e fallar-se erão contentes
Seus accêsos desejos, sempre-castos.

Já se vião de longe agudas grimpas
Co' as Musulmanas luas vencedoras,
Apontadas ao Céu nas altas tórres
Dos templos de Giddá, na fóz do Estreito ;
E o peito alvoroçado dos amantes
Sentia, ao longe, os passos appressados
Do flórido Hymenéo, que a elles córre
C'o estreito laço na aprazível dextra.

Que caricias, que mimos não debuxão
Na delicada idéia namorada !
Que prazêres, quâes guarda em seu thesouro
Venus, nas grutas da cheirosa Chypre,
Não passão em revista, e não se escólhem
No futuro com sófrega vontade
Duas almas que Amor queima e consume !

Tu não pódes, Leitor, com mortas côres
D'um pousado pincel lânguido e frio
Traçar no quadro as deleitosas chammas,
Que abrázão corações junto á baliza
Que co' a dextra sagrada as Leis pozêrão,
Por que viva c'o Pêjô o Amor seguro,
Se não amas honéstô e esperançado
De unir-te á tua Amada em prazo brêve.

Oh mortâes Esperanças lisonjeiras,
Frágeis ídolos da alma ! vâas chyméras,
Aérias tórres, frívolos castellos,
Assentados na arçia movediça !

Eis que em róda comêça o horisonte
 A abafar-se de nuvens denegridas ,
 Os pólos se affogneão com relampagos ,
 Nos ares cruzão trémulos coriscos ,
 Com horrendo estampido estálão ; rásção
 Roucos trovões roncando , rebramando
 Nas rôtas róchas da fronteira praia ;
 Os ventos se ameação , se acomettem
 Na assustada campina de Neptuno ;
 As ondas se amontôão , se acappellão ,
 Em borbulhosa espuma se espedação ,
 Os verdenegros rôlos branqueando.

Um temporal desfeito lhe rebentá
 Nas tremedoras vélas de improviso :
 O Susto de seus animos se apóssa ,
 E a Pallidez se espalha pelos rôstos.
 A vérge géme , estála o grande másto ,
 O navio ~~se enjôa~~ , perde o rumo ;
 Jóga desarvorado , e se esconjunta
 A quilha aos duros tóques naufragósos.
 Um açoute cholérico de vento
 O levanta das ondas , e arreméssa
 A's crespas órlas de áspero recife ,
 E entré fileiras de sequaz espuma
 Em ponteagudo escôlho um rombo o alága.

Quem contará da acerba desventura
 O lastimoso horror ? o desconfôrto
 Da esmorecida pállida Fatima !

Tóma Ibrahim sôbre os robustos hombros
 O dôce péso da formosa amante ;
 Co' as ondas lotta , em pouco tendo o p'rigo ,
 Quando ólha pérto a salvadora praia.
 Eis que uma onda máis dura avança irósa

Des-prende os braços que lhe atava ao collo
 A chorosa Belleza desmaiada :
 Outra onda sobre-vêm , que pósta em meio ,
 Lh'a arroja longe do causado alcance.

O fiél amador arréda , e córta
 C'o porfiado peito a vaga avára ,
 Que lhe encóbre as madeixas de Fatima ,
 Nórte e rumo de seus velados (1) ólhos.

Aqui foi o furor , aqui as fôrças
 Tirar do Amor , que não dos lassos membros ,
 E empregá-las nas aguas despiedosas.
 Debalde as empregava , que máis longe
 A cada bracejar lhe punha a Amante
 O rigor do Destino , que a cadeia ,
 Que Amor formou , queria ver quebrada.

Então fallido o arrôjo de seus braços
 Ibrahim pérde o alcance , pérde o fito ,
 Que o turvo manto da imminente Mórte
 Lhe coméça a cobrir de sombra etérna
 A des⁴perada saúdosa vista.

Um Marinheiro , que da salva praia
 Vira o vigor de máis ventura digno ,
 Tão mal-frustrado pela iniqua estrélla ,
 A's naufragadas ondas arremétte
 Para arrancar da amarga sepultura

(1) Velados por veladores, ou que estão sempre de vigia: como dizemos naufragados, na passiva, os que activamente naufragão. Temos nós nossos bons Autores, infinitos exemplos de nomes verbaes passivos, a que muito elegantemente dão significação activa, como fazião os Latinos, de quem tomárão os muitos modos de fallar; e máis ainda tomar devêramos, se bouzizo tivéramos.

O pálido Ibrahim da dôr vencido.
Oh excéssô de amor , sublime glória
Da fineza d'um home' em tal extrêmo.
De brando á sua Amada , a si sevêro
Estas últimas vozes piedosas
Soltou ao marinheiro compassivo :
« Empréga o teu soccôrro generoso
» Em alma de mais preço que esta minha :
» Salva Fatima ; que eu contente môrro ,
» Se no ultimo abrir d'estes meus ôlhos
» Vejo na praia salvos os seus dias. »

MADRIGAL

A' ILL^{MA}. E EX^{MA}. SENHORA

D. ANNA APOLLONIA DE VILHENA,

E ABREU SÓARES.

Tu sempre noite e dia estás frêchando ,
Amor , humanos peitos.
Quem te está tantas frêchas preparando ?
Não Vulcano , c'os seus mal-escoreitos
Cyclópes , a servir-te
Fôra agóra bastante.
Como um côxo e tres tórtos (1) acudir-te

(1) Não tórtos , por que alguém lhes houvesse vasado um ôlho a cada um ; mas porque chamamos tórto o que não nem senão um ôlho — na câra. São licenças poéticas.

Com armas poderão

Quando tu mil a mil lhe dás vazão ?

Não vês com quanta azáfema o Tonante

Péde ruivas centelhas ,

Quando em Verão e hynverno as sobranceiras

Encréspe flammejante ?

Já d'outra parte

Sanhudo Marte

Para Turcos e Russos (1) péde estóques ,

E alfanjes luzidíos....

Amor , que estes ouvió graves remóques

Com ouvidos macíos ,

Me responde , apontando o máis profuso

Arsenal onde as sétas dé máis uso

Sem conto , e sem remedio astuto guarda. —

Os ólhos formosíssimos de Anarda.

(1) Tomada de Ismailow.

ADEOS

DE CURTA AUSENCIA. (1).

CARMEN.

ADEOS , livrinhos meus ; daqui a pouco
Ancioso , em vosso alcance , irá Filinto :
Que não se compadece ausencia larga
Entre os que atou idósa companhia ,
Com vínculos do alívio apicdado ,
Na minha solidão amarga e escura.
Vós , desenfado mea , vós meu soccórro ,
Vós fostes brandos , próximos amigos ,
Noite e dia espancando meus pezares ,
Quando a Desgraça , c'uma negra nuvem ,
Me pôz a noite no âmago do peito ,
E me abafou o coração de espinhos.
Desde então que em vós sós achei amparo ,
Entrando a espairecer da alma a tristeza ,
Em vossos campos de matiz risonho ;

(1) Quando me preparava para ir á Haya , fiz um pacóte dos poucos alfarrabios que tinha , Livraria de Poéta póbre ! E era minha intenção mandá-los diante ; mas o custo do transporte ; me fez recuar a resolução . Quantas , como esta , morrem de garrotte , por desvalidas de moéda !

Que o sabor renovei d'aquelles fructos ,
 Que a idade de ouro , gratos sazónára ,
 Entre as do Ingenho flôres nunca-murchas ,
 Comecei a ~~cobrar~~ vos amizade.

E quando foi sárando a peito interno
 Das fréchádas malignas do Infortunio ,
 Que eu já via com ólhos indiff'rentes ,
 Perdidos bens , perdida a intacta fama ;
 Que encostado nos braços da leitura
 Sobre-via sem ódio os falsos Bonzos ,
 Que as rêdes da Calúmnia me estendêrão ;
 Passou a gratidão o que era alívio.

Nem dádiva ha tão grande , tão valiosa
 Como o dar azas , com que se érga acima
 Das tûrbidas paixões o animo nósso.

Dívda então bem contralú com-vósco
 De nunca vos lançar da minha vista.

Sois poucos ; vélhos sois ; ouro não brilha
 Nas fólhas , nos magníficos filêtes ,
 Nem vos chamão as guapas livrarias
 A pintadas , ornar , luzidas planchas ,
 Avezadas a immóveis inquilinos :

Mas assim sem alinhó , sem vãa-gloria
 Me acudistes melhor , que esses garridos ,
 Destinados a dônos não-leitores ,
 Que nem abrí-los vem , nem visitá-los.

Que ingrato galardão , mal merecido
 Fôra o deixar-vos , por que lá me acêna ,
 Com máis riqueza , com fastosos nômes
 Um thesouro de livros campanudos ,
 Que com alto desdêm vos olharião ,
 Se pedissem lugar entre os seus ouros ,

Entre os farfantes rótulos, e fitas ?
 Não sou eu Lavrador desamoroso,
 Que mande ao Carniceiro o Boi cansado,
 Companheiro das prúvidas lavouras,
 Quando rasgava os dilatados sulcos,
 Depósitos da messe esperçada,
 Largo sustento da caseira próle :
 Nem Guerreiro inhumano lanço á margem
 Alquebrado dos annos, das carreiras,
 O que outróra fogôso, nas batalhas
 Renhidas combateo, féro ginête,
 E me ajudou a conquistar os louros.
 Sim : com-vôsko nas mãos, com-yôsko á vista
 Dobrarei da Velhice o Promontorio,
 E com vôsko entrarã voluntario
 Pela fóz do mortal esquecimento.
 Vêlhos, comigo vêlho, amados livros,
 Vereis calir nos ultimos Dezembros
 As sêccas fôlhas do curvado tronco,
 Que já vistes robusto erguer a cima
 Contra o pêso do vento e dos negrumes.
 Cadúco pouco leio ; os ólhos negão
 A' proluxa lição o acume antigo ;
 E a cansadã memoria mal se pêja
 De sobrepostos móveis : mas não perco
 Lembranças do potente auxilio vôsko,
 Nas refrégas do aspérrimo Infortunio.
 Sereis sempre a meu lado agradecido,
 Companheiros n'esta aura de ventura,
 Que nos bafêja a próxima partida,
 Quães o fôstes nos roncós da borrasca.
 Ireis comigo á Casa bemfeitora,
 D'onde vos veio o raio da Bonança :

Que assim léva consigo o Passageiro
A' Casa da devóia Romaria,
Com gôsto e gratidão os piedosos
Navegantes, com quem correo naufragio.

ODE.

— — — Perigosos
Formosissimos olhos que a robustos.
Izentos corações dão triste vida.
Cercos de Diu. *Cant. 17.*

QUA'ES as chammas do ráio despedido
Quando no bôjo do Etna
Se despênhão, lhe abrázão as ntrauhas
Trême o Vulcão, e muge:
Já crêscem, já borbúlhão, já rebêntão.
Pelo abraçado cume
Horrisonos trovões enovellados
De fôgo, e rôxo fumo;
A labarêda aguda vai irada
Romper aérias nuvens;
E de metal os líquidos ribeiros,
Por entre rôtas fendas,
Fumegando estridentes, precipitão
Affogueadas ondas....
Musa, que tom é este estrepitoso,
Tom. I.

Dis-confórme do assumpto ?
Pindáricas refrégas do Estro antigo
Sôão ainda as córdas ?
Quando tomei nas mãos a eburnea Lyra
E quando ao Pindo os ólhos
Volvi para invocar-te auxiliadora ,
Só quiz cantar Anarda.
Vamos a Idalia , oh Musa , aos sanctos bósques ,
A's namoradas murtas ,
Onde Amor , onde Vênus tem depostos
Os lidados transumptos
Das bellezas que ornárão o Universo.
E pois que me é vedado
Vér aquella , que tanto vér desejo ,
Que ao longe tanto admiro ,
Vejâmos na figura alguns dos rasgos . . .
Musa , não é Heléna
Essa que rindo apontas nessa base ?
No pórfido gravado
Seu nome vejo , e de Ilion a ruína.
Essa státua fronteira
É Semiramis : lá battendo as azas
Lhe vem trazer sustento
Pelo ar talhado a próvida Nutrice.
Aquí Lésbia , além Cinthia ,
E máis Grégas , e Lácias formosuras . . .
Busquêmos a de Anarda ,
Que não déve estar longe . . . É esta , é esta !
Que me fére a memoria
Seu retrato que Olindo quiz mostrar-me.
Quantas graças respirão
Inda no mármore ! Nos ólhos quantos
Piedosos movimentos !

Quão potente é de Amor a sábia dextra,
Que finge em pedra dura
Demonstrações de vida ! Os lábios quasi
Para fallar descerra :
E rompendo na bôcca ancioso passo
Está o efficaz Rôgo ,
Para ir prostar-se ante o sublime thrôno ,
Em favor devotado
Do Mérito prestante , desvalido.
Aquellas mãos tão puras
De generózos dons estão pesadas ;
E admiro enternecido
Com que agrado os reparte , e com que accôrdo.
Inda o lustre das prendas ;
Com que as Graças o ingenho lhe enfeitarão
Está raiando airoso
Em redór d'este seu gentil semblante !
Disséras que acabarão
De erguer a mão d'esse último polido. . . :
Nisto me atalha a Musa :
« Não vês que é hoje o muito fausto dia ,
» Em que , nos Céos formada ;
» Desceo de Auarda a formosura a Elysia ,
» Que della se glorieia ! »

EPIGRAMMA.

- « V ENHO attónito (muito sério um dia
» Certo Romano ao grave ancião dizia)
» Catão, Catão, um Rato todo o couro
» Me roeo do sapato !— Fôra agouro
» Mui máo (Catão responde) se o sapato
» Roésse o couro ao Rato. »
-

PRE SUMPÇÃO

RIDÍCULA.

QUE gente ha hi gabada de polida,
De bem fallar a lingua, e que se preza
Não ter dos Mestres a alta phrase lida ?
Com vergonha ô descubro — A Portugueza. — (1)

(1) Parece á primeira vista, que o sentido do Poéta comprehende a Nação inteira, mas é erro; por quanto muito bem me lembro (e deve estar apontado no quingentesimo vigesimo oitavo volume in-folio das minhas observações) ter lido n'um manuscrito antigo d'este brève, mas prudentissimo e sentenciosissimo Poéma, o qual me foi permitido ler na Bibliotheca Hansloevrinsbeckiana, uma glosa interlineal, que diz assim: « A C... e seus macacos » Lambiao.

Outra glosa vi eu (diz Salmasio na Conta que dá dos Annæes Patagónios) que dizia em Chaldaico « A C... e seus arrabaldes, fradaria pirliquitète, e Castrioto. »

SONETO.

POR que imploro de Venus a piedade ,
Romagens amiú dando ao Templo lindo ?
Se , só de ver-me , escápão , vão fugindo
Suas Servas que adórna a frêscã idade.
A Pobreza , a Velhice , a Fealdade ,
Os ásperos flagellos sacudindo ,
O Amor espantão , que a mim vinha rindo ,
C'uma Rosa na mão , de gran beldade.
Vi que apontava airoso na formosa
Bôcca de Lãura um innocente , e puro
Beijo , que a gratidão allí tecêra.
Mas vi tambem , que recuou medrosa
Das minhas cãas , e o beijo , ao seio escuro
Do Nada mergulhando , allí morrêra.

INSCRIÇÃO.

NO PEDESTAL D'UMA STATUA DE CUPIDO.

Qui que tu sois , voilà ton Maître :
Il l'est , le fut , ou le doit être.

Crê tyranno , com gésto brando , e bello ,
É , ou foi teu Senhor , ou tem de sê-lo.

O D E.

Ogni mio esterno , ogni mio interno senso
Siegue solo di voi le felici orna ,
Vada , o stia , sieda o giaccia , vegghi , o dorma ;
Da voi sola ragiono , o scrivo , o penso.

Il Cicco d'HADRIA.

Não tinha em ondas de ouro desparzidas
Andrômeda (1) as madeixas pela espalda ;
Nem saphyras azul-brillbante lume
No rosto lhe accendião ;
Quando a progénie do auri-chuvo Jove
C'os talares ba tendo o hójo nédio
De ali-potente Pégaso descia ,
Seccorredor amante. (2)
Não tem Delmira a desneuada alvura
Da mimosa acucena , que a alma Venus
De seu vertido leite florejára ,
Em caliz de esmeralda.

(1) Creio que todos sabem a fábula de Persêo e Andrômeda , e os que a não sabem pôdem ler o 4.º livro das metamorphoses d'Ovidio , onde a acharão inteira.

(2) — — — — Placuit Cepheia Perseo
Andromede , patriæ fusca colore suæ.

OVID. *Heroid.* 15.

Mas Hébe licentornou na infante face

Todo o vaso da vérdé Juventude ;

Amor piedoso lhe vestio os ólhos

De enternecida chamma.

Minerva a si tomou encher-lhe o seio

De prendas immortaes ; na sábia agulha

Os dédos lhe adestrou para os labores

Das engraçadas artes.

Lógo ao nascer as Musas cuidadasas ,

Do bérço, em molles braços a tomárão ,

Para a ir off'recer nas aras puras

Da Lealdade ingénua ;

E allí os jócos, e os jucundos risos ,

Com flórea dextra, o campo do semblante

Lhe espraíarão de plácida Alegria ,

E joviães affagos.

A Ternura fiél, com a Amizade

Escolhérão seu peito por abrigo ;

E na Lyra sonora, e em doce canto

Lhe deo lições Apollo.

Ella é o meu cuidáo mais gostoso ,

Que em flammejantes lettras vinhá escripto ,

Na longa hásteca da sétta namorada ,

Que Amor me despedira.

Ella me tem captivo em seu dominio ,

Sem força de quebrar meu captiveiro :

Um só nó d'estes laços, que me prendem ,

Desatar não quizera.

A seguidora luz d'estes meus ólhos

Outro trilho não vê, que o que ella piza ,

Nem meus ouvidos outra voz conhecem

Que o seu suave canto.

Della fallo, ella cuido, della escrevo ,

Ella canto em meus versos amorosos ,
 Qual Petrarca , na Lyrica Vaclusa ,
 Cantava a sua Laura .

TRADUCTION

DES VERS PORTUGAIS.

Sur un rocher désert , Andromède attachée ,
 Jouet infortuné d'un oracle odieux ,
 Ne dut point le bonheur de s'en voir arrachée
 A l'or de ses cheveux , aux saphirs de ses yeux .
 Un œil de jais brillait sous son sourcil d'ébène ;
 Et ses beaux cheveux noirs tombaient en longs replis ,
 Lorsque , fendant l'azur de la céleste plaine ,
 Et du cheval ailé présentant les flancs polis ,
 Le Fils qu'eut Danaé du maître du tonnerre ,
 Qui pour elle de l'or prit l'éclat séduisant ,
 Accourut enflammé d'amoureuse colère ,
 Et brisant ses liens l'emporta triomphant .
 — Sur sa joue arrondie et de rose émaillée ,
 Flore n'a point l'éclat qu'avait le tendre Lis
 Qui dans une émeraude en calice taillée ,
 Fut engendré du lait que répandait Cypris .
 Mais l'ébé revêtit sa figure enfantine
 Des charmes que les Dieux en sa coupe ont versés ,

Et l'Amour bienveillant, d'une flamme divine
 Anima ses beaux yeux qu'Uranie a tracés.
 Par les soins de Pallas son aiguille formée
 Eufante sous mes yeux des miracles nouveaux,
 Et la toile sourit de se voir parsemée
 Des fleurs dont le printemps embellit nos côteaux.

— Les Muses, au sortir des mains de la nature,
 L'ont mise sur l'autel de la Fidélité,
 Où les jeux et les ris ont formé sa figure
 Des traits de la candeur et de l'aménité.
 La paisible Amitié, la sensible Tendresse
 Ensemble de son cœur pour séjour ont fait choix.
 Elle a du blond Phœbus la voix enchanteresse,
 Et fait aussi parler la lyre sous ses doigts.

— Sur la flèche qu'Amour dans mon cœur a lancée,
 Écrits en traits de feu les soucis les plus chers
 Sont venus pour Delmire occuper ma pensée;
 Je goûte des douceurs à langair dans ses fers.
 Trop heureux de porter le joug de son empire,
 J'arrose mes liens de mes vers amoureux.
 Lors même qu'à mes yeux le jour cesse de luire
 Son portrait à mon cœur s'offre et me rend heureux :
 Tout plein de ses accens, je crois toujours l'entendre.
 A chanter ses attraits j'ai consacré ma voix :
 Tel Pétrarque autrefois chantait sa Laure tendre,
 Près de Vacluse, assis dans l'ombrage des bois.

SONETO

DE ARGENSOLA.

DEIXA de folha Outubro a vide póbre,
E com as cheias o Ébro, de insolente,
Nem ribeiras, nem ponte já consente,
Nos campos reina, e de alta vaga os cóbre.
Mencayo triste e feio já descobre,
De nuvens abafada, a negra frente;
E apenas o Sól ~~na~~ia no Oriente,
Que a Terra com vaporês no-lo encóbre.
As devêzas, e o mar sentem a sanha
Do Aquilão féro; assusta o seu bramido
No porto as Náos, as Chóças na montanha.
Mas, de Tháis no umbral (1), Fabio estendido
De vergonhosas lágrimas o banha,
Quando as devêra ao tempo mal-perdido.

(1) Sub domina meretrice... turpis et excors.

HORAT. *Lib. 1. Ep. 2.*

O D E.

— Cui Pudor, et Justitiæ soror
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,
Quando ullum invenient parem?

HORAT. *Lib. Od. 24.*

INSTA o Tempo : daqui, d'além derruba
De Néro o ufano bronze,
De Máusolo a saudosa sepultura;
Co' a fouce no ar erguida,
Que só co' fuzilar põe mêdo ao marmor,
Os Carlos ameaça, os Fredericos.

Vivem pouco os Heróes, que o nome fião
De caducas estátuas:
Na longa estrada de estendidas éras,
Cem annos são um passo,
Que o Tempo apaga e'um batter das azas
Na disferida, lúbrica passagem.

Sem soccôrro de Phidias cinzél-déstro
Vive a fama de Achilles;
Que o monumento que lhe ergueo Homéro,
Zomba da aguda fouce;
E as Aónias, dos Fados alcançarão
Tornarem immortáes os seus validos.

Estremecem-se ainda as ancias ternas (1),

E vivem as saudades

Do disérto Mecênas (2), confiadas

A's córdas Venusinas :

E o Gama inda hoje córta os máres da Asia

Nos arriscados lenhos voadores.

Inda na ala direita Vasconcellos

Léva ao combate duro

O Luso, a quem não dóe perder a vida

Pelos avítos Lares :

Pelo Rei, que escolhêra, merecido,

A destemida lança inda menêa.

Mas tu, que só da guérra assinallaste

Os concertados p'rigos,

Que, Alumno de Minerva delicado,

Te educaste em seu Templo',

Cáro ás Musas — de quem, se não das Musas

Acceitarás perénne monumento ?

As Musas, temerosas de Mavorte,

Técem com mais disvélo

Cappéllas ás pacíficas virtudes

De Solon, de Antonino ;

E os brandos Hymnos, nas argenteas plumas,

Érguem com gôsto os nômes eruditos.

E máis promptos ao Templo da Memoria

(1) Comes minore sum futurus in metu
Qui major absentes habet.

HORAT. Lib. 5. Epod. 1.

(2) Docte sermonis utriusque linguæ.

LD.

Vão depôr nos archivos
A nóbre acção de peito generoso ,
Que empréga o valimento ,
A riqueza, o saber , o sangue illustre
Em desarmar o braço da Calúmnia.

SONETO

A O S A N N O S

DA SENHORA D. E. M. J. M.

Eu vejo (ou me é traidora a phantasia)
Que Amor deixa de Gnido o Templo e altares ;
Seguem-no Cupidinhos a milhares ,
Sem arco , sétas , sem aljava impia.
Vejo que a trópa alvoroçada enfia
C'o alégre vôo os Lusitanos ares —
Ouço entoar-lhe uns hymnos singulares ,
Hymnos de nunca ouvida melodia.
Que assombro ? — Amor , e os seus ajoelhados
Beijão a Nize a mão , « D'um Deos , que adora
» (Lhe diz Amor) teus ólhos engraçados
» Accêita os cultos , Nympha encantadora :
» Por minha Mãe te elejo. — Vós , alados
» Amores , conheci-a por Senhora. »

EPIGRAMMA.

Com pommadas , rebiques ,
Aquí côr negra , além de azul as veias ,
A máscara do rôsto afformoseias ,
Fillis. Ah não caustiques
A sége , as bêstas de correr causadas ,
A amostrar-te por templos , por moradas ;
Manda lá teu Criado ,
C'o teu rôsto pintado.

MADRIGAL.

SE máis que aéreas nuvens pressuroso ,
Se máis que inquiétas ondas inconstante ,
Nos fôge o Tempo ; é inutil o saudoso
Pranto , dado a quem fôge ; eu incessante
Quéro abarcar , e com ardor ancioso
Entranhar na alma cada alégre instante :
Pois que a vida é passage , as lindas flores
Bom é colhêr na estrada dos Amores.

ODÉ

A' AMIZADE;

*Em 23 de Dezembro de 1786, dia dos
meus annos.*

Solem enim è mundo tollere videntur qui amicitiam
e-vitâ tollunt; qua a Diis immortalibus nihil melius
habemus, nihil jucundius. CICER. *de amicit.*

~~~~~

Amitié, doux penchant des humains vertueux,  
Le plus beau des besoins, et le plus saint des nœuds,  
Le Ciel te fit, pour l'homme, et surtout pour le sage.

D'ELIÈRE.

---

**S**E depois do infortunio de nascer mos

Escravos da Doença e dos Pezares

Alvos de Invéjas, alvos de Calúrnias,

Mostrando-nos a campa

A cada passo abérta o Mar e a Térra;

Um raio despedido, fuzilando

Terror e móрте, no rasgar das nuvens

O tenebroso seio,

A Divina Amizade não viéra

Com piedosa mão limpar o pranto,

Embotar com dulcisono confôrto

As lanças da Amargura ;

O Sabio espedaçara os nós da vida ,

Mal que a Razão no espelho da Experiencia

Lhe apontasse apinhados inimigos

C'o as cruas mãos armadas.

Térna Amizade , em teu altar trauquillô

Pouho — por que hoje , e sempre arda perénne

O vago coração , ludibrio e jôgo

Do zombador Tyrampo.

Amor me deo a vida : a vida engeito ,

Se a Amizade a não doura , a não affaga ;

Se com máis fórtes nós , que a Natureza ,

Lhe não ata os instantes.

Que só ditosos são na aberta lice

Dous mortáes , que nos braços da Amizade ,

Estreitos se unem , bebem de teu seio

Nectárea valentia.

Tu cerceias o mal , o bem dilatas ,

E as almas que cultivas cuidadosa ,

Com teu suave alento afformosentão-se

Medradas e viçosas.

Cáia a Disgraça , máis que o raio aguda ,

Rebente sôbre a fronte ao ma votada ,

Mais lenta é a quéda , menos cála o golpe

No manto da Amizade :

E se desce o Prazer , com lédo rôsto

A alluniar o peito de Filinto ,

A chamma sóbe , e vai prender seu lume

Na alma do fido Amigo.



---

## REPENTE

A' SENHORA D. M. J. R. D.

QUANDO a voz sóta em peregrino canto  
Essa bôcca formosa ,  
Ama chegar-se á tua a minha , anciosa  
De dar-te o galardão de prazer tanto

---

## EPITHALMIO

A' SRA.\*\*\* E. SR. D.\*\*\*

HYMEN , oh Hymenéo , vem , corre , vóa ;  
Junta esse Semideos , co'essa Deidade.  
Hoje os pões no teu livro. A estrêa é boa !  
A' manhãa entrarão n'otra Irmandade (1).

---

## EPIGRAMMA.

INFELIX Dido , nulli bene nupta marito ;  
Hoc pereunte , fugis ; hoc fugiente , peris.

Dido , nas vôdas triste fado corres ;  
Mórre-te um , fôges , fôge-te outro , mórres.

---

(1) Des Vulcaneos , Amphitriões , etc.



# SONETO

ACRÓSTICO, enigmático, anagramático, retrógrado, com consoantes forçados.

## MOTTE

DERRETEM AS ESFERAS CIRCUMFUSAS.

## GLOSA. (1)

|                                |                |
|--------------------------------|----------------|
| De alcântiladas nuvens         | —espumantes    |
| Estellíferos lúbricos          | —revezes       |
| Vtropolão selváticos           | —pavezes       |
| Com mellifluos anhelitos       | —fragrantes.   |
| Rebenta em borbotões           | —flamigerantes |
| Opavelhão celícola dos         | —mezes         |
| Com redundantes carcomidas     | —fézes         |
| Estalão, roncão pávidos        | —diamantes.    |
| Salta Apollo no plaustro       | —alabastrino,  |
| As crebras Horas, as fulgentes | —Musas         |
| Vértem púlos no équoreo        | —purpurino ;   |
| E a despeito das grávidas      | —Medusas       |
| Com canto Boreal, fervor       | —Austrino      |
| Derretem as espheras           | —circumfusas.  |

(1) Esta difficulosissima Glosa é a Quinta essencia dos trabalhos Poeticos, e da Erudição recóndita. O que máis me custou foi arrumar o Acróstico, que é ao mesmo tempo labyrinthico, e

---

# ODE

## A ÉLIA.

---

Ah ! si jamais on aime sur la terre,  
Si d'un mortel on vit les Dieux jaloux,  
Ce fut alors qu'assuré de vous plaire,  
J'étais heureux, et l'étais avec vous.

Le Chevalier de PARNY.

---

A TARDA Aurora, no rosado coche  
Tirava ao largo o flavo Hyperionio  
Mal desperto, e saudoso,  
Dos braços da alva Tethis;  
E as estréllas nas casas do Occidente  
Entrávão de tropél, buscando abrigo  
Contra as fúlgidas sétas,  
Que disparava o Dia.

---

rabiforcado, e retruso. Nunca presumi do meu Estro, que lançasse tão longe a barra métrica. Ajudou-me porém muito com seus conselhos (*veritati fides habeatur*) um Padre Mestre Capucho, que toda a sua vida empregou em finuras predicáveis, e em Acrósticos de enigmas. Elle mesmo me tinha dado o môtte, para tomar o pulso do meu talento; e, com effeito, não se descontentou da Glosa, que quasi comprehendeo do primeiro lança de olhos. D'onde colhi, com grande assombro meu, a perspicacia do seu ingenho.

Tambem fugião em confuso bando  
 As penas, os suspiros da saudade,  
     Diante dos vencedores  
     Brilhantes ólhos de Élia,  
 Que pondo mar em meio já deixava  
 Longe de si os ultimos Britannos,  
     Por vir dar luz e vida  
     Ao penoso Filinto,  
 Quando ausente infeliz dias e noites,  
 Com a vista cercando o monte, o valle,  
     Pedia ao valle, ao monte  
     O rôsto suspirado;  
 E em vão tendo vertido um grande lustro  
 Um ribeiro de lágrimas tão térnas  
     Que os rochedos comigo  
     De mágoa amollecção:  
 Té que Cupido em fim já lastimoso  
 De meu chagado peito, sem alívio,  
     D'Idalia, a mim, d'um tiro,

Quando me vir possuidor de ócio máis abastado; o que Deos me permittirá talvez por sua bondade para a quarta, ou quinta edição deste furioso Soneto, darei delle um Commentario cabal, imitador do *Chef-d'œuvre d'un Inconnu*: por quanto mui claro vejo quanta necessidade delle tem o tal Poëma. Não o tómem a desabono seu esses juizos sagacissimos, que tóhão (como lá dizem) a palhinha no ar, como o alambre: por quanto eu fallo sómente de certas almas brancas, como a minha, que não entendem, senão o que é intelligivel.

Ille per extentum funem mihi posse videtur

Ire Poeta. ——— HORAT. *Lib 2. Epist. 1.*

*Suban ellos, que yo no baxo* dizia Gongora aos que não entendião versos como este que me lembra, d'um Soneto seu:

*Sombras estampa en paramos de nieve.*

Desceo inopinado.

Pelo rumor das azas , pela aljava

E os farpões acerados que retinem ,

O pre-sinto. — Eis que affavel

Se off'réce a mim, dizendo :

« Aquí tens Élia , e seu gentil semblante ,

» E seu peito amoroso a ti rendido ,

« Thesouro de caricias ,

» A Filinto votadas.

» Não só, no coração , a sétta de ouro ,

» Por ti , no centro , lhe cravei , segura ;

» Mas , de rara constancia ,

» Lhe prateeí as farpas.

» Alto favor , a poucos reservado !

» Sê grato a Venus , que te galardôa

» O cômulo de offrendas ,

» Que depões em seu templo. »

---

## CONTUMÉLIA

Em louvor do primeiro retrato , que se gravou  
para a edição do Poêma dos Mártires ,  
em verso portuguez.

Fusco retrato vês sarabulhento ;  
Vês-lhe a triste carranca aboleimada.  
É de Filinto a cara angustiada  
Contra o buril mal-déstro, e ferrugento.

## S O N E T O .



**D**A fumegante dextra arremessados  
Vejo raios chover ; troncos idócos  
De Cyprestes , de Freixos orgulhosos  
Vejo até ás raizes escachados ;  
Como a mais vil choupana mal-tratados.  
Obeliscos , e Templos sumptuosos ,  
Dos Aquilões , dos Austros furiosos  
Soberbos monumentos respeitados !  
Que vingança , Senhor , que grão castigo  
Vos desprendeo a mão omnipotente ,  
E as pórtas vos cerrou do amor antigo ?  
Se maldades , Senhor , da iniqua gente  
Nos pozérão irado um Páe amigo ;  
Somos filhos , dai trégoa ao raio ardente.



---

## C A R T A .

---

HÔJE, que vinte sóes são já passados,  
Tristes, feios, co' as névoas importunas,  
Que a Discordia soprou n'este horisonte.  
Hôje, que a mão amiga, e sempre franca  
Da leal Amizade, que deseja  
Sempre pura e serena a sphaera sua,  
As pôz em fuga, e ao Céu limpou a face;  
Hôje \* \* minha alma te saúda,  
E por lettras te envia estreito abraço.

Que fazes destas horas estiradas  
Nuas de antigo social passeio,  
Sazonadas de ensino, e ditto agudo?  
Das noites enfadosas, que a languissima  
Cáuda vagarosissimas arrastão,  
Quaes vão, no meu Paiz religioso,  
Roxos Collegiães varrendo a areia  
Mui passo a passo em procissão prolixa.

Que livros lês? que insípidas gazéttas (1)?  
Que Luxembourgs frequentas fastiosos?

---

(1) As d'esse tempo fallavão dos luttos, e circumstancias que devião ter; de fidalgas que fôrão appresentadas á Rainha; e por quem; de fidalgos que embarcárão nas carruagens de El-Rei: e de outras noticias tão relevantes como estas.

Vás por ventura renovar namôro  
 D'alguma antiga Láys , d'algum Bathyllo ?  
 E novo Anacreonte a vida alargas  
 Entre Venus , e o galhofeiro Baccho ?  
 Vás empulhar ( gritando ) o tardo Tempo ,  
 C'o trétego Per \* \* \* , ou grulha Cal \* \* \* ?  
 Vai : não t'ó invéjo. Eu , retirado , em tanto  
 Desfêcho d'algazarra , e gáfa pulha ,  
 Fico aqui disfructando mudas hórás  
 Co'as Odes de Rousseau , que máis ao alto (1) ,  
 Que algum Francez , impávido desprega  
 Por insólita vía as francas azas ,  
 Ao Lyrico Solar pouco-trilhado.  
 Leio o seu Mestre , e meu ; ferrenho estudo  
 O Venusino Horacio , até que venha  
 A tua amiga voz desafferrar-me  
 D'esta util , e gostosa Companhia.

---

(1) Ainda eu não tinha lido as do Poéta Lebrun.

---

# OS ULTIMOS ADEOS

ÀS MUSAS,

DEDICADOS

AO SENHOR ALEXANDRE SANÉ. (1)

---

Or laissons donc la Muse, Apollon et ses vers;  
Laissons le luth, la lyre et ces outils divers,  
Dont Apollon nous flatte, ingrata frénésie.

REGNIER, *Satyr.* 4.

---

**D'**ESTE ingrato Parnasso me despéço,  
Estéreis Musas : Cá vos deixo a Lyra,  
Que, sem pedir, m'a déstes. Já me canso  
De esperar por um Louro, uma Héra inutil, (1)  
Infructifera; prémio, que não chéga,  
Senão depois que a campá emmudecida

---

(1) Sujeito de apurados estudos, conhecimento das línguas Gréga, e Latina, Italiana, Ingleza, Hespanhola, e Lusitana, que aprendeo comigo, e de que tem composto um Diccionario Portuguez, e Francez, que está para dar á luz. Mas sôbre tudo Sujeito de honrados costumes.

(2) Ninguém quer a Cappella de Héra, por não ser mostrado com o dêdo, já que de suas Obras não tem máis que mordedura de nescios, e de invejosos. — *Eufrosina de Jorge Ferreira, acto 4º, scena 5.*



Cóbre , com sécco pó , myrrhados óssos ,  
 Prémio , que quando vem antes da mórte ,  
 Vem dos dentes da Invéja abocanhado ,  
 Vem rompendo por turbas de desprezos ,  
 De pobreza , de injúrias , de fadigas ;  
 E nunca está na frente tão seguro ,  
 Que , para della o derribar , não lidem  
 Mil Semi-vates , fartos de vãagloria ,  
 Armados de rifões , e consoantes.

Os Vates sômos hõje em pouco tidos : (1)  
 Acabárão-se as honras , que algum dia  
 O divino furor cevavão na alma  
 Dos Virgílios , dos Vários , (2) dos Horácios.  
 Muito ha , que Augusto é mórto , e máis Mecênas.  
 Já Píndaros , nem Sóphocles applaude , (3)  
 Vencedores em sábio Eléo certâme ,  
 O circumfuso Pôvo , no theatro  
 Máis honroso , que o Mundo vio tégora.  
 No Capitolio já se não dão c'róas  
 Aos immortâes Poétas , que alongavão

(1) . . . . . Amore e studio  
 Beato un tempo , hor infélice e vile.

*Prolog. del Pastorfido.*

Si saperem , doctas odissem jure sorores  
 Numina cultori pernicioso suo.

*OVID. trist. Lib. 2 , eleg. 1.*

(2) Fuit autem Q. Varius et ipse Carminis , Tragædiarum et  
 Eclogarum auctor , Virgiliî Contubernatis. — *Vetus Scholiast.*  
 Thyestem Tragædiam Varius scripsit , *Idem.* Imo Cassii Par-  
 mensis scrinia compilavit.

(3) Sint Mæcénates non deerunt , Flacce , Marones.

*JUVENAL. Satyr.*

As vidas dos Heróes , annos etérnos.  
 Já os Reis o seu lado não confião  
 Dos Adissons , Boileaus , Sás , nem Ferreiras ,  
 Que as louvaveis acções lhes recommendem  
 A's engraçadas Filhas da Memória.

As maneiras dos Reis , Grandes , e Pôvo  
 Séguem , sem máis reparo , e fazem móda  
 De amar , e desamar , a seu exemplo.  
 Quem de obrar altos feitos nada cura ,  
 Nada préza os que sabem decantá-los.  
 Vai o Mundo a peor , em seus caprichos ;  
 Não Poétas , Funâmbulos (1) péde hõje  
 A douta gente desta nóssa Térra.  
 Mui poucos , e mui poucas nos estimão ,  
 E ainda a furto , e que o não saiba o Mundo  
 Que témem , que o Desprêzo annexo á Arte  
 Seja contagio , que com elles prenda.  
 O certo é sêrmos fábula do Pôvo ,  
 Dos Nóbres , dos Togados , dos do Claustro ;  
 E até das Damas , que de nós se enjõão ,  
 Quando com Odes , e c'um peitô hourado ,  
 Sem moéda , que tinna , as requestâmos.  
 Que é já mui vélho , entre ellas , o costume  
 Pôr ( se não traz pecunia ) á pórtã o Homéro ,  
 Bem que venha das Musas ladcado (2).

(1) Estavão, nesse tempo, muito em móda os Volatius de córda.

*Ita populus studio stupidus in funambulo  
 Animum occuparat.* — Terent Hecyr. in Prol.

(2) *Ipsæ licet Musis venias comitatus, Homere,  
 Si nihil attuleris, ibis, Homere, foras.*

Lógo um ricco babôso lhe preferem ,  
 Cujos máchos possantes ródão fórte ,  
 E dão ao Dôno o jus de ser bem-visto ,  
 E de ter em seus peitos cabimento. —  
 Pois se tem cargos , se por fóra um Christo  
 Lhe blasona enfunado em larga fita !...  
 Então a Cruz , as ondas dos tirantes  
 A alma venal lhe rendem , lh'a captivão.

Adeos , oh Musas ; vou-me atraz de Pluto , (1)  
 C'um *Déve* e um *Ha-de haver* correr o Mundo.  
 Já sei quanto me basta ; escrevo , e conto  
 Régra de tres , cifrões , e letra Inglesza ;  
 Tenho uma barra fórte , um peito duro ,  
 Ambos de aço batido chapeados. —  
 Que máis requeiro ( para medir o ouro  
 A's fanégas no avaro gabinete ?  
 Assim fêz Fábio , assim gauhou Lucindo ,  
 Hôje Ídolos da Côrte , e da Cidade.

Eu Poéta ! *Abrenuntio* ! Nem por sônhos,  
 Hôje que aos Vates chamão-nos Orates ,  
 E á Casa dos Orates nos reméttem !  
 Como se acção não ténhão máis fundada  
 Para essa moradia , tantos loucos ,  
 Que elles tanto celebrão por sensatos.  
 Um , perdido por honras , que outros levão ;  
 Este a beijar poeiras , por uma aura  
 De valimento magro , e bandoleiro ;  
 Outro , que sécca em rézas , em candéas ,  
 Hypócrita beáto , engana - párvos ;  
 Mil namorados , prêzos ás janellas ,

---

(1) Deos das riquezas.

A's portas das que a sommo sôlto dôrmem  
 Descuidadas do Amante resfriado ;  
 Mil manhosos , venâes Contratadores  
 De esperanças , de risos , de lisonjas ,  
 Merecem o hospital , máis que os Poétas.

Com tudo não me arranjo co'esse officio ;  
 Que é côme-em-vão ; e que não rende um chavo.  
 Rende críticas , mófas , e calúmnias.  
 Sêja Vate o *Pespégo* , Vate o *Alforra* , (1)  
 Vates Caixeiros , Philamintas Vates.

Mas sêja com razão , ou com agravo ,  
 Esse opprobrio , eu , Piérias , vou-me embóra ,  
 Deixo vósso Congresso , deixo Apollo ,  
 Seu influxo , e as correntes da Castalia ;  
 Deixo o Pégaso , rebellão ginête ,  
 Que em certa romaria ao vêrde Pindo , (2)  
 Bem sabeis , Musas , me estendeo ao longo ,  
 Como um Cação por terra. Vou-me , vou-me. —  
 Não me chameis ; não promettâes favores ;  
 Nem por deter-me aqui , digâes com graça  
 Que quem não sabe da *Arte* não a estima. (3)  
 Que esse , que amásteis , e lhe assim dissesteis ,  
 Nunca o louvârão vivo , nem premiârão.  
 Que lucrou de seus versos ? mil miserias ;  
 E máis ergueo ao Céo a glória Lusa.  
 Os Vícios decepou , honrou Virtudes.

Cada vêz que Camões me sóbe á mente ,  
 Que os infortunios seus , sua pobréza

(1) Os verdadeiros nomes cá ficão no tinteiro , esperando  
 melhor occasião.

(2) Ode — *Crave embóra o Gageiro*.

(3) Verso de Camões.

● Recórdo , ao canto dou de mão , e á Lyra ,  
 Pezaroso do tempo tão mal gasto ,  
 Que em *Déve* , em *Ha-de haver* lucrára minas.

Assim adeos , Meninas do Parnasso ;  
 Entretei com lisonjas quem vos creia ,  
 Em ventoinhas creia , e em vós fiado ,  
 Subindo ás azas da palreira Fâma ,  
 Córra as sette partidas (1) d'este mundo.

Embóra vos mantêhão companhia  
 Um Torres , um Baudeira , um Figueiredo ,  
 Um Monteiro , um Diniz , validos vossos ,  
 Do vosso íntimo arcão Secretarios ,  
 E de Aónias mercês dispensadores.  
 Com delgado pincel Monteiro pinte  
 Astréa , que ao fugir da iniqua Terra ,  
 Deixa saudosa os últimos vestigios ,  
 Nos Athlanticos hombros estampados.  
 Descréva o Templo occulto do Segrêdo ;  
 O Casquilho , que vem na sége a troto ,  
 E o Soldado , que impéde entrar no Carmo (2)  
 O mesmo General ; que assim as ordens  
 Reccebeo do páteiro do Convento :  
 E ora facêto ao Pôvo douto alégre ,  
 Ora ás auras sublimes se remonte ,  
 Pois que ao Génio de Vate ajuntar sábe  
 Porfiada lição , crítico gôsto.

Assim Garçõo , seguiu o Venusino ,

(1) Não seria com tudo o primeiro, que as corresse. Que já o Infante D. Pedro as correu antes delle. Quem duvidar disso, leia o Auto das sette partidas d'esse filho de D. João I.

(2) Faz allusão a uma engraçada obra d'esse Poeta sobre um caso, que nessa Igreja succedeo.

Tóma o vôo , co'as azas estendidas ,  
 Quando canta a progénie illustre , e féra  
 Dos que na Paz dourada , ou Guérria dura ,  
 A si ganhárão claro nome , e aos Nétos :  
 Ou , amansando o vôo , busca o trilho  
 Do Teio Anacreonte , quando escreve  
*Verméllhas brazas , alvo pão tostando* , (1)  
 Ou do Delfim a calva loura , e liza ,  
 Da carroça dos annos não trilhada .

Assim pérde também de vista a Terra ,  
 Diniz , que emular Pindaro contende ,  
 Quando pinta a Discordia espavorida ,  
 Co'as serpentes azúes tapando o rôsto ,  
 Escuma , mórde a lingua , range os dentes ;  
 Fóge raivoso , e as conchas encrespando ,  
 Lhe vão silvando as encrespadas hydras .  
 Ou quando imita os Bécchicos furôres  
 Dos que vindimão , dos que se embriagão  
 C'o sancto sumo de Évio poderoso :  
 Já dôces phrenesis a alua lhe agitão ,  
 Já o tropel dos espíritos alégres  
 Pelas veias , fervendo , lhe galópa :  
 E em versíficos fumos se lhe exhala .  
 Também o admiro , e até dirci que o amo ,  
 Quando assim nos conserva a singelleza  
 Dos costumes dourados da Éra antiga ,  
 E sópra a avêna , que soprou Virgilio .  
 Então me é grata a vida campesina ,  
 Então Gados , Lavouras me são gratas ,  
 Creio-me entre Pastôras , pelos bósques

---

(1) Verso de Garção no Soneto 16, se me não é falsa a memória.

Dansando, á argêntea luz da clara Phébe,  
 Vêjo os rios ir mansos passeiando  
 Por entre vêrdes florescentes márgens :  
 Alli louras espigas encurvadas  
 C'o peso do Pardal , que as depenica ,  
 Alli frondentes Fáias sombreando  
 Ora o Zagal saudoso , enamorado ,  
 Ora os rebanhos da calmósa Ovêlha.  
 Tu , que pintas assim , és Vate , Elpino :  
 São Vates os que em phrase não rasteira ,  
 ( *Natural á rasteira os Néscios chamão* )  
 Se separão do Vulgo indouto , e iniquo :  
 Esses , oh Musas , que vos dévem tanto ;  
 E com quem esgotásteis vossos mimos ,  
 Esses escrêvão , esses se arrebatem ,  
 Esses cantem assumptos estupendos ,  
 Que a alçada excédem dos ingenhos fróxos.  
 Esses , que virão do alto Pindo o cume ,  
 Onde alli c'os Virgilios , c'os Homéros  
 C'os Tassos , c'os Camões , Pindaros , Sapphos  
 Sem injúria sublimes se sentárão ,  
 Esses que entõem os sagrados Hymnos ,  
 Que os Deoses vem ouvir , quando vós , Musas ,  
 Soltáis a voz sonóra aos áres puros ,  
 Modulando , e ajudando-os em seu canto.  
 Cóntem esses a nós , Mortaes humildes ,  
 Qual majestade os Numes no alto Olympo  
 Trajados de luzeiros representão ;  
 Que eterna mocidade lhes derrama  
 Nos róstos o suave , e sancto Néctar ,  
 Vertido pelas mãos de Hebe formosa ;  
 Qual régra os Orbes guardão no seu gyro ,  
 Quaes nóvas fórmãs de melhóres sê'tos

Se preparão na Cética officina ,  
 Para aos nossos Vindouros fortunarem ;  
 Qual nóva Astréa , as azas despregando ,  
 Inclina o vôo ás terras subjacentes ,  
 Nas mãos trazendo as íntegras bálanças.

Esses , e os seus iguáes tracem Poémas ,  
 Em louvor dos Heróes , dignos de Glória ,  
 Dos Páes da Pátria , Aurélios , e Trajãos ;  
 Nóvos Camões o nosso Reino illustrem ,  
 Que cântem nóvos Gamas , e Alboquérques.

Basilio , em Canto altiloquo forcêje  
 Cantar Freire , (1) na América famoso ;  
 Que sérve o Rei , com honra , e valor nóbre :  
 General muito humano , cujo peito  
 Mayioso e pío não consente a vista  
 De cadáveres frios , desangrados ,  
 Victimas da ambição de injusto império.

Basilio da  
 Camo

Não de outra sóрте o Sá (2) trilha as pisadas  
 Do Cysne Mantuano , e Luso Cysne ,  
 Quando dá na Maláca conquistada  
 Tanta honra ao seu Heróe , e á nossa Térra.

O Barróco arrojado tome a Tuba ,  
 Que emboccarão Poétas tão divinos ,  
 E que inda quente está de seus furores ;  
 E a pesar das Nações que máis se illustrão ,  
 E são longe de nós na Épica altiva ,  
 Dará mais um motivo á sua invéja. (3)

(1) Vid. Uruguay , Poéma.

(2) Francisco de Sá e Menezes.

(3) Se esta minha prophécia fálhou , não foi culpa do propheta ; foi sim da Móрте , que immaturo no-lo roubou.



Outros , na Lyra , ora árdua , ora máis branda ,  
 Nem menos nóbre , nem prezada em menos ,  
 Pela estrada dos Flaccos , dos Ferreiras ;  
 Cantem fórtes acções , amores cantem ,  
 Dêem Sóphocles á Pátria , dêem Terencios ,  
 Dêem Alcêos , dêem Theócritos , dêem Móschos ,  
 E até dêem Sápphos ; que estes arês Lusos ,  
 Aos da Grécia , ou Sicília não lhe cêdem ,  
 Nem são do Délio Deos menos bem vistos.  
 Seja abôno uma Láura , e Marcia , e Tirse (1)  
 A quem enfeição da Corinna os louros ;  
 E que com dextra igual , se as móve Apollo ,  
 Da Lyra , ou do Alaúde as córdas férem.

Com quem dos Vates comparar-te posso  
 Tórres sublime , quando o véo levantas  
 Ao nublado Futuro ? ou quando móstras  
 Como , com largo cinto , e ténue vara ,  
 Viste Cupido , á luz da ruiva Délia ,  
 Dar tres vóltas , n'um círculo mettido ,  
 Os ólhos envesgar , ferir raivoso  
 O chão , c'o esquêrdo pé ? ou quando narras  
 As prácticas dos Numes , no alto assento ?  
 O Céu não tem luzeiro , o Inférno sombras ,  
 Que tu , co'a aguda vista não penétres.  
 Qual déstro Creador de nóvos O'rbes ,  
 Tu do Universo os âmbitos alargas ,  
 E os povôas de nóvos moradores ;  
 Fazes surgir , dos gólphãos do atro Chãos ,  
 Mil nóvas fórmãs , mil variados entes ;

---

(1) Senhoras , de quem li muito bonitos versos. Não cito  
 outras antigas , cujas Obras conhecidas são.

E aos que erão méros sônhos , turba infórme

Tu lhes dás cörpero , dás acção , dás vida.

Eu vêjo ( se tu queres , e se vólves

Da mágica Poesia a hardida vára )

Mover-se os troucos , condoêr-se as pênhas

Os tigres se humanar , parar os Rios ,

E debruçar-se sobre as vérdes urnas

Para te ouvir cantar nóvos prodigios

Similhados aos que , nessa Era , obrará

A Musa Grêga , quando Homéro piata

As Tripodes , por si , aos Templos indo ,

E os Carvalhos de Dódona , que fallão.

Bem vêdes , Musas , que eu estimo a prenda ;

Que estimo os que a disférem nobremente ;

Que os louvo , e que os admiro : e se eu pudesse

Esses claros Oráculos do Pindo ,

Coryphêos da harmonia ousada , e fórte ,

( Não digo que igualar ) mas imitá-los

Inda de longe , não deixava o Monte ,

Nem o vosso Congrêso lisonjeiro.

Não póde todo o Vate ser Homéro.

Póde Pindaro ser , e ser Horacio :

Póde inda menos ser , e ter seu nome ;

E esse o sentir foi já do Venusino ,

Quando dizia a Lollio : « *Nem tu creias*

*Que hajão de perecer as que eu nascido*

*Junto do Aufido , que resôa ao longe ,*

*Vôzes sótto , que á Lyra se associem ,*

*Por arte não sabida até-hôje , em Roma.*

*Nem , por que occupa Homéro da Meonia*

*As cadeiras da frente , em canto escuro*

*Se escondem as Pindaricas Caménas ,*

*As Cêas , as do Alcéo ameaçadoras ,*

*Ou de Stesichoro as cordatas Musas.*

*Nem os annos gastarão quanto outróra*

*Brincou Anacreonte : inda respira*

*O Amor , e inda estão vivos os ardores ,*

*Que ás córdas confiou a Eólia Mòça . »*

Sim , se eu podesse emparelhar , ao menos ,

C'um *Seixas* no engraçado , no festivo ,

C'um *Tolentino* , que diverte , e instrúe ,

C'um *Quintanilha* térno , e saúdoso ,

De Amores rodeado , e todo amores ,

Meigo em *Éclogas* , em *Sonetos* meigo ,

Beijos cuida , saudades cuida , e queixas ,

Segundo o affaga , ou punge a sua Amada ;

Nunca desamparára a *Lyra* , oh *Musas*.

Mas cansar-me , e suar dias , e noites ;

Lêr um , lêr outro , andar imaginando

Versos , que têmhão pôlpa , inda não dittos

Por *Lácia* , ou *Grêga* vóz , e parecer-me

Que dei com elles , ir muito lampeiro

Borrar papél , com *ozos* , *idos* , *ados* ,

E depois ser Poéta mui rasteiro ,

E comparar-me co' esses , de quem zombo :

Nunca o espercis de mim se me querieis

Metter na conta dos servís devótos ,

Com melhor *Éstro* a nuente me aquécesseis...

Máis digo : — Em suas chammas abrazado ,

Qual *Camões* , vos pintasse *Adamastores* ,

Ou qual *Virgilio* as *Nãos* mudasse em *Nymphas* ,

Que fallem , prophetizem , que recôntem

Sustos de *Teucros* , dos cercados muros.

Lisonjeásseis melhor meu amor proprio ,

Desfeitas em applausos , em caricias ,

A sobérba dos *Nóbres* , e a das *Damas*.

Agora já me vou desenganado  
De que não mereci privar com vósco.  
Lá vos ficão bastantes trovadores  
Pela baixa raiz d'esse Parnasso ,  
Com quem zombeis por loucas esperanças ,  
E a quem nunca dareis , por piedade ,  
Um sôrvo da Castália , ou de Agannippe. (1)  
Vou-me , vou-me ; não tem remedio , vou-me...

Mas eu sou louco ; os versos me atontarão ;  
Esquécia o melhor da minha vinda.  
N'esta última romage ao vosso Pindo ,  
Que fiz por vir cá vêr Alcippe e Daphne ,  
Muito me admira ter em vão corrido  
Os lauríferos bósques , sacros antros ,  
Sem que as encontre. Em vão ancioso as chamo :  
*« Oh vate Alcippe , oh Daphne , oh minhas Sápphos ,  
» Onde estâes ? onde estâes ?*

ALCIPPE E DAPHNE.

Aquí , Filinto.

— Não nos vês ? Entre Urânia , entre Calliope ,  
— A nós ambas enlaça Erato as dextas.  
— Aquí te desejámos ; tóma assento  
— Junto de nós , qual já tomaste outróra ,  
— Quando em nocturno Dêlphico Parnasso ,  
— Te ouvimos discantar altos conceitos. —  
Ficai vós , minha Alcippe , e minha Daphne ,  
Glória , e braço das ~~Vates~~ Lusitanas ;  
Que eu não fico. Já dei razões sobradas  
Da minha despedida. Máis não canto ;

---

(1) Que lista bem recheada podia eu aquí pôr, se quizesse nom. á-los. Por compaixão o não faço. ●

Que a Lyra já quebrei ; tenho a vóz rouca.  
Não cano máis ; mas séde máis que cértas ,  
Que ouvirei vossos Cantos com delicia ;  
Ouvirei Cantos de immortaes Poetas ,  
Que sustentem paréllhas com os vossos.  
Mas á pórtá porci um Cão de fila  
Mal-encarado , que arrepélle , e môrda  
Todo o Poéta máo , que pedir venha  
Louvores a approsados ruins versos.

---

## ENIGMA.

---

MÔRRO , no instante , que appareço ao dia ,  
Ando c'os meus seis pés ; e mudo , e quêdo  
Da luz fujo. Talvez de gran valia  
Ao Namorado sou , ( se ama o segredo )  
Sou. . . Mas , se o teu saber já me adivinha ,  
Perdi todo o valor , e o ser que tinha.

## ODE

— — — Aggeribus ruptis cum spumeis amnis  
Exiit, oppositasque evicit gurgite moles ( omnes  
Fertur in arva furens cumulo, camposque per  
Cum stabulis armenta trahit. *Virg. Aeneid.* 2.

Se si vede fra l'argini stretto  
Sdegua il letto, — confonde — le sponde  
E superbo fremendo s'en va. — *Metast.*

O Ribeiro , que nasce na montanha ,  
Com límpida corrente ,  
Serpêa , deslizando pela encosta ;  
No seu líquido espelho  
Retrata a Chôpo trémulo , e os Salgueiros ;  
E do jardim mimoso  
Mólha os pés , ou já réga aldeãos legumes.  
Maléficos Magnatas ,  
Com pédras , com terrões em vallo unidos ,  
Com ferrênhas estaccas ,  
Do hórto sequioso do Villão sem-posses  
Consigão desviá-lo ,  
E ensinar-lhe caninho de máis luxo ,  
Para marmóreos lagos ;  
E inda assíduos no mal , inda protérvos ,  
Com lida , com insulto  
Póssão sumi-lo em cavernoso leito.

De bíbulas areias (1)...

Mas, se grôso negrume, ao longe, trôa,  
E rápido fuzila;  
Se, sobindo, escurece os horisontes  
Com medônho dilúvio;  
Se, impetuoso hynverno (2) desatando,  
Embórca, da alta nuvem,  
Pesadas ondas, que o terrêno aláguem. —  
Cóbra o Ribeiro fôrças,  
Engróssa, alarga, e o leito desprezando,  
Assobérba o vallado,  
Revólve de tropél terrões, e pédras;  
Com clamorosa fuga,  
Pela vedada via, insâno, e cheio  
Desdóbra as fôrras vagas;  
E no sôlto rondão euvolve, e affunda  
O Vallador, que encontra. —  
Assim, com fito infâme, assim quizérão,  
Nos fanáticos Reinos,  
Alvallar a corrente da Verdade,  
Que do Monte Divino  
Descia mansamente, e oppúnhão muros  
De Censuras procaces,  
De esquécidas (3) masmórras, e fogueiras.  
Mas, eis que se érgue em Frauçã  
A esquiua tempestade, ameaçadora

---

(1) Como o Rhêno, que se perde n'os areâes de Katwik, lugarêjo pouco distante de Leyde em Hollanda.

(2) *Emissam hyemem sensit Neptunus.*

VIRGIL. *Æneid.* 1.

(3) Bem esquécidos são os que n'umas jázem, ou n'outras mórrem.

Das despóticas frentes. . . .  
Já roncão os trovões , já raios rásgão  
O núbilo regaço ;  
E já nos ares pésão os chuveiros ,  
Que hão-de inundar a Europa.  
Tremei , Tyrannos , que opprimis com dura  
Escravidão os Póvos ,  
Não se êrga , em vósso quente sangue tincta ,  
Da Liberdade a Palma.  
Impios , tremei . . . Que eu ouço já , das campas  
Dos innocentes Réos ,  
Alçar-se um brado iroso , e vingativo ,  
Que re-struge em gróssó éccho  
No viril peito de almas arrojadas.  
De Némesis o férro  
Luzir vêjo , e brandi-lo a mão potente  
Armada de iras justas.  
Oh quanto já ameaça , assusta , ao longe  
Vossa cerviz culpada !

---

## SONETO.

QUANDO é que eu hei-de ver esse Javardo  
Gerigôto (1) fallar lingua de gente ?  
Sempre Cáfre nos crava á mão-tenente  
Um mixti-forio de ingrimanço pardo. (2)

---

(1) O seu verdadeiro nôme não vai aquí declarado; mas os Curiosos o pôdem adivinhar nos consoantes de Gerigôto.

(2) Chamão-lhe pardo pelo muito , que se parece com o fallar



Se pôde arrebentar , como um petardo ,  
Com palavrão de estálo... ei-lo contente :  
Põe *Desgravação* , põe *Transparente*  
Nas luminárias de máis alto esguardo. (1)  
Mas lá vêjo Mercurio , que destórce  
Da vara , as sérpes ; fóрма disciplinas ,  
Que em ti , máo Gazeteiro , hão de ter uso.  
Põe á véla o sedcúdo rabo. — Oppôr-se  
Aos açoites é vão. — São as propinas ,  
Que léva quem fallou Gállico Luso.

---

## O D E

A O S E N H O R

MANOEL JOZÉ D'HERMAN.

*Em 25 de Dezembro , dia de Natal.*

---

NON OMNIS MORIAR. HORAT. *Lib. 3. Od. 3o.*

---

HÔJE , que as boas féstas , e as bandêjas  
Na Elysia , as pórtas cruzão dos amigos ,  
E a alugatriz ronqueira arrastra á Ajúda  
Pontuáes pertendentes ;

---

de certo mulato mui exquisito , que eu ( por meus peccados )  
ouvia muitas vêzes fallar.

(1) Todos os bons Francêlhos , accollhêrão como devião , a

Hôje , que a Devoção , e que o Namôro  
Lá , da missa do Gallo , os olhos fitão  
No frêsko lombo , no adubado sangue  
Do túrgido chouriço....

D'aquí fartes , d'alli caseiros bôlos ,  
Dos açafates de pintada vêrga ,  
Desemborcão , rodando atropellados ,  
Sobre a fumante mesa...

Eis chama o cravo , ao longe retinnindo ,  
As besuntadas bôccas cantadoras ;  
Eis já a Poesia accende em seus Alumnos  
As frágoas da Lisonja....

Amor a dansa inculca , escolhe pares ,  
E , pelas mãos , que enlaça , manda ao peito  
Meigos farpões , que em toda a sancta noite  
Aguçara na Igrêja. —

Hôje em fim , que cansados , e contentes  
Os Peraltas quizêrão , que a folhinha  
Um Natal cada mez nos dêsse ao menos ,  
Guarnecido de outavas ;

Que cuidas tu , d'Herman , que faz em França  
O insípido Filinto no seu sótão ,  
D'onde abalárão rindo-se , e apupando-o  
Os travêssos Amores ? (1)

Na viúva cama conta pelos dêdos

---

eloquencia de Gerigôto nas consequencias panegyricâes da *Des-gravidaçào*.

(1) Vid. Od. a Pilaer —; Quando nas margens do serêno  
Têjo , etc.

Quantos sóes vão daqui á Primavéra ,  
Quantos sóldos chocállião bem folgados  
Na despovoada bôlsa :

Estende os ólhos pelo rumo cégo  
Do tristôhho futuro , e vê na téa  
Da escassa vida sua trabalhosa ,  
Desbotados lavoress.

Qual torcida de môça dorminhóca ,  
Em noite bem chuvosa de Janeiro ,  
Murrões sôbre murrões vai cumulando ,  
Té que lampêja , e mórrre ;

A minha Idade, sôbrepondo achaques ,  
Chupa , e sécca as reliquias vividouras ;  
Co' fado da candêa me amargura  
Estes médios instantes.

Embóra : ao menos estes , que te escrêvo ,  
Roubados a seus ólhos avarentos ,  
Passarão ( seu máo grado ) além da cóva ,  
No peito dos amigos.

---

## O D E.

**N**ão confia o Campião, que affronta as lanças,  
Nas tremolantes plumas ;  
Mas sim no élmo batido , ou fina malha :  
Co' as ondas do pennacho  
Turno insolente açouta o chão , morrendo.  
Nem se affiança na pintada pôppa

Pilôto exp'rimentado ,  
Que encapelladas ondas vio soberbas  
Destroçar-lhe as varandas ,  
Levar-lhe iradas os pavêzes rôtos.

Sábio Varão , que estende agudos ólhos  
Ao vindouro , ao passado ,  
Não confia na tímida arrogancia :  
Vê soberbos Sejanos ,  
Pelo lôdo arrastada a ufana tésta.

Benigno escuta , prazenteiro falla  
Agrippa ao póbre , ao ricco ,  
E era de Augusto o amigo máis privado ,  
E a Actiaca batalha  
Venceo valente ; e governava a Cúria.

Tal , tu Marquez , (1) depondo os resplendores ,  
Que bébes do Monarcha ,  
Só sabes que és válido , quando acódes  
Com mão potente ao triste ,  
Que a travêssa Fortuna traz de rôjo.

Sábio honrador de sábios , agasalhas  
Com risônho semblante  
Os que amão a formósa Sapiencia ,  
E os que o escabroso monte  
Cansados trilhão das estéreis Musas.

Não os immensos cabedães de Roma ,  
Nem Palacios ufânos ;  
Mas sim de Horacio , e de Virgilio as Lyras  
O nôme de Mécenas  
Arrancárão das mãos do ávido Tempo.

## O D E.

**E**r thorace et aheneâ  
 Pugnandum galeâ , quid tremulus decor  
 Plumarum et volucris jubae ,  
 Cùm pendet capiti maurus acinaces ?  
 Cristâ Turnus inuiti  
 Exhalans animam turpe solum ferit.  
 Nec signis bicoloribus  
 Fidit , jam laceris navita carbasis  
 Et mali mînor , obvio  
 Decertans Boreas cum ruit Africo.  
 Qui transacta retrospicit ,  
 Qui ventura videt , non male turgido  
 Fastu nititur insolens ,  
 Sejani è solio præcipitis memor.  
 Summis blandus et infinis  
 Et gratus lateri Cæsareo Comes  
 Agrippa hostibus impiger  
 Victis fræna dabat juraque Curiae.  
 Sic Tu , quod propior decus  
 Hauris , deposito , et mitior aspici ,  
 Quem sors aspera dejicit  
 Gaudes tollere humo. Tu Sapientium  
 Idem Cultor et æmulus ,  
 Quem per scabra trahunt tesqua inopes De  
 Fessum subsidiis bonus  
 Non vanis recreas. Occidit ædium  
 Magnarum Dominus brevis

Mæcenas et opum, sed Calabri fides  
Vatis, Musaque Virgili  
Illum falcigero præripiunt seni.

*Latine vertit A. M. de Curnieü.*

---

## SONETO.

**J**A' tinha, aos pés do duro Desengano,  
Quebrada pelo Tempo, aquélla Lyra,  
Com que de Anfriza as mágoas divertira,  
E applicára de Nize o zêlo insâno.

Das cadêas do Amor já sôlto, e ufâno  
Erguia á Liberdade a alegre pyra,  
Co' as mãos já puras de Ciúme, e de Ira,  
C'um coração vingado já do Engâno.

Eis que o protérvo Amor tórna a mostrar-me  
Da branda Marcia o gésto gracioso,  
E com elle de novo a captivar-m'.

Que pôsso eu contra hum Deos tão poderoso?  
Tórna, oh Lyra, de novo a acompanhar-me,  
No canto meu contente, ou desgostoso.

---

---

---

## EPIGRAMMA.

PROMETHEO , quando fêz o homem primeiro ,  
Macho e fêmea , dous corpos fêz , pegados :  
Porém Jóve um composto assim inteiro  
Partio em dous ternissimos boccados.  
D'aquí nos vem andar-mos sempre ao cheiro  
Dos membros , que nos fôrão arrancados.  
— Ei-la — ( nos diz o Coração ) — É aquella —  
Mas vámos a prová-la , e nunca é ella.

---

## O D E.

*Em 4 de Julho de 1802.*

---

Præsentis horæ gaudiis beatus.

*A. M. de Curnicu.*

---

ANNÔSO Ulmeiro , que os frondentes ramos  
Curvados com triumphos ,  
Estendeo pelas pastorâes Campinas  
( Honra , e prazer da Aldêa ! )  
Que á sua sombra as dansas entrançaça ;

Hôje nú de folhagem  
 Das honras , dos prazêres , e de amantes  
 Fallida a companhia ,  
 Não perdeo a constancia , nem o brío ,  
 Com que a cabeça alteia  
 Por cima dos arbustos máis viçosos :  
 Despréza A'ustros , e Nótos ,  
 Até despréza a gastadora Idade. —  
 Deixado por ingratos  
 Tem em si mesmo toda a sua glória ;  
 A lembrança o contenta  
 Do que foi. — Esse Ulmeiro , o estrago ,  
 E a nudez da folhagem  
 São os meus infortúnios ; sou eu mesmo.  
 Despido das riquezas  
 Inda' alteio , como elle , a fronte , e canso  
 Do infortúnio as rajadas ;  
 Inda vivo , e me alégro , co'as memórias  
 Dos meus viçosos annos ;  
 Zombo das fléchas , que me atira o Fado ;  
 Na Pachôrra as aparo.  
 Vinha embuçada em manto religioso ,  
 A Invéja , co'a Calúmnia  
 Tomar-me os pulsos ( não — febricitantes )  
 Com algémas , com córdas ;  
 Arrastar-me ás massmôrras do Rocío ,  
 E dellas á fogueira.  
 Um previsto Saber , um sancto abálo  
 Me impélle , e me põe longe  
 Das mãos traidoras , da sequaz pesquisa  
 Dos enrajvados Bonzos.  
 Raiyai , arPELLAI-VOS , malandrinos ,  
 Progénie de Caïn :



( 434 )

Escapou-vos Abél : Abél chasqucia  
De vós , de vossas manhas ,  
Com quatro Amigos bons , c'o cópo em punho ,  
Na galhofeira França.

---

## ENIGMA.

**T**IRO o descanso aos homens desabrida ;  
Mil amantes me invejão a alta sôrte :  
De sangue me sustento ; e encontro a vida  
Nos braços de quem busca dar-me a mórte.

---

## ODE.

*4 de Julho de 1803.*

---

Viva Deos , mórta o Diabo.

---

**P**ARA que hei de eu fallar sempre ferrêno  
Nesse quatro de Julho mal-fadado !  
Já são vinte e cinco annos revolvidos  
Depois d'esse infortunio.  
Não ha hi que temer Clérigos tristes ,  
Nem os algôzes seus , suas masmôrras ;  
Nem terão de me aspar com sambeuito ,

Nem mitrar com carócha ,  
Bispo de auto-da-fé. — Perdi a Pátria ?  
Asylo aqui achei. — Perdi amigos ?  
Não perdi os amigos verdadeiros :

Dos outros nem me lembró.

Perdi os bens ? — Perdi muito em perdê-los !

Senti o que é a miséria. Mas em trôco  
Apprendi a ser parco , a ser com honra  
Independente , e póbre.

Deos estendeo a bemfeitora dextra ,  
E moveo brando o seio d'um Amigo.  
Não sou ricco ; mas sei mattar a fome ,  
E o côrpo sei cobrí-lo.

Que são gálas , opíparos banquettes ,  
Galloádas librés , áureas berlindas .

A quem tem léve a pé , vé sem fastío  
Fartos feijões na mesa ?

---

## EPITAPHIO.

U<sub>M</sub> extrêmo de amor , de formosura

Jaz n'esta sepultura.

De saudades morreo. Não tenháes medo  
Que essa móda nas Damas pégue cêdo.

---

# ODE

AO SENHOR

GASPAR BERTRAND PILAER.

---

Damna tamen celeres reparant cælestia Lunæ ;  
Nos ubi decidimus  
Quo pius AENEAS , quo Tullus dives et Ancus  
Pulvis et umbra sumus.

HORAT. *Lib. 4, Od. 7.*

---

**J**A' da Arrábida a sérra penitente  
C'o chuvoso capêllo não se enluta :  
Feios dias espavoridos fógem  
A' vóz da Primavera.

Vêrdes cobertas de bordada rélva  
Pelas pardas campinas se desdobrão ;  
Toucão-se os troncos de fecundas flores ,  
Que os Zéphyros bafêjão.

Vólta a quarteada róda o Deos etérno ;  
Com mão prudente as estações revéza ;  
E para o Outôno aponta , ao despedir-se ,  
O Estío , que se esconde.

Quem fêz da nossa vida imagem o anno  
Não antevio , Pilaer , que o nosso hynverno

Se não remoça em rósea Primavera ,  
    Como o Espòso da Aurora.

Se da calva cabeça as cãas desfólha  
Co' a mão gelada a Idade , nunca a rógos  
Se dóbra a Natureza , nem enfeita  
    O encarquilliado cêpo.

É-nos crédôra a Mórte , que impaciente  
Cóbra a dívida , surda a crébros prantos :  
Só salvâmos das garras da Velhice  
    Os desfrutados góstos.

Agóra , que abre a pórtã á alégre Páschoã  
A Quarésma c'roada de espinafres ,  
Não te esqueças da *du Plessis* esbélta ,  
    Da *le Franc* delicada.

Piza com léve pé risónhos campos ,  
Onde as Graças gentís trávãõ choréas ,  
Faze entoar , nos áres estendidos ,  
    Da tua Lyra as vózes.

Quantos pômos colhêres precavido ,  
Na florente estação , terás de menos  
Que lastimar roubados , no avarento  
    Quartel da extréma vida.

Os bréves annos húbricos resvalão ;  
Não os demórão férvidos desêjos :  
Para máis não voltar , a Mocidade  
    Nos fóge ás escondidas.



---

## ENIGMA.

Sou Propheta , e Monarcha ; alado Póvo  
Me requêsta , e rodêa ; com meu brado  
Chamo o Rei das estrêllas ; co' elle móvo  
Meu Amo a lançar mão do duro arádo.

---

## CARTA

AO SENHOR BACHAREL

DOMINGOS MAXIMIANO TORRES.

CARO Alfêno , da tua companhia  
Fado invejoso separar-me ordêna ;  
E meu verdugo , a accêsa Phantasia  
Me aviva , uma traz outra , tanta scêna  
De prazer , que a teu lado hei desfructado.  
Por máis me cravar na alma aguda pena ,  
O Dissabor de vulto carregado  
A' entrada do baixel a mão me off'rece  
De Saudades , e Mágoas rodeado.  
A nuvem , que me assombra o peito crêsce ,  
E apenas rasgo o trémulo elemento ,  
De lágrimas o rôsto se humedêce.  
Prevía o Coração o crú tormento ,

Que na ausencia tão larga o esperava ,  
 Já dava a Dôr rebate ao pensamento. —  
 Com pé ligeiro a Desventura brava  
 Ségue sem falta o trilho da Ventura ,  
 E da côma co'a esquerda mão lhe trava.  
 Deixava em campo tanta formosura  
 Apercebida a dar térnos combates  
 C'os vivos ólhos , co'a garganta pura :  
 E á l'erta a aérea turba dos Orates ,  
 Descalço o pé , o grão topéte erguido ,  
 Soçobrando-as de crebros disparates.  
 E eu de mim mesmo , dentro em mim , perdido  
 Rompia em tanto os repugnantes mares ,  
 Deixando a assumptos táes prêso o sentido.  
 A Lua se cobrio , turvos os ares ,  
 E o mar roncando ao longe annunciavão  
 Estes , que sôffro agóra , ágrôs pezarcs.  
 Em vão os ólhos meus , em vão buscavão ,  
 Pela encrespada pérfida campina ,  
 O que em térra.com tanto amor deixavão :  
 De Lálage a belleza peregrina ;  
 De Tyrse o meigo canto , a meiga falla ;  
 De Arminda o avizo , e a locução divina.  
 Arminda ! Arminda ! O peito anciado estala  
 Entrè os tratos do pérfido Ciùme ,  
 Que da alma o império todo me avassalla.  
 Sacode a hedionda Furia o tôrpe lume  
 Em róda de meus ólhos opprimidos :  
 Já a labaréda as carnes me consume.  
 « Tantos annos de amar em vão perdidos  
 » Merecião máis branda recompensa ,  
 » Não dôr perénne em todos os sentidos.  
 » Porque queres Amor com tal detença

» Que eu esgote a ruin taça venenosa ?  
 » Não sinto a morte , sinto a morte extensa. »  
 Tal vê , soffrendo a pena vergonhosa ,  
 No erguido Cadafalso , o delinquente ,  
 Lamber-lhe os membros chamma vagarosa ,  
 Sente a nuvem de fumo grossa , e ardente  
 Cegar-lhe os olhos , suffocar-lhe a vida ,  
 E estalar-lhe c'o fogo as carnes sente.  
 Já a Paciencia , com a dôr , perdida ,  
 Um venêno , um puñhal desêja ; e insano  
 A morte d'um só trago quer bebida. —  
 Não inventou o máis feroz tyranno  
 Tormento tão cruel , como o dos zêlos ,  
 Que da vida á raiz faça igual dano.  
 Tu que provaste Alêno o que é soffrê-los  
 Quando com *largo cinto* , e *ténue vara*  
 Te pune Amor ; Tu só podés dizê-los.  
 Tu só que de Aganippe a vêa clara  
 Estancaste bebendo , e a antiga Lyra  
 Tôccas , que o agudo Horacio temperára ,  
 Tu , que nos versos , que decora , e admira  
 Todo o Pôvo do bífido Parnaso ,  
 Ora cantas de Amor a Invéja , a Ira ,  
 Ora contas d'um Fauno o alégre caso.



---

## DESEJO AMANTE.

SE eu fôra Jóve , o Céu , o vasto mundo  
Terias , Marcia , em pleno senhorio ;  
Se Néptuno , do Oceano profundo  
As pérlas , o coral em grôssô fio ;  
O diamante , o rubi , o ouro jucundo ,  
Se Pluto fôra , houvêras sem desvio .  
Sê-me branda , se tanto dom te móve ,  
E Pluto por ti sou , Néptuno , e Jóve .

---

## ODE.

*Haya 4 de Julho de 1796.*

---

— — — — Nunc ego mitibus  
Mutare quero tristia.

HORAT. *Lib. I. Od. 18.*

---

TRES lustros , e tres annos revolvidos  
Tem o meu Fado , com austêra dextra ,  
Depois que aos Láres dei o adeos magoadô ,  
Na etérna despedida .  
Etérna ! — Que inãa a Pátria não-madura



Vêjo , porque renasça a Liberdade.  
Por brazões , por circilios inda rendem  
Culto aos Náyres , aos Bonzos. (1)

Inda as linguas se callão algemadas ;  
E Voltaire , e Rousseau não são versados (2) ,  
Sem que , a pórtas cerradas , desconfiem  
De espías os Leitores.

Pêjão do Limoeiro , pêjão do Rocío  
Inda as mascórras , sóffrem os insultos  
Os que remanchão de arredar as plantas  
Da encantadora Pátria.

Saibão que além dos muros de Ulisséa  
Se cómm pêras , bons melões , morangãos ,  
Se cóme ás vêzes o ananaz goloso ;  
Se bébe o Carcavéllos.

E sôbre tudo falla-se rasgado  
De Tartuffos , de Procissões , de Térços ;  
Ri-se de mômos , de beijamãos , — Sem mêdo  
Da Junqueira , ou Rocío.

Assim ; — pôsto (1) o rancor , pôsto o despeito ,

---

(1) Si l'on ne le voyait, on croirait avec peine l'impuissance pouvoir que les moines se sont acquis dans les pays d'inquisition. La raison se revolte, dès qu'on veut nous persuader qu'il y a eu des hommes assez fous et assez imbécilles, pour se soumettre au despotisme monacal, se départir de leurs droits naturels et civils, et dépouiller les tribunaux ordinaires de leur juridiction légitime, afin d'en revêtir de nouveaux, composés de l'excrément des humains. — *Lettres Juives du Marquis d'Argens, lettre 109.*

(2) *Nocturna versate manu, versate diurna.*

HORAT. de Art.

(3) Com muita elegancia os Latinos usavão o simples *est*

Cuido em lograrem cheio o dia de hõje,  
Sem olliar o futuro , nem passado :

Frustrados pensamentos !

Bem padeci destêrros , desamparo ,  
Tédio. — Porém Delmira , Olinto e Brito  
São mimos da benévola Amizade ,  
Que dourão meus destêrros.

---

## EPINICIO

A' SENHORA D. F. G. X. DE S.

*Que mostrou intrepidez de Heróe., vendo-se accom-  
mettida por una feroz Baratta; a quem deo com uma  
Vassoura , a morte.*

Com feroz , e nojenta catadura ,  
Co'as horríficas garras assanhadas ,  
Os olhos fuzilando , e as empéstadas  
Chammas soprando da garganta impura ,  
Te accomiteo do Monstro a ruin figura

---

lugar do composto ; obvios são os exemplos a cada passo. Tam-  
bem o são entre os nossos Clássicos , a cuja sombra me acólho,  
e me ponho em couro contra os ardores dos Criticos. Não  
me faltarião, se os eu quizesse appontar, exemplos dessas  
elegâncias, que regalão a quem as lê nos nossos Clássicos. Os  
Tarêlos não os lêm, e se os lêssem, não as conhecerião.

Ao abrigo das palmas (1) agoiradas ,  
A quem tu co'as heróicas mãos armadas ,  
Dêste c'um golpe a morte , e a sepultura.

Oh tu , Hércules fêmeo , que o Universo  
Limpas da vil relé , que o desbarata ,  
Fizeste acção , que apenas cabe em verso.

Já a voz érgue Lisbôa , ao feito grata ;  
E a Fama por esse ar lança disperso  
Teu Louvor , teu Triumpho da *Baratta*.

---

## PARÓDIA

DA ODE 2. DO LIV. 1º. DE HORACIO.

---

Jam satis terris nixiv atque dirae  
Grandinis misit Pater, et rubente  
Dextra sacras jaculatus arccis  
Terruit urbem. HOR. L. 1. Od. 2.

---

**I** NDA assaz não tem Jóve fulminado  
A seu prazer com chuva , e vento as Caldas :  
As Gentes atterrou , que apodrecêssem  
C'os orvalhos etérnos.

---

(1) Estava esta nóva Hydra entrincheirada nas dóbras , ou meias luas d'uma esteira do Algarvé ; o que próva que não só era medónha , mas ainda cavillosa.

As Gentes atterrou , que o Hynverno azêdo  
Abrangêsse c'os braços gotejantes  
O Estiô , e o Outôno ; visto que affogára  
A rósea Primavera.

Chorou a Madre Terra , vendo a arcia  
Tornada em caldo , como quando Pyrrha ,  
A fralda arregaçou , tenteando o váo  
A's escadas de Themis (1).

Vimos nas térras que gretavão côdea ,  
Resvalar gados , resvalar pastôres ;  
E o barro ao Céu rogar , desfeito em pólme ,  
O Sól negado a Junho.

Em quanto o Nórte co'as pingantes barbas ,  
Que o A'ustro lhe emprestou , ensópa as térras  
( Sem Deos querer ) que outróra o insultarão ,  
— Despiciativo Vento ! —

Co'as chuvas ; ( na Guiné (2) melhor logradas ) ,  
Ouvirão , que mellarão os damascos ,  
Em que o goloso Reino se cevava ,  
Os mal-enxutos Môços.

Que Alcobaceira invocará o Pôvo ,  
Em tanta perdição de fruta ? As Môças  
Com que arte dobrarão , com que meiguices  
O surdo Pomareiro ?

---

(1) Não diz Ovidio (*Metamorph. Lib. I*) positivamente que Pyrrha se arregaçara; mas é muito natural de crer, que ella o fizera, quando depois de dilúvio, tudo estava tão alagadiço.

(2) Foi tão grande a sêcca n'esse anno, que morria a gente lá de fome; e todos perecerião, se a bondade da nossa Rainha não mandasse navios carregados de mantimentos.

Jóve as ordens de alevantar o tempo  
A quem dará ? Vem tu , sêcco Nordéste ;  
Ora vem c'o cabéllo arrepiado  
Franzindo a estreita tésta.

Ou se antes quéres , vem , calmosa Quadra ,  
C'os peitos descobertos , dando ao léque.  
Os Estoris , as Cintras , os Collares  
Em róda te esvoação.

---

## S O N E T O .

**O**s cabéllos com sérpes ennastrados ,  
Vertendo a bôcca escuma viperina ,  
Do Erebo abría a pórtá adamantina  
Alecto , algóz cruel dos condemnados.  
Eis surge a Furia ; o os ares assustados  
Trémem ao som da voz rouca e ferina :  
Qual , c'o a polv'ra estalando accésa mina ,  
Vérgão c'o abalo os montes descuidados.  
A' branda Clóri então , de mim Senhora ,  
Por que abrira seu peito a meus disvéllos ,  
Escravo , a mão beijava bemfeitora ;  
Quando a Furia sacóde dos cabéllos  
Uma serpe entre nós : d'essa triste hora  
Nunca máis nos deixárão sévos Zélos.

---

---

## O D E. (1)

**M**ELHOR , Licinio , lograrás a vida  
Nem sempre com a prôa  
Forçando os altos mares ;  
Nem co' bórdo apertando  
Sempre co'a iniqna praia ,  
Precavendo a borrasca espavorido.

Todo o que ama a dourada medianiã  
Seguro escapa á injúria  
Do sujo , rôto tecto  
Do pardeiro (1) esbroádo :  
Comedido não usa  
Do sobérbo sallão , que invéjas cria.

Máis sacódem os ventos a miúdo  
Levantado pinheiro :  
Com máis pesada quéda  
As orgulhosas tórres  
Se derribão : os raios

Acomettem os empinados montes.

Coração bem fornido de experiencia  
Nos desastres confia ,  
Nas bonanças receia

---

(1) Insípida traducção da Ode X. do livro II de Horacio ; parenta de algumas outras , em que me atrevi a arremedar , o que me não foi dado imitar.

(1) Se defendêrão bravamente entre uns pardeiros. Damião de Góes , Chrónica d'El Rei D. Manoel , parte 4.

Variar de Fortuna :

Os grosseiros Hynvérnos

O mesmo Jóve , que os despéde , os chama.

Nem porque hõje vai mal , irá assim sempre :

Tambem ás vêzes Phébo

Faz que despérte a Musa

Na cyth'ra emmudecida ;

E consente que affrouxe

A tésa córda do Pythónico arco.

Móstra-te fórte , móstra-te brioso

Nos lances apertados ;

E , com igual acérto ,

Quando o vento te sópre

Nimiamente galérno

Sabe colhêr as infunadas vélas.

FIM DO TOMO 1º.

# INDEX

DO 1.<sup>o</sup> TOMO.

## ODES.

|                                            | <i>Pag.</i> |  |
|--------------------------------------------|-------------|--|
| Que válc á vida enthesourada cópia         | 13.         |  |
| Deosa, que espalhas pela eihérca zóna      | 20.         |  |
| Quem, póde aos pés lançar sobêrbas iras    | 111.        |  |
| Quanto acérta oque orgulhos e etiquêttas,  | 115.        |  |
| Sei, que um dia fatal me espéra e talha    | 119.        |  |
| Éstro filho de Apollo, quando desces       | 124.        |  |
| Que cuidas, meu Pilaer, que péde aos Fados | 135.        |  |
| Tu, cujo ingenho ergueo para balisa        | 142.        |  |
| Péde, péde ( me disse Jóve um dia ,        | 156.        |  |
| Qual vai lambendo activa labareda          | 158.        |  |
| Foragida entre os homens, e medrosa        | 163.        |  |
| Quem me dirá que incógnito caminho ,       | 171.        |  |
| Vagando entre o matiz , e ingénuas várzeas | 174.        |  |
| Não quero cantar Mòças, que estou vélho,   | 217.        |  |
| Promethêo, quando quíz, industrioso        | 224.        |  |
| Lendo os teus vêrsos, numeroso Elmano      | 232.        |  |
| Quando o sól, já subindo do horisonte,     | 238.        |  |
| Aos que prendárão com seus dons as Musas,  | 246.        |  |
| Eis-nos, honrado Mathevon, na vida,        | 249.        |  |
| Passêmos, Aguiar, em fésta, e riso,        | 253.        |  |
| Cobérto o Campo está, coberta a altura     | 256.        |  |
| Aos féros gólpes da Fertuna iniqua         | 259.        |  |
| Com que métricos sons a affavel Clio       | 262.        |  |
| Aguiar, — quanto és contente!              | 266.        |  |
| Dá de mão á preguiça lisonjeira,           | 269.        |  |
| Não te assombre de longe a mão da Idade,   | 275.        |  |
| Vai o Mundo a peor, Amigo calvo;           | 279.        |  |
| Quando a Fortuna, de inconstante aviso,    | 286.        |  |
| O Lavrador que rasga á terra ingrata       | 291.        |  |
| Céos, que tirastes do encobérto Nada       | 297.        |  |
| Tens bem razão, Amor: largáste o fácho;    | 308.        |  |
| Vem, vem, dôce Esperança, único alivio     | 314.        |  |
| Quando sinto subir-me á memoria.           | 324.        |  |



|                                               |      |
|-----------------------------------------------|------|
| Cantei essa Ode, Mathevon difficil,           | 328. |
| Irritado da dôr, de vêr zombada,              | 340. |
| As brêves Horas, co'as fugazes plantas        | 348. |
| Rompem curvadas quilhas atrevidas,            | 352. |
| Lyra, ha tempos altiva, temeraria;            | 357. |
| Fôge, profano vulgo, que abhorreço:           | 361. |
| Em vão, Cupido, sétta sobre sétta             | 366. |
| Empunhêmos, Amigos                            | 369. |
| Quâes as chammas do ráio despedido            | 385. |
| Não tinha em ondas de ouro desparzidas        | 390. |
| Insta o Tempo: daquî, d'alêm derruba          | 395. |
| Se, depois do infortunio de nascer-mos        | 399. |
| A tarda Aurora, no rosado côche               | 403. |
| O Ribeiro, que nasce na montanha,             | 423. |
| Hôje, que as boas féstas, e as bandêjas       | 427. |
| Não confia o Campião, que affronta as lanças, | 429. |
| Annôso Ulmeiro, que os frondentes ramos       | 432. |
| Para que hei de eu fallar sempre ferrênho     | 434. |
| Já da Arrábida a sérra penitente              | 436. |
| Tres lustros, e tres annos revolvidos         | 441. |
| Inda assaz não tem Jóve fulminado             | 444. |
| Melhor, Licinio, lograrás a vida,             | 447. |

### SONETOS.

|                                            |      |
|--------------------------------------------|------|
| Assim cantava o sandoso Orphêo             | 17.  |
| Quando foi pelos Turcos conquistada        | 19.  |
| Ora lá vai a Deos, e á Ventura             | 118. |
| Tardio ás vèzes, sempre merecido,          | 134. |
| Co'a catâna debaixo do capôte              | 146. |
| Ólha, Filena; o Rio turvo, e feio          | 155. |
| Uns lindos ólhos, vivos, bem-rasgados,     | 170. |
| Vi passar pela minha rua um dia            | 173. |
| D'ha longos dias Venus reparava            | 225. |
| Que tôrpe Monstro, féro, truculento        | 237. |
| Dentro do peito, em parte a máis sensiva,  | 245. |
| Jóve chamou os lividos Pezares,            | 248. |
| A' sombra d'um verde A'lamo frondoso       | 251. |
| De lúgubres vestidos mal-trajada           | 255. |
| Estende o manto, estende, oh Noite escura, | 258. |
| Todo o lembrar da tua formosura            | 264. |
| Quêbro contigo o desleal contracto;        | 265. |

|                                                 |      |
|-------------------------------------------------|------|
| Marcia! Marcia! Meu Bem! Que grossa enchente    | 268. |
| Quem vio, do Têjo erguer-se um fumo brando      | 277. |
| Venus o livro abriu do Fado, um dia,            | 284. |
| Quando Adão vio chegar Eva formosa,             | 290. |
| Escreve. ( <i>Amor me diz com tom severo.</i> ) | 294. |
| Já a Noite vai colhendo o manto escuro          | 307. |
| Aquí, oh Musas do sadio Pindo;                  | 313. |
| D'alvas cãas o semblante povoado,               | 316. |
| Venus hõje descia, dos Amores                   | 323. |
| Se o meu Bem creio em braços de outro amante    | 338. |
| Navégas entre Cabos tormentosos,                | 345. |
| Do peito as pórtas, me assaltáes, guardadas,    | 356. |
| Tem as Virtudes estrellado assento              | 364. |
| Por que imploro de Venus a piedade,             | 389. |
| Deixa de folha Outubro a vide póbre,            | 394. |
| Eu vejo (ou me é traidora a phantasia)          | 397. |
| De alcantiladas nuvens — espumantes             | 402. |
| Da fumegante dextra aremessados                 | 406. |
| Quando é que eu hei-de ver esse Javardo         | 425. |
| Já tinha, aos pés do duro Desengano,            | 431. |
| Com feroz, é nojenta catadura,                  | 443. |
| Os cabélllos com sérpes ennastrados,            | 446. |

### CARTAS.

|                                        |      |
|----------------------------------------|------|
| Lembras-me, Amigo Brito quando a pluma | 26.  |
| Em quanto nossos Pães, nossas Avós,    | 148. |
| Hõje, que vintes sóes são já passados, | 407. |
| Caro Alfêno, da tua companhia          | 438. |

### EPIGRAMMAS.

|                                            |      |
|--------------------------------------------|------|
| Apollo um dia, ao ler certa Ode minha:     | 133. |
| Ouvio Francisca a um Prégador famoso       | 146. |
| Mandou-me Amor, que esta Ópera vertêsse;   | 173. |
| Deixára certo Bispo em testamento          | 239. |
| Cabi doente. — Eis vcm Médico douto,       | 274. |
| Eu lia a um grão Doutor                    | 288. |
| Um póbre esfarrapado, — quasi nú           | 306. |
| Prégava o Padre André, com máis que humano | 312. |
| Entender de Commercio é gran venida        | 338. |
| Este, aquí, tenda; aquelle assenta banca:  | 346. |
| Um Abbade d'um rígido mosteiro             | 368. |

|                                         |      |
|-----------------------------------------|------|
| Venho attónico (muito sério um dia      | 388. |
| Com pommadas, rebiques,                 | 398. |
| Dido, nas vódas triste fado corres;     | 401. |
| Promethéo, quando fêz o homem primeiro, | 432. |

### ENIGMAS.

|                                                 |      |
|-------------------------------------------------|------|
| Nos campos de Mavorte                           | 121. |
| Negra sou, se máis negra, máis formosa.         | 147. |
| Sem principio, sem fim symbolo claro            | 162. |
| Sou Pintor e painél, que represento             | 170. |
| Os hómens e animáes, valles e montes            | 285. |
| Quando um varão, que illustra a Patria, o Mundo | 325. |
| Môrro, no instante, que appareço ao dia,        | 422. |
| Sou Propheta, e Monarcha; alado Pòvo            | 438. |

### EPITAPHIOS.

|                                     |      |
|-------------------------------------|------|
| Aquí jaz um tassalho do trazeiro    | 121. |
| Foi Prelado mui sabio, mui virtuôso | 239. |
| Aquí jaz um Gatinho mui querido,    | 309. |
| Um extrêmo de amor, de formosura    | 435. |

### FÁBULAS.

|                        |      |
|------------------------|------|
| Os Óculos e a Toupeira | 122. |
| A Macaca, e o Burro    | 223. |
| O Rato, e o Vaga-lume  | 231. |

### MADRIGA'ES.

|                                          |      |
|------------------------------------------|------|
| Ao vér-te, oh minha Marcia, tão formosa, | 134. |
| Prazer! Prazer! oh falso, oh bandoleiro! | 141. |
| O Deos Amor, por se vingar um dia        | 296. |
| Maripôsa inconstante,                    | 346. |
| Dizem que Ausencia                       | 365. |
| Tu sempre noite e dia estás fréchando,   | 380. |
| Se máis que aéreas nuvens pressuroso,    | 398. |

### LYRAS.

|                                    |      |
|------------------------------------|------|
| Tinha de fachos mil a noite ornado | 139. |
| Nestes sagrados bósques, onde viço | 252. |
| Flores, ás alcatifas de verdura,   | 273. |

## CONTOS.

|                                       |      |
|---------------------------------------|------|
| Era uma vez, Bieito, e máis Briolanja | 157. |
| Um sancto Cura, em mui solemne dia    | 285. |
| O pão furtado aguça o appetite:       | 317. |
| Nunca ouvi de mulhêr contar extremo,  | 376. |

## MISCELLANEA.

|                                          |      |
|------------------------------------------|------|
| Dios te la depare buena                  | 108. |
| Despêgo do Mundo                         | 114. |
| Sônhos de algumas pessoas que eu conheço | 123. |
| Exame de consciencia                     | 154. |
| A um retrato de M. de Buffon             | 155. |
| Emprêgo das nove Musas                   | 160. |
| Imitação d'uns versos de Gresset         | 168. |
| Fructos da experiencia                   | 168. |
| Desvario                                 | 213. |
| Saúdosa infancia                         | 225. |
| Commentario                              | 226. |
| Prophécia                                | 233. |
| Noticias atrazadas                       | 240. |
| Metamorphóse da Borbolêta                | 245. |
| Sacrificio a Baccho                      | 278. |
| Saudade extrêma                          | 289. |
| Origem da Malvasia                       | 294. |
| Revelação                                | 310. |
| Bilhête                                  | 326. |
| Amphiguri                                | 332. |
| Usos d'este Mundo                        | 339. |
| Origem do amor                           | 347. |
| Desafôgo                                 | 350. |
| Moralidade                               | 351. |
| Adeos de curta ausencia                  | 382. |
| Presumpção ridicula                      | 388. |
| Inscrição                                | 389. |
| Repente                                  | 401. |
| Épithalamio                              | 401. |
| Contumélia                               | 405. |
| Os ultimos adeos ás Musas                | 409. |
| Desêjo amante                            | 441. |
| Epinicio                                 | 443. |

F I M.

# ERRATAS.

|              |   |             | ERROS.                  | EMENDAS.                   |
|--------------|---|-------------|-------------------------|----------------------------|
| <i>Pag.</i>  | — | <i>lin.</i> |                         |                            |
| 17           | — | 9           | da Dite                 | de Dite                    |
| 19           | — | 2           | da Nota — Scdeidas      | Sedeúdas                   |
| 42           | — | 4           | da Nota (2) Anãa        | Anãas                      |
| 43           | — | 8           | Louco ,                 | Louco ?                    |
| 59           | — | 16          | Perde o cheiro          | Perde o su-<br>bido cheiro |
| 61           | — | 1           | Reconcovos              | Recôncavos                 |
| 62           | — | 16          | Heroés                  | Heróes                     |
| 73           | — | 9           | Francesiztas            | Francezistas               |
| 80           | — | 17          | Illiaca                 | Iliaca                     |
| <i>Ibid.</i> | — | 25          | alto                    | altro                      |
| <i>Ibid.</i> | — | 26          | bien                    | ben.                       |
| 81           | — | 11          | gosto                   | gêsto                      |
| 82           | — | 14          | noss' alma              | nossa alma                 |
| 91           | — | 3           | da Nota (3) servientia  | sententia                  |
| 94           | — | 9           | das Notas , Diyinda de  | Divindade                  |
| 96           | — | 1           | de Nota (4) reiró       | teiró                      |
| 99           | — | 8           | da Nota (1) Dissessenão | Dissesse não               |
| 106          | — | 14          | pSr                     | pôr                        |
| <i>Ibid.</i> | — | 1           | das Notas , esilio      | exilio                     |
| 107          | — | 9           | repetições              | repetições                 |
| <i>Ibid.</i> | — | 19          | Auioz                   | Autor                      |
| <i>Ibid.</i> | — | 20          | sáia                    | sécca                      |
| 131          | — | 13          | aos teus                | aos teus ,                 |
| 140          | — | 12          | thesouro                | thesouro.                  |
| 149          | — | 2           | da Nota — qu8 é         | que é                      |
| 154          | — | 26          | da que                  | do que                     |
| 158          | — | 15          | Perino                  | Ferino                     |
| 166          | — | 3           | e'o                     | c'o                        |
| <i>Ibid.</i> | — | 7           | mareia                  | mareia ,                   |

|              |   |    |                           |                |
|--------------|---|----|---------------------------|----------------|
| 171          | — | 11 | Jveja                     | Inveja         |
| 172          | — | 26 | um verso                  | em verso       |
| 179          | — | 11 | Mansageira                | Mensageira     |
| <i>Ibid.</i> | — | 15 | destemido                 | destemidos     |
| <i>Ibid.</i> | — | 2  | das Notas, Tri fauce      | Trifauce       |
| 192          | — | 19 | de Artes                  | de Arte        |
| 198          | — | 10 | de nóve                   | nove nuven-    |
| . . . . .    |   |    | nuvenzinhas               | zinhas,        |
| <i>Ibid.</i> | — | 10 | prophtéico                | prophético     |
| <i>Ibid.</i> | — | 11 | inflamma.                 | inflamma,      |
| 199          | — | 6  | descrifravão              | descifração    |
| 204          | — |    | EPODO XII                 | EPODO XX.      |
| 205          | — |    | STROPHE XIII.             | STROPHE XXI.   |
| 207          | — | 12 | Poderá                    | Podéra         |
| 210          | — | 2  | das Notas, que se as      | que as d'esse  |
| . . . . .    |   |    | désse                     |                |
| 213          | — |    | 313                       | 213            |
| 218          | — | 16 | o                         | o              |
| . . . . .    |   |    | dom meu nativo — meu dom, | meu dom nativo |
| 225          | — | 2  | D'IA                      | D'IA           |
| 226          | — | 1  | Ode                       | <i>Dele.</i>   |
| 228          | — | 5  | das Notas — avique        | ævique         |
| 230          | — | 8  | e la                      | ella           |
| 231          | — | 6  | allumia                   | allumia.       |
| <i>Ibid.</i> | — | 18 | guia                      | guia.          |
| 239          | — | 14 | mai                       | mui            |
| <i>Ibid.</i> | — | 15 | formoso.                  | formoso....    |
| 242          | — | 16 | Nome                      | Nume           |
| 280          | — | 13 | foliões                   | folões         |
| <i>Ibid.</i> | — | 2  | da Nota (1) corração      | coração        |
| 281          | — | 16 | Ingenha                   | Ingenha a      |
| . . . . .    |   |    | idéia                     | idéia          |
| 290          | — | 10 | que havia                 | que havia,     |
| 296          | — | 1  | Numes                     | Numes:         |
| 324          | — | 5  | saborosos                 | sab'rosos      |

|              |   |    |             |             |             |
|--------------|---|----|-------------|-------------|-------------|
| 327          | — | 5  |             | diguos      | dignos      |
| <i>Ibid.</i> | — | 13 |             | Deos        | Deoses      |
| <i>Ibid.</i> | — | 14 |             | E Jóve      | Jóve        |
| 334          | — | 17 |             | F diz       | E diz       |
| 341          | — | 2  |             | Qucm        | Quem        |
| <i>Ibid.</i> | — | 28 |             | queixumes,  | queixumes.  |
| 353          | — | 18 |             | verde-      | verde-      |
| . . . . .    |   |    |             | antigo      | antigo?     |
| 354          | — | 2  |             | do Mundo.   | do Mundo.   |
| . . . . .    |   |    |             |             | (1)         |
| 361          | — | 1  |             | has de ser  | ha de ser   |
| 362          | — | 6  |             | monte       | monte,      |
| <i>Ibid.</i> | — | 15 |             | queme       | que me      |
| <i>Ibid.</i> | — | 2  | da Nota. —  | Ablons      | Athis       |
| 364          | — | 15 |             | Tem Vir-    | Tem as Vir- |
| . . . . .    |   |    |             | tudes       | tudes       |
| 367          | — | 4  |             | peito.      | peito,      |
| 375          | — | 9  |             | med nho     | medõho      |
| 401          | — | 6  |             | tanto       | tanto.      |
| 415          | — | 15 |             | raivoso     | raivosa     |
| 420          | — | 23 |             | De mim se   | De mim. Se  |
| . . . . .    |   |    |             | me querieis | me querieis |
| <i>Ibid.</i> | — | 30 |             | muros.      | muros;      |
| 421          | — | 12 |             | Daphne;     | Daphne.     |
| 424          | — | 16 |             | euvolve     | envolve     |
| 443          | — | 1  |             | Lograrem    | Lograr em   |
| 445          | — | 3  | da Nota (1) | de diluvio  | do diluvio  |
| 446          | — | 14 |             | o os ares   | e os ares   |
| 447          | — | 2  |             | vida        | vida,       |